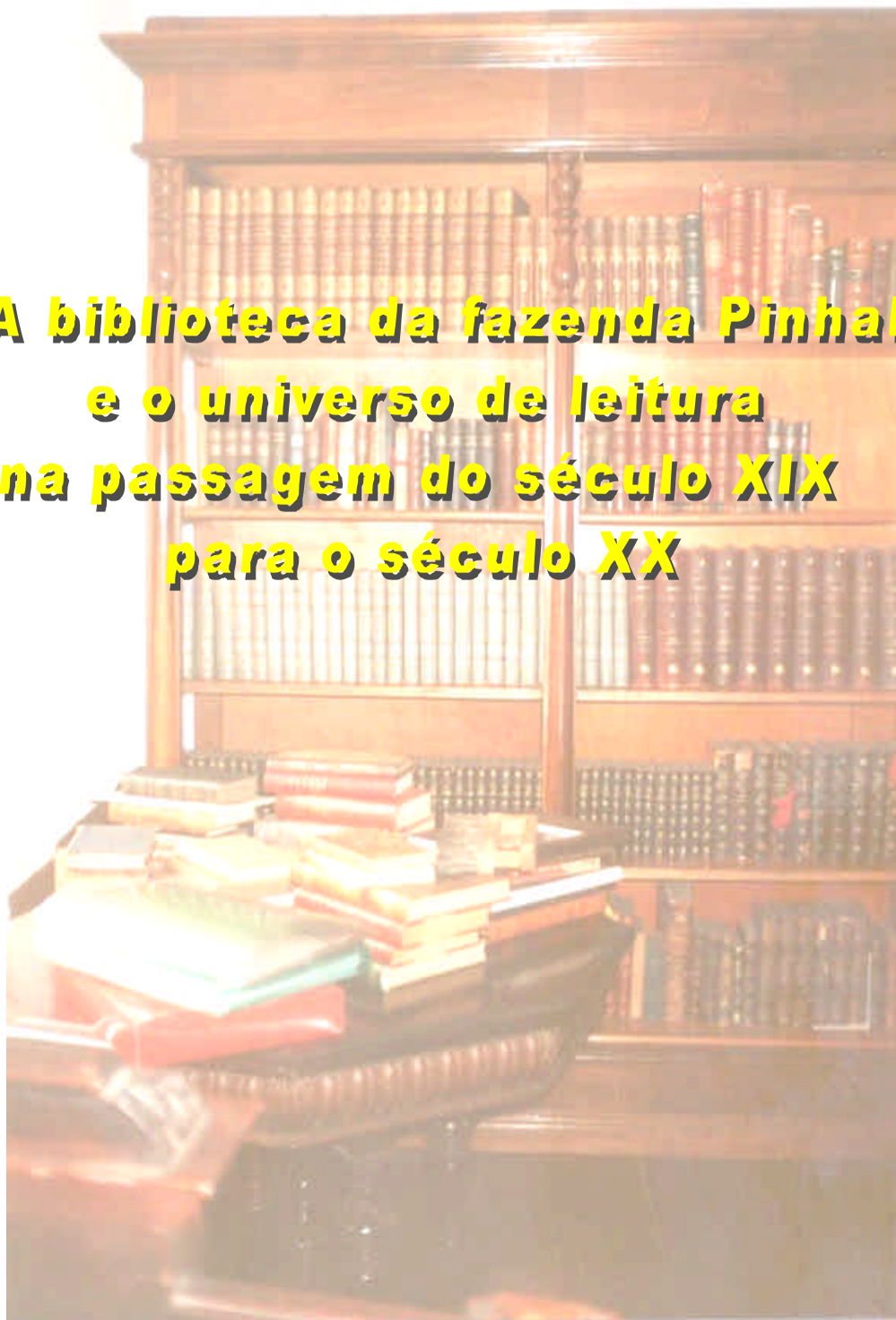


**A biblioteca da fazenda Pinhal
e o universo de leitura
na passagem do século XIX
para o século XX**



HELEN DE CASTRO SILVA

A biblioteca da fazenda Pinhal e o universo de leitura na passagem do século XIX para o século XX

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *Campus* de Araraquara, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Letras – Área de Concentração: Estudos Literários

Orientador: Prof. Dr. Sidney Barbosa

Araraquara
2002

Silva, Helen de Castro

A biblioteca da fazenda Pinhal e o universo de leitura na passagem do século XIX para o século XX / Helen de Castro Silva. – Araraquara: s. n., 2002.

Orientador: Sidney Barbosa

Tese (doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras
Universidade Estadual de Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Campus de Araraquara.

MEUS AGRADECIMENTOS

Ao mestre e amigo Sidney Barbosa, que me iniciou nos caminhos da história da leitura e que, de forma solícita, competente e instigante, orientou-me ao longo desse percurso;

A Marisa Martins Gama Khalil, que, generosa e diligentemente, guiou-me nos passeios pelos bosques das letras ...

A Helena Vieitas e Modesto Carvalhosa, atuais proprietários da Fazenda Pinhal, cujo zelo para com o patrimônio histórico e o amor aos livros possibilitaram a realização dessa pesquisa;

A Francisco de Sá Neto, pela prestimosa colaboração na coleta de dados e compartilhamento de informações sobre a biblioteca e a fazenda do Pinhal;

Aos (ex) alunos dos cursos de Biblioteconomia da Universidade Federal de São Carlos e da Universidade Estadual Paulista, *Campus* de Marília, em especial às alunas Denise Zanetti e Adriana Lupion, pelo precioso auxílio na coleta de dados e pelas diversas colaborações durante a realização desse estudo;

Aos colegas do Departamento de Ciência de Informação da Unesp, *Campus* de Marília pela colaboração na concessão dos afastamentos necessários e pelo estímulo; em especial aos professores João Batista Ernesto de Moraes, Maria Isabel Asperti Nardi, Silvana Aparecida Gregório Vidotti e Maura Duarte Gaurido pela assessoria em diversos aspectos da pesquisa.

Às Pró-Reitorias de Pesquisa e de Pós-Graduação, que financiaram parte dessa pesquisa;

Ao professor Deusdedit Ferreira de Menezes, pela minuciosa leitura e correção do texto.

À minha família, em especial a Laura de Castro Silva (mãe) e Samuel José Casarin (esposos) pela paciência, apoio e encorajamento sempre ! e à Ana Paula (irmã), que prestimosamente me auxiliou em vários momentos da pesquisa.

RESUMO

SILVA, Helen de Castro. A Biblioteca da fazenda Pinhal e o universo de leitura na passagem do século XIX para o século XX. Araraquara : s. n., 2002. Tese (doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2002.

Estudo sobre uma biblioteca particular pertencente a várias gerações da família do Conde do Pinhal, um eminente político e empresário da segunda metade do século XIX, ligado à fundação e desenvolvimento da cidade de São Carlos, interior do Estado de São Paulo. A pesquisa tem como objetivos levantar os aspectos culturais e históricos que proporcionaram o aparecimento e a preservação da coleção; identificar as práticas de leitura da família Botelho e verificar a coincidência entre o acervo e os padrões culturais da época. A partir da fundamentação teórica da História da Leitura, a pesquisa baseia-se no levantamento, caracterização e análise dos itens que compõem a biblioteca, no que diz respeito aos seus aspectos físicos e temáticos. Entrevistas com descendentes e análise de documentos da família complementam os dados. Os resultados revelaram que o acervo da atual biblioteca foi construído em duas vertentes. Uma da época do Conde e dos seus primeiros descendentes, cujos vestígios são visíveis, mas que ao longo dos anos perderam-se em parte. A outra foi obtida através da reconstrução da biblioteca que existiu, a partir de idéias, notícias e o imaginário atual sobre o que teria sido um acervo da passagem do século XIX para o século XX. Através das temáticas abrangidas pelo acervo, verifica-se que os Botelho, seguindo a tendência elitista da época, valorizavam a cultura européia, principalmente a francesa. As temáticas ‘viagens’, ‘história’ e ‘exotismo’ em relação ao Brasil são bastante privilegiadas no acervo. A coleção evidencia ainda a mudança das preferências de leitura ao longo das gerações, como por exemplo, da predominância das ciências humanas para a inclusão de obras de ciências exatas. Há também algumas obras especiais com dedicatórias e em primeiras edições.

Palavras-chave: Brasil – história - século XIX; política – elite; leitura – história; leitura – biblioteca particular; leitura – imaginário

ABSTRACT

SILVA, Helen de Castro. A Biblioteca da fazenda Pinhal e o universo de leitura na passagem do século XIX para o século XX. Araraquara : s. n, 2002. Tese (doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2002.

Studies the history of a private library owned by many generations of the family of the Count of Pinhal, an eminent politician and businessman who lived in the second half of the XIX century and who had an important role in the foundation and development of the city of S. Carlos in the countryside of S. Paulo State. The objectives include analysis of the cultural aspects which determined the beginning of the collection and its preservation; identifying the reading practices of the Botelho which may represent the readers of the rural aristocracy in the Brazilian period of the move from monarchy to republic, and verifying the congruences between the collection and the cultural patterns of that time. Founded on historical theories of reading, the research carries out a physical and thematic analysis and characterization of the items of the library. Interviews with members of the family furnished additional data. Results revealed that the collection which form the library today presents two sections based on two historical moments. One of the time in which the Count and his immediate descendents still lived, whose vestiges are visible, although part of it has been lost through the years. The other was obtained by means of the reconstruction of the first library, based on ideas, on information, and on the present beliefs about what a collection of the threshold of the twentieth century must have been like. From the analysis of the themes covered by the collection, it was verified that the Botelho, following the elitist tendencies of the time, valued the european culture, mainly the french culture. As to the themes related to Brazil, the most frequent were “traveling”, “history” and “exoticism”. The collection also reveals reading preference shifts through time, as for example, from the predominance of human sciences to hard sciences. There are also some special first edition books with notes from authors.

Key words: library history, private library, books-reading, imaginary-reading, History-Brazil - XIXth century

Listagem de figuras

Figura 01: Panorama do Rio de Janeiro, Victor Frond, 1861	p. 52
Figura 02: Ponte de Santa Ifigênia, Jean Baptiste Debret, 1827	79
Figura 03: Fazenda Pinhal, Benedito Calixto, 1900	91
Figura 04: Antonio Carlos de Arruda Botelho, Almeida Junior	94
Figura 05: Anna Carolina, Almeida Junior	97
Figura 06: A fazenda Pinhal em heliografia de Maurício Lamberg	99
Figura 07: Lago e jardins da sede da fazenda Pinhal	100
Figura 08: Terreiro de secagem do café na fazenda Pinhal	102
Figura 09: Piano dos Botelho	103
Figura 10: Estação ferroviária de São Carlos	108
Figura 11: Palacete do Conde do Pinhal, atual sede da Prefeitura da cidade de São Carlos	111
Figuras 12 e 13: Louça e mobília com o monograma do Conde do Pinhal	112
Figura 14: Sala de jantar da fazenda Pinhal	112
Figura 15: Conde do Pinhal e família em Paris	116
Figura 16: Conde do Pinhal e esposa em Carlsbad, na Alemanha	116
Figura 17: Escada d'água do pomar da fazenda Pinhal	117
Figura 18: Condessa Anna Carolina aos cem anos de idade	122
Figura 19: Sede da fazenda Pinhal nos dias de hoje	123
Figura 20: Capa do primeiro número da Revista Moderna	131
Figura 21: Página do romance A ilustre casa de Ramires	133
Figura 22: Marca de propriedade do Conde do Pinhal	160
Figura 23: Sede da fazenda Pinhal em ruínas	176

Figura 24: Atual sala da biblioteca na fazenda Pinhal	177
Figura 25: Biblioteca do château de Serrant	179
Figura 26: Ex-dono de Carlos Américo	183
Figura 27: Estante com busto de Mauá	185
Figura 28: Ex-dono de José Vieitas Junior	186
Figura 29: Estante da biblioteca da fazenda Pinhal com periódicos	194
Figura 30: Estante com obras das Ciências Sociais	197
Figura 31: Estante com livros franceses na biblioteca da fazenda Pinhal	210
Figura 32: Folha de rosto da obra Voyage au Brésil	218
Figura 33: Folha de rosto da obra History of Brazil	225
Figura 34: Folha de rosto da obra História da fundação do Império brasileiro	226
Figura 35: Capa do Almanach Álbum de São Carlos	231
Figura 36: Os pórticos da fazenda Pinhal ao pôr do sol	243

SUMÁRIO

Introdução	p.13
1. Referencial teórico	21
1.1 Panorama dos estudos sobre História da leitura	22
1.2 Estudos sobre História da leitura no Brasil	27
1.3 As bibliotecas particulares como objeto de estudo	33
1.4 A problemática da pesquisa: o imaginário na formação do acervo de uma biblioteca	41
2. Aspectos socioculturais da passagem da Monarquia para a República	50
2.1 O Brasil na passagem do século XIX para o século XX	51
2.2 O processo de nobilitação no Brasil	67
3. O “despertar” de São Paulo e a família do Conde do Pinhal	77
3.1 A capital paulista	79
3.2 O interior de São Paulo e a família Botelho	88
4. Bibliotecas e práticas de leitura na belle époque brasileira	124
5. A biblioteca da fazenda Pinhal	153
5.1 Vestígios das práticas de leitura da família Botelho e a biblioteca da fazenda Pinhal	154
5.2 O real e o imaginário na biblioteca da fazenda Pinhal	173
5.2.1 Uma tentativa de reconstituição da biblioteca dos Botelho	175

5.2.2 Uma biblioteca da belle époque brasileira no imaginário do final do século XX	191
Considerações finais	232
Referências	244
Bibliografia consultada	250
Apêndices	
I. Roteiro para realização das entrevistas	
II. Formulário para realização do inventário	
III. Listagem de títulos da fazenda Pinhal	
IV. Genealogia da família Botelho	

Introdução

*“a história das bibliotecas é também a história do que
uma sociedade, as instâncias de poder, um meio
intelectual decidem transmitir.”*

(Christian Jacob)

O projeto que deu origem a esta pesquisa surgiu da necessidade de se desenvolver um estudo científico do acervo bibliográfico existente na sede da fazenda Pinhal com o intuito de identificar-se a sua importância e riqueza e ainda de empreender esforços no intuito de preservá-la. A fazenda Pinhal é uma propriedade rural centenária, localizada no município de São Carlos, interior do Estado de São Paulo, que pertence à família do Conde do Pinhal, um eminente político e empresário do final do século XIX. No ano de 1995, seus proprietários, Helena Botelho Vieitas e Modesto S. Barros Carvalhosa, procuraram a Universidade Federal de São Carlos, instituição à qual esta pesquisadora estava vinculada na época. Eles queriam a colaboração da Universidade para que a coleção pudesse receber um tratamento adequado, fosse preservada e pudesse ser consultada por pesquisadores e outros interessados. Assim, teve início um projeto de extensão universitária que consistia nas atividades de realização do inventário e higienização do acervo.

Durante o desenvolvimento do projeto, verificou-se a presença de obras significativas da literatura nacional e internacional, algumas em primeira edição, outras que apresentavam características especiais, como dedicatórias e anotações. A bibliotecária Ana Virgínia Pinheiro, especialista em coleções especiais da Biblioteca Nacional, em visita à fazenda Pinhal, comprovou a peculiaridade da coleção e a relevância da realização de um estudo sistemático sobre ela.

No ano de 1998, foi dado início à presente pesquisa. Com o andamento dos trabalhos, constatou-se, através do exame das obras, que a biblioteca não é constituída somente dos documentos que pertenceram aos patriarcas da família Arruda Botelho. Isso foi confirmado com os depoimentos da bisneta do Conde do Pinhal, Helena Vieitas e de seu ex-esposo, Modesto Carvalhosa. Há, na biblioteca, várias obras que pertenceram aos filhos e netos do Conde do Pinhal, como será demonstrado mais adiante. Parte do acervo, no entanto, foi adquirida nos últimos trinta ou quarenta anos por Helena e Modesto Carvalhosa. Eles reuniram doações de amigos e parentes e adquirem (pois continuam acrescentando obras ao acervo) outras que consideram “de época”, em sebos. A seleção das obras é feita a partir do imaginário e das informações que se tem sobre o universo de leitura do final do século XIX e início do século XX. Obras que abordam assuntos relacionados à família, como a história do cultivo do café em São Paulo, da cidade de São Carlos ou ainda sobre as realizações de membros da família também são acrescentadas à coleção já existente na sede da fazenda Pinhal formando a atual biblioteca.

Tal constatação demandou um redirecionamento do rumos na pesquisa, pois até então a biblioteca estava sendo encarada como uma coleção particular pertencente

inteiramente a um membro da aristocracia cafeeira da passagem do século XIX para o século XX. No entanto, ela consiste em uma coleção que é composta por obras que pertenceram a várias gerações da família e ainda por outras que compõem o universo de leitura do referido período.

A partir de então, a referida biblioteca passou a ser estudada como sendo uma **representação** concreta dos padrões de leitura da elite da passagem do século XIX para o século XX. Esclarecidas essas questões iniciais, deu-se prosseguimento à pesquisa, que tem como objetivos: a) levantar os aspectos culturais e históricos que proporcionaram o aparecimento e a preservação da coleção ao longo das décadas de sua existência; b) identificar as práticas de leitura da família, e ainda c) verificar as coincidências entre o acervo existente e os padrões de leitura da época.

Nas pesquisas realizadas na área de história da leitura, que é a fundamentação teórica utilizada neste estudo, não foram verificados registros de bibliotecas semelhantes à do Pinhal. Tal circunstância dificulta a definição da metodologia a ser utilizada e pode interferir no seu resultado. Assim sendo, a contribuição do presente estudo se limitará à “terraplanagem” do tema. Em tempo, em conferência realizada na Unesp de Araraquara no ano de 1998, o professor Alfredo Bosi, falando sobre a literatura brasileira, propõe uma “metodologia” para uma abordagem intrínseca e extrínseca do objeto de estudo da literatura. Ele serviu-se do termo **terraplanagem** para designar os estudos e pesquisas que aparentemente não dariam contribuições imediatas e visíveis à obra analisada, mas cuja ação é fundamental para a definição do problema e o bom desempenho das pesquisas que se seguirão mais tarde a respeito do

assunto. É no sentido de fazer a “terraplanagem” sobre o objeto de estudo que se apresenta esta pesquisa.

Outro aspecto a ser aqui considerado é que esta pesquisa não se limita a uma área específica, mas situa-se na intersecção entre os Estudos Literários, a História e a Biblioteconomia. Essa imbricação de várias áreas, como será demonstrado mais adiante, é característica dos estudos sobre a história da leitura. Os historiadores Robert Darnton (1990) e Cavallo e Chartier (1998), que são alguns dos maiores especialistas na área, reconhecem a interdisciplinaridade como condição fundamental para a realização de estudos dessa natureza. A presente pesquisa tem essa característica, pois reúne a historiografia do Estado de São Paulo, a história da leitura, os estudos literários e a abordagem biblioteconômica de um obscuro objeto de pesquisa: a biblioteca. Ela possui uma configuração material e existência constatável, porém está localizada em uma encruzilhada de situações, de histórias, de suspeitas e de certezas que demandam um questionamento constante e produtivo. Sua contribuição se dará principalmente no sentido de sistematizar as informações sobre a biblioteca para que estudos posteriores sejam ali desenvolvidos. Além disso, como diz Cury (1994), “o estudo de acervos pode levantar uma infinidade de pesquisas, não se esgotando a contribuição do pesquisador no tratamento de sua temática específica, mas no que deixar inconcluso ou organizado para ser retomado por outros (p. 48)”.

Na realização da pesquisa, foram considerados dados quantitativos a respeito da coleção, como por exemplo, a composição do acervo, quem eram os leitores, ou os proprietários das obras. O seu enfoque principal, no entanto, está voltado para os dados qualitativos, que podem desvendar como e por que a leitura era realizada entre os

membros da família Pinhal, que constituem talvez um paradigma dos leitores da aristocracia rural na passagem da Monarquia para a República, e a coincidência entre as preferências de leitura deste grupo e os padrões culturais da época em determinada classe social.

Para tanto, essa pesquisa foi empreendida em duas vertentes: a primeira teve como objetivo resgatar aspectos socioculturais do período em que viveram os patriarcas da família Botelho e foi iniciada a biblioteca. Essa etapa foi desenvolvida por meio de uma revisão da literatura, da análise de documentos sobre a família e ainda de entrevistas com os responsáveis pela formação da biblioteca, Helena Vieitas e Modesto Carvalhosa. As entrevistas foram realizadas pela pesquisadora individualmente com cada um dos dois entrevistados nas seguintes datas: 21 de julho de 2001 e 03 de novembro de 2001, respectivamente, na sede da fazenda Pinhal. Utilizou-se na realização da entrevista um roteiro preestabelecido, o qual se encontra no apêndice 1. Foi solicitado a ambos os entrevistados que relatassem o que sabiam sobre a origem da biblioteca, os hábitos de leitura da família e em particular do Conde e da Condessa e sobre a conformação da atual coleção da fazenda Pinhal. Os entrevistados não quiseram gravar a entrevista; por isso a pesquisadora tomou nota dos depoimentos.

A segunda vertente de desenvolvimento da pesquisa está voltada para a análise do acervo, no sentido de verificar os fatores socioculturais que propiciaram a formação de uma biblioteca em uma fazenda do interior da então Província de São Paulo em meados dos oitocentos e ainda a coincidência entre o seu conteúdo e os padrões de leitura da *belle époque* brasileira. As referidas entrevistas e o exame de depoimentos de

membros da família armazenados no Arquivo da família na fazenda Pinhal forneceram dados preciosos sobre estes aspectos. Além disso, procurou-se verificar o conteúdo, da coleção bem como as marcas de leitura e de propriedade dos itens do acervo, o que foi conseguido através de um inventário, realizado através do exame individual das obras e pela transcrição dos elementos de identificação e características especiais em um formulário elaborado a partir de sugestões da Biblioteca Nacional e da literatura sobre o tema (apêndice 2).

Participaram desta fase da pesquisa alunos bolsistas e voluntários do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da UFSCAR e alguns alunos da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, *campus* de Marília, também do curso de Biblioteconomia. Como o trabalho era lento e muitas vezes interrompido devido ao término do período de vigência das bolsas, ou à falta delas, e dos recessos escolares, a consistência dos dados foi prejudicada, apesar do grande empenho e entusiasmo dos participantes. Além disso, outros fatores também contribuíram para o atraso dos trabalhos, como a retirada dos livros de seus respectivos lugares nas estantes por pessoas que freqüentavam a fazenda, o que demandava a sua busca ao longo das estantes. Finalmente, num esforço para eliminar a inconsistência dos dados e encerrar o levantamento, no ano de 2000, a Associação Pró-Casa do Pinhal contratou bibliotecários e técnicos que conferiram os dados levantados e concluíram o inventário.

Para permitir a tabulação e a sistematização dos dados do inventário, foi elaborada uma base de dados utilizando-se o software WinISIS, versão 1.31, que é desenvolvido pela UNESCO e distribuído gratuitamente on-line. O WinISIS é utilizado principalmente para manipular dados bibliográficos. Os dados sobre o acervo,

registrados nos referidos formulários, foram então inseridos na base de dados por alunos do curso de graduação em Biblioteconomia da Unesp, *campus* de Marília, e pela autora deste trabalho. No total, foram cadastrados 1539 itens do acervo, até o início de 2002. A impressão dos dados completos de cada registro ficaria bastante extenso, assim foi emitida uma listagem contendo os dados essenciais para identificação das obras do acervo no formato de referência bibliográfica, a qual está incluída no apêndice III.

O texto desta pesquisa está dividido em cinco capítulos. O primeiro propõe-se a estabelecer o **Referencial teórico**, no qual é apresentado um panorama sobre a história da leitura e inclui uma breve descrição do estado da arte das pesquisas sobre o tema no Brasil. Traz, também, uma discussão teórica acerca da problemática da pesquisa; o segundo, intitulado **Aspectos socioculturais do Brasil na passagem do século XIX para o século XX**, apresenta uma visão geral dos aspectos socioculturais do período em que viveram os primeiros proprietários da fazenda e fundadores da biblioteca, a qual é objeto de estudo aqui enfocado. No capítulo três, **O “despertar” da Província de São Paulo e a família do Conde do Pinhal**, está esboçado um histórico da família do Conde do Pinhal, suas características e desempenho político e econômico na história da região e na fundação da cidade de São Carlos, contextualizado pela história da Província de São Paulo, em particular da capital e das cidades a oeste. O quarto capítulo, intitulado **Bibliotecas e práticas de leitura na *belle époque* brasileira**, aborda as práticas de leitura no Brasil da passagem do século XIX para o século XX. No quinto capítulo, **A biblioteca da fazenda Pinhal**, estão reunidos os dados sobre a

formação da biblioteca da fazenda Pinhal, as características do acervo e também as discussões sobre os resultados encontrados. Também são considerados os vestígios das práticas de leitura da família Botelho. Em seguida, são apresentadas as **Considerações finais**, que apontam na direção de uma concepção aberta e dinâmica da biblioteca estudada. Seguem, em anexo, os formulários utilizados na coleta de dados, a Listagem dos títulos e autores das obras pertencentes à coleção da biblioteca pesquisada e a genealogia da família Botelho.

1. Referencial teórico

*“os historiadores podem mostrar que os livros
não se limitam a relatar a história: eles a fazem”*

(Robert Darnton)

Neste capítulo, serão delineados os aportes teóricos que fundamentam esta pesquisa. Ele se inicia apresentando a abordagem da história da leitura desde o surgimento dessa corrente teórica até o seu “estado da arte” no Brasil. Em seguida, são tecidas algumas considerações acerca da biblioteca particular, que é um dos elementos nucleares desta pesquisa. Ao final, a problemática deste estudo é discutida à luz do referencial teórico escolhido.

1.1 Panorama dos estudos sobre a História da Leitura

“O estudo da leitura pode revelar como o homem compreende a vida (...). Estudá-la pode satisfazer parte de nossa própria ânsia de significado.”

(Robert Darnton)

A história da leitura, segundo Robert Darnton (1990), é um dos ramos da história do livro, cujos primórdios remontam provavelmente o período da Renascença. O seu fortalecimento deu-se somente no século XIX a partir de pesquisas realizadas na Inglaterra. Depois de 1960, na *École Pratique des Hautes Études*, na França, desenvolveu-se uma nova tendência de pesquisas em história, a chamada “Nova História”.

Essa tendência se opõe, conforme Burke (1992), deliberadamente ao paradigma tradicional em vários aspectos, ou seja, não está centrada na política. Ao contrário, “tudo tem uma história” (HALDANE, 1951 *apud* BURKE, 1992, p.11), inclusive a leitura. A nova história está centrada na análise das estruturas econômicas, sociais e geoistóricas de longo prazo e não na narrativa dos acontecimentos. Ela preocupa-se com o homem comum, com a cultura popular, em detrimento das grandes obras, ou personalidades de posição social mais elevada; utiliza-se de vários tipos de fontes, que não só a documental e, principalmente, tem como pressuposto que a história é relativa e não objetiva como tradicionalmente era considerada.

Os historiadores do livro que seguiram tendência da escola de *Annales*, conforme Darnton (1990), se empenharam em “... descobrir o modelo geral da produção e consumo do livro ao longo de grandes períodos de tempo” (p.110). Os

primeiros estudos dessa tendência tinham como fonte de dados as solicitações de *privilèges* (uma espécie de direito a publicação) e as bibliotecas particulares de leitores comuns. Tais estudos não forneceram um conjunto sólido de conclusões, mas tiveram o mérito de “... demonstrar a importância de levantar novas questões, de usar novos métodos e acrescentar novas fontes” (p.111) e ainda de divulgar a abordagem da nova história do livro.

No final dos anos setenta, esse ramo de pesquisa tornou-se um campo rico e bastante diversificado, com instituições e associações consolidadas, tais como o *Institut d’Étude du livre en Paris*, o *Arbeitskreis für Geschichte des Buchwesens* em *Wolfenbüttel* e o *Centre for the Book* da Biblioteca do Congresso nos Estados Unidos. Surgiram periódicos específicos para divulgação das pesquisas, como por exemplo, **Publishing history**, **Bibliography newsletter**, **Nouvelles du livre ancien** e eventos de âmbito internacional.

A proposta da história da leitura segundo os moldes da história nova, no entanto, só foi sistematizada em 1982, por Robert Darnton, em um ensaio publicado na revista **Daedalus**¹. Quatro anos mais tarde, ele publicou o artigo “Primeiros passos para uma história da leitura”², no qual declara: “A leitura tem uma história” (p.147).

Outro expoente da história da leitura é Roger Chartier (1997). Segundo ele, as pesquisas em história da leitura devem respeitar dois princípios básicos: o primeiro é que “... a leitura não está inscrita no texto” (p.12). Há muitas vezes um desvio entre o

¹ DARNTON R. O que é a história dos livros ? **Daedalus**, spring, v. 65, n.85, 1982. Publicado posteriormente no livro **O beijo de Lamourette**, 1990.

² DARNTON R. Primeiros passos para uma história da leitura. **Australian journal of french studies**. n.23, 1986. Publicado posteriormente no livro **A escrita da história**, organizado por P.Burke, 1992.

sentido que é atribuído, por exemplo, pelo autor ou pela crítica a um determinado texto e a sua interpretação pelos leitores. O segundo é que “... o texto existe apenas porque há um leitor para lhe atribuir um significado” (p.12). Assim, as pesquisas que abordam esse tema devem buscar “... reconstruir as alterações que diferenciam os ‘espaços legíveis’- isto é, os textos nas suas formas discursivas e materiais – e as que dirigem as circunstâncias da sua ‘efetivação’ – ou seja, as leituras, entendidas como práticas concretas e como processos de interpretação” (p.12). Para tanto, continua o autor, deve-se considerar que as formas e as circunstâncias por meio das quais os textos são recebidos e apropriados pelos leitores (ou ouvintes) determinam as suas significações. O contexto mais amplo no qual se inscreve o ato de leitura não pode ser ignorado.

É necessário observar também que “... a leitura é sempre uma prática encarnada por gestos, espaços e hábitos”. Desse modo, deve-se procurar “... identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores, as tradições de leitura e as maneiras de ler” (CHARTIER, 1997, p.14).

A história da leitura de um determinado período depende, então, de aspectos da história da cultura, que revelam os usos, códigos, competências e circunstâncias de apropriação do texto pelos leitores; da história do livro, que resgata as condições materiais do texto, as quais influenciam no significado e na interpretação do escrito e ainda, na análise dos textos, no que diz respeito às suas motivações e intenções.

O autor propõe que a história da leitura seja um campo de estudos **interdisciplinar** e que todos aqueles que estão preocupados com o processo de comunicação e entendem o “livro como uma força na história” podem contribuir, pois nenhuma área isoladamente é capaz de “...fazer justiça a todos os aspectos da vida de um livro”

(p.130). Cavallo e Chartier (1998) também insistem em que as pesquisas não devem concentrar-se somente em um aspecto isolado da leitura, mas em que essa deve ser analisada dentro de um contexto mais amplo que contemple os vários aspectos de produção e recepção dos textos de uma determinada época.

Essa diversidade de perspectivas e de áreas de interface, conforme Darnton (1990), pode resultar em uma dificuldade em delimitar as fronteiras de um estudo e, ainda, na fragmentação das pesquisas em especializações que dão uma visão incompleta e parcial do problema. Assim, para minimizar esses problemas, ele sugere que qualquer abordagem sobre o tema deve considerar os diferentes aspectos que fazem parte da produção e circulação do livro na sociedade, o que inclui: o autor, o editor, os gráficos, os distribuidores, os livreiros e os leitores, que influenciam e são influenciados pelo autor. Deve-se considerar ainda que todos esses elementos estão inseridos necessariamente em uma conjuntura econômica e social. Todos esses aspectos devem ser observados pelo pesquisador para que ele possa alcançar o significado pleno do seu objeto de estudo, ou o mais próximo possível dele.

Adotando-se a perspectiva da leitura enquanto fenômeno social, pode-se responder, conforme Darnton (1990), perguntas como “quem”, “o quê”, “onde” e “quando” se lia. Tais dados dizem respeito a **aspectos externos** da leitura que, em geral, deixam algum tipo de vestígio passível de ser verificado, por exemplo, um acervo ou os registros de empréstimos de bibliotecas, dados de direitos autorais e de vendas de livros. Estudos desse tipo podem ter um caráter micro ou macroanalítico e são realizados a partir de dados estatísticos ou documentais. Eles vêm sendo

desenvolvidos, conforme foi apontado anteriormente, há muitas décadas. Porém, pouco se sabe a respeito de ‘como’ e ‘por que’ se lia em determinada época.

Para abarcar todos esses aspectos, Darnton (1990) propõe que as pesquisas em história da leitura devem ater-se não apenas aos aspectos externos da leitura, mas principalmente aos **intrínsecos**. Estes dizem respeito aos fatores que influenciam a maneira como se realiza o ato de leitura (o porquê) e o próprio gesto da leitura. Partindo do pressuposto que a leitura é uma “maneira de estabelecer significado” (p.218), que varia de uma cultura para outra e não é apenas uma habilidade, Darnton (1992) propõe cinco abordagens através das quais ele acredita que seja possível estudar os aspectos intrínsecos da leitura:

1. Estudo da opinião dos leitores a respeito dos efeitos da leitura sobre si mesmos e sobre os demais. Tal estudo pode ser realizado por meio da análise de várias fontes e suportes, tais como pinturas, gravuras, diários e autobiografias, que contenham registros que abordem o significado e o efeito da leitura para aquele período ou grupo;
2. Estudo das maneiras como a leitura era ensinada, o que, segundo o autor, pode revelar como esta atividade era realizada pelos leitores comuns de determinada época e ainda o significado do ato de ler para o período estudado;
3. Estudo das impressões de leitura, ou seja, análise dos registros deixados por leitores em seus diários, biografias e em seus livros e escritos;
4. Estudo comparativo das estratégias utilizadas pelos autores para guiarem as reações do leitor potencial, que podem ser verificadas através dos instrumentos da teoria literária e da análise da reação dos leitores reais;

5. Estudo dos textos enquanto objetos físicos, que, de acordo com suas características, produzem um determinado tipo de leitura.

A obra de Darnton (1990) foi um marco para as pesquisas em história da leitura, pois foi o primeiro autor a sistematizar os diferentes tipos de pesquisas já realizadas sobre o tema e a propor novas abordagens que foram adotadas por muitos outros pesquisadores em todo o mundo.

1.2 Estudos sobre História da leitura no Brasil

*“Dos livros que tens amado,
Ficaram-te marcas no espírito
Pronto a rever itinerários”*

Henriqueta Lisboa

No Brasil, as pesquisas sobre história da leitura ainda estão em consolidação. É difícil precisar quais foram os primeiros trabalhos. Silva (2000), que faz um balanço das pesquisas sobre a produção de livros e da história da leitura no Brasil e em Portugal, aponta o estudo de Alcântara Machado, **Vida e morte do bandeirante**, de 1929³, como sendo o pioneiro no Brasil. Era baseado na análise dos inventários *post-mortem* publicados pelo Arquivo do Estado de São Paulo. Alguns anos mais tarde, em 1945, foi publicado o livro **O diabo na livraria do cônego** de Eduardo Frieiro⁴, que é

³ MACHADO, A. **Vida e morte do bandeirante**. [s.l. : s.n.], 1929.

⁴ FRIEIRO, E. **O diabo na livraria do cônego**. Belo Horizonte : Cultura brasileira, 1945.

baseado no auto de seqüestro de bens do cônego Luís Vieira da Silva. Na década de 40, segundo a autora, não era este o método de pesquisa em voga. Os trabalhos deste período eram realizados através da análise das citações. Entre os trabalhos que seguem essa tendência, Silva (2000) aponta “As bibliotecas brasileiras dos tempos coloniais”, de Clado Riveiro Lessa⁵ e “O iluminismo em duas bibliotecas do Brasil colônia”, de E. Bradford Burns⁶. Este método é criticado pela autora porque se restringe ao estudo de um grupo seletivo de leitores, ou seja, aqueles que também são autores, e por não abranger as circunstâncias de leitura do documento citado.

A fase seguinte das pesquisas sobre história da leitura no Brasil, segundo Silva (2000), tem início na década de 70 com o estudo dos inventários *post mortem*. Nela encontram-se os trabalhos de Rubens Borba de Moraes, que publicou, em 1979, **Livros e bibliotecas no Brasil colonial** de Júnia Ferreira Furtado, que analisa os inventários do distrito diamantino; e de Luiz Carlos Villalta, que se debruçou sobre os inventários do clero mineiro, além dos estudos da própria autora, a professora Maria Beatriz Nizza da Silva, que trabalhou com inventários de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Outra fonte de pesquisa utilizada por Silva (2000) foram as listas de subscrições para publicação. A autora recuperou as listas de subscrições de obras do início do século XIX nas quais constam dados sobre a obra, nomes dos subscritores e provável número de exemplares publicados. Ao concluir, a autora diz que as pesquisas

⁵ Publicado na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, n. 191, 1946.

⁶ Publicado no **Journal of the history of ideas**, na década de 40. A autora não fornece os dados do fascículo que contém o artigo.

realizadas até o período considerado em seu artigo, a década de 70, privilegiam o *Ancien Régime* em detrimento das demais.

Coincidentemente, na década de oitenta há a publicação do livro de Sonia de Conti Gomes (1983), **Bibliotecas brasileiras instaladas durante o período da Primeira República**, que trata do período posterior ao *Ancien Régime*. Essa autora, além de apresentar dados sobre a instalação das bibliotecas na Primeira República, deteve-se no estudo dos fatores socioculturais que influenciaram a sua criação e o seu desenvolvimento.

Uma outra contribuição bastante significativa ao estudo da história da leitura no Brasil é a obra intitulada **O Livro no Brasil** de 1985. Seu autor, Laurence Hallewell, é um bibliotecário inglês que se interessou pela produção literária latino-americana desde o início de sua carreira. Em sua tese de doutorado, o pesquisador analisa os fatores que influenciaram a instalação das primeiras tipografias e a sua evolução para grandes editoras, compara o desenvolvimento editorial com o crescimento da população brasileira, o índice de alfabetizados e o poder aquisitivo da população, além de fatos políticos e econômicos que influenciaram o desenvolvimento da atividade editorial no país em diferentes períodos. A importação de livros e o tipo de publicação, por exemplo, livros didáticos, de ciência e tecnologia, infantis e traduções também foram objetos de estudo de Hallewell. A evolução da infra-estrutura da indústria brasileira para a produção editorial e a distribuição de livros no país não foram esquecidas.

Na década de 90, começam a ser traduzidas no Brasil as obras de Robert Darnton (1990, 1992), Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard (1995), Roger Chartier

(1996, 1997) e Alberto Manguel (1997). Este último causou um grande impacto, não só no Brasil, mas em vários países por abordar a história da leitura universal nos moldes apontados por Darnton, mesclando-a com propriedade com as suas próprias memórias de leitura em um texto bastante agradável e acessível.

A partir de então, há no Brasil uma grande proliferação de estudos e publicações na área no Brasil. Ainda nesse período, há a formação de um grupo de pesquisadores da Unicamp, liderado pelas professoras Marcia Abreu e Marisa Lajolo, chamado Projeto Memória da Leitura⁷. Este projeto abrange pesquisas relacionadas a vários aspectos relacionados à leitura, sendo a história um deles. As pesquisas deste grupo, porém, estão voltadas, em geral, para a contribuição da escola na construção da história da leitura brasileira (ZILBERMAN, 1999). Os pesquisadores do Projeto Memória da Leitura têm exercido um papel fundamental para o desenvolvimento de pesquisas sobre história da leitura no Brasil, pois, além de produzirem novos estudos, eles organizaram, em 1998, um evento de âmbito internacional sobre o tema, além de incluírem a temática no tradicional Congresso Brasileiro de Leitura, o COLE.

No livro **Leitura, história e história da leitura**, Lacerda (2000) faz um balanço dos trabalhos apresentados nos referidos eventos. A pesquisadora identificou três tendências de pesquisa sobre a história da leitura no Brasil. A primeira enfoca as práticas de leitura de alguns atores sociais, particularmente aqueles que atuam na produção e circulação de impressos, tais como os editores, os escritores, os censores,

⁷ Os resultados parciais já podem ser consultados na *home page* do projeto: <http://www.unicamp.br/iel/memoria> e ainda em um número especial da revista **Horizontes**, 1998.

os livreiros e os bibliófilos, e aqueles que são “praticantes e usuários do escrito”, como por exemplo, os escolares, os professores, os bibliotecários e as mulheres.

Segundo Lacerda (2000),

Os trabalhos que focalizam as práticas desses atores sociais evidenciam as suas interferências e mediações na definição dos espaços culturais da produção literária e não literária no Brasil e, analogamente, tentam estabelecer suas concepções pessoais e de mundo sobre o que deve ser lido, (...) e por isso, as formas e modalidades de leitura que construíram e constroem a nossa história com o escrito (p.613).

A segunda tendência verificada por Lacerda (2000) diz respeito à relação da leitura com a escola, principalmente a partir do final do século XIX. As pesquisas que seguem essa tendência, em geral, partem de questões relativas ao ensino de leitura e da literatura para discutir as problemáticas envolvendo as políticas de leitura e do livro no Brasil, e a circulação de materiais de leitura no âmbito escolar. Nesses trabalhos, pode-se perceber, ainda segundo a pesquisadora, a presença de diferentes referenciais teóricos, fontes de análise e abordagens metodológicas utilizados na investigação sobre as práticas sociais de leitura.

O último grupo de trabalhos apontado por Lacerda (2000) aborda os “espaços consagrados à leitura”, que incluem aqueles que enfocam os acervos de bibliotecas públicas ou particulares e outros que se baseiam em dados de inventários ou de documentos arquivísticos referentes a diferentes tipos de bibliotecas, práticas de leitura e circulação de livros. Conforme a pesquisadora, os trabalhos dessa linha “... sinalizam uma tipologia de fontes e percursos de investigação ricos e versáteis” (p. 619), o que, diante das condições precárias para a atuação em pesquisa documental no Brasil, é bastante proveitoso e lança novas perspectivas de realização de pesquisa.

Os trabalhos apresentados nos eventos organizados pelo grupo Memória da Leitura e a apreciação deles por Lacerda (2000) proporcionam um quadro geral e recente do estado da arte das pesquisas sobre história da leitura no Brasil. Área que, segundo a pesquisadora, ainda é incipiente no Brasil, se comparada às produções de outros países como a França e mesmo Portugal. Por outro lado, ela é desafiadora por se constituir um campo de estudos onde há ainda muito que investigar. A história das práticas de leitura que se passa longe dos grandes centros, por exemplo, é uma delas. Essa é justamente a proposta desta pesquisa, investigar a história da leitura do interior do Estado de São Paulo no período referente a passagem do século XIX para o século XX.

Nota-se que as capitais e grandes centros têm merecido maior destaque nas pesquisas sobre história da leitura produzidas no Brasil. A história da economia e da cultura no interior, mesmo de estados mais desenvolvidos como é o caso do Estado de São Paulo, tem sido relegada. Fonte econômica principalmente nos períodos de cultivo da terra, o interior guarda, nem sempre nas melhores condições, documentos sobre o desenvolvimento sociocultural de vários períodos do país.

A cidade de São Carlos, por exemplo, localizada a aproximadamente trezentos quilômetros da capital, próxima à fazenda na qual esta pesquisa foi desenvolvida, já possui trabalhos que resgatam a sua história nas áreas de economia, urbanismo e educação. Mas com relação às instituições culturais, e particularmente aquelas relacionadas à leitura, ainda há uma grande lacuna. As poucas publicações sobre a história da cidade nem sequer mencionam a fundação da Biblioteca Pública Municipal ou de suas demais bibliotecas. Essas obras, como a de Neves (1984), por exemplo, se

contentam em atestar o surgimento da imprensa local, ou da região. Não se questiona a relevância desses dados para se conhecer a história da memória local, porém há vários outros aspectos que podem e devem ser levantados. Há indícios, por exemplo, de que a cidade possuía Gabinete de Leitura no século XIX. Há também fazendas históricas que abrigam bibliotecas particulares, além de outras bibliotecas institucionais bastante ricas e antigas na cidade. Todas essas são fontes que também merecem ser investigadas e que ainda estão por ser trabalhadas. A pesquisa que ora se apresenta enfoca uma delas: a biblioteca particular. Assim, antes de abordar as práticas de leitura do período a que se refere esta pesquisa serão tecidas algumas considerações sobre este meio específico de acesso a leitura, que é a biblioteca particular.

1.3 Bibliotecas particulares como objetos de estudo

“O acervo, metáfora da história, nos coloca diante da efervescência das rupturas, mas, igualmente, faz emergir as longas continuidades subterrâneas que, gota a gota, também fazem a história”

(Maria Zilda Cury)

A associação entre os livros e os seus leitores, segundo Manguel (1997), é diferente de qualquer outra relação entre os objetos e os seus colecionadores. O livro inflige a seus leitores um simbolismo muito mais complexo que qualquer outro objeto. “A simples posse de livros”, diz o autor, “... implica uma posição social e uma certa

riqueza intelectual” (p.242). A presença de livros pode “denotar atividades elevadas” e a sua ausência pode subtrair poder intelectual e humano a uma personagem.

Conforme Manguel (1997), as bibliotecas particulares na França no século XVIII “... eram tesouros familiares que a nobreza preservava e ampliava de geração em geração, e os livros que continham eram tanto símbolos de posição social quanto de refinamento e postura” (p.271).

Essas coleções, dada a sua especificidade, chegaram a ocupar salas especialmente destinadas a elas nas residências particulares. Há poucas fontes que abordam a história das bibliotecas pessoais. Um dos poucos trabalhos relacionados ao tema é o de Otness (1988), que relata a história das bibliotecas residenciais dos Estados Unidos. Segundo a autora, as bibliotecas eram parte essencial da arquitetura das grandes residências inglesas desde a Renascença. Com o passar do tempo, elas foram ganhando importância e aumentando ainda mais de tamanho.

As bibliotecas eram construídas no andar principal da casa e, em geral, tinham tamanho semelhante ao da sala de jantar e de visitas. Os levantamentos de Otness (1988) revelaram que não apenas as grandes mansões do século XIX possuíam livros, mas também as casas de campo e os chalés, o que demonstra a popularidade e a valorização atribuída a esse tipo de coleção. As bibliotecas particulares dos Estados Unidos, segundo Otness (1988), são fruto dessa tradição inglesa. Em meados do século XIX, as bibliotecas particulares eram, portanto, comuns na América, como demonstra a opinião de um dos grandes arquitetos da época:

In country-houses or villas, there are never less than three or four apartments of good size... on the principal floor. In every villa of moderate size, we expect to find a separate apartment devoted to

meals, entitled the dining-room; another devoted to social intercourse, or the drawing-room; and a third devoted to intellectual cultures, or, the library. (DOWNING, 1850 *apud* OTNESS, 1988, p.113)⁸

A partir da segunda metade do século XIX, no entanto, verifica-se um declínio da existência de bibliotecas particulares nos lares americanos. Burgess (1941 *apud* OTNESS, 1988), outro arquiteto da época, registra essa tendência:

In these days of small homes and compact apartments it is often the library – that gracious book-lined room which is such a happy childhood memory to so many of us – that has gone by the board ... the library, the place where we go to read because we like to, is almost defunct except in large mansions... (p.130)⁹

Um dos fatores que contribuíram para o declínio das bibliotecas particulares nos Estados Unidos foi a mudança de valores. Outros símbolos de *status* da classe média substituíram a biblioteca residencial, entre os quais estão a sala de jogos e o bar. Os livros e as estantes não desapareceram das residências, mas deixaram de ter uma sala exclusiva e foram espalhados pela casa ocupando, por exemplo, as paredes de quartos, *halls* e salas de visitas. As revistas de decoração passaram então a publicar artigos descrevendo como transformar as bibliotecas em “...little-used guest room, a large closet or dressing room with a window, even a corner set off from the main living room...”¹⁰ (BURGESS, 1941 *apud* OTNESS, 1988, p.131). O último artigo encontrado pela autora que reafirmava a importância da biblioteca residencial foi publicado em

⁸ Nas casas de campo ou *villas*, não há mais que três ou quatro apartamentos de bom tamanho... no piso principal. Em toda vila de tamanho moderado, nós encontramos um apartamento separado para destinado a alimentação, chamada sala de jantar; outra destinada a relacionamentos sociais, ou sala de visitas; e a terceira destinada à cultura intelectual, ou, a biblioteca”. (Downing, A. J. *apud* Otness, 1988, p.113, trad. da autora).

⁹ Nestes dias de casas pequenas e apartamentos compactos é freqüente a biblioteca – aquela sala graciosa com livros alinhados a qual é semelhante a uma lembrança feliz da infância para muitos de nós – que têm sido aposentados... a biblioteca, lugar onde nós íamos ler porque gostávamos, é apenas um defunto exceto em grandes mansões.

¹⁰ Um quarto de visitas pouco usado, um amplo *closet* ou vestiário com uma janela, até mesmo um canto da sala principal...”

1938, na revista **House and garden**. Nele, o autor argumentava que, apesar da falta de espaço, aqueles que gostavam de ler poderiam, de alguma forma, encontrar algum espaço em casa e reunir uma biblioteca modesta, mas básica e representativa.

Otness (1988) aponta ainda a crescente mobilidade da vida das pessoas e das famílias como fator que inibe a manutenção de bibliotecas nas residências. Os divórcios, por exemplo, separavam as famílias e também as bibliotecas. A necessidade de mudança de casa ou de cidade é também apontada como uma dificuldade para a manutenção de uma grande coleção de livros. Ao finalizar o seu artigo ela afirma que, apesar do seu declínio, a biblioteca residencial ainda é nos Estados Unidos e no mundo uma expressão da estabilidade e continuidade doméstica.

Não foram encontrados trabalhos específicos referentes às bibliotecas particulares no Brasil. Sabe-se que nas cidades, com a ascensão do bacharelismo, houve o surgimento de espaços domésticos destinados ao convívio masculino, que eram dotados de estantes abarrotadas de livros, escrivaninha e materiais para escrita (ALENCASTRO e RENAUX, 2001). Nas fazendas, no entanto, não era comum a destinação de um espaço exclusivo para o escritório ou biblioteca, como demonstra Marcondes (1995), que analisa as construções das fazendas do interior paulista datadas de 1880 a 1910.

No que diz respeito à composição de seu acervo, em geral, as bibliotecas de pessoas comuns, não iniciadas na arte da bibliofilia, podem parecer desordenadas, mas isso não significa que sejam uma simples acumulação de livros sem sentido. Uma biblioteca particular é o testemunho das preferências e necessidades do proprietário em diferentes momentos de sua vida. Conforme Antonio Cândido (1996), no decorrer de

sua formação, a biblioteca segue algumas vertentes e a sua indisciplina reflete as diferentes fases de amadurecimento intelectual pelas quais o seu curador passou.

Alberto Manguel (1997), por exemplo, confidencia que, ao correr os olhos pelas estantes de sua biblioteca, ele reconhece estar cercado por uma espécie de inventário de sua vida. Nos volumes às vezes quase esquecidos, segundo ele, é possível reconhecer os traços do leitor que ele já foi. Isso é possível através das obras em si e também de vestígios materiais de outras épocas encontrados no interior dessas obras, tais como anotações de leitura, de uma data ou lembrete, pedaços de papéis contendo nomes de hotéis ou cafés nos quais esteve. Há sempre na casa da maioria das pessoas um livro da infância, um presente que se recebe de alguém que lhe foi caro e até mesmo livros herdados que podem não despertar interesse por seus conteúdos, mas que têm um valor afetivo.

Este acúmulo de materiais adquiridos em diferentes fases da vida de um leitor, quando analisado, permite verificar o que Antonio Cândido (1996) chama de “estratificação de sucessivas camadas de interesse” do leitor. Segundo ele, uma coleção evidencia a evolução cultural de seu proprietário, cada fase de interesse provavelmente corresponde a um conjunto de documentos que pode ser identificado pela data de aquisição, pela temática e por vestígios materiais como aqueles apontados anteriormente por Manguel (1997).

No entanto, vários autores, entre eles Mindlin (1997), Benjamin (1987) e Eco (1993), chamam atenção para o fato de que nem tudo o que está em uma biblioteca particular foi lido. Darnton (1990) afirma que o estudo de uma biblioteca particular pode revelar o perfil do leitor, mesmo que este não leia todos os livros que possui e

que, por outro lado, leia muitos outros que nunca incorporou à sua biblioteca. Conforme Eco (1993), a biblioteca particular deve ser considerada como um “instrumento de trabalho” e não um “mero depósito de livros lidos” (p.192). O simples fato de o proprietário da biblioteca ter escolhido o livro para incluí-lo em sua biblioteca é significativo, revela as suas preferências, valorações e influências, como demonstra Jobim (1999) no ensaio “Por que é importante pesquisar a biblioteca pessoal de Machado de Assis”. Segundo o autor, ao se estudar uma biblioteca particular, pode-se verificar, por exemplo, a existência de obras na coleção coincidentes com aquelas apontadas na literatura como sendo os padrões de leitura da época; possíveis influências de determinados escritores; variedade de temas de interesse do leitor; suas opiniões acerca do que foi lido através de anotações e “... a reconstrução histórica do papel das obras do acervo no horizonte da época em que viveu o leitor” (p.2).

Para Prospero (1986),

Una biblioteca allora non è solo un contenitore più o meno grande di volumi variamente ordinati... ed esposti in un apposito angolo della propria abitazione dove il proprietario há accumulato e conservato nel tempo le personali letture già fatte o da fare'è pure, per così dire, un tratto della propria personalità (o di quelle che vi sono incorporate), unprolungamento e una proiezione... dell'io all'esterno, insomma uno dei tanti segni che contribuiscono a comporre l'identità di un soggetto e a riscotruire la psicologia e la biografia intellettuale ¹¹ (p. 53).

¹¹ Uma biblioteca então não é somente uma caixa mais ou menos grande de volumes ordenados de forma variada e exposto em um ângulo apropriado do próprio quarto onde proprietário tem acumulado e conservado no tempo leituras pessoais, já feitas ou por fazer; é também, por assim dizer, uma parte de sua própria personalidade (ou aquela que lhe é incorporada), um prolongamento e uma projeção do eu ao externo, enfim, um dos muitos sinais que contribuem para compor a identidade de um sujeito e a reconstruir a sua psicologia e a biografia intelectual.

Abraham Moles (1978), professor de Psicologia da Universidade de Estrasburgo, diz que o arranjo e a extensão de uma biblioteca particular também são importantes e ajudam a revelar o perfil do seu leitor. O estudo destes aspectos da coleção podem revelar o que o leitor pensa e quais são as suas orientações políticas, seus gostos artísticos ou seus projetos, pois suas escolhas obedecem a um dado esquema de valores. Para Moles (1978), a organização das estantes de uma biblioteca particular reflete o universo pessoal de conhecimentos do proprietário da biblioteca. Tais conhecimentos são devidamente hierarquizados segundo o sistema de valores e interesses de quem os possui. A biblioteca particular é a concretização do esforço do leitor para construir a sua visão de mundo.

Por outro lado, as escolhas do leitor ao formar a sua biblioteca refletem a história intelectual de um período. Mesmo que a biblioteca contenha notadamente traços específicos da personalidade de seu proprietário, ela não deixa de ser influenciada por elementos do contexto vivenciado pelo leitor.

Antonio Cândido (1996) acredita que o estudo de coleções particulares pode revelar a história intelectual ou a formação das mentalidades num dado momento histórico. Segundo ele, a evolução da cultura de um homem se evidencia nos livros que ele leu e, através dela, é possível esclarecer a história intelectual de um período, pois “... a formação de uma biblioteca equivale geralmente à superposição de camadas de interesse que refletem a época através da pessoa” (p. 217).

As bibliotecas particulares constituem, então, um campo profícuo de estudo que pode revelar tanto o perfil intelectual de um certo leitor, como a formação da mentalidade de uma determinada época. É nesse domínio que se inscreve a presente

pesquisa, que também privilegia uma biblioteca particular como objeto de análise. A biblioteca abordada neste estudo, no entanto, apresenta algumas particularidades que já foram apontadas na introdução deste trabalho. Não se trata de uma coleção construída por alguém ou grupo, mas de uma tentativa de reconstrução de um determinado acervo. Essa realidade suscita, de início, uma questão crucial: o estudo de uma coleção com essas configurações é relevante ?

O fato de a biblioteca não ser “original”, ou seja, não incluir somente os livros que pertenceram ao Conde, à Condessa e a seus filhos, como se supunha no início da pesquisa, não implica que ela seja destituída de valor e, sim, que a investigação atingiu o seu objetivo, abrindo novas perspectivas da problemática da pesquisa. A descoberta de um fato não previsto no início de uma pesquisa não implica desistência ou malogro, mas um redimensionamento da mesma, o que sem dúvida contribui para o seu enriquecimento.

Para completar, então, a fundamentação teórica que norteia este trabalho, faz-se necessário tecer algumas considerações acerca da problemática que lhe é inerente. O trecho a seguir objetiva estabelecer um respaldo teórico que instrumente a análise requerida pelo objeto em estudo.

1.4 A problemática da pesquisa: o imaginário na formação do acervo de uma biblioteca

“nihil potest homo intelligere sine phantasmate”

(máxima do aristotelismo medieval)

De acordo com o que foi anunciado na introdução desta pesquisa, constatou-se que a biblioteca aqui considerada não é constituída exclusivamente por obras adquiridas e mantidas por seus primeiros proprietários. Essa coleção, conforme se verá no capítulo cinco, foi construída ao longo de várias gerações e somente nos últimos trinta ou quarenta anos é que se configurou como uma biblioteca, entendida aqui como uma coleção de documentos que guardam entre si alguma relação e que estão acondicionados em um determinado local, obedecendo um projeto, neste caso a reconstrução das leituras dos antepassados que viveram na passagem do século.

É pertinente ressaltar que a (re)construção da biblioteca da família do Conde do Pinhal encontra paralelos na história das grandes bibliotecas. O professor João Alexandre Barbosa, por exemplo, faz referência às bibliotecas reconstruídas em decorrência dos “...ruinosos atos de barbárie que devastavam o mundo, até então, dito civilizado. (...) Às bibliotecas que eram destruídas, ou ameaçadas de destruição, substituíam **bibliotecas ideais** (grifo nosso); à desordem do mundo impunham a ordem dos livros, recuperada pela silenciosa leitura dos cânones clássicos, monumentos perenes da tranqüilidade horaciana” (BARBOSA, 1996, p.21).

Não somente atos de barbárie deram origem a bibliotecas ideais. Algumas vezes, catástrofes contribuíram para o aparecimento desse tipo de biblioteca. O episódio de reconstituição em 1755 da Real Bibliotheca, “alfaia preciosa da Coroa de Portugal” (*apud* PINHEIRO, 2000, p.99), é um exemplo. A biblioteca de D. José foi destruída pelo famoso terremoto seguido de um incêndio. Conforme Pinheiro (2000), a Real Bibliotheca foi recomposta como “um enorme ‘quebra-cabeças’, com peças captadas principalmente por doação e confisco, evidenciando uma possível mobilização nacional e internacional pelo resgate da história cultural da nação portuguesa” (p.100). O Marquês de Pombal foi bastante incisivo em um discurso proferido após o terremoto, no qual convocava outros países a colaborarem na reconstrução da cidade: “Portugal está hoje no cazo d’um Povo nascente (...). Todos os Estados estão **obrigados** (grifo nosso) a suprir a necessidade de Portugal” (*apud* PINHEIRO, 2000, p. 108).

Devido às contingências do pós-terremoto de 1755 e das urgências do Erário Régio Português, não houve condições de se aplicar a censura e os critérios rígidos tradicionais que imperavam na época. Em função disso, a nova biblioteca do rei refletia “o ecletismo erudito da sociedade culta setecentista”. Seu conjunto “era uma explosão de diversidade, digna de um reino europeu, **ideal** e **perfeita**, delineada conforme as escolhas de reis e humanistas que cederam, generosamente, livros e mais livros” (PINHEIRO, 2000, p.101).

O novo acervo foi construído a partir de um ideal, do imaginário do que seria a biblioteca de um rei, o que a princípio não testemunhava a realidade daquele que existia antes do terremoto. A biblioteca reconstruída resultou não em uma reprodução

objetiva da realidade que foi destruída, mas em uma **releitura** do que seria uma biblioteca real. Essas colocações revelam que a questão do imaginário é fundamental para a compreensão ou análise da biblioteca do Pinhal, que à semelhança da Real Biblioteca de Lisboa, foi reconstituída a partir do **imaginário** do que seria uma biblioteca na passagem do século XIX para o século XX.

O imaginário, conforme Reis (1999), “é historiável enquanto dimensão do Homem e da Sociedade, na sua evolução no tempo (p.121)”. Franco Junior. (1998a) ressalta que não apenas o evento histórico oficial deva ser estudado, segundo ele, “o fato de um local, um personagem ou um fenômeno ser imaginário, **não significa que ele não seja histórico. Ao contrário, ele possui uma trajetória e uma função que devem ser estudadas historicamente**” (p. 17-8 - grifos nossos). Uma narrativa ou representação (neste caso, a biblioteca (re)constituída) não é, conforme as palavras de Le Goff (1998), um simples “reflexo deformado” do que seria uma biblioteca real, mas é uma “recriação estética do real”.

O real e o imaginário, conforme Le Goff (1998), foram tratados separadamente pela história, o que resultou em um mutilamento e num empobrecimento do conhecimento a respeito tanto da realidade como do próprio imaginário. Segundo Franco Júnior (1998a), a fronteira entre mundo imaginário e real é arbitrária, pois “naquilo que se chama de sociedade concreta, quase sempre existe um amplo espectro de miragens de uma sociedade considerada perfeita para este ou aquele segmento social” (p.25).

Para Castoriadis (1995),

tudo o que se nos apresenta social-histórico, está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico. Não que se esgote nele. Os atos reais, individuais ou coletivos – o trabalho, o consumo, a guerra, o amor, a natalidade – os inumeráveis produtos materiais sem os quais nenhuma sociedade poderia viver um só momento, não são símbolos. Mas uns e outros são impossíveis fora de uma rede simbólica. (p.142)

Franco Junior (1998a) entende que não existe uma fronteira exata que separe a sociedade real da imaginária. Existe entre elas “uma larga faixa de domínio comum” (p. 15), que deve ser considerada pelo historiador para observação tanto de uma sociedade quanto de outra. Segundo ele, não se pode pretender compreender seja o imaginário ou o fato histórico sem o concurso da outra. Lima (1989) entende que o conceito moderno de história pressupõe uma luta interna entre “os papéis desempenhados pela razão e pela imaginação” (p.117).

O discurso histórico, para os postulantes da nova história, “...é uma reconstituição imaginária do passado feita no presente” (FRANCO JR., 1998b, p.271). Não mais se admite a oposição entre documento/fato/verdade versus ficção/imaginação. Para Lowenthal (1998), por exemplo, “a verdade na história não é a única verdade sobre o passado; cada história é verdadeira em infinitas maneiras, maneiras essas que são mais específicas na história e mais gerais na ficção” (p.134). Os teóricos da histórica têm reconhecido que a história, tal como a literatura, é uma representação do real e “constrói seu discurso pelos caminhos do imaginário” (PESAVENTO e LEENHARDT, 1998, p.12).

Segundo a abordagem de Hayden White (*apud* PESAVENTO e LEENHARDT, 1998), narrativa histórica não é sinônimo do fato histórico, mas um discurso elaborado a partir do “real acontecido” ou “passeidade”. O fato histórico é apreendido através da

narrativa histórica, que é um discurso construído pelo historiador a partir de elementos da passividade, que, em geral, estão registrados em documentos e imagens. Essa reconstituição, elaborada a partir de materiais fragmentários, segundo Lowenthal (1998), é duplamente influenciada, primeiramente pelos aspectos sociais das épocas passadas que a produziram, e depois por dados culturais daqueles que a estão realizando, que na manipulação dessas fontes primárias não estão isentos de seu próprio momento histórico (LOWENTHAL, 1998).

Retomando Franco Junior (1998 b), a história não deve apoiar-se apenas em fontes “oficiais”. Para que se recuperem a complexidade e totalidade de um dado momento histórico, devem-se considerar a “realidade vivida externamente” e a aquela “vivida oniricamente”. Segundo ele, ambas se complementam e “constroem, juntas, os comportamentos coletivos, o suceder dos eventos históricos” (p.17).

Somente nas últimas décadas, segundo Le Goff (1998), é que a história do imaginário vem ganhando espaço cada vez maior no domínio do saber histórico. Um crescente número de historiadores tem reconhecido que “as imagens, as representações, as sociedades imaginárias são tão reais quanto as outras, ainda que de maneira diferente, segundo uma outra lógica, uma outra consistência, uma outra evolução” (LE GOFF, 1998, p. 8).

Segundo Baczko (1991),

é por meio do imaginário que se podem atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades esboçam suas identidades e objetivos. O imaginário social se expressa por ideologias e utopias, que se materializam em símbolos, alegorias, rituais e mitos. Através dessas textualizações, erigem-se visões de mundo, modelam-se condutas e estilos de vida, em movimentos contínuos ou

descontínuos de preservação da ordem vigente ou de introdução de mudanças (p.64).

Alguns autores consideram a própria **biblioteca** como uma representação da memória e do imaginário de uma sociedade. Para Jacob (2001), por exemplo, “... toda biblioteca dissimula uma concepção implícita da cultura, do saber e da memória, bem como da função que lhes cabe na sociedade de seu tempo” (p.10). Ela exerce também um papel importante na busca pelo ambiente cultural de um dado momento histórico:

O poder das bibliotecas reside, enfim, em seu papel crucial na transmissão da cultura e dos saberes. As bibliotecas são os lugares da continuidade, mas também das rupturas da tradição. A vocação universalista da biblioteca de Alexandria é indissociável dos processos de seleção e de recapitulação do conhecimento: a história das bibliotecas é também a história do que uma sociedade, as instâncias de poder, um meio intelectual decidem transmitir (p.15).

A biblioteca do Pinhal pode então ser encarada como uma **representação** das idéias e das preferências de leituras preponderantes na passagem do século XIX para o século XX. Martins (1990), ao refletir sobre a sua pesquisa a respeito dos gabinetes de leitura de São Paulo do final do século XIX, refere-se à necessidade de uma “nova leitura” dos monumentos-documentos, no caso os bens culturais e os gabinetes de leitura, percebendo-os como “suporte de representações, produto e vetor de relações sociais” (p.1). Segundo Chartier (1990), a representação pode ser entendida como sendo o “relacionamento de uma imagem presente e de um objeto ausente, valendo-se aquela por este, por lhe estar conforme” (p. 21).

Esta característica não é exclusiva da biblioteca do Pinhal. O professor João Alexandre Barbosa (1996), por exemplo, ao discorrer sobre a formação de um cânone nacional, afirma que “...em quase todos os esboços de história literária, com mais ou

menos peso em cada caso, a supremacia era sempre a da **representação**” (p.29 - grifo nosso). Segundo ele, na elaboração do cânone da literatura brasileira, os estudiosos românticos, embora não fugissem dos autores e das obras tidas como “canônicas”, “procuravam ajustar aqueles conceitos a uma representação que desse conta dos anseios nacionalistas” (p.28-9).

Sendo a biblioteca do Pinhal o resultado da seleção de autores e obras realizada no século XX a partir de uma visão idealizada do que teria sido uma biblioteca da segunda metade do século XIX, ela faz as vezes de um cânone sobre o tema de que trata. Essa associação entre cânone e a biblioteca é realizada também pelo professor João Alexandre, que, nesse mesmo ensaio, utiliza a expressão “biblioteca imaginária” como “metáfora para o cânone do tempo que virá” (1996, p.58).

Tal como as bibliotecas “reais”, a biblioteca do Pinhal possuiu limites e arbitrariedades que seguem um determinado projeto, conforme ressalta Jacob (2001):

A biblioteca é um lugar, uma instituição. É o cruzamento paradoxal de um projeto utópico (fazer coexistir num mesmo espaço, todos os vestígios do pensamento humano confinados à escrita) com as restrições técnicas, ergonômicas, políticas de conservação, de seleção, de classificação e de comunicação dos textos, das imagens e, hoje, dos sons. É também, e simultaneamente, um desígnio intelectual, um projeto, um conceito imaterial que dá sentido e profundidade às práticas de leitura, de escrita e de interpretação. Enfim, é uma coleção de livros, o efeito resultante de sua justaposição e interação (p.10).

Assim, semelhantemente ao que ocorreu com a nova Real Bibliotheca de D. José I, que era mais ampla e rica do que tinha sido a original, a coleção da família Botelho reconstituída por seus descendentes é, provavelmente, superior à coleção do Conde e da Condessa em preciosidade dos títulos e autores nela incluídos, mas principalmente pelo conjunto das obras ali reunidas. A atual biblioteca da fazenda

Pinhal é também expressão de “saberes descontínuos e ilimitados, irregulares, incontrolados, infinitos” (PINHEIRO, 2000, p.100). O conjunto de sua coleção tenta resgatar, em pleno século XXI, o imaginário de leitura da passagem do século XIX para o século XX. Este consiste um dos principais fatores da valorização desse acervo singular e instigante.

No acervo de uma biblioteca, no entanto, é possível verificar não somente as idéias que preponderavam em um dado momento, mas também as suas contradições e rupturas: “O imaginário das bibliotecas é atravessado por tensões contraditórias, representações e valorizações antitéticas dos saberes. É um espaço de confronto, de sonhos e pesadelos, onde vêm se inscrever as angústias e esperanças de uma época, e também suas contradições e confusões” (GOULEMOT, 2000, p.270).

O acervo existente na fazenda Pinhal pode ser considerado como legado tangível do passado e, como tal, possui suas limitações. Conforme Lowenthal (1998), “as relíquias nos oferecem apenas conjecturas sobre comportamentos e convicções; para demonstrar reações e motivos do passado, os artefatos precisam ser ampliados por relatos e reminiscências” (p.156). Além de serem “mudas”, as relíquias também são estáticas e exibem “apenas momentos suspensos no tempo” (p.157), e o “passado lembrado e registrado pode transmitir o sentido de passagem pelo tempo. (...) Memória, história e fragmentos oferecem caminhos para o passado que se percorrem melhor quando combinados” (p.166).

Nessa perspectiva, a presente pesquisa não se restringe à análise do acervo da referida biblioteca. Também foram verificados documentos da família e realizadas entrevistas que complementaram, de forma essencial, os dados sobre a biblioteca. Por

meio dessas análises, pode-se verificar que a coleção da fazenda Pinhal contém alguns elementos do real, ou seja, livros que pertenceram aos membros da família Arruda Botelho, e também elementos do imaginário, constituídos por obras adquiridas recentemente, mas que supostamente pertenceram ao universo de leitura do período em questão. A biblioteca está sendo estudada como uma representação do universo de leitura da elite da passagem do século XIX para o século XX.

Percebe-se, então, que esta pesquisa lança-se à investigação de uma realidade ainda não abordada comumente nos estudos sobre história da leitura, pois se atém a um acervo com características peculiares. A biblioteca aqui estudada é composta dos vestígios, das leituras e das preferências de seus antigos proprietários e também de novas inclusões de obras que poderiam pertencer aos mesmos indivíduos, segundo a visão contemporânea do que seria essa realidade.

Neste capítulo foram delineados os aportes teóricos da pesquisa, bem como a problemática que a caracteriza. O capítulo seguinte abordará o contexto sociocultural da passagem do século XIX para o século XX, período em que viveu o Conde do Pinhal e provavelmente foi iniciada a biblioteca em estudo.

2. Aspectos socioculturais do Brasil na passagem do século XIX para o século XX

*“El pasado
Los guarda en ese círculo vedado
Que a un tiempo abarca el véspero y la
aurora”*

(Jorge Luís Borges)

Os estudos sobre a história das bibliotecas desde as épocas mais remotas até o final do século XX têm demonstrado que os fatores socioculturais de cada período interferem decisivamente na criação ou na destruição delas. Especialistas da área, entre eles Darnton e Chartier, recomendam que as pesquisas sobre o tema considerem esse aspecto. Para se construir a história da leitura de uma determinada comunidade ou período, é necessária a identificação de determinações que resultam em gestos, maneiras de ler e preferências de leitura. O presente capítulo, então, irá abordar as condições socioculturais do período em que viveram os patriarcas da família Botelho e em que, supõe-se, foi iniciada a construção da coleção em estudo.

2.1 O Brasil na passagem do século XIX para o século XX

*“Mirar el rio hecho de tiempo y agua
Y recordar que el tiempo es otro rio,
Saber que no perdemos como el rio
Y que los rostros pasan como el agua*

(Jorge Luis Borges)

A segunda metade do século XIX foi marcada por grandes transformações econômicas, sociais e culturais no Brasil. O cenário agrícola era predominante em todo o Império. Havia poucas cidades e a maior parte da população vivia nas áreas rurais. A população urbana do país ao longo do século XIX não chegou a um décimo do número total de habitantes. A cidade do Rio de Janeiro, conforme Needell (1993), era bem distinta, embora a distância entre “sua urbanidade e as rudes tradições do campo e do passado colonial” (p. 43) fosse pouco significativa.

Entre tantos fatores que impulsionaram o desenvolvimento do Império, e em particular das zonas urbanas, foi a proibição do tráfico de escravos em 1850 que trouxe as consequências mais significativas (SCHWARCZ, 1999). O capital antes investido no tráfico foi aplicado na infra-estrutura do país, o que resultou na melhoria da qualidade de vida principalmente dos membros da elite e, acima de tudo, nos transportes ferroviários.

A extinção do tráfico coincidiu também com alta do café nos mercados internacionais, o que rendeu grandes dividendos para o país. Nos primeiros anos da década de 1840, a venda do café ainda era deficitária, mas em dez anos tornou-se um produto extremamente lucrativo. Com a maior disponibilidade de recursos, a receita geral

do império saltou de 16:310:571\$000, no ano de 1840, para 48:343:182\$000, em 1862 (SCHWARCZ, 1999, p.102). Esse período ficou conhecido como “a era Mauá”, pois esse empresário investiu grandes somas na área financeira e industrial, e também como “a era da estrada de ferro” devido ao grande desenvolvimento na área.

Os efeitos dessa prosperidade puderam ser sentidos de forma mais contundente na cidade do Rio de Janeiro, com os investimentos na área de urbanização e na expansão do comércio (SCHWARCZ,1999; NEEDELL, 1993). O fortalecimento do comércio do café e da monarquia atraiu empresários e o Rio passou por diversas melhorias.

Figura 01: Panorama do Rio de Janeiro, Victor Frond, 1861



Fonte: História da vida privada no Brasil, v.2

Foram construídos palácios majestosos, edifícios monumentais e amplas avenidas, além de outras melhorias como a arborização (a partir de 1820), telégrafo (1852), calçamento de paralelepípedo (1853) e a iluminação a gás (1854). Houve o início da implantação de transportes coletivos locais, com barcos a vapor e veículos puxados por burros e a instalação da primeira ferrovia da América do Sul. Foram adotadas medidas de saneamento, como a coleta de lixo e a implantação de um sistema de esgotos. Essas providências tornaram a cidade atrativa, propiciando o aumento da população e a convivência social (veja figura 01).

O comércio também foi afetado, principalmente aquele voltado para as elites. As lojas de artigos finos na rua Direita proliferaram-se e alcançam a rua do Ouvidor. Ali estabeleceram-se modistas franceses, floristas, joalheiros, cafeterias, confeitarias e restaurantes. “Completavam o glamour da corte as livrarias Garnier e Irmãos Laemert” e as casas de banho (SCHWARCZ, 1999, p.107).

A vinda de imigrantes europeus também contribuiu para o desenvolvimento dos núcleos urbanos. Os imigrantes foram trazidos de diferentes países para suprir a falta de mão-de-obra, que se tornou escassa após a abolição da escravidão. Porém, assim que podiam, eles abandonavam a lavoura, onde viviam em condições precárias, e se estabeleciam nas cidades. Lá passaram a exercer atividades variadas, que iam desde o comércio de atacado até o artesanato, aumentando o setor assalariado e o mercado interno (COSTA, 1977, p.194).

Na passagem do século, o Rio ampliou a sua importância enquanto centro administrativo, comercial, financeiro e industrial da República, e por isso a estrutura da cidade requeria reformas urgentes (NEEDELL, 1993). Pereira Passos, que tinha uma

formação parisiense, assumiu a prefeitura da cidade e liderou as mudanças para “aformosear” a cidade, tendo como modelo as reformas realizadas por Haussmann em Paris. Esse “afrancesamento” do Rio de Janeiro tornou-se uma característica da *belle époque* carioca (NEEDELL, 1993).

A maior parte da população desse período, no entanto, ainda permanecia no campo. O contingente urbano não variou muito ao longo do século. Em 1823 representava 8,79% da população total; em 1872, 10,41% e a dez anos da virada do século, 9,54%. Acrescente-se, ainda, o fato de que aproximadamente 50% da população urbana concentrava-se em apenas três capitais: Rio de Janeiro, Salvador e Recife. “Percebe-se, portanto, ao mesmo tempo, a importância da corte como centro irradiador, mas também seu caráter de exceção” (SCHWARCZ, 1999, p.117), pois a maior parte do Império ainda continuava isolada, imersa no esquecimento.

No campo das idéias, verifica-se que o século XIX é marcado pela tentativa da construção da nacionalidade do país. Na Europa, esse projeto de identidade nacional foi desenvolvido nas universidades, onde havia a competição entre os intelectuais e se travavam acirrados debates. No Brasil, havia a urgência de resultados, que não podiam aguardar o surgimento de um contingente intelectual que realizasse essa tarefa, e o interesse do Governo Imperial era imprimir a sua marca nesse processo. Assim, foram criadas instituições ligadas à cultura e à ciência com o propósito de executar o projeto de construção de uma identidade nacional (GUIMARÃES, 1988). Para Ferreira (2000), as iniciativas de “civilização” e modernização do império são “sobretudo uma tentativa

de constituir, num procedimento caro às práticas ilustradas, uma política cultural destinada a definir na nação, então recém-independente, uma alma” (p. 317).

A figura do Imperador D. Pedro II era a própria encarnação do projeto. Era um leitor contumaz e vivia rodeado de livros. Suas leituras eram bastante variadas, incluíam, por exemplo, a literatura, a história e a lingüística. Traduzia textos clássicos e escrevia versos. Interessava-se, de modo especial, pelas ciências. Ele chegou, por exemplo, a fazer pesquisas na área de Astronomia no Observatório do Rio de Janeiro por meio das quais descobriu uma estrela. Segundo Gobineau (*apud* READERS, 1997), ele era considerado como um dos mais inteligentes e eruditos monarcas da época. Além disso, investia nas artes e nas ciências.

Entre as várias instituições criadas nesse período, estão: o Museu Nacional, o Arquivo Público, a Academia Imperial de Belas Artes e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). O Monarca, que tinha interesse pessoal por essas áreas, acompanhava de perto as atividades dessas instituições. A Academia de Belas Artes foi criada em 1826, porém só se firmou durante o seu reinado, com o investimento de fundos de ordem pública e doações pessoais de dinheiro, livros e obras de arte. Ele também participou efetivamente dos trabalhos como membro, comparecendo sempre que possível às reuniões e presidindo várias delas. Para incentivar novos intelectuais, eram realizadas exposições e a distribuição de insígnias aos artistas de maior destaque. A partir de 1845, D. Pedro também passou a custear o Prêmio Viagens, que era aberto anualmente e financiava um pensionato no exterior durante o período de três anos. O pintor Almeida Júnior foi um dos agraciados com esse prêmio como se verá adiante. Essas ações lhe valeram a alcunha de “rei mecenas” (SCHWARCZ, 1999).

O IHGB, inaugurado em 1838, era inspirado no *Institut Historique* e tinha como principais objetivos a construção da história nacional, tendo em vista o fortalecimento da monarquia, do Estado e a unificação do Império (SCHWARCZ, 1999). O paradigma que norteou os trabalhos do Instituto, no entanto, foi o de nação como o desdobramento de uma “civilização branca e européia” nos trópicos (GUIMARÃES, 1988), o que excluía o negro e o índio. Seus membros eram oriundos da “boa elite” da corte (SCHWARCZ, 1999), conforme o modelo das academias ilustradas européias do século XVII e XVIII.

O IHGB foi o berço do movimento romântico da década de quarenta e, a partir de cinquenta, firmou-se como um importante centro irradiador da vida intelectual da época em várias áreas, por exemplo, as artes e a ciência. Os produtos gerados por essas entidades e associações (obras de arte e publicações) faziam parte do universo de fruição dos membros da elite. Eram temas de debates nas reuniões, nas próprias academias e associações. Eles também podiam ser encontrados em coleções particulares e institucionais como se verá mais adiante. Conseqüentemente, havia uma homogeneização da visão da elite sobre o Brasil, uma vez que não havia outras instituições que contestassem essa produção.

Por outro lado, não havia um sistema escolar público que garantisse sequer a instrução básica para a maioria da população. No Segundo Império, a educação estava a cargo das províncias, que alegavam não dispor de verbas suficientes para oferecer o ensino público e gratuito a todos. Além disso, o investimento na educação pública era considerado por muitos como um “desperdício de dinheiro e contrário aos interesses nacionais” (MANOEL, 1996, p.23). Tal contingência contribuiu para que a educação

se tornasse um elemento de distinção de classes. A privatização do ensino era defendida pelas autoridades públicas e foi inclusive subvencionada pelo governo das províncias. Ao considerar a origem de grande parte das escolas, dos professores e dos textos didáticos, Needell (1993) conclui que a instrução em meados do século XIX “seguia a receita da França da Restauração: humanista, conservadora e católica” (p.75).

A poucos era dada a oportunidade de ter acesso à educação. Durante o período da monarquia e início da República ela era restrita a uma minoria. Os viajantes estrangeiros em visita ao Brasil ficaram chocados com a situação do ensino. Entre os vários registros a respeito, pode-se destacar o seguinte:

É deplorável a condição da instrução primária no Brasil. Considerando a população livre de mais de sete milhões, existe uma escola para cada 1.356 habitantes, o que está longe de satisfazer as necessidades de uma população dispersa num território enorme e separada por grandes distâncias (ANDREWS, 1887 *apud* LEITE, 1984, p.84).

Os filhos de fazendeiros abastados, grandes comerciantes, homens de negócios, burocratas do alto escalão e profissionais bem sucedidos, por sua vez, eram educados primeiro em casa, pelos pais ou tutores (em geral, europeus). Ao atingirem a idade adequada seguiam para os colégios privados, que eram inspirados nos padrões do Velho Mundo. O “Colégio Pedro II” é o mais representativo da educação secundária para meninos da elite abastada desse período. Criado em 1837, foi pautado na pedagogia européia e em particular na francesa, seguindo a tendência do governo brasileiro, a partir dos anos 30, de “civilizar” o império, adotando modelos europeus, e, por conseguinte, franceses (FERREIRA, 2000).

O Colégio Pedro II era a principal porta de entrada para os estudos superiores e garantia o diploma de Bacharel em Letras. O próprio Imperador acompanhava de perto

os trabalhos e visitava periodicamente as aulas. As demais escolas do Império também adotavam em seus currículos autores clássicos, sobretudo franceses.

Os rapazes da elite recebiam uma formação necessária para ser um cavalheiro europeu e eram preparados para assumir funções burocráticas ou políticas. Eram também incentivados a continuarem seus estudos em uma faculdade, sendo o curso de Direito um dos mais valorizados. Conforme Adorno (1988), a constituição do Estado Nacional demandou a “autonomização cultural” e a burocratização do aparelho estatal. Pretendia-se estender o controle burocrático sobre todas as atividades do Estado.

A viabilização da primeira condição foi alcançada através do estabelecimento de entidades específicas, conforme foi descrito anteriormente. A segunda, por meio da criação de cursos superiores para formação de um grupo que ocupasse os cargos burocráticos do governo, antes dominados por militares e magistrados formados, em sua maioria, em Coimbra.

Schwarcz (1999) salienta que, durante o Segundo Império, a qualificação de bacharel implicava não apenas em um grau de instrução, mas principalmente em um “capital simbólico”. Esse grupo dispunha apenas de um capital social, ou seja, de um nome de batismo respeitável, muitas vezes acrescido de um título nobiliárquico. O título de “doutor” afirmava a sua posição entre a elite ilustrada. Segundo as palavras de Carvalho (1981), os bacharéis constituíam “uma ilha de letrados no mar de analfabetos” (p.51). Conforme o censo de 1872, apenas 16% da população era alfabetizada e o número de pessoas com curso superior era ainda mais restrito. Entre os membros masculinos da elite, no entanto, esse índice era significativo.

É interessante destacar também que a formação desses bacharéis era uma homogênea em termos de conhecimentos e habilidades. Ainda que qualquer pessoa com diploma de curso superior pudesse portar o título de bacharel, a formação desses indivíduos concentrava-se na área de Direito, mais especificamente nas faculdades de São Paulo e da Olinda, que seguiam um controle rígido do Estado sobre o currículo e o quadro de professores. Essa situação promovia uma uniformização na formação de estudantes oriundos de várias partes do país, formando vínculos de amizade que se refletiriam mais tarde em cargos e alianças políticas (CARVALHO, 1981).

Esses cursos de Direito, no entanto, raramente formavam grandes juristas. Segundo Adorno (1988), eles eram celeiros de um “mandarinato imperial”. Por lá passaram, por exemplo, Joaquim Nabuco, Afonso Pena, Rui Barbosa e Rodrigues Alves. Todos ocuparam cargos públicos de liderança no Império e mais tarde na República. Os bacharéis eram predominantes também nos cargos públicos. Apenas 17% dos políticos não tinham curso superior (BARMAN, 1984 *apud* FERREIRA, 2000). O estudo realizado por Barman revelou que dois terços dos senadores e ministros de Estado eram formados em Direito e, dentre os demais, metade era formada em medicina. O restante, em engenharia ou outros cursos superiores.

Aqueles que não conseguiam ocupar um cargo público, que era escasso e bastante disputado, envolviam-se com outras atividades intelectuais como o jornalismo, a literatura e a organização de associações de manifestações culturais e maçônica. Era desejável, porém, aliar as atividades literárias e aos cargos públicos, pois então podiam dedicar-se com tranquilidade financeira às letras. Além disso, muitos dos bacharéis, que eram oriundos da elite agrária, já não possuíam a fortuna da

família ou não se interessaram em dar continuidade às atividades de cultivo da terra. Assim, eles voltavam-se para atividades relacionadas à cultura.

O envolvimento dos bacharéis com entidades de cunho cultural também foi fruto de um outro aspecto levantado por Adorno (1988), o intenso envolvimento dos bacharelados com atividades culturais e associativas durante os estudos. A formação desses indivíduos não se restringia ao currículo adotado pelas faculdades. Os institutos acadêmicos e de jornalismo exerceram um papel fundamental na complementação da formação dos acadêmicos: “Nos institutos e associações acadêmicos os estudantes não só participavam de debates sobre assuntos nacionais, locais e mesmo cotidianos, além daqueles pertinentes à academia, como também articulavam alianças entre grupos partidários e promoviam campanhas” (ADORNO, 1988, p.157).

As atividades literárias e musicais também estavam incluídas nas agremiações estudantis, forjando um traço marcante no perfil do bacharel: “a atração pelo saber ornamental, o culto à erudição lingüística e o cultivo do intelectualismo.” (idem)

Ao analisar a produção intelectual dos bacharéis desse período, que era somente em parte voltada para o saber jurídico, Adorno (1988) verificou uma intensa atenção para com a literatura. Esse fenômeno, segundo ele, resultou da premência da construção dos “fundamentos morais da elite” (p.154). Nesse sentido, Lima (1989) considera que o movimento romântico, e posteriormente o realista, tiveram como origem a necessidade de oferecer uma nova legitimação à arte, que após o século XVII passou a ser encarada como um bem anônimo, destinado a um mercado.

Na capital, esse contingente reunia-se na rua do Ouvidor e criava entidades associativas. Essas associações eram o reduto dos bacharéis que utilizavam esses locais

para propagar projetos cultivados desde os bancos acadêmicos. Elas “espelhavam a sociedade de transição, onde os pares se aproximavam e passavam a desempenhar papéis de interesse para o grupo ao qual estavam afetos” (MARTINS, 1990, p.142). Seus membros eram predominantemente representantes da camada média urbana, cuja qualificação maior era o “ser alfabetizado”, e o que era mais raro, “ser letrado”. Tratava-se para a época de atributo altamente cortejado, sinal distintivo de classe, marcando nitidamente “a diferença entre a pequena casta privilegiada e a massa ignorante” (COSTA, 1967 *apud* MARTINS, 1990, p.142).

Algumas figuras da literatura brasileira destacaram-se nesse contexto. Machado de Assis, por exemplo, era assíduo freqüentador das livrarias da rua do Ouvidor. Um jovem poeta da época recorda a constante presença do autor no local:

Machado de Assis jamais falta ao ponto da Garnier, como ao da repartição onde trabalha. É figura regular na livraria. Quando ela entra, rompendo a curva angusta da “Sublime-Porta”, que outra não é senão a de arco monumental que dá ingresso à livraria, derrubam-se os chapéus, arqueiam-se espinhaços: - Mestre! E, logo, rostos de todos os lados, que se voltam para lhe ver a figurinha frágil, cerimoniosa e agitada... (EDMUNDO, 1957 *apud* NEEDELL, 1993, p.263)

Olavo Bilac também era uma figura representativa da boemia literária da *belle époque* brasileira. Passou por duas escolas superiores, a de Medicina e de Direito, mas dedicou-se mesmo à literatura. Freqüentava a rua do Ouvidor, onde mantinha contato com vários outros literatos e aspirantes. Atuou em vários cargos públicos, que lhe garantiam parte do sustento, mas teve que dedicar-se também à publicação em periódicos, atividade de que muito se ressentia por ter que “sacrificar” sua obra para cumprir os prazos. Era uma figura respeitada na sociedade carioca.

Coelho Neto também era um personagem típico dessa época. De início, teve uma trajetória semelhante à de Bilac. Passou pelas escolas de Medicina e Direito, mas não as concluiu. Também freqüentava a rua do Ouvidor e casou-se com Maria Gabriela Brandão, filha do Ataulfo Paiva. Os contatos familiares garantiram-lhe diversos cargos públicos, o que possibilitava a sua dedicação à literatura. Ele comandava um famoso salão por onde passavam pintores, músicos, além pessoas ligadas à política e celebridades. A obra de Coelho Neto, segundo Needell (1993), é “uma expressão magnífica da literatura da *belle époque*” brasileira. Seguiu as tendências francesas da época, sua obra era voltada para o gosto do público e de escrita “fácil”.

Outro membro dos mais representativos da *belle époque* carioca é (Luis Gastão d’) Escragnolle Dória, sobrinho de Alfredo Taunay. Segundo Needell (1993), ele era filho de família influente e de recursos, requisitos importantes aos candidatos a intelectual na época. Seus familiares empenhavam-se na “europeização material e cultural” do Rio de Janeiro. Dória escreveu sobre a história financeira do Brasil, foi professor do Colégio Pedro II e da Faculdade Livre, mas destacou-se na literatura. Colaborou nas revistas **Brazileira**, **A Semana**, **Gazeta de Notícias**, **O Paiz**, **Kósmos** e **Rua do Ouvidor**, que são algumas das mais elegantes da época, com traduções e peças literárias. Junto a elas oferecia notas biográficas e críticas dos autores, o que contribuía para a orientação dos leitores e formentava as conversas dos salões dos quais era assíduo freqüentador. O acervo da Biblioteca da fazenda Pinhal possui um exemplar da obra de Escragnolle Dória, o que é bastante significativo, pois o autor é um personagem de destaque da segunda metade dos oitocentos conforme a proposta da formação da Biblioteca apontada por Carvalhosa.

Fora da corte, Martins (1990) verificou a presença desses bacharéis na organização de entidades culturais como lojas maçônicas, gabinetes de leitura e demais associações culturais no interior das províncias, em particular de São Paulo.

As moças, por sua vez, tinham no início do século pouca oportunidade de instrução, pois isso era considerado desnecessário e mesmo não recomendável, segundo a visão da Igreja Católica. Os pais e maridos eram os principais interessados na falta de instrução da mulher, pois temiam que uma suposta independência facilitasse a correspondência com amores clandestinos e o contato com leituras perigosas.

A falta de instrução era uma forma de preservar a pureza daquelas que mais tarde assumiriam as funções de mãe e esposa. A elas bastava que soubessem o suficiente para ler obras de devoção. Cronistas e viajantes que passavam pelo Brasil espantavam-se com a falta de instrução das brasileiras. “Hoje ainda (1953) a educação de uma brasileira está completa, desde que saiba ler e escrever corretamente, manejar o chicote, fazer doces e cantar acompanhando-se ao piano, num romance de Arnaud ou de Luiza Puget” (EXPILLY, 1853 *apud* LEITE, 1984).

Nota-se que a instrução da mulher urbana era restrita aos rudimentos da leitura e da escrita, e que fora da corte predominava a ignorância entre mulheres e homens. É provável que estes soubessem ao menos escrever e ler para poderem realizar os seus negócios.

Segundo esses viajantes, as mulheres não eram encorajadas a ler algo mais do que o livro de rezas, do qual deveria saber algumas preces de cor. A escrita lhes era negada. Elas eram incentivadas a desenvolver as prendas domésticas, por exemplo,

saber bordar, fazer rendas, tocar piano e saber um pouco de francês. Esta preocupação com o ócio da mulher tinha uma razão específica: “O trabalho manual (...) sempre foi recomendado às mulheres pelos moralistas (...) como forma de se evitar a ociosidade e conseqüentemente os maus pensamentos e ações” (SOUZA, 1997, p.197).

A criação das Escolas Normais, a partir de 1835, em várias cidades do Império, tornou-se uma oportunidade de instrução das mulheres e de propiciar a sua vida profissional. Durante as primeiras décadas de existência, segundo Heller (1991), essas escolas não obtiveram muito sucesso, pois a instrução não era vista como meio de ascensão social principalmente para a mulher, o que só iria acontecer mais tarde.

Em meados do século, a mulher começou a ser encarada como formadora de futuros cidadãos, segundo a visão burguesa. Nesse período houve também uma intensificação da vida social nas cidades. Tais fatores exigiram uma formação um pouco mais ampla para as mulheres (ALMEIDA, 1998). A partir de então, tornou-se necessário que elas “soubessem ler, escrever, conversar, que conhecessem, ao menos por informação, um pouco do mundo situado além dos muros de suas casas e das paredes da paróquia mais próxima” (MANOEL, 1996, p.22).

Mesmo assim, a educação permaneceu restrita àquelas de famílias mais abastadas devido à falta de uma estrutura educacional pública gratuita. As oligarquias vigentes resolveram o problema com a contratação de professores brasileiros e estrangeiros que ministravam aulas nas residências. Poucas mulheres freqüentavam aulas para pequenos grupos organizados por estrangeiros ou se matriculavam nos colégios internos de freiras, que eram extremamente seletivos. O *Collège de Sion*, por exemplo, era tido como o predileto da elite (NEEDELL, 1993). Outras eram enviadas

ainda para escolas em conventos franceses. Lamberg (1887 *apud* LEITE, 1984) descreve o tipo de educação que era oferecida às mulheres, de acordo com o seu nível socioeconômico:

As filhas das classes médias aprendem a ler e a escrever ou em alguma escola pública, ou em algum colégio, onde se acostumam também fazer alguns trabalhos manuais finos. (...) Assim que conseguem pronunciar algumas frases em francês e arranhar piano, está terminada sua educação ...

As filhas das classes abastadas, isto é, dos fazendeiros ricos, dos altos funcionários públicos, dos grandes negociantes, advogados, etc., são freqüentemente enviadas ao *Sacré Coeur* de Paris para serem educadas, ou, na maioria, aos conventos que por aqui há semelhantes a esses. ...

A rapariga das classes mais baixas do povo, que só em casos raríssimos aprende a ler e a escrever, cresce em absoluta liberdade... (p. 85-7).

Renault (1986 *apud* LAJOLO e ZILBERMAN, 1998) faz a seguinte descrição da situação da educação brasileira às vésperas da proclamação da República: no ano de 1882 há uma escola para cada 1.356 habitantes e que a matrícula geral é de 321.449 alunos para uma população em idade escolar de 1.902.454 crianças, o que corresponde a apenas 17 % dos alunos potenciais.

Com a mudança de Governo, o projeto de educação nacional ganha vulto. A Secretaria de Estado dos Negócios da Instrução Pública realizou uma reforma educacional em todos os níveis. O colégio Pedro II, que então passou a ser chamado de “Ginásio Nacional”, e a “Escola Normal de Distrito Federal” foram reorganizados e passaram a adotar os princípios do positivismo, tendência filosófica dominante no pensamento republicano. Porém, um ano depois dessas modificações, a Instrução Pública foi transferida para o Ministério do Interior e Justiça e os problemas existentes permaneceram inalterados até a década de 1930. Os esforços empreendidos no final do

século XIX em prol da educação deram resultados principalmente na capital do Império. Analisando os dados censitários, Moraes (1996) verificou um aumento significativo no número de pessoas letradas na cidade do Rio de Janeiro, que saltou de 99.485 para 270.330 entre 1872 e 1890, o que corresponde a um aumento de 172 % dentro do período mencionado, superando inclusive o número de pessoas analfabetas, que em 1890 era da ordem de 252.321. Moraes (1996) conclui, a partir desses dados, que o Rio de Janeiro era uma “sociedade em busca do letramento” (p. 33).

As oportunidades de estudo para as mulheres, no entanto, pouco se alteraram. Durante os primeiros anos da República, a Escola Normal, que foi criada para a formação profissional de educadores, ainda “constituía-se numa das poucas oportunidades de socialização e continuação dos estudos pela mulher” (HELLER, 1991, p.2).

A porcentagem de pessoas alfabetizadas pouco variou neste período: de 24% em 1900 para 25 % em 1920. Heller (1991), porém, chama a atenção para o fato de que a campanha de alfabetização empreendida pelos republicanos parece ter surtido mais efeito junto à população feminina, pois enquanto a taxa de homens alfabetizados diminuiu de 15,9% para 14,6%, entre 1900 e 1920, o número de mulheres alfabetizadas durante o mesmo período teve um pequeno acréscimo de 9,8% para 9,9%.

Nagle (1976 *apud* GOMES, 1983) levantou os índices de crescimento das escolas de instrução primária ao longo da década de vinte e verificou que houve um aumento de 65,73% das escolas públicas e 9,14% das escolas particulares para este seguimento, o que demonstra a preocupação republicana em garantir à população ao

menos a instrução básica. Já no ensino secundário, as escolas particulares eram predominantes e atendiam 88,94% da clientela, o que também acontece no ensino superior, no qual há sessenta e uma escolas particulares e apenas vinte e sete governamentais, entre federais, estaduais e municipais.

Feitas essas colocações a respeito das principais transformações socioculturais ocorridas no Segundo Império, um outro aspecto referente a esse período se faz relevante para este trabalho: o processo de nobilitação no Brasil. O conhecimento dos mecanismos de acesso aos títulos nobiliárquicos brasileiros é pertinente devido ao fato de os primeiros proprietários da biblioteca em estudo terem ostentado títulos de nobreza. Assim, tal questão será abordada a seguir.

2.2 O processo de nobilitação no Brasil

*“Outrora, outrora
Fui feliz, embora
Só hoje saiba o que fui.
E este que fui e sou,
Margens, tudo passou
Porque flui”.*

(Fernando Pessoa)

A concessão de títulos de nobreza ganha destaque, conforme Schwarcz (1999), a partir do período moderno, quando a nobreza tornou-se um “adorno dos reis”. O monarca era sobretudo um “objeto ritual”, marcado pelo “elevado grau de artifício, por

determinada ética que se articula a uma estética particular” (p.30). Segundo a autora, os monarcas dos séculos XVII e XVIII se fazem cercar de um aparato extraordinário, “... palácios para alojar sua corte, seus ministros, suas amantes; avenidas para fazer desfilar suas carruagens e seus guardas; teatros para divertir-se... Como um grande simulacro, o direito divino do príncipe se inscreve por meio deste cerimonial” (p.31). A corte, então, era uma peça fundamental deste cenário.

O modelo de sociedade aristocrática adotado pelo Brasil, segundo Mattoso (2001), era inspirado no modelo português, mas com certas adaptações. Conforme Gobineau (*apud* READERS, 1997), a corte brasileira em nada lembra a ‘brilhante, e por vezes enganosamente luxuosa, de S. M. Napoleão III’ (p. 57). A corte aqui era diminuta em comparação às européias. Gobineau relata, por exemplo, que o número de damas de honra da Imperatriz consistia apenas de três senhoras e que elas tinham idade “canônica”. Os fidalgos, por sua vez, só iam ao Paço a serviço e não eram numerosos o bastante para constituir uma classe nobiliárquica (MATTOSO, 2001). Segundo Schwarcz (1999), ela era ainda “muito marcada pelas cores e costumes africanos” (p.116).

A concessão de títulos de nobreza em terras brasileiras remonta ao século XVI, mas as prerrogativas para a sua obtenção variaram conforme a época, como o ressalta Freyre (1968) no trecho transcrito a seguir:

O que a nossa formação tem tido é forma aristocrática dentro da qual vêm variando substâncias ou conteúdos de raça, de classe e de região, ora exaltando-se como nobre o branco..., ora o caboclo...; ora glorificando-se o senhor de engenho, isto é, da região da cana, ora o fidalgo de sobrado, isto é, da região ou área urbana...; ora fazendo-se d açúcar o artigo-rei da economia nacional, ora transformando-se esta majestade para o café (FREYRE, 1968, p.378).

O ato de concessão dos títulos muitas vezes fazia parte das comemorações de alguma ocasião especial, tais como ‘o aniversário de S. M. Imperial’, “dia da sagração e coroação de S. M. I.”, “por motivo da chegada da Imperatriz”, “por motivo do casamento, do batismo ou de aniversários oficiais” (SCHWARCZ, 1999, p.161).

Com a mudança da corte portuguesa para a cidade do Rio de Janeiro, houve conseqüentemente uma mudança neste quadro. Dom João enfrentou dificuldades financeiras para a realização das adaptações da cidade às exigências dos membros de sua corte. Necessidades essas que, conforme Caldeira (1995), incluíam a construção de novos prédios, palácios e sedes de órgãos administrativos, além de obras de infraestrutura, como abastecimento de água, calçamento de ruas, melhor iluminação e mais transportes. Algumas poderiam ser consideradas hoje como sendo de necessidade duvidosa, como a construção de estradas em terras de pessoas ligadas à corte e de uma fábrica de pólvora para “defesa dos recém-chegados”. O Erário trazido de Portugal esgotou-se rapidamente e como a principal fonte de seus recursos, que era a Alfândega, havia diminuído com a redução das tarifas em 1810 após o acordo com os ingleses, o Rei teve que lançar mão de novos subterfúgios. Dom João, então, “passou a manejar a única arma de que dispunha, o fascínio, para trocar pelo que não tinha, o dinheiro” (CALDEIRA, 1995, p.79). Quem dispunha de dinheiro na colônia eram alguns traficantes de escravos e comerciantes locais, que por sua vez tinham aspiração ao reconhecimento social e admiração pela figura do Rei.

O monarca distribuiu títulos e comendas em troca de dinheiro e favores, e havia muitas pessoas dispostas a colaborar: “o rei, repetindo a operação umas tantas vezes com vários nativos sem tradição, logo ficou numa situação confortável: um enxame de

brasileiros dispostos a ganhar reconhecimento social baixou na capital. Não havia favor que deixassem de fazer com muito boa vontade” (CALDEIRA, 1995, p. 79).

Em Portugal, as distinções entre a nobreza e a plebe eram bastante marcadas e hierarquizadas. No Brasil, obter um título de nobreza era “... o sonho de todo brasileiro ilustre, pois para realizá-lo exigem-se apenas mérito e riqueza” (MATTOSE, 2001, p.153-4). Essa aspiração pelo enobrecimento se devia, provavelmente, ao fato de que apesar da grande riqueza da aristocracia local, faltavam-lhes títulos de nobreza verdadeiros e as tradições familiares das linhagens.

Durante o período do Primeiro Reinado, por ocasião da promulgação da Constituição de 1824, houve a formalização da atribuição dos títulos, honras e mercês pelo Monarca, definindo-se as características locais dessa honraria. A classificação das mercês honoríficas obedecia à seguinte ordem: barão, visconde, conde, marquês e duque, podendo ou não ser acrescentado aos títulos de barão e visconde o grau de grandeza, o que já era uma prerrogativa dos demais. O artigo 102, item XI, da Constituição Política do Império estabelecia que, entre as atribuições do Poder Moderador estava a concessão de “... títulos, honras, ordens militares e distinções **em recompensa dos serviços feitos ao Estado** (grifo nosso), dependendo das mercês pecuniárias da aprovação da Assembléia, quando não estivessem já designadas e taxadas pela lei” (SCHWARCZ, 1999, p.160). No artigo 142, item VII, ficava estabelecido ainda que cabia ao monarca “... conceder remunerações, honras e distinções, **em recompensa de serviços** (grifo nosso), na conformidade da lei e procedendo a aprovação da Assembléia Geral” (p.160).

Em 1828, o jovem governo independente atravessou uma nova crise financeira, agravada, entre outros fatores, pela guerra contra a Argentina. Conforme Caldeira (1995), D. Pedro I lançou mão de um recurso adotado por seu pai: a distribuição de benesses simbólicas em troca de favores materiais. Segundo o historiador, “Agora não eram mais comendas, mas títulos de nobreza criados a granel” (p.107).

As principais características que distinguiam a nobreza brasileira da européia nesse período eram:

a) a não hereditariedade dos títulos, que eram concedidos exclusivamente a seu titular e não podiam ser estendidos nem mesmo ao cônjuge. A maioria dos agraciados eram homens. No entanto, era comum que as esposas usufríssem do título concedido ao marido;

b) A titulação não implicava qualquer tipo de privilégio, a não ser o do credenciamento para participar das formalidades e da intimidade do monarca, diferentemente dos títulos concedidos em tempos anteriores ao da Independência;

c) Os brasões ostentados pelos nobres eram adornados por cores, representações e motivos característicos das terras brasileira, tais como o índio, o café e as cores nacionais. A denominação adotada pelos titulados era, em geral, inspirada em temas locais, indicando, por exemplo, uma localização geográfica relacionada de alguma forma à pessoa agraciada, como por exemplo: local de exercício de atividades políticas: Barão de Mauá e Visconde de Rio Claro, que era pai de Anna Carolina, esposa do Conde do Pinhal, e o Barão de Araraquara, irmão de Anna Carolina; de propriedade, como no caso de Carlos de Arruda Botelho, o Conde do Pinhal, cujo nome era inspirado no bosque de Pinhais existente em sua fazenda; ou ainda um local

de batalha: como por exemplo o grande estrategista Barão de Amazonas, que lutou na Guerra do Paraguai a bordo da fragata Amazonas.

d) Eram por mérito e não por hereditariedade, ou seja, eram concedidas, conforme Rheingatz (1960) aos titulares “...‘em sua vida’: por questões sentimentais, apenas, ao ser dada mercê de um título a um filho de titular, a designação do título paterno repetida para o filho” (p.8). Entre os motivos relacionados para a sua concessão destacam-se: “Serviços prestados”, “provas de patriotismo”, “por fidelidade e adesão à S. M. I.”, “serviços contra a cólera-morbo”, “serviços na Guerra do Paraguai” (SCHWARCZ, 1999, p.161), como no caso de vários dos títulos obtidos por Carlos de Arruda Botelho.

A consequência dessa peculiaridade brasileira é que “...enquanto na Europa vemos um aburguesamento da nobreza, no Brasil ocorre o oposto: é a burguesia que se enobrece” (SCHWARCZ, 1999, p.192). Havia, então, um soma de interesses entre a Coroa e a elite abastada. O governo imperial necessitava do apoio político e também financeiro para as realizações necessárias ao desenvolvimento do Império e mesmo para subsidiar as despesas pessoais, no caso da família real (CALDEIRA, 1995). A burguesia local, oriunda em sua maioria das zonas rurais, de origem humilde e acostumada ao trabalho árduo, almejava uma distinção que perpetuasse sua ascensão social.

A estima do monarca, segundo Mattoso (2001), era outro pressuposto importante para as honrarias. Isso fica claro, por exemplo, no relato de Mauad (2001) a respeito da viagem de D. Pedro II pela Província Fluminense em 1848. Na correspondência do presidente da província ao presidente do Conselho dos Ministros,

juntamente com os informes, há uma relação dos fazendeiros e amigos que receberam o Imperador, seguidos das indicações das comendas, honrarias, brasões e títulos de nobreza com que seriam agraciados. Algumas dessas anotações foram feitas de próprio punho pelo Imperador.

Para que o agraciado pudesse fazer uso do título, concedido através de um decreto imperial, era necessário completar a legalização dos trâmites através do registro e pagamento de taxas junto à Nobre Corporação dos Reis de Armas, o cartório da nobreza. Além disso, as despesas extras com papéis e tramitação por vezes ultrapassavam as despesas do imposto. O valor das taxas, segundo Schwarcz (1999), variou bastante devido aos inúmeros decretos e leis que o alteravam. Porém, sabe-se que envolviam uma soma significativa de dinheiro. Conforme Rheingatz (1960), foram distribuídos ao todo 1.221 títulos de nobreza por D. Pedro I, seu filho Pedro II e pela Princesa Isabel.

A maior parte das pessoas que receberam títulos e honrarias, conforme Schwarcz (1999), estavam relacionadas às atividades econômicas produtivas, como os grandes fazendeiros, que também exerciam funções de parlamentares, de militares ou eram profissionais liberais. Em seguida, vinham os ocupantes de cargos públicos, os comerciantes e os negociantes; e, por fim, os professores, intelectuais, os capitalistas, que viviam de rendas; médicos, diplomatas, banqueiros e sacerdotes.

Nesse período não eram apenas os grandes comerciantes que tinham dinheiro, os grandes proprietários de terras começavam a lucrar com as suas plantações e passaram a figurar também entre os principais detentores de títulos de nobreza. Os grandes proprietários eram, conforme Caldeira (1995), muito bem vistos pelos demais

membros da aristocracia - “Plantar café e mandar chicotear escravos eram considerados os trabalhos mais honestos que um nobre poderia fazer...” (p.107) - diferentemente dos comerciantes, pois estes realizavam seus negócios visando apenas o lucro. “Hoje tal raciocínio é banal”, diz Caldeira (1995). “Mas para muita gente da época, que pensava como o imperador, esse comportamento revelava o grave desvio de caráter de colocar os interesses materiais acima do bem comum” (p. 30-31) , pois “...um verdadeiro nobre deveria colocar o orgulho de sua linhagem muito acima das eventualidades do bolso” (p.78).

Os grandes comerciantes e empresários, no entanto, eram aqueles que sustentavam o governo. Os grandes fazendeiros, conforme Caldeira (1995), não passavam de “anões” se comparados com um deles. Irineu Evangelista de Souza Mauá, ou Barão de Mauá como ficou mais conhecido, é um bom exemplo disso. De origem humilde, filho de desbravadores do sul do país, Mauá trabalhou desde menino como aprendiz em armazéns na corte. Com o tempo conquistou uma posição a que poucos chegaram no mundo financeiro, alcançando projeção no cenário econômico nacional e internacional.

Segundo Caldeira (1995), ele foi, na época, o maior banqueiro industrial do mundo. Possuía ferrovias, fábricas e indústrias pesadas e terras. Apesar de todo o poder econômico e da influência que reunia, Mauá enfrentou a desconfiança e a oposição do próprio imperador que indiretamente tentava derrotá-lo:

Para a maior parte dos nobres que circulavam com intimidade no palácio, Mauá tornara-se um símbolo do que parecia ser o pior no tempo, o homem que coloca suas pretensões acima de tudo. Por isso, precisava ser mantido na devida distância. (p.21)

Havia uma certa aversão às virtudes econômicas e àqueles que as cultivavam (HOLANDA, 1963). A distribuição de títulos e honrarias era uma forma de manter como aliados, principalmente, os militares e os grandes fazendeiros, que constituíam a base de sustentação do poder monarquista. O aumento da distribuição das honrarias em momentos de queda da popularidade do imperador, ou ainda, como uma compensação para os descontentes com alguns eventos, como a Guerra do Paraguai e a libertação dos escravos, evidencia esta função conciliatória e neutralizadora das concessões dos títulos de nobreza.

Em raras ocasiões, houve a recusa daqueles a quem foi indicada a ostentação de um título pelo Imperador. Um deles foi Carlos José Botelho, filho do Conde do Pinhal, que declinou ao título de Barão de Avanhanda. A razão de sua recusa foi a sua preferência pelo regime republicano, embora mantivesse um relacionamento amistoso com o Imperador (BOTELHO 3.o, 1956).

Após a instalação da República, num dos primeiros atos do novo regime extinguiram-se os títulos nobiliárquicos, porém, devido à tradição, as pessoas continuaram a ser tratadas com distinção e, muitas vezes, a assinar seus nomes acompanhados do título que possuíam. Isso ocorreu, por exemplo, com o Conde do Pinhal, que, mesmo após a Proclamação da República, continuou a ser tratado como tal, assim como sua esposa, a “Condessa” do Pinhal.

De uma forma geral, este é o panorama sociocultural da passagem do século XIX para o século XX. Um período marcado por transformações de várias ordens que tornaram a capital do Império, guardadas as proporções, a “Paris das Américas”.

Houve mudanças na paisagem predominantemente rural, principalmente do interior de São Paulo, com o desenvolvimento de várias cidades e com o florescimento da atual capital do Estado.

A leitura e a posse de livros passaram de uma prática cara aos religiosos e aos poucos interessados a uma atividade valorizada e cultivada pela elite letrada, inspirada, entre outros fatores, pelo iluminismo europeu. Tal mudança propiciou a expansão do mercado do impresso e de instituições ligadas à cultura e ao livro. Todos esses elementos compõem o pano de fundo da história da formação da biblioteca da fazenda do Pinhal e das práticas de leitura da família Botelho. O capítulo seguinte irá complementar esse quadro, enfocando o desenvolvimento de São Paulo ao longo desse mesmo período, e trará também o histórico da família dos precursores da biblioteca do Pinhal.

3. O “despertar” da Província da São Paulo e a família Conde do Pinhal

*Teu imenso progresso, na verdade,
A mente, Paulicéia, me fascina;
mas de ti quando pobre e pequenina,
jamais há de ter fim minha saudade.*

*Quando era inda a beldade,
Sem dote, que, isolada na colina,
Branquejava no meio da campina,
Passei em teu regaço a mocidade.*

*Hoje, de cada vez que te visito,
Ainda o meu passeio favorito
É o sítio onde fica o lugar*

*Em que estava a casa apetecida,
Que no tempo melhor de minha vida
Foi minha habitação, meu doce lar.*

(Francisco de Assis V. Bueno)

No início século XIX, a situação da corte ainda era bem diferente da existente no restante do Brasil. Segundo Schwarcz (1999), a capital do Império “era uma ilha cercada pelo ambiente rural por todos os lados” (p.116). Era o centro nervoso da corte,

concentrava os principais edifícios públicos, praças e o comércio mais atuante do Império.

A Província de São Paulo, por sua vez, era uma região pobre e abandonada, como ilustra o trecho de Fernando Azevedo (1971):

As próprias cidades (...) até meados do século XIX, não passam ainda de aldeias acanhadas e sujas, atropeladas de becos e vielas, de designações pitorescas, e espreguiçando-se, na periferia, nos seus ranchos e caminhos de tropas (...) A vida urbana, sonolenta e obscura, chocada no funcionalismo burocrático e parasitário e num comércio “desconfiado e ratinhão”, arrasta-se na monotonia das ruas e das estradas, cujo silêncio é apenas quebrado de longe em longe pelo chiar de carros de bois... (p. 143)

Por volta de 1827, por exemplo, a sua contribuição para a receita do Império atingia a cifra de pouco mais de dois por cento (HALLEWELL, 1985), e sua população era de aproximadamente dez mil habitantes.

Ao longo do século XIX, principalmente na segunda metade, a então Província de São Paulo passou por profundas transformações. A história do Conde do Pinhal e de sua família, por diversos aspectos, confunde-se com a de São Paulo. Assim, neste capítulo serão traçados alguns dos principais fatores que resultaram na transformação dessa região, em particular da capital e da região onde está situada a fazenda Pinhal, bem como um breve histórico da família Botelho.

3.1 A capital paulista

“Nós os filhos do norte... sonhamos São Paulo o oásis da liberdade e da poesia plantado em plenas campinas do Ipiranga”

(Machado de Assis)

No início dos oitocentos, São Paulo era descrita como uma cidade tipicamente provinciana, como ilustra a figura 02.

Figura 02: Ponte de Santa Ifigênia, Jean-Batiste Debret, 1827



Fonte: **Vida cotidiana em São Paulo**

Barros (1999) a descreve em suas memórias sobre São Paulo da seguinte forma:

A cidade (...) conservava hábitos um tanto feudais e aparência medieval. Suas ruas tristes, com passeios tão estreitos que apenas davam para duas pessoas lado a lado, não se viam senão casas baixas e pequeninas, habitadas por profissionais de vários ofícios: sapateiros, latoeiros, caldeireiros. E, qual conta disjuntiva naquele sombrio rosário, aqui e ali um vasto casarão, grave e soturno, residência de família mais abastada, com suas janelas de rótulas, sempre cerradas... (p. 91)

Nota-se nesse trecho que há referência a um comércio acanhado, composto basicamente por produtos artesanais. A maioria da população consistia de pessoas de poucas posses. Os mais abastados mantinham casas na capital, porém raramente a utilizavam.

Zaluar (1953 *apud* MARTINS, 1990), provavelmente tendo a corte como elemento de comparação, ressalta a falta de atrações e atividades sociais na cidade: “São Paulo é monótona, e nos seus dias de festa, em vez do riso jovial e franco, é taciturna e reservada, como uma beata que vai à missa das almas com o rosto escondido na mantilha e as contas do rosário a aparecerem por baixo das rendas de mantelete de seda.” (p.124)

Barros (1999) também faz referência ao caráter mais reservado dos paulistas:

Nesses tempos serenos, a cidade pobre não oferecia diversões... a não ser para desempenho de seus afazeres, ninguém andava pelas ruas solitárias, calçadas de grandes pedras irregulares. Sobre elas rodavam, aos solavancos, as três únicas seges da cidade, pertencentes ao Bispo, à marquesa de Santos e ao comendador B. (p.91)

A infra-estrutura era precária. Adorno (1988) relata que não havia plano de arruamento e nem calçamento, a iluminação era insuficiente e o sistema de transportes praticamente não existia. A questão do saneamento básico também era problemática, a cidade não dispunha de água encanada e as residências seguiam padrões inadequados

de segurança, comodidade e higiene. Não havia controle da qualidade dos gêneros alimentícios que, juntamente com os demais itens, eram comercializados preferencialmente por mascates, ambulantes e pequenas vendas. As opções de acesso à instrução e à cultura também eram bastante restritas. Não havia livrarias ou colégios para o sexo feminino.

No ano de 1827, começou um período de mudanças na capital. A escolha da cidade para abrigar uma das duas faculdades de Direito criadas no Brasil logo após a sua Independência marcou o início dessas mudanças. Segundo Hallewell (1985), o Rio de Janeiro era a primeira opção para a instalação da faculdade, mas por razões que ainda não estão claras, São Paulo foi a escolhida. Cogita-se que a decisão foi baseada “em grande parte na esperança de que, ali, os insetos causariam menos dano aos livros!” (HALLEWELL, 1985, p.224). Segundo Adorno (1988), a escolha da localização, bem como do currículo, teve motivação política, que era a de “se constituir quadros para o aparelho governamental e de exercer pertinaz controle sobre o processo de formação ideológica dos intelectuais a serem recrutados pela burocracia estatal” (p.88). Embora a Faculdade tenha tido um início promissor, ela só veio a se estruturar, segundo Hallewell (1985), em 1855.

Não obstante esse aspecto, os estudantes gradualmente passaram a transformar os hábitos da cidade “com suas serenatas, namoros, bebedeiras e tagarelice sem fim” (HALLEWELL, 1985). Surgiram tavernas, um teatro e, algum tempo depois, uma livraria. Estrangeiros, principalmente professores de línguas, música e ciências, foram atraídos pelas novas oportunidades. “Então já estudavas, pensavas, conversavas. E, ao

mesmo tempo, ias abandonando teus rudes hábitos campesinos, pelos mais apurados, de uma cidade progressista” (BARROS, 1999, p. 91).

Em 1836, foi impresso o primeiro livro em São Paulo, **Questões sobre presas marítimas** de José Maria de Avelar Brotero. Nos três anos seguintes, foram impressas mais duas obras e somente dez anos mais tarde é que se volta a imprimir livros em São Paulo. A “Typographia Liberal” de Joaquim Roberto de Azeredo Marques começou com obras literárias: **Rosas e goivos** de José Bonifácio (o moço), e, em 1852, **Cantos da solidão** de Bernardo Guimarães.

Em 1855, enquanto a corte reunia uma população acima de 200 mil habitantes, São Paulo ainda permanecia com 15.000, e o número de estudantes das faculdades atingia apenas seis por cento desse total. Nessa época, a capital paulista já contava com três livrarias: Fernandes de Souza, Gravesnes e Torres de Oliveira, e três gráficas que produziram diversos títulos. Em 1860, a casa Garraux com sede no Rio de Janeiro abriu uma filial em São Paulo, “...fato por si só indicador de que o mercado de livros ali já era de bom tamanho” (HALLEWELL, 1985, p.226-7).

Esses novos elementos, no entanto, parecem não ter causado um impacto significativo no contexto geral da cidade, pois o norte americano James Codman, em visita a São Paulo, no ano de 1865, afirmou que, “não obstante a importância – pequena – da cidade naquela época, essa importância desapareceria assim que a estrada de ferro atingisse Campinas” (*apud* HALLEWELL, 1985, p.225). A pujança da Academia, segundo Adorno (1988), contrastava com a miséria e a “desordem” imperantes no espaço da cidade. Os estudantes eram os efetivos usuários dos serviços

urbanos. A vida social e associativa era organizada pelos membros da academia e a estes se restringiam.

No entanto,

através da ação dos acadêmicos, de seus institutos e associações, de sua imprensa e do que a vida estudantil proporcionava em termos de prestígio e poder, tanto a professores quanto a estudantes, foi a cidade, pouco a pouco, perdendo sua fisionomia herdada dos tempos coloniais e abrindo espaço para as transformações que se anunciavam (ADORNO, 1988, p.81).

Ao final da Guerra do Paraguai em 1870, a São Paulo das memórias de Barros (1999) já era bem diferente daquela do início do século, como demonstra o depoimento abaixo:

Extraordinário foi o desenvolvimento da imprensa, demonstrado por grande número de jornais e publicações diversas. Expandiam-se as vias de comunicação, móvel de todo progresso. Já existia a estrada de ferro de São Paulo a Santos. Construía-se agora outra, até Jundiaí, que porém não estacionou nesse local, graças ao concurso entusiasta dos fazendeiros paulistas, que se organizaram para tornar possível o prosseguimento da obra. Fundou-se, assim, por iniciativa particular, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, uma das mais bem organizadas empresas do país (BARROS, 1999, p. 141).

Além do crescimento econômico advindo principalmente do cultivo do café nas fazendas do interior, outros fatores impulsionaram o desenvolvimento da cidade de São Paulo nas últimas décadas do século XIX. Conforme Souza (1999), após 1850 a ocorrência de uma epidemia de febre amarela no interior da Província causou um êxodo para a cidade. No final da década de 1880, Campinas, a capital econômica da Província, foi alcançada também pela epidemia, provocando a fuga de famílias inteiras. Comerciantes industriais, fazendeiros, sitiantes e toda sorte de pessoas deixaram suas casas e negócios e migraram para a capital. Alguns anos mais tarde o

mesmo aconteceu em menor escala às cidades mais distantes do interior, como por exemplo Jundiaí, Limeira, Rio Claro e São Carlos.

Essa explosão demográfica e os excedentes financeiros gerados pelo momento econômico favorável resultaram no desenvolvimento de novos bairros e na transformação de casas modestas e antigas em suntuosas residências. Houve também a expansão da área do comércio e dos serviços, com a vinda de importantes estabelecimentos industriais e comerciais que vendiam artigos importados. Surgiram clubes de jogos, em cujas instalações não se mediam despesas para torná-las suntuosas e atraentes. Vieram os operários, artífices e outros profissionais que ofereciam serviços considerados de alto luxo, tais como alfaiates, confeitheiros, padeiros e cabeleireiros, que ali se estabeleceram. A falência econômica da Argentina ocorrida nesta época causou o desvio da rota dos grandes espetáculos e as grandes companhias teatrais passaram a se apresentar, além do Rio de Janeiro, também na capital paulista.

Por sua vez, a educação também sofreu alterações. No final da década de 1850, verificou-se um movimento católico liderado pelo bispo Antônio Joaquim de Melo para a educação dos jovens leigos, em especial as mulheres. O princípio que norteava o projeto de educação católico era a cristianização da sociedade através da mulher: “da mãe cristã para filhos cristãos; de filhos cristãos para famílias cristãs; das famílias cristãs para a sociedade cristã” (MANOEL, 1996, p.49). Em 1859, foi inaugurado na cidade de Itu o Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, que era voltado unicamente para mulheres e estava sob a direção de freiras francesas (NADAI, 1991 *apud* HELLER, 1991). Anos mais tarde as filhas do Conde do Pinhal estudaram neste colégio.

A educação primária e secundária, no entanto, não sofreu alterações e continuava inacessível para a maioria. Manoel (1996) descreve a escassez dos professores e os baixos salários aos quais eram submetidos. A partir de 1848, paralelamente ao ensino domiciliar, comum às famílias abastadas, surgiram as primeiras escolas particulares em regime de internato para as meninas nas principais cidades da Província paulista. Até 1885, já havia vinte e uma dessas escolas (MANOEL, 1996). O ensino ministrado, porém, era de curta duração e de qualidade duvidosa, além de custosos. Devido a esses fatores, e ainda à má-fé de alguns professores que não possuíam preparo para o exercício do magistério, o funcionamento dessas escolas foi bastante precário e efêmero.

Um outro afluxo de habitantes para São Paulo foi causado pela seca no Nordeste, ocorrida entre 1877 e 1886. Nos últimos quatro anos da década de 1880, a população na capital cresceu de 44.030 para 192.409 habitantes. Esse crescimento também foi sentido no interior da Província. O quadro 01 reúne alguns dados que refletem o crescimento da Província de São Paulo ao longo do século XIX.

Quadro 01: O crescimento da Província de São Paulo em números

	1836	1886
Produção de café	556.649 arrobas	12.371.613
População	284.312	1.221.380
Exportações	---	52.559:000\$000 contos de réis
N.o de cidades	45 vilas e 01 cidade	69 vilas e 57 cidades
Fonte dos dados: Martins, 1990		

Percebe-se, através desses dados, que em cinquenta anos a Província de São Paulo teve um grande aumento populacional e urbano, com o surgimento de cinquenta e seis novas cidades e ainda um número superior de vilas. A produção de café também

aumentou em mais de 2.200%, o que sem dúvida gerou esse grande desenvolvimento da Província, que se acentuou ainda mais com a expansão das malhas ferroviárias.

A vinda dos emigrantes europeus também teve um impacto preponderante no desenvolvimento de São Paulo. Além daqueles que vieram para trabalhar nas lavouras, chegaram profissionais dos mais variados misteres, tais como artesãos, mestres industriais, artistas, professores e até mesmo cientistas, que se estabeleceram na capital. A influência desse contingente pode ser sentida nas novas construções de moradias e grandes monumentos, como por exemplo o Palácio do Ipiranga, Viaduto do Chá, a Estação da Luz, o Teatro Municipal e o edifício da Light. Houve alterações nas artes, nos ofícios, nas indústrias, no comércio e no ensino.

Até 1890, São Paulo “mantinha ainda o seu aspecto triste e pacato de cidade provinciana” (SOUZA, 1999, p.205), mas na virada do século tornou-se a segunda maior cidade do Brasil; com 239.820 habitantes passou a ser considerada “membro dominante da federação brasileira” (HALLEWELL, 1985, p.308).

Esse aumento do contingente urbano fez surgir, conforme Lajolo e Zilberman (1998), aos poucos, um consumidor potencial de bens culturais. A vida literária, no entanto, era ainda preponderante sobre a obra literária devido à falta de um público leitor. A maior parte dos escritores do início do século foi relegada ao esquecimento, com exceção dos grandes autores (SODRÉ, 1982). O mercado livreiro em São Paulo, no início do século, permanecia acanhado em relação ao Rio de Janeiro. Existiam apenas oito livrarias na cidade, o que correspondia à metade do número das que havia na sede da corte em 1820 (HALLEWELL, 1985).

A atividade editorial praticamente cessou, pois a maior parte dos livros continuou a ser publicada na Europa até 1914. Apenas algumas poucas iniciativas surgiram neste período, como por exemplo dos Irmãos Teixeira, que publicaram, no ano de 1888, **Poesias** de Olavo Bilac e **A carne** de Júlio Ribeiro, que foram impressos em Portugal. “A Casa Eclectica” publicou em 1900 as traduções de **História da civilização** de Henry Thomas Buckle e **Viagens e cativeiro entre os selvagens do Brasil** de Hans Staden.

Segundo Tanuri (1979), a partir de 1890 há também uma reorganização da rede de ensino paulista, que se expandiu e se aperfeiçoou, tornando-se durante os trinta primeiros anos da república um paradigma para o resto do país. Tal mudança se deveu, segundo a pesquisadora, principalmente, ao engajamento dos paulistas republicanos ao projeto de democratização da educação. É preciso levar em conta também a crescente riqueza provinda da comercialização do café, das estradas de ferro e da industrialização nascente. Entre aqueles que contribuíram para a expansão da educação neste período estão, por exemplo, Rangel Pestana, que fundou o Colégio Pestana em São Paulo em 1876; Américo Brasiliense, que foi governador do Estado em 1891; e Gabriel Prestes que era diplomado pela escola normal e foi seu diretor entre 1838 e 1898.

A laicização do ensino estabelecida pela Constituição de 1891 e a vinda de educadores protestantes propiciaram a propagação de novas propostas pedagógicas. Em São Paulo foram abertas escolas particulares como a Escola Americana, o Colégio Piracicabano e o Mackenzie College e, em Minas Gerais, o Colégio Granbery.

O século XIX foi, portanto, um período de grandes transformações principalmente para a Província de São Paulo, que saltou de um universo agrário colonial para a posição de uma das Províncias mais ricas e desenvolvidas do país, com ferrovias, cidades importantes e uma vida cultural crescente. No interior de São Paulo, essas mudanças foram ainda mais significativas, uma vez que grande parte da então Província, no início do século, ainda era praticamente inexplorada, como se verá a seguir.

3.2 O interior de São Paulo e a família Botelho

*“Parece às vezes que desperto
e me pergunto o que vivi;
Fui claro, fui real, é certo
Mas como é que cheguei aqui ?”*

(Fernando Pessoa)

Até o início do século XVIII, a região oeste da Província de São Paulo permanecia praticamente inexplorada e desconhecida. Segundo Corrêa (1967), a expressão “Campos de Araraquara” era usada para indicar toda a área situada ao norte do rio Piracicaba. Nos primeiros anos dos 1700, o Oeste Paulista “urbanizado” estendia-se, no máximo, até a região onde está localizada a vila de Rio Claro, no início do Planalto Central. Daí em diante, a região era tida como “sertão”, pois ainda permanecia sob o domínio dos indígenas e “além dos montes, ninguém havia passado,

sendo completamente desconhecido o vasto sertão de Araraquara” (PINTO *apud* CORRÊA, 1967, p.22).

A primeira referência sobre o sertão de Araraquara, por exemplo, local onde se situa a fazenda que é abordada neste estudo, foi realizada por um astrônomo português que explorava o rio Tietê no início do século XVIII. Até então, não havia qualquer registro a respeito dele.

Devido ao isolamento, escravos fugitivos, degredados e aventureiros eram atraídos da região nesse período (CORRÊA, 1967). As terras, então, foram ocupadas por posseiros que praticavam a lavoura de subsistência. A partir da descoberta do ouro nas terras do Mato Grosso, por volta de 1718, expedições de mineiros oriundos das Minas Gerais abriram um caminho e começaram a atravessar a região em direção ao novo veio mato-grossense. Esse fator contribuiu para o desenvolvimento de um pequeno comércio de gêneros de primeira necessidade na vila de Rio Claro para atender aos tropeiros que seguiam em direção a Mato Grosso.

No final do século XVIII, os rios Piracicaba e Tietê eram os limites do povoamento de São Paulo para norte e oeste. Neste período, registra-se um intenso movimento de apropriação das terras da região através da disputa para a concessão de cartas de sesmaria. As sesmarias eram glebas de terra cobertas pela mata, que a Coroa Portuguesa doava, no final do século XVIII, a pessoas que considerava solidárias a ela. Muitos dos que recebiam as sesmarias já ocupavam cargos públicos de notoriedade ou haviam prestado relevantes serviços à Coroa. A condição para receberem as terras era o compromisso de desbravá-las e de providenciar melhorias, tais como a demarcação das terras, a abertura de caminhos na mata fechada e a construção de pontes onde

fossem necessárias, para facilitar a chegada de novos moradores aos vilarejos que iam se formando nesses sertões.

A área que originou a sesmaria do Pinhal, por exemplo, de acordo com o historiador Oswaldo Truzzi (2000), foi concedida primeiramente em 1781 a Manuel Martins dos Santos Rego, cirurgião-mor do Regimento de Voluntários Reais de São Paulo. Cinco anos mais tarde, as terras foram vendidas a Carlos Bartholomeu de Arruda Botelho, sargento-mor de Itu, que foi um dos defensores do forte do Iguatemi na luta contra os espanhóis e era avô do Conde do Pinhal (BOTELHO 3.o, 1956)¹². O interesse pela região dava-se pela possibilidade de as propriedades funcionarem como centros de abastecimento de caravanas que se dirigiam para as minas de Mato-Grosso. A maior parte dos donatários provinha de famílias de Campinas, Itu ou Piracicaba (TRUZZI, 2000).

Conforme relata o historiador são-carlense Ary Pinto das Neves (1983 e 1984), Carlos Bartholomeu adquiriu ainda uma outra sesmaria ampliando sua propriedade, que abrangia três léguas em quadra. Segundo Truzzi (2000), Carlos Bartholomeu de Arruda adquiriu essas terras apenas para obter resultados futuros, e por isso não se empenhou em demarcá-las, cultivá-las e povoá-las, de acordo com o que a Corte determinava, o que não implicou a perda do direito à exploração delas. Ele interessava-se principalmente pela região de Piracicaba, para a qual colaborou fazendo doações de terras para a fundação da futura cidade de Piracicaba.

¹² Embora haja uma controversia a esse respeito e alguns autores afirmem que as terras foram repassadas a Carlos Bartholomeu de Arruda Botelho pela Coroa porque o proprietário não as explorou dentro do período estabelecido, ou seja, cinco anos após a posse, o que é desmentido por documentos da época.

Em 1799, no entanto, o patriarca dos Botelho realizou um importante serviço à região de Araraquara reabrindo o “picadão de Cuiabá”, que dava caminho para as minas de Mato Grosso, abandonado anos antes devido ao seu esgotamento. Tal benfeitoria possibilitou a vinda de povoadores que ocuparam a região.

A sesmaria do Pinhal, que era chamada assim devido à existência de um bosque de pinheiros no local, começou a ser explorada por volta de 1830 pelo filho moço de Carlos Bartholomeu, o tenente-coronel Carlos José Botelho. Ele antecipou-se ao movimento de ocupação das terras do oeste paulista pelos fazendeiros do café ocorrida no final segunda metade dos oitocentos (figura 03). O pai do futuro Conde do Pinhal, que residia em Piracicaba, mudou-se com a família, para o pequeno povoado de São Bento de Araraquara, que era o núcleo mais próximo à sesmaria do Pinhal.

Figura 03: Fazenda Pinhal, Benedito Calixto, 1900



Fonte: site da Fazenda Pinhal

Em 1831 ele realizou a demarcação das terras que compuseram o núcleo da sesmaria do Pinhal e iniciou a construção da Casa Grande. O total das terras abarcava aproximadamente quarenta mil alqueires paulistas.

Nesse período, foram abertas várias fazendas nessa região, onde se praticavam a criação de gado e o cultivo da cana de açúcar. Algumas delas eram de famílias de mineradores, procedentes de Campanha e Alfenas, zonas de mineração decadentes. Carlos José Botelho transformou-se em um dos mais importantes fazendeiros da região e, em 1833, por ocasião da elevação do povoado de São Bento de Araraquara a vila, foi eleito presidente da Câmara dos Vereadores. Mais tarde, ocupou também os cargos de subprefeito, juiz municipal e delegado. Seu irmão Manoel Joaquim foi prefeito e inspetor de estradas. Os irmãos Botelho tiveram uma atuação significativa no desenvolvimento da futura cidade de Araraquara (CORRÊA, 1967).

Em 1838, Carlos José Botelho, que ficou conhecido como “Botelhão”, terminou a construção do primeiro lance da Casa Grande na fazenda Pinhal, a qual permanece preservada até os dias de hoje. Esta sede tem características arquitetônicas do final do século XVIII e início do XIX, com semelhanças da arquitetura das regiões de Itu e Piracicaba, ligadas à cultura açucareira (implantada a meia encosta, com embasamento de pedra e taipa de pilão, possuindo ainda paredes externas e internas de pau-a-pique). Além das dependências destinadas à família, a casa também possuía um espaço reservado para servir de pouso aos viajantes.

O estabelecimento da lavoura de café, que ganhava importância devido às altas de preço no mercado exterior, era dificultado pela distância entre a região e os locais de exportação do produto. Havia necessidade da melhoria das estradas e dos meios de transporte, mas para que isso acontecesse era preciso que houvesse uma demanda. Assim, segundo Corrêa (1967), os pioneiros na plantação do café na região tiveram então uma grande importância. Eles demonstraram a viabilidade do investimento e

abriram caminho para os demais. Carlos José Botelho foi um deles. Em 1840, ele iniciou uma plantação de café com cinco mil mudas, que era a pioneira na região. O café logo alcançou outras fazendas da região e suplantou os demais produtos, como a cana de açúcar e a criação de gado.

Um fato interessante na historiografia da região é que os documentos que descreviam a Província de São Paulo sofreram, ao longo do século XIX, transformações substanciais. Segundo Truzzi (2000), no início do século eles eram meros guias de “conotações geográfico-históricas ou relatórios a respeito de curiosidades locais” (p.19). Aos poucos, foram se estruturando cada vez mais exclusivamente em função da economia dos municípios. Eles tiveram o seu conteúdo alterado na medida em que avançava a economia. Em consequência, surgiram grupos de famílias que passaram a dominar a região econômica e politicamente. Já havia certos grupos, porém eram menos atuantes e comprometidos politicamente (CORRÊA, 1967).

Tendo em vista a criação de um povoado mais próximo às suas terras, Carlos José Botelho separou delas, em 1851, o patrimônio da futura capela na mata dos cocais, no extremo sul da propriedade. Três anos depois, em 25 de novembro veio a falecer.

Seu terceiro filho, Antônio Carlos de Arruda Botelho, o futuro Conde do Pinhal (figura 04), foi quem, anos mais tarde, realizou o propósito do pai de fundar o povoado de São Carlos do Pinhal.

Figura 04: Antônio Carlos de Arruda Botelho, Almeida Junior



Fonte: **Sombras que renascem**

Por volta de 1850, Antônio Carlos, que passou a infância com a família na cidade de Araraquara, voltou para a cidade de Piracicaba onde possuía um armazém de secos e molhados.

No ano seguinte, ele começou a instalação de uma padaria para a qual contratou um padeiro francês, conforme demonstra o depoimento de Felício, um de seus escravos de confiança:

Depôs elle acho tã sufficiente a minha pessoa me poz para cacheiro de barcão na loja. As couza miúda eu vendia mas quando era conta grande chamava elle na loja. ... um anno levei esta vida assi depois elle abrio uma padaria eu com um preto que elle tinha. E ahi ajustou um mestre francez para nos ensinar a fazer pão (FELÍCIO *apud* BOTELHO 3.o, 1956, p.30).

Segundo Alencastro e Renaux (2001), o pão no Segundo Reinado era um artigo raro, principalmente em outros locais que não a corte. No Rio de Janeiro, nesse período, as padarias estavam começando a tornarem-se mais populares. Houve um aumento de setenta para cento e cinqüenta e sete estabelecimentos desse tipo durante o período de 1853 e 1860. O hábito do consumo de pães foi introduzido por imigrantes portugueses, como era o caso de Antônio Carlos, que tinha ascendência portuguesa. A abertura desses pequenos comércios por Antônio Carlos retrata o aparecimento da chamada camada média urbana, ou pequenos burgueses nas cidades nascentes do interior de São Paulo.

Antônio Carlos casou-se, em 31 de maio de 1852, com Francisca Theodora Ferraz Coelho. Três de seus irmãos também se casaram com as irmãs Coelho. Antônio Carlos permaneceu em Piracicaba até 1853, quando o pai o chamou para auxiliá-lo nos trabalhos da fazenda. Então este liquidou os negócios que possuía e mudou-se para Araraquara.

Em 1854, após a morte de seu pai, Antônio Carlos, mesmo não sendo o filho mais velho, assumiu a liderança da família e da política regional, iniciando sua carreira por volta dos vinte e sete anos de idade como Juiz de Órfãos. Em 1855, ele derrubou a mata da área reservada por seu pai e delineou o terreno para a construção da capela da futura vila de São Carlos. Outros proprietários da região colaboraram com a construção da capela cedendo escravos para os trabalhos e materiais para a construção, e em 1857 a capela foi inaugurada.

São Carlos do Pinhal foi fundada oficialmente em quatro de novembro de 1857, dia em que o santo padroeiro da família Arruda Botelho, São Carlos Borromeu, foi

entronizado no altar da Capela de São Carlos do Pinhal. A imagem pertencente a várias gerações da família Botelho foi doada pelo irmão de Antônio Carlos à capela. Suas primeiras habitações foram construídas nos terrenos doados por Antônio Carlos e pela Câmara de Araraquara. As primeiras habitações eram ranchos de madeira cobertos de palha que se distribuíam em torno da capela.

Antônio Carlos exerceu um papel de liderança em todos os atos que resultaram em desenvolvimento da cidade de São Carlos e região. Entre 1857 e 1860, Antônio Carlos ocupou o cargo de Presidente da Câmara de Araraquara. Durante a sua gestão, solicitou junto ao governo da Província a criação do distrito de Paz e da subdelegacia da Capela de São Carlos. Alguns autores apontam Jesuíno de Arruda como fundador da cidade de São Carlos, devido ao fato de ele haver doado terras à freguesia de São Carlos do Pinhal. No entanto, essa doação se deu um ano após a fundação oficial da cidade, em 1858. Além disso, outros proprietários, como Alexandrina M. Alkimin também colaboraram com a expansão da cidade através de doação de terras e investimentos em melhorias locais. Oswaldo Truzzi (2000) também considera que Antônio Carlos foi o fundador de São Carlos, pois foi ele quem se esforçou e trabalhou para a construção e o desenvolvimento da cidade.

Neste período Antônio Carlos também continuou com suas atividades comerciais, abrindo, em sociedade com Jerônimo de Bitencourt Coelho, um armazém em São Carlos, que funcionou durante quatro anos, até 1860.

Em 1862, Francisca Theodora, sua esposa, veio a falecer e, um ano mais tarde, Antônio Carlos casou-se novamente com Ana Carolina de Mello Franco e Oliveira (veja figura 05), filha do Coronel José Estanislau de Oliveira - que recebeu os títulos

de Barão de Araraquara e de Visconde do Rio Claro - e de Eliza de Mello Franco de Oliveira.

Figura 05: Anna Carolina, Almeida Junior



Fonte: **Sombras que renascem**

Carvalhosa (BOTELHO, 2000¹³) ressalta que, diferentemente de seu marido, Anna Carolina tinha laços mais próximos à Europa, pois seus avós eram europeus radicados no Brasil. Justiniano de Mello Franco, seu avô paterno, era natural de Coimbra e casou-se com Anna Carolina Overbeck, que conheceu quando fazia medicina na cidade de Goettingen, na Alemanha, onde também nasceu Elisa, mãe de Anna Carolina. No Brasil, Justiniano de Mello Franco atuou como médico e físico-mor em São Paulo. O avô paterno, Estanislau José de Melo Franco, também era português e foi professor de retórica em São Paulo. A avó, Maria Joaquina de Araújo era natural

¹³ Cartas de Antônio Carlos Botelho à sua esposa, escritas entre 1864-1901 e publicadas em 2000

de Itu, interior de São Paulo.

Além de José Estanislau, cinco de seus filhos, irmãos de Anna Carolina, também receberam títulos nobiliárquicos: Estanislau José de Oliveira – 2.o Barão de Araraquara, Dr. Luis José de Melo e Oliveira – 2.o Barão de São João do Rio Claro, Maria Joaquina – 2.a Baronesa de Piracicaba, Amália Carolina – Baronesa de Dourados e Anna Carolina, Baronesa do Pinhal - Viscondessa do Pinhal, Viscondessa com honras de grandeza e Condessa do Pinhal. Este parece ser o único caso da história brasileira em que um pai duplamente titular teve cinco de seus filhos também agraciados com títulos de nobreza. Esta constatação de Brandão Neto (1967) foi confirmada por Heitor Lyra: “É absolutamente certo; um pai duplamente titular, com cinco filhos igualmente titulares do Império, é um caso único da nossa nobiliarquia Imperial” (*apud* BRANDÃO NETO, 1967, p.112).

Antônio Carlos e Ana Carolina tiveram doze filhos: José Estanislau (1864), Antônio Carlos (1865), Martinho Carlos (1867), Cândida (1868), Elisa (1869), Carlos Augusto (1871), Maria Carlota (1872), Carlos Américo (1873), Sophia (1875), Carlos Amadeu (1876), Anna Carolina (1879) e Antonia (1881) (ver apêndice III).

Três anos após o término de seu mandato na Câmara de Araraquara, em setembro de 1863, Antônio Carlos foi nomeado Tenente Coronel Comandante do Vigésimo Nono Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional. Em 1864, ele retornou à política sendo eleito Deputado Provincial pelo Partido Liberal. Neste mesmo ano, inicia-se a Guerra do Paraguai, da qual participou cuidando da formação de grupos de voluntários e do abastecimento das tropas.

O Pinhal não foi a única morada dos Botelho. Antônio Carlos abriu várias fazendas, entre elas o engenho Santo Antônio, na qual passavam parte do ano, a fazenda Francisca do Lobo, herança materna de seu filho Carlos José, e ainda as fazendas Palmital e Serra. Na cidade de Jaú, abriu as fazendas Maria Luiza, Carlota, Sant'Ana, Santo Antônio, Santa Sophia, São Carlos, São Joaquim e Salto do Jaú. Mais tarde foram adquiridas propriedades em São Paulo, Poços de Caldas e Guarujá. Mas a morada principal da família era a do Pinhal.

Figura 06: A fazenda Pinhal em heliografia de Maurício Lamberg



Fonte : **A casa do Pinhal**

No final do século (não se tem registro da data exata), as instalações da casa foram ampliadas provavelmente para acompanhar o crescimento da família e também para abrigar novos móveis e aparatos que passaram a fazer parte do cotidiano da família, agora mais abastada. Ao redor da casa, Anna Carolina organizou um jardim e

um pomar. Na época em que ela foi habitar a fazenda do Pinhal, havia em volta da casa somente um pé de jambo e uma palmeira ao redor da casa, como era comum às casas de fazenda da época, como ilustra a figura 06. Franco (1976) ressalta que o gosto por plantas e árvores ornamentais está relacionado ao lazer e ao cultivo do ócio.

A falta de jardins e áreas verdes nas casas e fazendas demonstra que os proprietários estavam relacionados a um tipo de trabalho que não admitia desperdícios com “embelezamentos improdutivos”. Este fato é confirmado pelo depoimento de Gobineau (*apud* READERS, 1997), que, em viagem com D. Pedro II às Minas Gerais em 1869, fez a seguinte constatação: “os fazendeiros só fazem o que é utilitário e não há, em suas casas, nem flores nem jardim e no interior, nenhum móvel confortável” (p.69).

Figura 07: Lago e jardins da sede da fazenda Pinhal



Fonte: A casa do Pinhal

Assim, pode-se inferir que a fazenda Pinhal tinha características que a diferenciavam das suas contemporâneas. Anna Carolina, junto com o seu irmão, escolheu as mudas e a distribuição delas no terreno. Havia mudas vindas do jardim botânico do Rio de Janeiro (veja figura 07).

Em abril de 1867, ele foi nomeado Comandante Superior da Guarda Nacional dos Municípios de Araraquara e outros anexos. No ano seguinte, foi agraciado como oficial da Ordem da Rosa “...atendendo aos relevantes serviços que em relação à Guerra do Paraguai prestou na Província de São Paulo...” (BRACHER, 2000, p.15). Ainda em 1868, foi reeleito Deputado Geral e, alguns anos mais tarde, foi candidato em lista tríplice a uma vaga no Senado.

Antônio Carlos adquiriu prestígio entre seus contemporâneos, que compartilhavam das idéias liberais do Regime Monárquico. Em pouco tempo, ele tornou-se um líder provincial e nacional devido ao seu dinamismo, competência e à sua influência perante a Corte. Por conta disso, a Pinhal recebia vários hóspedes ilustres, tais como Joaquim Nabuco, Rui Barbosa e Carlos de Staël.

Nessa época, meados do século XIX, o cenário na Província paulista ainda era predominantemente rural, como releva Martins (1990):

as cidades do interior, extensões do mundo rural, constituíam-se em espaços meramente administrativos, definidos por ruas mal traçadas, sem calçamento, largos desleixados de terra batida, Igreja Matriz de construção acanhada, edifício da Câmara e cadeia sempre em condições precárias, por vezes a sede de um teatro de proporções modestas, ou mesmo as instalações em construção da Santa Casa de Misericórdia. (p. 113)

Este cenário, no entanto, estava prestes a ser mudado. O cultivo do café estava se firmando como a grande riqueza do Segundo Império. O ingresso do país no

mercado internacional através das exportações do café, sem a dependência de capital estrangeiro, foi um diferencial importante que deu um grande impulso progressista ao Brasil.

Figura 08: Terreiro de secagem do café na fazenda Pinhal



Fonte: **A casa do Pinhal**

Segundo Evans (*apud* TRUZZI, 2000),

A propriedade nacional das plantações não só proporcionava certa margem de autonomia local como também, e o que era mais importante, a possibilidade de uma acumulação local de capital. Uma parte substancial dos lucros do comércio do café foi destinada ao desenvolvimento da infra-estrutura e mais tarde ao próprio processo de industrialização (p. 94)

Os altos dividendos foram investidos nas fazendas aumentando ainda mais a produção (veja figura 08), requerendo, assim, a modernização de um sistema de transportes para escoamento da produção, que era feito por meio de animais de carga. Deu-se início, então, ao impulso progressista de São Paulo.

Os fazendeiros da região de Araraquara, por exemplo, liderados por Antônio Carlos, empenharam-se em trazer o transporte ferroviário para perto de suas propriedades. Em 1872, Campinas passou a contar com os trilhos da Companhia Paulista, e, quatro anos mais tarde, João do Rio Claro, situado a dez léguas de São Carlos do Pinhal. Neste mesmo ano, Antônio Carlos apresentou a proposta de se estender a estrada de ferro até a cidade de São Carlos.

O enriquecimento dos grandes fazendeiros de café gerou mudanças também em seu modo de vida. Os inventários da década de setenta incluíam pianos, cadeiras, lavatórios, escrivaninhas e camas, o que contrastava com a rusticidade das casas do início do século (CORRÊA, 1967).

Figura 09: Piano dos Botelho



Fonte: site da Fazenda Pinhal

Na década seguinte, as peças arroladas eram ainda mais sofisticadas, por exemplo, cadeiras austríacas, mesas de mármore, guarda-louças com portas de vidro e

guarda-roupas. Entre os utensílios, como preocupação com o requinte, nota-se a presença de aparelhos de jantar e de chá, de pratarias e de cálices de cristal, por exemplo. A figura 09 traz o referido piano, que foi usado para a educação dos filhos e netos do Conde e ainda permanece na sede da fazenda do Pinhal.

Lapa (1983 *apud* GORDINHO, 1985) assinala que ocorreram mudanças não nos produtos de consumo, mas na própria decoração e nos objetos da casa, que foram tornando-se mais sofisticados:

As paredes internas eram ornadas com gravuras e quadros, sendo a decoração completada com espelhos, candelabros de prata, lustres e mobiliário trabalhado, com muitas peças de procedência estrangeira, cristais, tapeçarias, porcelanas de Sèvres, que com o tempo foram substituindo as de fabricação local, mais rústicas. Um piano conquistou um canto da sala. (p. 64)

Havia também uma demanda por produtos finos europeus. Depoimentos de membros da família Botelho, por exemplo, relatam o consumo de produtos importados como a manteiga *De Mani*, o vinagre *Des Îles*, o azeite, a farinha de trigo, velas de *Clichy*, fósforos *Jean Copimks*, sabão de Marselha (ARANHA, 1966, p.83).

No final do século XIX, principalmente entre 1870 e 1880, é o período em que se dá o maior expansão das ferrovias paulistas, o que, segundo Martins (1990), foi um dos fatores mais importantes no desenvolvimento do interior da Província de São Paulo. A estrada de ferro, essa atraente novidade tecnológica e econômica, chegou a ser referida na literatura e na poesia como “arauto da luz” (CASTRO ALVES, **Espumas Flutuantes**). A propagação da teia ferroviária deveu-se ao interesse de empreendedores nacionais interessados em aumentar o lucro de suas lavouras, em diminuir os custos com transporte de seus produtos e diversificar o capital agrário em

novos projetos comerciais e financeiros, envolvidos com reformas sociais e políticas (MARTINS, 1990).

Temendo que os trilhos da Companhia Paulista se dirigissem para outros rumos, o que dificultaria a interligação com a região de suas fazendas para o escoamento da produção, Antônio Carlos empenhou-se sobremaneira para viabilizar o seu projeto da ligação entre São Carlos e Rio Claro. Para tanto, ele fundou a Companhia de Estrada de Ferro de Rio Claro juntamente com o engenheiro, então recém-formado, Antônio Francisco de Paula e Souza, que mais tarde exerceu o cargo de primeiro diretor da Escola Politécnica em São Paulo. A expansão das ferrovias, às vezes, dava-se sem a subvenção governamental, como no caso da Companhia Rio Claro, criada por Antônio Carlos de Arruda Botelho.

Entre aqueles que investiram seus dividendos na construção e expansão das linhas ferroviárias estão, por exemplo: Saldanha Marinho, que liderava o Partido Republicano; Antônio Queiroz Telles, que encetou a imigração; Luiz Mateus Mailasky, empresário dinâmico do setor algodoeiro e fundador do Gabinete de Leitura Sorocabano; Antônio Carlos Arruda Botelho, que então era um dos líderes do Partido Liberal (MARTINS, 1990) e que, em 1879, recebeu o seu primeiro título de nobreza, o de barão do Pinhal.

Conseguidos os recursos junto aos fazendeiros da região, Governo Imperial concedeu no ano de 1880 o privilégio para a construção da ligação entre Rio Claro até a região de Brotas e Jaú, passando por São Carlos, próximo às terras de Antônio Carlos e demais amigos e familiares. Truzzi (2000), ao comentar a definição do traçado da estrada de ferro, faz o seguinte comentário: “Além de influenciar o Governo

Imperial, no sentido deste fazer vir os trilhos da ferrovia até São Carlos, o Conde do Pinhal, como representante de um vasto conjunto de oligarquias locais, determinou o traçado que melhor conviria aos interesses de seus amigos e parentes fazendeiros” (p.83).

Nessa época, Antônio Carlos prestou uma outra contribuição importante para a história de São Paulo, que foi a aprovação de um projeto para o levantamento para elaboração das **Cartas geográficas, topográficas, itinerárias, geológicas e agrícolas da Província de São Paulo**. Não se dispunha de mapas completos sobre a Província. O trabalho de elaboração da carta geográfica de São Paulo só terminou por intermédio de seu filho Carlos José Botelho, já nos 1900. Em 21 de abril de 1880, São Carlos do Pinhal foi elevada à categoria de cidade.

O período de expansão das ferrovias também foi, segundo Martins (1990), um período de transformação sociocultural das cidades da Província. Nas localidades em que chegavam os trilhos, as informações chegavam mais rapidamente, as companhias de teatro se apresentavam e nasciam entidades associativas, tais como clubes recreativos, políticos e literários, e os gabinetes de leitura. O tipo de entidade mais comum nessas cidades eram as associações musicais, seguidas das associações literárias. A capital, por exemplo, possuía dezoito entidades; Campinas, então centro econômico da região, possuía trinta e uma; e São Carlos, cidade em que se situa a presente pesquisa, quatro: o Club Concórdia Familiar – do qual Bento Carlos, irmão caçula de Antônio Carlos era um dos membros fundadores e que mantinha um gabinete de leitura - o Círculo Literário Valentim Magalhães, a Sociedade Artística Beneficente e o Club dos Rabecões. Pelo que consta, o Club Concórdia era um dos

principais. Era, no entanto, extremamente seletivo e em oposição a ele foi criada a associação “Democrática”. De nome sugestivo, esta nova entidade alardeava que o seu maior mérito estava em franquear o acesso a todos. A seleção de seus membros era baseada apenas na “honradez, na moral e no civismo” (NEVES, 1984, p.13).

Além das associações, a Escola Normal Secundária são-carlense fomentava a vida cultural da cidade, promovendo conferências e organizando apresentações de grandes oradores daquela época, como Coelho Neto, Alberto Faria, Cassiano Ricardo, Martins Fontes, Plínio Salgado, Amadeu Amaral, Menotti Del Picchia e Malba Tahan, servindo assim como “verdadeiro cenáculo de onde irradiavam não só as luzes de cultura, mas, principalmente, de boa e vibrante oratória, tão ao gosto do tempo” (NEVES, 1984, p.45). A criação da escola também fomentou o surgimento de inúmeras publicações literárias na cidade. A existência de entidades desse tipo demonstra a importância atribuída à cultura e ao livro naquela sociedade no período.

Na última década dos 1800, um viajante estrangeiro, ao passar pela cidade de São Carlos, fez a seguinte observação:

Logo depois, contraste surpreendente, percebemos a mansa colina de São Carlos, salpicada dos focos elétricos da jovem cidade de São Carlos do Pinhal, que não era senão um vilarejo em 1875, é agora uma verdadeira cidade e deve tomar um grande desenvolvimento. Encontram-se nela já diversos médicos, farmacêuticos, notários advogados e jornalistas... em uma palavra, todos os flagelos da civilização. Possui até um café-concerto e no cartaz posto à porta deste honesto estabelecimento, vejo em letras maiúsculas: “Cançonetas do gênero por Mademoiselle Nini dos concertos de Paris. Importação caracteristicamente francesa, que certamente não paga alfândega...” (**L’Etat de Saint-Paul et son café**, p.128 *apud* AMADOR, 1997, p.88)

Em 1882, Antônio Carlos foi eleito presidente da Câmara Provincial de São Paulo, para um mandato de dois anos. Durante esse período, ele foi agraciado com mais um título, o de Visconde do Pinhal. Em 1884, foi inaugurada a interligação entre Rio Claro e São Carlos, chegando a Araraquara em 1885 e a Jaú em 1887 (veja figura 10).

Figura 10: Estação ferroviária de São Carlos



Fonte: *Almanach-album de São Carlos*

Em 1885, Antônio Carlos recebeu a mercê das “Honras de Grandeza”. No ano seguinte a cidade de São Carlos recebeu a visita de D. Pedro II, que chegou à cidade de trem “...sentado à frente da máquina, entre os senhores Viscondes do Pinhal e de Paranaguá”... (BOTELHO, 2000, p.16). Durante a visita, o Imperador fez questão de ser acompanhado por Antônio Carlos, o que era uma prova de seu prestígio.

Dois anos mais tarde, Antônio Carlos e outros fazendeiros de sua região, confirmando a sua tendência liberal, subscreveram um documento que antecipava a Lei Áurea, promulgada cinco meses depois, cujo conteúdo é o seguinte: “Que sejam

entregues cartas de liberdade plena, no dia 31 de dezembro de 1887, aos escravos pertencentes e existentes nas propriedades do Município de São Carlos do Pinhal, por seus senhores presentes. Sala de Reuniões em São Carlos do Pinhal (29/12/1887)” (BOTELHO, 2000, p.16).

Mesmo com o acúmulo de tantas atividades, Antônio Carlos não abandonou o cultivo da terra. Além das já citadas fazendas em São Carlos, ele também abriu outras oito na cidade de Jaú. Em meados de 1890, fundou, na cidade de Ribeirão Preto, a Companhia Agrícola do Chimborazo, que reunia nove fazendas com um total de dois milhões de cafeeiros, a qual era servida por uma estrada de ferro particular com cerca de vinte quilômetros de trilhos, que transportavam o café diretamente da roça à estação da Companhia Mogiana (BOTELHO 3.o, 1950).

Os lucros advindos das grandes exportações do café também propiciaram o desenvolvimento das cidades. Para Costa (1977), a razão para a grande expansão das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, ao contrário do que ocorreu em Recife, se deve ao fato de as primeiras estarem situadas na zona cafeeira então em expansão, ao passo que a capital pernambucana, que vivia em função da economia açucareira que estava em franca decadência, enfrentava dificuldades e permaneceu estagnada.

No trecho abaixo, Martins (1990) descreve os efeitos da expansão da rede ferroviária no desenvolvimento das cidades do interior de São Paulo:

Foi a partir do avanço dos trilhos que a Província de São Paulo deu início à desmontagem de seu cenário colonial, procurando incorporar os símbolos do progresso que a mesma máquina ajudava a transportar. (...) As cidades atingidas pela ferrovia povoaram-se, enfeitaram suas edificações, construíram palacetes e hospitais; as praças receberam jardins públicos; introduziu-se a iluminação a gás e até a elétrica; instalaram o telégrafo, serviços telefônicos; empenharam-se em novas

atividades manufatureiras e comerciais. E mais, recebiam jornais da Corte, de Lisboa, de Paris, aplaudiam companhias de óperas internacionais, introduziam novos materiais construtivos, até estações de ferro fundido pré fabricadas, conheciam outros profissionais, fotógrafos, tipógrafos, alfaiates, modistas franceses e diretamente da Itália, para lecionar música no interior, o Maestro Chiafarelli (p.125).

A partir do exame das atas da Câmara de cidades do interior, Martins (1990) conclui que os aformoseamentos que introduziram novos equipamentos urbanos não solucionavam a precariedade e o atraso em que se encontravam essas cidades e vilas naquele período. “Progresso e atraso caminhavam juntos” (p.117). As condições de higiene, por exemplo, eram precárias e freqüentemente causavam epidemias. Não havia hospitais ou iluminação adequada na maioria das cidades. Houve então, neste período, um intenso movimento urbanizador no sentido de “modernização” das cidades, seguindo o modelo da corte e da capital, conforme relata Martins (1990):

(...) o espaço da cidade se apresentava como um grande canteiro de obras. São constantes nas seções das câmaras em fins dos anos 70 e durante todo o decênio seguinte as desapropriações, compras de terrenos, demolições, contratos de obras e de serviços públicos com vistas à transformação da imagem da cidade, de núcleo acanhado de feição colonial para dar lugar à “alvenaria burguesa”. Em lugar da taipa de pilão, agora com tijolos são construídas a nova matriz, as casas de câmara e cadeia de risco eclético, algumas com planta do arquiteto Victor Dubugas, e secularizando o espaço, teatro, lojas maçônicas, gabinetes de leitura e escolas particulares. (MARTINS, 1998, p.115)

Após a chegada da estrada de ferro, a cidade de São Carlos, que até então era apenas um pequeno aglomerado de casas de barro e de taipa e pilão, se transforma. Os grandes fazendeiros da região construíram modernos palacetes, adornados com materiais trazidos da capital e do exterior, como a ardósia inglesa e a cerâmica francesa e italiana. A arquitetura segue linhas européias, sendo várias delas réplicas de

edifícios paulistanos, elaborados por construtores com diplomas estrangeiros. Diferentemente dos velhos casarões, os palacetes contavam com amplas janelas, jardins, varandas e gradis de ferro adornados.

Antônio Carlos foi um dos fazendeiros que construíram um palacete na cidade para receber eventuais visitantes, como ilustra a figura 11. Para tanto, contratou o construtor italiano David Cassinelli, ao qual solicitou que copiasse em seus aspectos externos a residência do Marquês de Três Rios, inclusive as grades de ferro que a contornavam. Nesse mesmo ano, 1887, Antônio Carlos foi agraciado com mais um título nobiliárquico, tornando-se então Conde do Pinhal.

Figura 11: Palacete do Conde do Pinhal, atual sede da Prefeitura da cidade de São Carlos



A mobília da nova casa foi confeccionada na Casa Martins do Rio de Janeiro; as loucas, cristais e pratarias adornadas com o monograma CP foram adquiridos na Europa (veja figuras 12 e 13).

Figuras 12 e 13: Louça e mobília com o monograma do Conde do Pinhal



Fonte: site da fazenda Pinhal



Tanto a mobília quanto os aparatos encontram-se atualmente na sede da fazenda Pinhal como ilustra a figura 14.

Figura 14: Sala de jantar da Fazenda do Pinhal



Fonte: A casa do Pinhal

O Palacete raramente era ocupado e permanecia fechado. Dezesete anos após a morte do Conde do Pinhal, o prefeito da cidade de São Carlos, Ellias Augusto de

Camargo Salles, consultou o procurador da Condessa a respeito da compra do imóvel. Os herdeiros concordaram visto que o prédio seria destinado a abrigar o Paço Municipal. O prédio, restaurado, ainda mantém a sua imponência até os dias de hoje com a mesma função.

A partir de 1890, houve grandes alterações no número de habitantes do interior da Província; foram criados novos núcleos urbanos e os já existentes se expandiram. Houve o aumento das receitas municipais e o crescimento dos meios de transporte. Essas mudanças, segundo Martins (1990), “guardam estreitas relações entre si, podendo-se admitir uma sincronização entre impulso demográfico, desenvolvimento econômico e expansão da via férrea” (p.114-5). Era o resultado da acumulação de capital proporcionado nesta fase pela atividade tropeira, pela cana-de-açúcar e pelo café, caracterizando a etapa “agrário-mercantil” do desenvolvimento da Província (MARTINS, 1990).

Conforme Oliveira (1987 *apud* MARTINS, 1990),

a urbanização era um processo mais ou menos generalizado, pouco distinguindo-se a capital das demais cidades do interior (...) O fato da capital ter adquirido “primazia urbana” não impediu a formação de significativa rede de cidades, todas dotadas de conforto e dos recursos que, em maior escala, concentram-se em São Paulo. Rede de cidades cujas origens remontam ao ciclo açucareiro, expandida e consolidada ao longo do período cafeeiro (p.145).

Nos últimos anos do século XIX, segundo Maeyama (1975 *apud* TRUZZI, 2000), a cidade de São Carlos era considerada uma das mais progressistas do interior do estado de São Paulo. Seus moradores tentaram reproduzir a vida urbana e a cultura da capital. Em 1889, foi instalado o telefone; no ano seguinte foi iniciada a rede de abastecimento de água e esgoto; em 1892, Antônio Carlos contratou o engenheiro

inglês Richard Davis, que possibilitou a instalação de luz elétrica por arco voltaico, uma das primeiras cidades da América do Sul a utilizar essa tecnologia.

Também em 1892, foi inaugurado o Theatro Ypiranga, onde eram apresentadas peças dramáticas e musicais, principalmente de artistas locais, e de habilidades variadas como prestidigitadores, equilibristas, ginastas e contorcionistas (NEVES, 1984). Havia com frequência atividades de música, dança e outras organizadas pela Escola Normal Secundária. O primeiro epíteto que elaboraram para a cidade foi “Princesa do Oeste”, e a estrada de ferro era o símbolo desse desejo de progresso.

Nessa época, o trecho da estrada de ferro de Rio Claro foi incorporado à Companhia Paulista, e Antônio Carlos, então Conde do Pinhal, foi eleito presidente da empresa cedendo-lhe o seu logotipo. Com os dividendos da venda de estrada de ferro, ele fundou o Banco de São Paulo na capital do qual foi presidente. Dois anos mais tarde, fundou também o Banco União de São Carlos, do qual era o principal acionista e mais tarde ocupou o cargo de presidente do Banco de Piracicaba. Além da estrada de ferro e dos bancos, ele também fundou companhias agrícolas e de exportação; organizou a Sociedade Promotora da Imigração, através da qual trouxe as primeiras famílias de colonos alemães e austríacos. O Conde também mantinha duas “casas comissárias” em Santos e, ao final do século, tornou-se o principal acionista da Companhia Agrícola de Ribeirão Preto.

Essa diversificação de bens e alteração das fontes de rendimento, segundo Mello (1985) são característicos de fazendeiros modernos da época, como Silva Prado, Queiroz Telles, Pereira de Queiroz e Vergueiro e o próprio Conde do Pinhal. Costa (1977) também registra essa tendência dos grandes fazendeiros de tornarem-se

empresários, ocorrida no final do século XIX. Isso se deu principalmente com os fazendeiros da região oeste, que passavam por uma fase promissora, enquanto os das regiões decadentes assumiam uma posição retrógrada.

Ao analisar o desempenho do Conde do Pinhal no manejo de seus negócios, Truzzi (2000) conclui que:

A biografia do Conde do Pinhal mostra que os fazendeiros extrapolaram em muito sua atividade inicial de plantio de café, ao abrirem estradas de ferro, ao providenciarem a imigração, ao discutirem seus problemas em Congressos Agrícolas, ao promoverem exposições, ao exigirem uma política de valorização do café e ao realizarem inversões em bancos, em melhorias urbanas e, em algumas regiões, mesmo no comércio ou na indústria (p.85).

Com a proclamação da República, Antônio Carlos, que era monarquista convicto, ainda colaborou na organização do Estado, fazendo parte da primeira Constituinte Republicana Paulista como Senador. Em 1893, no entanto, ele retirou-se definitivamente da vida pública.

A vida da família Botelho não se restringia aos negócios. As viagens pelo Brasil e ao exterior também faziam parte da rotina. Durante o período em que morou na França, Carlos José insistiu com o pai para que fosse conhecer a “civilização”: “Por ocasião dessa festa (Festa Nacional de 1879) sinto não o ver na Europa, e sinto ter vindo muito maduro para cá” (ARANHA, 1966, p.129). Mas as viagens à Europa só começaram em 1892, quando Antônio Carlos viajou com sua esposa, dez filhos e a neta Sarah. A viagem durou meses (veja figuras 15 e 16).

Figura 15: O Conde do Pinhal e família em Paris



Fonte: Café e indústria

Figura 16: Conde do Pinhal e esposa em Carlsbad, na Alemanha



Fonte: Naninha, aceitai minhas saudades

Nessa época, os filhos Augusto e Amadeu estudavam respectivamente em *Liège* e *Bordeaux*. Durante a viagem, o Conde e a Condessa estiveram na estação de águas de *Baden-Baden*, onde aprenderam com o Dr. Kneipp um tratamento baseado em um caminho de água corrente. O livro contendo a descrição deste tratamento encontra-se presente na biblioteca da família e serviu de guia para a construção de um caminho d'água ao lado da Casa Grande, existente até hoje, como ilustra a figura 17.

Em 1893, Antônio Carlos voltou ao Velho Mundo para ver os filhos e conhecer um pouco mais a Europa, dessa vez acompanhado por suas irmãs e cunhados. Quando não viajavam juntos, Antônio Carlos e sua esposa trocavam inúmeras cartas, que estão cuidadosamente preservadas e recentemente foram publicadas em um livro (BOTELHO, 2000).

Figura 17: Escada d'água do pomar da fazenda Pinhal



Fonte: site da fazenda Pinhal

Em uma dessas cartas, ele descreve o seu itinerário de viagens pela Europa:

Paro aqui (Londres) alguns dias para estar com o Barreto e sigo para *Bordeaux*. De ali vou direto à Itália enquanto o tempo não é muito quente e da Itália volto a fazer uma estação de doze a quinze dias em *Carlsbad* e depois seguirei para Alemanha e Suíça de onde voltarei para Paris a despedir-me dos filhos e seguirei para Espanha e Portugal de onde tomarei passagem para o Brasil (jun. 1893). (p.108)

Alguns trechos das cartas revelam a admiração do Conde pela cultura européia:

Há quatro dias nos achamos aqui na cidade eterna (Roma), onde tudo é monumental, grandes palácios, grandes templos, grandes ruínas contendo riquezas indescritíveis... vou a Nápolis visitar o Vesúvio e as ruínas de Pompéia ... irei para Milão, Viena, Suíça e *Carlsbad*. (jul. 1893). (p. 110)

Irei a Paris dando concluída a minha visita ao norte da Europa, ... partirei para a Espanha e Portugal (ago. 1893). (p. 116)

Em 1895, ele voltou a Paris e Lisboa onde comprou dois casais de cisnes, um branco e outro preto para adornar o lago do Pinhal (BOTELHO, 2000). Esta parece ter sido a última viagem internacional do Conde. O lago para o qual foram destinados os cisnes ficava nos jardins que rodeiam a sede da fazenda Pinhal. Constituído de plantas vindas da cidade de Rio Claro e do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, eles são inspirados nos canteiros de Versalhes. Os jardins constituem exemplos da influência européia no cotidiano dos Botelho.

Antônio Carlos faleceu na fazenda Pinhal no 11 de março de 1901, aos sessenta e quatro anos de idade, ao regressar de uma viagem de negócios do Rio de Janeiro. A biografia de Antônio Carlos revela a sua importância para a história de São Paulo e para o desenvolvimento da região de São Carlos.

Anna Carolina assumiu a liderança da família, conduzia a fazenda e os negócios com a ajuda dos filhos e sobrinhos. O seu sucessor político foi Carlos José, filho mais

velho. Antes de se envolver com a política, ele fundou o primeiro hospital particular em São Paulo, além de outros na capital. Conciliou as atividades de medicina e pecuária em sua fazenda Francisca do Lobo e na propriedade na cidade de Dourados.

Por volta de 1900, abandonou o exercício da medicina e dedicou-se à atividades relacionadas à agricultura e à política. Ocupou o cargo de Secretário da Agricultura, Viação e Obras Públicas no governo de Jorge Tibiriçá (1904-1908) e empreendeu inúmeras realizações, por exemplo: implantou núcleos coloniais em cidades do interior do Estado; foi o fundador do Jardim da Aclimação e do Zoológico de São Paulo. Construiu a Escola Agrícola de Piracicaba em terras doadas ao estado pelo Dr. Luiz Antônio de Souza Queiroz; foi membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; instituiu a Agência Oficial de Imigração e Trabalho para Registro de Contratos entre Trabalhadores Rurais e os Fazendeiros. Em 1906, iniciou o desbravamento das regiões Noroeste, Alta paulista e Alta Sorocabana até então inexploradas e habitadas por índios.

Os demais filhos de Antônio Carlos, com exceção de Martinho Carlos, dedicaram-se principalmente à agricultura. Dois dos irmãos de Antônio Carlos também tiveram uma atuação política, principalmente na cidade de São Carlos. Bento Carlos, irmão caçula de Antônio Carlos, que era republicano, teve várias gestões como vereador e foi presidente da Câmara Municipal. Investiu também no desenvolvimento da cidade sendo o maior acionista da Companhia de Luz elétrica e terminando, com recursos próprios, o Teatro de São Carlos. Paulino Carlos foi o fundador e chefe do Partido Republicano em São Carlos e Deputado Federal por várias gestões. Ocupou o

cargo de presidente do Banco de São Carlos fundado por seu irmão Antônio Carlos. Participou, com Antônio Carlos, da primeira constituinte republicana paulista.

Alguns dos genros também tiveram uma atuação política. Firmiano de Moraes Pinto, casado com Cândida, foi diretor do Banco União de São Carlos e teve uma intensa vida política ocupando os cargos de Prefeito de São Paulo, Deputado Provincial, Deputado Federal, Secretário da Agricultura e Secretário da Fazenda. Bento Bueno, marido de Antônia de Arruda Botelho, foi Deputado Estadual, Senador, Presidente da Câmara dos Deputados, Chefe de Política e Secretário do Interior e da Justiça no governo de Bernardino de Campos. Foi Comissário Geral de Imigração na Europa e Ministro do Tribunal de Contas do Estado.

Os casamentos dos filhos de Antônio Carlos também ilustram uma prática comum às elites dos oitocentos. Conforme Needell (1993), o matrimônio era uma forma de manter ou reforçar a posição econômica conquistada. Assim, o exame das árvores genealógicas das famílias da elite, como a da família Botelho, revela a importância dos laços familiares para garantir a permanência dos bens e da posição social alcançada (ver apêndice III). O próprio Antônio Carlos casou-se em primeiras núpcias com Francisca Coelho, filha de proprietários de terras na cidade de Piracicaba. Três irmãos dele casaram-se com as irmãs Coelho. O seu segundo casamento foi com a filha dos futuros Viscondes de Rio Claro. Os irmãos de Anna Carolina, conforme foi descrito anteriormente, também foram agraciados com títulos nobiliárquicos e eram todos fazendeiros.

Quanto aos filhos do Conde do Pinhal: Carlos José casou-se com a bisneta do barão do Passeio Público e marechal Visconde do Rio Comprido, Constança Maria de

Brito Filgueiras – cujo pai, Caetano Alves de Souza Filgueiras, foi professor da cadeira de Direito Romano na Faculdade de Olinda, poeta, autor do livro **Idílios** (Rio, 1872) e membro do Instituto Histórico, Geográfico e Etnológico Brasileiro; Elisa Botelho casou-se com Antônio Augusto Moreira de Barros, filho do conselheiro Moreira de Barros; Carlos Augusto casou-se com Maria Luíza, filha dos barões de Ataliba Nogueira; Sophia casou-se com Francisco Soares Brandão, filho do conselheiro Soares Brandão. O sexto filho do casal, Antônio Soares Brandão, casou-se com Lucilia Maria Gouvêa Carvalho Vieira, neta da irmã de Joaquim Nabuco. O conselheiro Soares Brandão e sua família mantinha amizade com Joaquim Nabuco. Também mantinham amizade com Washington Luís, futuro presidente da República, que se casou com Sophia Oliveira Barros, filha dos Barões de Piracicaba e sobrinha de Anna Carolina, Condessa do Pinhal. Anna Carolina casou-se com João Soares Brandão, irmão de Francisco Soares Brandão. Carlos Amadeu casou-se com a filha do deputado Cândido Lacerda Franco.

Devido a importância da família de Anna Carolina, “Condessa do Pinhal”, para a história de São Paulo, ao completar cem anos, no ano de 1941, toda a cidade de São Paulo movimentou-se para saudar aquela grande senhora dos velhos tempos da monarquia (veja figura 18). Ela faleceu aos 104 anos de idade, em cinco de outubro de 1945.

Figura 18: Condessa Anna Carolina aos cem anos de idade



Fonte : site da fazenda Pinhal

Em seu testamento a Condessa expressou o desejo de que a sede da fazenda Pinhal, composta pela Casa Grande, os terreiros, as tulhas, os jardins, o pomar e a antiga senzala, fosse preservada. Como demonstra a figura 19, o seu desejo foi cumprido pelos herdeiros e, em 1981, o Conselho do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo - CONDEPHAAT, tombou a sede da fazenda e, em 1987, a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, declarou-a Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Figura 19: Sede da fazenda Pinhal nos dias de hoje



Fonte: site da fazenda Pinhal

Esse breve relato permite verificar a agudeza das transformações sofridas pelas terras do antigo sertão de Araraquara e de outras regiões do interior do atual Estado de São Paulo ao longo do século XIX. É nesse contexto que viveram os patriarcas da família Botelho e foi iniciada a coleção que mais tarde deu origem à biblioteca hoje abrigada na sede da fazenda Pinhal e que constitui objeto de estudo desta pesquisa.

Uma vez delineada esta apresentação dos patriarcas da família Botelho, o capítulo seguinte irá reunir elementos que permitem visualizar parte do universo de leitura da passagem do século XIX para o século XX. Esta revisão a respeito do tema é fundamental para balizar a posterior análise da biblioteca em estudo.

4. Bibliotecas e práticas de leitura na *belle époque* brasileira

*Não me censure o crítico exigente
O ser pálida a moça; é meu costume
Obedecer à lei de toda a gente
Que uma obra compõe de algum volume”*

(Machado de Assis)

O período abordado nesta pesquisa é marcado pela intensa transformação econômica e cultural, a qual já foi abordada no capítulo anterior. Faz-se pertinente, então, dada a temática deste estudo, uma revisão das práticas de leitura que caracterizaram o período da *belle époque* no Brasil. Este será então o tema do capítulo que se inicia.

No século XIX, período de prosperidade econômica e grandes transformações de várias ordens, a corte assistiu à proliferação de meios de acesso à cultura letrada. A capacidade de leitura já havia se tornado na Europa uma marca representativa da cultura burguesa (WITTIMANN, 1998), mas no Brasil ela começava ainda a ser

valorizada. Segundo Moysés (1998), “A maneira diferenciada com que esses materiais impressos circulam nos diversos grupos sociais, nos meios urbano e rural, os modos de apropriação passam a ser a expressão da distância entre os espaços sociais” (p.101).

Sabe-se que, no início do século XIX, na Europa e Estados Unidos as bibliotecas particulares eram símbolos de status e ocupavam grandes espaços nas residências, conforme foi apontado anteriormente. No Brasil, é nesse período que elas começam a ganhar mobílias, instrumentos e espaços especialmente reservados. Conforme Villalta (1997), a biblioteca particular ou “livraria”, como se dizia na época, foi “uma conquista paulatina e típica das elites intelectuais, ocorrendo no Brasil a partir do final do século XVIII e ainda inconclusa época da independência” (p.376).

A leitura, por sua vez, torna-se cada vez mais uma prática privada, realizada no interior das residências, distanciando-se da tradição de oralidade. Para Villalta (1997), as bibliotecas desse período “foram espaços de obediência a Fé, Lei e Rei”, mas também de contestação, uma vez que a partir do século XVIII, passaram a incluir “obras afinadas com as codificações científicas, com a ilustração e, ainda, escritas em língua francesa ou inglesa” (p.384).

Porém, mesmo entre as famílias mais abastadas, as bibliotecas particulares até meados do século XIX eram raras, como ilustra do depoimento de M. e Mme. Agassiz, datado de 1865:

Nada impressiona tanto o estrangeiro como essa ausência de livros nas casas brasileiras. Se o pai exerce uma profissão liberal, tem pequena biblioteca de tratados de Medicina ou Direito; mas não se vêem livros espalhados pela casa como objetos de uso constante; não fazem parte das coisas de necessidade corrente. Repito que há exceções. (apud LEITE, 1984, p.73)

A prática de leitura no Brasil dos oitocentos era diferenciada conforme a posição social e o sexo dos indivíduos. Entre as mulheres das classes mais abastadas, a leitura era uma atividade recomendada, porém extremamente vigiada. O controle exercido pelos pais e maridos quanto ao comportamento e educação da mulher também se repetia com relação à leitura. Os textos dos viajantes estrangeiros dão mostras da relação entre as leitoras e o objeto impresso. Agassiz (*apud* LEITE, 1984), por exemplo, relata uma passagem em que, ao consultar um livro encontrado sobre um piano na residência de um fazendeiro ao qual visitava, foi censurada por este:

Um livro era coisa tão rara nos aposentos ocupados pelas famílias que fiquei curiosa em saber qual seria o conteúdo dele. Era um romance, e, ao virar-lhe as páginas, veio o dono da casa e disse em voz alta que aquela não era uma leitura conveniente para mulheres. “Aqui está (entregando-me um pequeno volume), uma excelente obra que comprei para minha mulher e minhas filhas”. Abri o precioso volume, era uma espécie de tratado de moral, cheio de banalidades sentimentais e de frases feitas em que reinava um tom de condescendência e proteção à pobre inteligência feminina (...) (p.75)

Nos centros urbanos, entre as famílias dos comerciantes abastados e profissionais liberais a leitura era encarada de maneira diferente. A mulher da família burguesa, embora fosse responsável pela educação dos filhos e do controle da casa, dispunha de tempo para ler e tinha o dever de apresentar-se bem em público, não apenas na aparência física, mas no comportamento e demonstrando certa cultura. As mulheres cuidavam da imagem do homem público de modo a garantir o *status* já alcançado, e se possível elevá-lo (D’INCAO, 1997). A leitura e a música, então, tinham um papel importante na formação da mulher burguesa, como ilustra o trecho de D’Incao (1997): “As salas abriam-se freqüentemente para reuniões mais fechadas ou

saraus, em que se liam trechos de poesias e romances em voz alta, ou uma voz acompanhava os sons do piano ou harpa” (p.228).

Era recomendável a leitura de manuais e guias de etiqueta para que a moça adquirisse hábitos e costumes para estar participando de eventos sociais e também para cuidar da casa. Os próprios manuais indicavam o tipo de leitura adequada, por exemplo, em viagens. Schwarcz (1999) relata que, segundo estes manuais, os homens deveriam estar sempre acompanhados de um “bom livro, papel e tinteiro para escrever; já a mulher contenta-se com alguma obra de mão e, quem sabe, um livro sobre botânica” (p.201).

A leitura de romances entre as mulheres de famílias abastadas tornou-se comum, mas com restrições. Embora eles fossem a “expressão literária clássica da sociedade burguesa” (LYONS, 1999), havia algumas recomendações a serem observadas principalmente pelas moças de “boa família” na sua leitura. No **Almanaque de lembrança luso-brasileiro** de 1885, por exemplo, Ana Ribeiro de Goes Bittencourt, escritora e colaboradora do periódico, alerta os pais a respeito do perigo da “tendência romântica” que, através das más leituras, poderiam influenciar negativamente as mocinhas (FREYRE, 1968). Os autores em voga na época, como Alexandre Dumas, Eugène Sue, Ponson du Terrail, Montepin, Alexandre Herculano e José de Alencar, eram considerados perigosos, pois matavam os princípios da moral (FREYRE, 1959). Os romances de José de Alencar, por exemplo, traziam “... certas cenas um pouco desnudadas e certos perfis de mulheres altivas e caprichosas... que podem seduzir uma jovem inexperiente, levando-a a querer imitar esses tipos inconvenientes na vida real” (p.132).

Entre as leituras recomendadas, estavam os livros de orações e os romances que abordavam “amores românticos e bem sucedidos” (MORAIS, 1998). Joaquim Manuel de Macedo também fez recomendações sobre as leituras indicadas para as mulheres, sugerindo biografias de celebridades históricas, “sempre tomando como parâmetro a lição moral das ações dessas mulheres virtuosas ou heróicas” (idem, p.78). Bittencourt, por sua vez, recomenda as obras de Eschsch e os que ela própria escrevera: **A filha de Jephthe** e o **Anjo do perdão** (FREYRE, 1968). Moraes (1998) aponta a existência de uma obra distribuída às escolas primárias do sexo feminino, e que alcançou várias edições dada a sua aceitação, na qual a educadora Izabel Gondim faz recomendações sobre a escolha correta das leituras e a necessidade “das moças absterem-se de leituras de livros considerados perniciosos em que a boa moral fosse preterida” (p.77).

Essas restrições, porém, impediam que algumas leitoras tivessem esses autores como abomináveis. Kidder e Fletcher (*apud* MORAIS, 1998), por exemplo, relatam que era possível encontrar na casa de algumas mulheres letradas da época obras de autores como Balzac, Eugène Sue, Dumas pai e filho, George Sand e folhetins publicados nos jornais, o que demonstra também a influência francesa na escolha das leituras. Charles Expilly (1853 *apud* LEITE, 1984) acrescenta ainda ao rol de leituras das moças autores pouco conhecidos como Arnaud e Luíza Puget.

Conforme o século vai avançando, a leitura ganha novas possibilidades com a ampliação ainda que tímida da educação, principalmente entre as mulheres, e com a criação de livrarias, gabinetes de leitura e com a publicação dos periódicos que multiplicam os meios de acesso do leitor ao impresso.

Os jornais e as revistas, que tiveram uma grande proliferação no século XIX, tornaram os romances mais acessíveis. Segundo Coco (1992), cerca de 90% dos jornais da época se anunciavam como literários. Eles traziam uma seção chamada “folhetim lírico”, que incluía resenhas de teatros e o romance folhetim, publicado pela primeira vez nos jornais brasileiros em 1838. Boa parte desses textos desapareceu, pois não alcançaram o *status* de livro e foram esquecidos. Outros consagraram seus autores para a posteridade. A maior parte dos textos publicados é de autores estrangeiros, principalmente franceses e são traduzidos quase simultaneamente com a publicação original. Entre os mais populares, figura **Os mistérios de Paris** de Eugène Sue. Mas vários autores nacionais consagrados também tiveram textos publicados nos rodapés dos jornais da época, por exemplo, Ramalho Ortigão, Machado, Capistrano, Patrocínio e Raul Pompéia. A presença maciça do folhetim em praticamente todos os jornais da corte e em diversos outros do Império, nas décadas de 1840 e 1850, segundo Meyer (1996), sugere a existência de um público de leitores e “ouvintes consumidores” em número suficiente para influenciar positivamente na vendagem do jornal. Para Serra (1997), o folhetim é uma das primeiras manifestações da cultura de massa, que no Brasil propiciou pela primeira vez a formação de um público leitor ou consumidor da literatura. Uma de suas principais características, o favorecimento à evasão, parece ter a função de “compensação psicológica para momentos de grandes transformações sociais que aconteceram no século XIX, quando da introdução do capitalismo nas sociedades ocidentais” (p.25).

É interessante ressaltar ainda que a maior parte dos leitores dos jornais da época não eram assinantes, como revela o editorial de 28 de fevereiro de 1882, do diário **A**

Estação, citado por Meyer (1996). Conforme indica o editorial, cada assinatura do jornal servia em média a dez leitores. Assim, o público leitor dos folhetins superava em dez vezes o número real de assinantes, que, no caso do referido jornal, era da ordem de dez mil. Os leitores não assinantes tinham acesso aos jornais no trabalho, em gabinetes de leitura e em livrarias. Estes últimos, aproveitando o sucesso da novela em fascículos, lançaram várias edições completas das obras de maior sucesso por meio de subscrição. As obras eram editadas em vários volumes, publicados simultaneamente à divulgação dos capítulos mais adiantados no jornal e se esgotavam rapidamente.

Nos meados do século, também proliferaram os títulos de revistas. O magazine ilustrado, conforme Perrot (1992), era um objeto comum nas casas burguesas européias, juntamente com os livros, e tornou-se imprescindível tanto aos homens de negócios, quanto às mães de família, às crianças em idade escolar e às moças, que chegaram a ser referidas por Monterio Lobato como “moças revisteiras” (MARTINS, 1997).

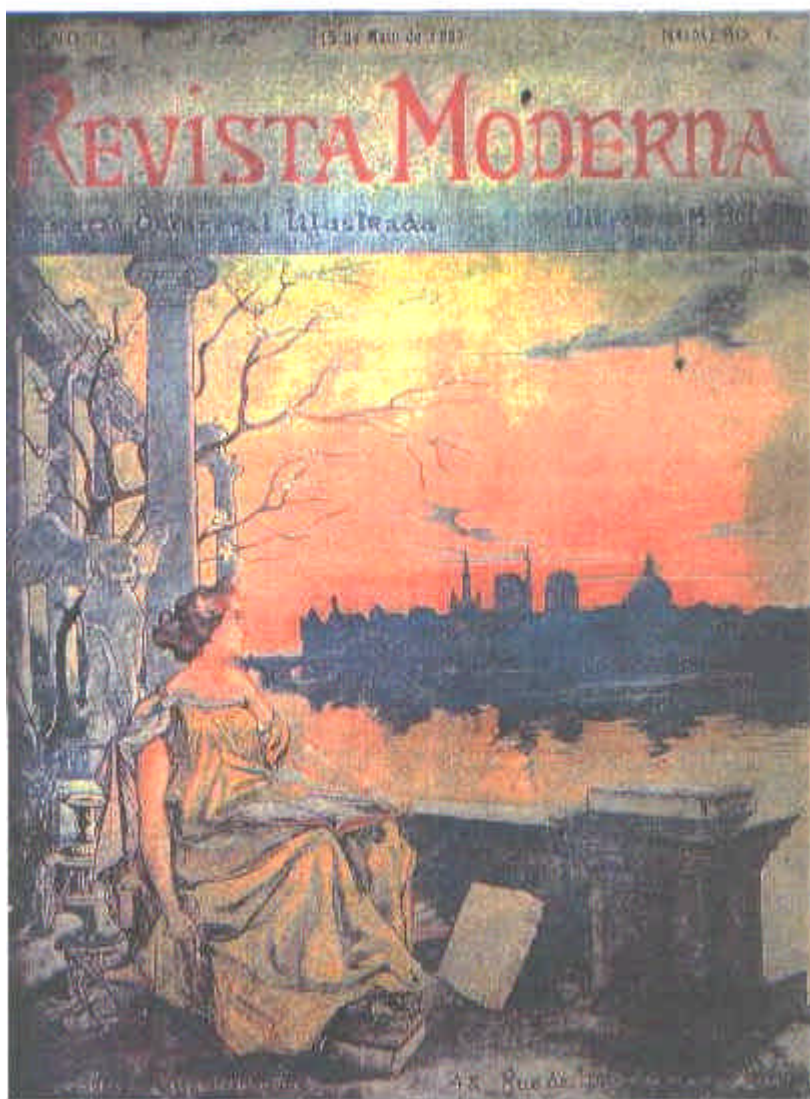
Segundo Meyer (1999), os jornais ilustrados eram semelhantes às revistas, no que diz respeito às temáticas tratadas, à presença de ilustrações e à publicação de romances em folhetim. Eram intensamente consumidos pela burguesia em ascensão que, sem formação, buscava neles entretenimento e informação. Daí o sucesso alcançado por revistas desse tipo.

A **Revista Moderna** é um exemplo do típico do periodismo da *belle époque* brasileira. Ela era editada em 1897, em Paris, por Martinho de Arruda Botelho, filho do

Conde do Pinhal (veja figura 20). Por essa razão, é pertinente detalhar um pouco mais o histórico e a importância dessa revista.

Por volta de seus trinta anos, Martinho mudou-se para Paris, onde foi apresentado a Eça de Queiroz. Como Eça “nunca se conformara com o desaparecimento da **Revista de Portugal**”, publicada entre junho de 1889 e maio de 1892 (JARDIM, 2000, p.20), eles iniciaram juntos um projeto para produzir um magazine ilustrado chamado **Revista Moderna**.

Figura 20: Capa do primeiro número da Revista Moderna



Martinho contava com o apoio do pai, que lhe enviava ordens de pagamento para suas despesas e para investir na nova publicação. Ele também tinha contato com personalidades e escritores da época, o que facilitava a idealização da revista. Eça é considerado, segundo Arnaldo Faro como “direta ou indiretamente, o criador literário da **Revista Moderna**” (*apud* JARDIM, 2000, p.20).

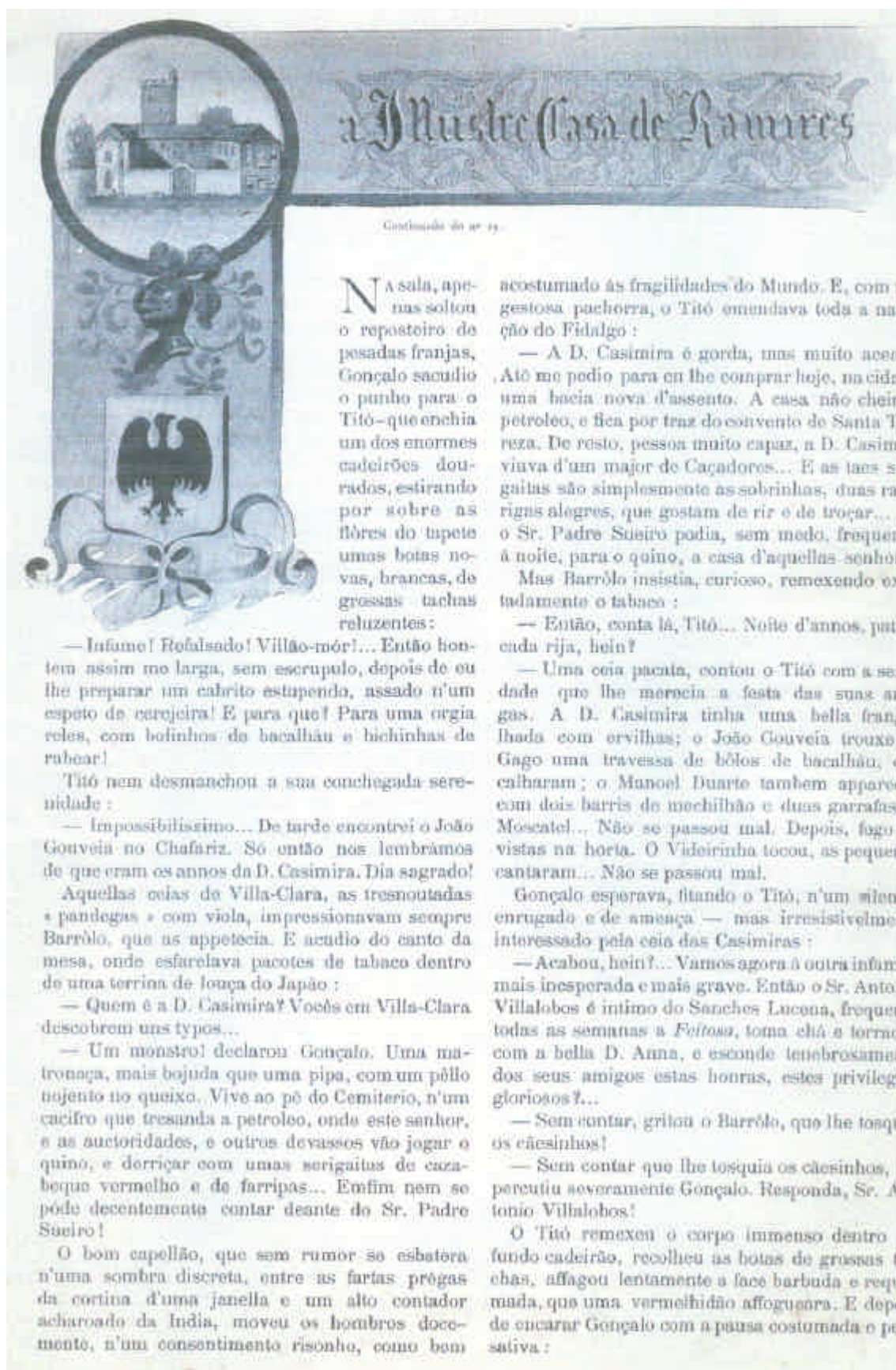
O primeiro número alcançou grande sucesso e, conforme o editor, esgotou-se completamente, gerando inclusive um descontentamento entre os leitores que não conseguiram obter o seu exemplar.

Inicialmente, a sua periodicidade foi mensal, passando a ser quinzenal a partir do quarto número. Ela foi impressa durante dois anos consecutivos, em uma gráfica da rua de Laborde, totalizando trinta números.

A escolha de Paris para a publicação da revista, segundo Miné (1982 *apud* JARDIM, 2000), deve-se ao fato de que a cidade contava com avanços técnicos para a publicação de gravuras com mais qualidade do que outros locais. Era impressa em papel *couché*, de tamanho 30 x 23 cm. A publicação era destinada à circulação no Brasil, mas era distribuída também em várias cidades da Europa.

Um dos grandes méritos da revista foi a divulgação de um romance inédito de Eça de Queiroz, **A ilustre casa de Ramirez**, escrito especialmente para ser publicado em folhetim nessa revista, mas que ficou inacabado devido ao seu encerramento em abril de 1899 (veja figura 21). A **Revista Moderna**, segundo Saraiva (1978), exerceu grande influência no mundo das letras e artes com a colaboração de autores consagrados.

Figura 21: Página do romance *A illustre casa de Ramires*



De volta ao Brasil, Martinho Botelho lançou em São Paulo **O Brasil - Magazine** e **São Paulo – Magazine** em 1906, que, segundo Martins (1997), inovou o tratamento gráfico da época. O mercado editorial dos periódicos diversificou-se, e surgiram publicações voltadas para públicos específicos. Mauad (2001), por exemplo, aponta a existência de dezessete títulos de revistas voltadas para as mulheres. O conteúdo dessas publicações consistia basicamente de crônicas, notícias sobre bailes, episódios recém-acontecidos e conselhos para o dia a dia.

Outro tipo de material de leitura que se tornou popular no final do século XIX eram os almanaques. Conforme Park (1999), os almanaques em geral estão organizados segundo uma ordem cronológica das fases do ano ou da lua e trazem assuntos variados, como notícias astrológicas, calendário de festas religiosas, informações relacionadas ao trabalho da terra, conselhos referentes a doenças e receitas de cozinha; anedotas e fábulas; conselhos para bem viver. Havia também os almanaques de cidades, que traziam as tarifas dos correios, horários de trens, tabelas de preços e notícias locais, fotografias e ilustrações, como o **Amanach-álbum de São Carlos, Almanach histórico do Rio de Janeiro**; os almanaques literários como o **Almanaque das Flumineses** editado no Rio de Janeiro e destinado principalmente às mulheres. Park (1999) também ressalta o empenho dos editores em impingir um caráter científico ao almanaque através da escolha dos colaboradores e dos anúncios ressaltando o aspecto científico da publicação. Seguindo a tendência nacional de modernização e civilização do país, salientava os temas de educação e saúde.

Outro tipo que se tornou popular foram os almanaques de farmácia. Eles divulgavam medicamentos de um laboratório específico, além de artigos sobre saúde, propagandas de médicos, além dos tradicionais calendários com os nomes de santos e estações do ano. Como exemplo, há o **Pharol da medicina**, da Casa Granada. Esse tipo de almanaque era distribuído gratuitamente para as farmácias de todo o Brasil.

Estes foram os tipos de materiais que ampliaram o acesso à leitura ao longo do século XIX. Em algumas residências, eles eram reunidos em um local específico denominado biblioteca. Na tentativa de recuperar dados a respeito acervo de bibliotecas particulares referentes a esse período, Ferreira (2000) desenvolveu um levantamento dos testamentos e inventários existentes no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro que faziam referência a bibliotecas.

É interessante sublinhar que, segundo Freyre (1968), neste período, os livros das bibliotecas particulares brasileiras raramente eram guardados em estantes, mas sim em caixas, que geralmente ficavam nos quartos. A razão deste procedimento era a constante presença de roedores e de umidade, pois as casas eram pouco arejadas e de higiene precária.

Ao analisar os documentos selecionados, a pesquisadora verificou que as bibliotecas arroladas apresentavam uma grande riqueza e pluralidade de temas, além das obras de cunho profissional, características que faltavam a várias bibliotecas públicas do período. Tal característica reflete, conforme Ferreira (2000), o currículo adotado pelas escolas e cursos universitários, que era bastante amplo e ainda a atuação

dos bacharéis em outras áreas que não a de sua especialização, tais como o jornalismo, a literatura e a política.

Entre as categorias profissionais mais representativas nesses fundos documentais estão os advogados e médicos, que tinham grande participação nas atividades político-administrativas brasileiras. O papel dos bacharéis nesse período já foi discutido no capítulo anterior. A leitura e, principalmente, a posse do livro eram bastante valorizadas pela burguesia ilustrada.

Alguns historiadores, como Sérgio Buarque de Holanda (*apud* FERREIRA, 2000), analisaram o grande interesse pelos livros demonstrado pelos bacharéis do século XIX e concluíram que “era mais um traço revelador do seu diletantismo do que uma atitude de efetivo interesse pela literatura” (p.317).

Os engenheiros formavam um outro grupo seleto de possuidores de livros. Para Bornheim (1992), a figura do engenheiro sintetiza a tendência de valorização do trabalho enquanto meio de “desenvolvimento da personalidade”, segundo os moldes do pensamento burguês. Esse profissional une a destreza do artesão e a tecnologia provinda das ciências, ou seja, seu ofício envolve o intelecto e a prática. Essa ótica difere do que rezava o pensamento ocidental vigente, para o qual o homem de caráter elevado deveria dedicar-se somente à cultura e à ciência. O trabalho e principalmente o interesse pelo lucro eram considerados um desvio de caráter (CALDEIRA, 1995).

Os engenheiros tiveram um papel importante na Europa com a revolução industrial e depois no Brasil, no período de sua modernização. A participação desse profissional foi preponderante na instalação das ferrovias, na construção de novos e modernos edifícios e de outras melhorias como a energia elétrica. Ele era um dos

únicos profissionais, além do bacharel e do médico, que possuíam livros, principalmente aqueles que abordavam assuntos técnicos.

Ferreira (2000) analisou algumas coleções bibliográficas que pertenceram a esse tipo de profissional. As principais temáticas incluídas nas coleções pesquisadas eram a literatura, a filosofia, antigüidade clássica e a política, além dos livros técnicos, relacionados à profissão do proprietário da biblioteca. Havia uma acentuada preferência pelos livros franceses, o que confirma a tendência identificada por Freyre (1940) entre os engenheiros na primeira metade do século XIX.

Ferreira (2000) verificou, ainda, pouca menção às brochuras e revistas nos inventários. Como se tratava de materiais baratos, a autora acredita que fossem negligenciados, ao passo que os livros técnicos ou que “privilegiavam a ampliação dos conhecimentos profissionais” eram perpetuados através dos inventários. Outra hipótese para a ausência dos livros de brochura e coleções de periódicos era o fato de que essas publicações eram freqüentemente utilizadas no âmbito doméstico e que, portanto, deveriam ser mantidas para o uso da própria família.

Sabe-se, no entanto, que as brochuras e os periódicos faziam parte do universo de leitura do século XIX, conforme foi apontado anteriormente. Os textos publicados em jornais, as visitas às bibliotecas, as correspondências particulares, as memórias e outros registros demonstram que vários tipos de materiais de leitura circulavam através das brochuras e periódicos, a saber, crônicas, romances, poemas, entre outros, que eram bastante “consumidos” na época. Outro indício são os catálogos de livrarias, que apresentavam com bastante freqüência este tipo de publicação.

Com relação ao final século XIX e início do século XX, foram encontradas poucas pesquisas. No final do século XIX, conforme já foi apontado anteriormente, a capital do Império passou a contar com uma maior variedade de tipógrafos e livrarias nacionais e estrangeiras, o que pressupõe o aumento da demanda para o consumo do livro. Autores como Laurence Hallewell (1985) e José Murilo de Carvalho (1997) relacionam a ampliação do número de livrarias e tipografias ao quadro de estabilidade política do Império em meados do século XIX e com o *status* que a posse de livro passou a proporcionar aos grupos médios urbanos.

Na passagem do século, houve também um grande crescimento do mercado editorial voltado para as revistas técnicas. Entre 1912 e 1930, por exemplo, há um crescimento significativo (cerca de 47,8%) das revistas de agricultura. Com a crise do café a partir de 1895, houve necessidade de mudanças no setor agrícola nacional. O governo incentivou as médias e pequenas lavouras. Esse tipo de lavoura demandava que seus proprietários se mantivessem atualizados, por exemplo, a respeito das novas culturas, formas de combate às pragas e novos produtos disponíveis. As revistas agrícolas visavam suprir este mercado. Elas veiculavam não apenas informações técnicas, mas também economia rural, calendário agrícola, propagandas e, em alguns casos, a literatura. Alguns dos periódicos de maior sucesso nesse período foram **Chácaras e quintais**, **O fazendeiro** e a **Revista agrícola**, essa última teve como colaboradores vários nomes conhecidos da elite rural que também eram especialistas do ramo na época, entre eles, Carlos José Botelho, o filho mais velho do Conde do Pinhal.

Outra fonte analisada por Ferreira (2000) na tentativa de se reconstituir o universo de leitura do século XIX são os leilões. Segundo a pesquisadora, os leilões representavam um setor importante do comércio de livros, devido à necessidade de realizá-los judicialmente e, ainda, ao interesse demonstrado por livreiros e editores.

Ferreira (2000) realizou o seu levantamento através do **Jornal do Commercio**, no período entre 1870 e 1890. Os registros mais comuns não incluíam os títulos das obras, mas apenas o seu caráter geral, por exemplo, “obras em francês”, “livros em diferentes idiomas” ou ainda “coleção de livros de medicina”. Com o passar do tempo, no entanto, os jornais passaram a incluir os títulos das obras e detalhes sobre as características dos lotes, mencionando, por exigência legal, os nomes dos antigos proprietários.

Entre as obras encontradas nesses registros, verificou-se a predominância das obras em língua estrangeira, em particular o francês. Na segunda metade do século XIX, havia uma nítida preferência por autores como: Corneille, Racine, Molière, Montesquieu, Rousseau, Benjamin Constant, Victor Hugo, Dumas, Eugène Sue, Ponson du Terrail e Chateaubriand. Conforme Freyre (1968), os autores ingleses eram evitados talvez por serem “mais hereges e mais perigosos que os franceses” (p.319). Porém, a partir da década de 70, tornaram-se mais freqüentes juntamente com as obras em alemão: Shakespeare, Schiller, Goethe, Proudlon, Walter Scott, Dickens, Disraeli e as irmãs Bronte. Entre os portugueses, os mais comuns eram Camilo Castelo Branco, Herculano, Garret e Camões. Os dicionários, por sua vez, passaram a constituir lotes cada vez maiores e presentes.

Em um conjunto de cinquenta leilões divulgados pelo **Jornal do Commercio** entre 1870 e 1879, Ferreira (2000) verificou que os principais temas incluídos nos lotes eram: Belas letras (90%), História (82%), Ciências e Artes (56%) Jurisprudência (30%) e Teologia (24%). Algumas dessas listagens não apresentavam dados precisos quanto a alguns materiais, indicando apenas, por exemplo, “brochuras”, “obras diversas”. Assim, eles foram incluídos em uma outra categoria indicada como “Diversos”, que perfazia 56% dos materiais leiloados neste período.

Em São Paulo, no entanto, o acesso ao livro no início do século era bastante restrito. A obra de Maria Paes de Barros (1999), publicada pela primeira vez em 1946, retrata, segundo a memória da autora, vários aspectos da vida cotidiana, em particular do universo feminino. Barros (1999) faz referência aos livros que circulavam em sua casa em meados do século XIX. Segundo ela, as obras didáticas adotadas, bem como os volumes das duas estantes que se viam na espaçosa sala de estudos, eram em francês.

Apesar das dificuldades, a leitura era uma atividade valorizada pelos membros da elite cafeeira paulistana, como ilustra este trecho de Paes de Barros (1999):

No afã de ilustrar os filhos, o comendador B. mandara vir da França uma boa coleção de obras para a mocidade: histórias, viagens e biografias de homens célebres. As mais velhas recebiam a **Revista popular**, tão apreciada das famílias, e **L'Écho des feuilletons**, publicação de novelas que as deliciavam com as façanhas dos heróis de Alexandre Dumas e as apaixonadas ternuras de Mme. Cottin (p.94).

Outro tipo de livro bastante popular é o manual, que, em geral, tratava sobre saúde e medicina. As obras do Dr. Chernoviz, **Medicina popular** e **Médico das família**, o **Dulk Pharmacopiam Burnica** de Welhaim, ou ainda o **Plantas medicinais** de Kunt são mencionados na literatura (NEVES, 1984 e BARROS, 1999). Devido à falta de médicos e hospitais, as mulheres recorriam a manuais como esses para preceder aos primeiros socorros e curar algumas doenças.

O universo de leitura dos homens também é mencionado por Barros (1999). A leitura de jornais, por exemplo, **O correio paulistano** e o **Jornal do Commercio**, era exclusividade dos homens. Segundo ela, “era rara a família de certa cultura que não lesse este último, a fim de ter informações seguras de tudo o que se passava na política nacional e estrangeira” (p.121). Os homens liam e os demais membros da família tinham acesso às notícias através do comentário deles nas conversas gerais à noite quando a família estava reunida. Havia também jornais voltados exclusivamente para o universo feminino. Entre eles, o que parece ter sido mais popular foi o **Jornal das senhoras**, publicado entre janeiro de 1852 e dezembro de 1955. Saía aos domingos, e os assuntos arrolados eram bastante variados, abrangendo a educação higiênica, gravuras de moda e sua descrição pormenorizada, artigos enviados por colaboradoras, que em geral versavam sobre militância, e os folhetins, a maioria de autoria feminina.

A autora também menciona a biblioteca de um tio “inteligente e instruído”, que reunia “obras científicas e literárias em várias línguas”, demonstrando assim a popularização das bibliotecas particulares em São Paulo.

Segundo Martins (1990), com o desenvolvimento econômico e a expansão das ferrovias, “pianos e poucos livros passaram a ser ‘adornos’ indispensáveis no recinto das famílias da elite” (p.125) das cidades do interior da província de São Paulo, por exemplo. As bibliotecas particulares, então, passaram a ser mais comuns entre os membros da elite ilustrada.

Aqueles que não tinham a possibilidade de manter uma biblioteca particular ou queriam ampliar as suas leituras puderam a contar também com as bibliotecas institucionais e circulantes.

O comércio livreiro na sede da corte fortaleceu-se ao longo do século XIX, principalmente a partir do fortalecimento do comércio de artigos finos voltados para a elite na rua do Ouvidor. Ao longo dos oitocentos, estabeleceram-se no Rio de Janeiro cerca de cento e quarenta e nove tipógrafos, entre os quais estão nomes como Plancher, Villeneuve, Bertrand, Leuzinger, Laemmert, Cremière, Firmin-Didot e Garnier (BERGER, 1984 *apud* FERREIRA, 2000). Eles não atuavam apenas como tipógrafos, mas também como livreiros. Joaquim Manuel de Macedo, ao relatar as suas memórias sobre a rua do Ouvidor, menciona, entre as diversas livrarias existentes, qual considerava melhor: Louis Mongie; por conseguinte, essa deveria ser também a melhor da cidade e do Império. A venda de livros, no entanto, ainda era restrita a uma pequena parcela letrada da população. Assim, para aumentar seus lucros, essas livrarias vendiam também artigos de luxo variados. Algumas delas mantinham bibliotecas circulantes que locavam obras por dia ou mês e que também eram chamadas de gabinetes de leitura (SCHAPOCHNIK, 1999).

Em meados do século, havia no Rio de Janeiro oito gabinetes de leitura, dos quais seis eram situados à rua do Ouvidor. É interessante ressaltar que tanto o comércio livreiro, como os gabinetes eram mantidos predominantemente por franceses.

Baseando-se nos freqüentes anúncios desses estabelecimentos nos periódicos da época, Schapochnik (1999) verificou que o acervo dessas livrarias/bibliotecas era predominantemente composto de obras francesas, e, em menor número, de obras em português. Obras de autores de outras nacionalidades se faziam presentes através de traduções francesas. Entre os autores presentes no acervo desses gabinetes, os românticos, entre eles Honoré de Balzac, Eugène Sue, Alexandre Dumas, Fenimore Cooper, Arlincourt, Frédéric Soulié e Walter Scott, eram maioria. Em geral, os gabinetes estavam atualizados sobre os lançamentos do mercado livreiro estrangeiro.

Não há dados muito precisos quanto aos freqüentadores desses gabinetes e bibliotecas circulantes. Supõe-se que eram alunos da Faculdade de Medicina e da Academia Militar, comerciantes, profissionais liberais e funcionários públicos. Entre esse grupo diversificado de leitores, um deles registrou as suas impressões de leitura e de uso dessas casas: José de Alencar no ensaio “Como e porque sou romancista”. A respeito da questão dos leitores, Schapochnik (1999) conclui que:

os gabinetes (de leitura) constituíram-se numa afortunada instituição, quer para ampliar as possibilidades de leitura dentre aqueles que dispunham de diminutas bibliotecas privadas e ainda, de quebra, alimentar o imaginário daqueles que não sabiam decifrar o texto, participando da experiência da leitura de oitiva (p.26).

A partir de 1862, no entanto, há o desaparecimento dos gabinetes de leitura na corte. O historiador acredita que tenha sido conseqüência da migração dos leitores para as bibliotecas associativas e das “corporações sábias” sobretudo nas capitais das

províncias, por exemplo, a *Gessellschaft* Germânica (1821), *British Subscription Library* (1826), o Gabinete Português de Leitura (1837) e a Biblioteca Fluminense (1847).

Em geral, essas entidades estavam vinculadas a comunidades estrangeiras. Ao fazer um levantamento das bibliotecas e locais de acesso à leitura no Rio de Janeiro da passagem do século XIX para o século XX, Schapochnik (1999) verificou a existência de acervos de entidades corporativas relacionadas tanto ao saber laico, como a biblioteca da Faculdade de Medicina, do Museu Nacional, da biblioteca da Marinha, A Biblioteca Fluminense, a *British Subscription Library*, a Sociedade Germânica e o Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro, quanto a entidades religiosas, como a do Convento de São Bento, do Convento de Santo Antônio.

Há, no entanto, pouca informação a respeito do acervo dessas entidades. Nas bibliotecas especializadas, como a biblioteca da Faculdade de Medicina e do Museu Nacional, verifica-se uma preocupação na aquisição de periódicos científicos, como ilustra o trecho a seguir:

Parece-me que é sobremodo animador aquele algarismo (número de consulentes), que precisamente indica que aumentará logo que as coleções de jornais científicos (...) e várias obras didáticas forem obtidas. Tais jornais têm a dupla vantagem de noticiar, resumidamente, todos os progressos dos diferentes ramos das ciências médicas, cirúrgicas e assessorias, e a publicação de obras novas e especiais, o que é grandemente útil para os trabalhos de certa ordem... (MEMÓRIA HISTÓRICA, 1874 *apud* SCHAPOCHNIK, 1999, p.91).

Também na Biblioteca Nacional havia demanda para esse tipo de publicação, conforme demonstra o Relatório do Diretor da Biblioteca Nacional de 1853 (*apud*

SCHAPOCHNIK, 1999):

enfim, huma aquisição, reclamada pela necessidade para o público de ser informado do progresso diário das sciencias nos paizes estrangeiros, obteve durante o corrente anno hum principio de realização: forão subscriptas, em nome da Bibliotheca Nacional, algumas assignaturas de revistas e jornaes scientificos e litterarios. (...) estas revistas, pela maior parte francezas, podem por agora satisfazerem á mais urgente necessidade, e bem assim não deixam de representarem huma despesa importante (p.116).

Esse interesse por revistas científicas por grupos de leitores especializados e leigos demonstra o crescimento da importância dessa nova forma de publicação, principalmente entre as elites ilustradas. Entre eles figuram, por exemplo, o próprio D. Pedro II e o Visconde de Mauá (SCHAPOCHNIK, 1999 e CALDEIRA, 1995).

Nos acervos do Gabinete Português, da Biblioteca Municipal e da Biblioteca da Marinha, o idioma francês era predominante (49,31%, 53,16% e 72,48%, respectivamente). Na Biblioteca Fluminense, no entanto, há um equilíbrio entre obras em português e em francês, que ocupavam aproximadamente 45% do acervo, seguidas por obras em outros idiomas, como o inglês, o espanhol, o latim, o italiano e o alemão. Ferreira (2000) confirmou, através da análise das estatísticas de leitura de várias bibliotecas publicadas no **Jornal do Commercio**, a preferência dos leitores de diversas bibliotecas da época, entre as quais bibliotecas militares, a da Escola Politécnica, o Gabinete Português de Leitura e a Biblioteca Nacional, pela literatura em língua francesa. Alguns livreiros e tipografias, segundo a pesquisadora, faziam questão de alimentar a “francofilia” divulgando anúncios de vendas de livros exclusivamente em francês.

A partir de 1870, no entanto, Ferreira (2000) verificou uma mudança nas preferências dos leitores desse período. Conforme a autora, verifica-se, nos anos seguintes, uma diminuição de anúncios de vendas de livros em língua estrangeira, que foram, aos poucos, cedendo espaço a títulos em português, com menor destaque às indicações mais eruditas – que foram mantidas já que contavam com clientela específica – e aumento da disponibilidade de temas mais populares e acessíveis ao gosto do público (p.316).

As principais temáticas presentes nas bibliotecas analisadas por Schapochnik (1999) eram ciências e artes, as “belas letras” e a história. Com relação aos autores de ficção, entre aqueles encontrados com maior frequência nos acervos das bibliotecas institucionais estão Alexandre Dumas, Victor Hugo, Walter Scott, Eugène Sue, Paul de Kock, George Sand, Xavier de Montépin, Teixeira e Souza, Camilo Castelo Branco, Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar, Almeida Garret, e nomes hoje pouco conhecidos, como M. Pinheiro Chagas, Enrique Perez Escrich, Fernan Caballero (SCHAPOCHNIK, 1999).

Já no que diz respeito à história, os relatos de viagem eram um dos itens mais importantes. Segundo De Decca (1998), eles cumpriram o papel que mais tarde caberia à Antropologia e à História enquanto disciplinas, ou seja, traziam notícias sobre as próprias viagens, descobertas, paisagens exóticas e costumes “estranhos”; informações para aqueles que pretendiam se deslocar para esses locais e ainda sobre o desempenho das atividades de catequese e de colonização. No século dezenove, segundo Moares (1998), as bibliotecas institucionais eram as principais compradoras desse tipo de obra,

pois, em biblioteca particular, elas eram consideradas *encombrant*. Somente mais tarde é que os colecionadores passaram a ter interesse por tal tipo de publicação.

Os leitores europeus, principalmente, mostravam-se ávidos por textos dessa natureza. A temática das viagens estava tão presente no imaginário do homem do final do século XIX que, conforme De Decca (1998), “o sonho do cidadão comum tornava a ser, desde então, uma viagem repleta de surpresas e aventuras num navio” (p.78). Os textos que abordavam essa temática se contrapunham, segundo De Decca (1998), à “quietude estagnante na Europa” (p.68), daí um dos motivos para o grande interesse dos leitores europeus.

Os leitores brasileiros, por sua vez, embora estabelecessem uma relação diferente com esse tipo de texto, pois estavam próximos fisicamente dos eventos narrados, também apresentavam um certo interesse pelo tema. Segundo esse autor, “...o trabalho de leitura dos viajantes consiste, pois, em fornecer matéria-prima para os leitores no Brasil, a partir da memória discursiva do europeu, e também, conformar um espaço enunciativo com pontos de identificação entre o leitor europeu (no Brasil) e o leitor brasileiro, que se constitui distinguindo-se daquele” (p.75).

Para Meyer (1996) e Hollanda (*apud* MOARES, 1998), a ‘descoberta do Brasil’ é um dos temas mais recorrentes na cultura brasileira com algumas variações características de determinadas fases. Nos dois primeiros séculos, por exemplo, multiplicam-se os descobrimentos retóricos, conforme Meyer (1996). O discurso é marcado pelo deslumbramento e tem como objetivo tornar a terra do Novo Mundo atraente e possível de ser habitada pelos europeus, conforme as palavras de Meyer (1996). O Brasil é descrito como um paraíso terrestre. Desde este início, segundo a

autora, forma-se um hiato entre o país descoberto através da palavra escrita e o Brasil que vai se estruturando na realidade. Esses relatos ajudaram a construir a imagem do Brasil tanto externa quanto internamente.

As obras resultantes das expedições científicas ao redor do mundo e especificamente ao Brasil também são incluídas nessa temática. As edições originais são bastante raras, pois eram impressas em muitos volumes com diversos álbuns de pranchas sobre a flora e a fauna dos mais variados lugares.

Associado à questão da viagem, está o exotismo, uma das temáticas mais caras ao movimento romântico que predominou no século XIX. Ele é fruto da nostalgia romântica pelo "estado ideal do passado". Nas manifestações que seguem a tendência romântica, há a busca por lugares que ainda conservavam as características ideais da sociedade primitiva. As narrativas de viagens, abundantes após o período que se seguiu aos descobrimentos, forneceram ricos subsídios ao exotismo.

A imagem da América é construída pelo olhar do Velho Mundo através da comparação, ou oposição, à sua própria realidade. "A América dos viajantes", segundo Rouanet (1991, p.70), "...não existe pelo que ela **é**, mas sim pelo que **não é**; em outras palavras: ela não é Europa" (grifos da autora). O confronto entre o mundo civilizado (Europa) e a natureza selvagem (América), com ênfase no que é extravagante e não familiar aos olhos do europeu, é que dá o efeito de exotismo.

O público brasileiro manifestava em geral pouco interesse por esse tipo de leitura. Rouanet (1991) revela que diversos autores da época, inclusive Machado de Assis, assinalavam a falta de um público leitor para as produções nacionais que tratavam da História do Brasil. A autora ainda chama atenção para o fato de que na

época, segunda metade do século XIX, a grande maioria da população brasileira era analfabeta. Porém, entre a elite letrada, a temática do exotismo despertava interesse.

No final do século XIX, o público leitor era extremamente restrito. Além do analfabetismo dominante, o mercado consumidor de livros era escasso. No ano de 1874, segundo os cálculos da Repartição Geral de Estatística (MARTINS, 1990), o número de volumes das bibliotecas do Império era da ordem de 339.892, e o número de pessoas que freqüentavam as bibliotecas e os gabinetes de leitura na Corte e nas províncias chegava a 28.271, numa população de 9.930.478 habitantes.

No interior da Província de São Paulo, há também o florescimento de gabinetes de leitura e entidades associativas, movido pelo crescimento das ferrovias. A partir do exame do **Almanque da Província de São Paulo para 1873, 1887 e 1891**, Martins (1990) identificou cento e setenta entidades associativas distribuídas em diversas cidades da província.

As associações literárias possuíam diversas denominações: “Sociedade literária”, “Grêmio literário”, “Club literário”, “Círculo literário” e “Gabinetes de leitura”, mas todas eram variações sobre o mesmo tema, entidades com o mesmo fim. Tratava-se, a princípio, de uma instituição que locava livros a um preço módico. Porém, no Brasil, esse conceito era revestido de uma “aura de requinte” e da idéia de progresso e de civilização, que pode ser observada em várias passagens da literatura. Isso em função de os Gabinetes não apenas abrigarem bibliotecas que poderiam ser consultadas ou possibilitarem o empréstimo domiciliar; eram também um “... espaço do saber moderno, instrumento mercantilizador da cultura, o lugar da leitura folhetinesca, de encontros políticos, veiculador da instrução, introdutor do lazer

organizado, tantas outras variáveis...” (MARTINS, 1990, p.24). Os Gabinetes eram também locais onde se realizavam reuniões nas quais eram discutidas as idéias progressistas.

Essas entidades privilegiavam a educação como instrumento de ascensão social e serviam “ao grupo intermediário que tentava abrir espaço de representação entre a elite e o homem livre” (MARTINS, 1990, p.141). É provável que a cultura tenha então se tornado um aspecto valorizado pelos membros das elites da região em franco desenvolvimento, principalmente por meio dos bacharéis, filhos dos ricos fazendeiros formados nas academias, notadamente em São Paulo e Olinda.

A princípio, o Gabinete de Leitura podia ser freqüentado por qualquer pessoa, desde que pudesse pagar pela locação do material. No entanto, conforme ressalta Martins (1990), como eram o resultado de iniciativas de grupos letrados e poderosos locais, os Gabinetes num primeiro momento eram voltados unicamente às elites. Mais tarde, diretorias mais liberais mudaram o seu caráter restritivo e abriram espaço para as pessoas simples e também às mulheres.

Por volta de 1880, com exceção das cidades do Vale do Paraíba, as mais importantes cidades do interior de São Paulo, além da capital, abrigavam seu Gabinete de Leitura (MARTINS, 1990). São Carlos, por exemplo, local onde está situada a fazenda que abriga a biblioteca que é objeto deste estudo, havia o “Club Concórdia Familiar”, que mantinha para uso de seus associados um “gabinete de leitura”. Por ocasião de sua visita à cidade, D. Pedro II fez uma doação de 100\$000 para a aquisição de “obras científicas” (BRANDÃO NETO, 1967, p.134) para esse gabinete. Tal atitude sugere que a entidade deveria ter uma boa infra-estrutura e exercia bastante

influência na cidade sendo considerada, portanto, digna de investimento pelo próprio imperador.

No decorrer de sua pesquisa, Martins (1990) não encontrou muitos dados a respeito do conteúdo do acervo dos gabinetes de leitura. As poucas referências são vagas, indicando apenas que possuíam, por exemplo, “obras em grego e hebraico” e “farta relação de obras de botânica”. Sabe-se que não incluíam textos das “doutrinas errôneas”, ou seja, obras positivistas, socialistas, materialistas e incrédulas. Em geral, as bibliotecas oficiais possuíam um acervo de cunho religioso e pouco ameaçador à ordem imperial vigente. Eram “dotadas mesmo de um caráter áulico, cultivando obras de agrado do Imperador, atentos à sua imagem identificada como a de protetor das letras nacionais” (MARTINS, 1990, p.79).

Alguns livreiros, conhecendo a demanda por essa fatia do mercado, lançaram anúncios voltados para a venda de coleções para a formação de gabinetes leitura. Por exemplo:

Na livraria Belgo-Francesa há para vender um rico sortimento das melhores obras dos autores os mais afamados da literatura moderna francesa, como Victor Hugo, Lamartine, Alexandre Dumas, Balzac, Eugène Sue, etc. formando em tudo uma coleção de 350 volumes in 8.o, 500 volumes in 12.o 1500 volumes in 18.o muitos deles encadernados, o que tudo está muito próprio para fundar um gabinete de leitura, seja na corte, seja em qualquer outra cidade (MEYER, 1996).

No sul do país, também surgiram algumas entidades que franqueavam o acesso aos livros e à leitura, principalmente nas comunidades de colonos estrangeiros. Entre os imigrantes alemães, a leitura era uma atividade valorizada e necessária à prática religiosa. A maioria dos colonos alemães era luterana, e a leitura da Bíblia era comum

até nas escolas, onde era um dos livros mais utilizados, segundo Tschudi (*apud* ALENCASTRO e RENAUX, 2001). Mas a leitura entre os colonos não se restringia aos livros religiosos; Alencastro e Renaux (2001) fazem referência à existência de dois *Lesezirkeln*, que eram círculos de leitura para a troca de livros entre os associados na cidade de Blumenau em meados do século, e da Legião Alemã, dos quais faziam parte diversos intelectuais, professores e jornalistas.

Na tentativa de preservar as tradições e de manter espaços de convivência social, as comunidades de imigrantes formaram as suas igrejas, escolas e também suas bibliotecas, além de clubes e sociedades de ginástica. Assim, enquanto entre os membros da elite e da classe média urbana a leitura e o letramento constituíam uma marca de distinção social, entre os imigrantes do sul do país era uma prática necessária à preservação das tradições e da identidade coletiva.

É esse o quadro de uma forma geral, das bibliotecas e das práticas de leitura da *belle époque* brasileira. Houve uma paulatina valorização da leitura e da posse do impresso a partir da segunda metade do século XIX, embora estivesse restrita aos membros da elite. A grande maioria ainda permanecia analfabeta e alheia à cultura letrada. Os tipos de materiais de leitura e as possibilidades de acesso a eles através das bibliotecas institucionais se diversificaram e ampliaram um pouco mais o público leitor. Tendo como pano de fundo esse quadro geral, o próximo capítulo irá focar propriamente a biblioteca que é objeto de estudo desta pesquisa.

5. A biblioteca da fazenda Pinhal

“Cada livro representa todo o mundo. E cada biblioteca é um “livro único”, que precisa ser, por sua vez, desestruturada, para revelar as condições de sua formação”

(Le Goff)

Conforme foi anunciado no início desta pesquisa, a biblioteca aqui enfocada trata da reconstituição do que seria uma coleção oitocentista que de fato existiu, ainda que provavelmente ela tenha sido menos numerosa e rica que a atual e que se perdeu ao longo das décadas de sua existência. A problemática relacionada ao fato de a biblioteca ser em parte fruto do imaginário daqueles que a organizaram já foi discutida no capítulo que contém o referencial teórico.

Este capítulo irá abordar o histórico, a formação e o conteúdo dessa biblioteca, bem como a coincidência entre o acervo e os padrões de leitura da *belle époque* brasileira. A análise a respeito do universo de leitura referente ao período aqui abordado será fundamentada através do trabalho de alguns dos principais autores que resgatam os hábitos de leitura do referido período.

O texto deste capítulo está organizado em duas partes principais: a primeira irá tratar dos vestígios das práticas de leitura da família Botelho, ou seja, é uma tentativa de se levantar o conteúdo da **coleção original**, através dos registros a respeito das leituras realizadas pela família. Num segundo momento, serão enfocados a formação e o conteúdo da **coleção atual**, através da análise da marcas de propriedade e da composição do acervo, conforme segue, bem como a relação desta com aquela.

5.1 Vestígios das práticas de leitura da família Botelho e a biblioteca da fazenda Pinhal

*“que tenho a ver contigo
se não leste o livro que li
não viste a rosa que plantei
nem contemplaste o pôr-do-sol
à hora em que o amor se foi ?
Que tens a ver comigo
Se dentro de ti não prevalecem
As coisas – todavia supérfluas –
do meu intransferível patrimônio ?”*

(Heriqueta Lisboa)

Em um primeiro contato, a biblioteca da fazenda Pinhal pode parecer aos olhos de quem a consulta que se trata de uma biblioteca do século XIX. Isso se deve ao contexto em que ela está inserida, ou seja, a sede centenária da fazenda, conservada em seus aspectos principais, pelos móveis e objetos da casa também conservados em sua maioria como na época de seus primeiros proprietários, bem como a datação de boa parte das obras. A visita guiada às instalações da fazenda inclui em seu roteiro a

biblioteca, que é apresentada pelos guias como sendo “A biblioteca do Conde”. As encadernações e as várias obras que compõem o acervo, que são publicações do século XIX, também reforçam a idéia de que seja uma biblioteca “da época” e não “de época” como se verá mais adiante.

Uma análise mais detalhada do acervo e o depoimento dos atuais proprietários da fazenda Pinhal, Helena Vieitas, bisneta do Conde, e seu ex-esposo o professor Modesto Carvalhosa, revelam, porém, que essa não se trata apenas de uma coleção de livros de família, o que por si só seria um acervo interessante. A atual biblioteca da fazenda Pinhal é o resultado de décadas de dedicação à preservação da memória da família e de amor aos livros. Helena e Modesto são os principais responsáveis pela sua existência. Os depoimentos deles e de outros parentes apresentam dados essenciais para a compreensão do acervo e da história de sua formação, que remonta supostamente ao período em que viveram os patriarcas da família Botelho como será apresentado a seguir.

Em geral, anotações nas margens das obras ou em folhas separadas, a produção intelectual e os depoimentos, por sua vez, dão pistas seguras a respeito das leituras realizadas. No caso da fazenda Pinhal, as anotações à margem dos livros são raras e não chegaram a ser abordadas neste estudo. A produção intelectual dos descendentes, como livros e artigos, é contemporânea, e, portanto, não refletem o universo de leitura da passagem do século XIX para o século XX. Há, porém, alguns depoimentos e cartas de membros da família que revelam traços desse universo de leitura. Esses elementos serão então apreciados para complementar o quadro sobre os vestígios de leitura da família Botelho e sua relação com a biblioteca.

Um aspecto essencial para a realização da leitura e que interfere nas suas escolhas é a formação dos sujeitos. A educação naquela época era restrita a uma pequena minoria que, em geral, vivia nas cidades e principalmente na corte. O depoimento de viajantes revela a precariedade da instrução no ambiente das fazendas em meados do século XIX: “(...) que dizer da ignorância das mulheres que vivem no interior das províncias e nas fazendas ? Nada, senão que elas pouco têm a invejar de seus maridos”. (EXPILLY, 1853 *apud* LEITE, 1984).

A capacidade de leitura e escrita não era comum nas fazendas principalmente em São Paulo, que se tratava de uma província pouco desenvolvida. Como foi apontado no capítulo anterior, ela ainda permanecia praticamente desconhecida e inexplorada. A região oeste, onde se situavam as terras da sesmaria do Pinhal era coberta pela mata e habitada por índios da nação goianá. Os fazendeiros estavam começando a se estabelecer na região, demarcando suas terras e abrindo fazendas.

Antônio Carlos Arruda Botelho, o Conde do Pinhal, e sua esposa Ana Carolina, pertenceram a um seleto grupo que teve acesso à educação nesse contexto rural do interior paulista em meados dos oitocentos. Antônio Carlos passou sua infância e juventude em Araraquara, onde estudou com o tio Manoel Joaquim Pinto de Arruda, conhecido como homem culto, sábio e possuidor de uma “respeitada biblioteca” (NEVES, 1984). A existência de bibliotecas particulares nesse contexto chama a atenção, pois o livro era um artigo de luxo importado da Europa e de difícil acesso. Havia poucos pontos de venda, que, em geral, situavam-se na corte. São Paulo só passou a contar com uma livraria após 1927, com a criação da Faculdade de Direito.

Barros (1999) relata em suas memórias que raramente era possível o acesso a bons livros em São Paulo, “exceto o de missa ou uma dessas narrativas de fama universal, como o **Paulo e Virgínia**, de Bernardin de St. Pierre, que liam, então, com ávido interesse” (p. 91). A partir do surgimento da primeira livraria, o acesso ao mundo do texto impresso entre os paulistanos foi facilitado. As casas de famílias da elite na capital, então, passaram a contar com coleções de livros, a maior parte em francês. Nas fazendas, o livro era ainda mais raro. Mme. Agassiz, por exemplo, em visita a uma fazenda espanta-se ao ver um livro sobre piano da sala, conforme foi apontado anteriormente (*apud* LEITE, 1984). Isso demonstra a peculiaridade da coleção pertencente ao tio de Antônio Carlos. A sua convivência com o tio provavelmente deu origem ao seu gosto pela leitura e pode ter contribuído para o início do atual acervo da fazenda Pinhal.

Embora não tivesse recebido uma educação formal, Antônio Carlos era um homem letrado e parece ter adquirido um bom nível de cultura, uma vez que exerceu cargos políticos importantes no Estado e também era um grande empresário. Tais atividades exigiam uma capacidade intelectual bastante refinada, incluindo, por exemplo, uma boa oratória, conhecimento de matemática financeira, de línguas e de artes.

Anna Carolina, por sua vez, também não recebeu uma educação formal. Os estudos porém eram uma tradição na família. Seus avós eram europeus e tinham curso superior, o que era bastante raro na época entre os brasileiros e certamente, eles tiveram a preocupação de educar também seus filhos e netos.

Segundo o depoimento de Anna Carolina a leitura era uma das atividades do cotidiano dos tempos de sua adolescência:

Vivíamos na fazenda (paterna). Além dos bordados, dos serviços domésticos e dos romances, ocupava-me em preparar os medicamentos para os escravos, coisa que muito me valeu quando, por minha vez, fui senhora de muitos escravos na fazenda Pinhal. (*apud* MAGALHÃES JUNIOR, 1941)

Até o início do século XX, no entanto, provavelmente poucos livros circulavam na sede da fazenda Pinhal e passavam pelas mãos dos Botelho. Para Helena Vieitas e Modesto Carvalhosa, o Conde do Pinhal e sua esposa eram pessoas “práticas”, preocupadas com as lides da fazenda, do lar e da família, além dos negócios e da política. Eram muitas as atividades realizadas na fazenda.

Como esclarece Franco (1976), as grandes fazendas do século XIX eram unidades de produção voltadas para obtenção de lucros junto ao mercado externo. Suas diversas atividades, que abrangiam desde “os trabalhos domésticos, a manufatura de utensílios e vestuário, as oficinas de ferramentas e implementos para o trabalho, a farmácia, a enfermaria, todas as suas partes, enfim, estruturam-se para possibilitar a constituição de uma unidade mercantil de produção” (p.182).

Como Antônio Carlos estava constantemente em viagem e chegava a ficar de dois a três meses fora de casa, a condessa assumia boa parte da responsabilidade pelo andamento da fazenda.

A ela cabia dirigir as atividades da Casa Grande e do campo:

Fazia-se pão, queijo, doces. Colhia-se algodão, cardava-se, tecia-se e costuravam-se as roupas de senhores, agregados e escravos. O chão de tábuas largas era lavado e esfregado diariamente. Era a tarefa de todos os dias. Dirigir os escravos da casa e do campo, cuidando de suas enfermidades, ensinando diariamente as práticas da vida civilizada. (ASSOCIAÇÃO PRÓ-CASA DO PINHAL, s. d.)

A própria Anna Carolina em uma entrevista concedida por ocasião de seu centésimo aniversário relembra a rotina de trabalho na fazenda:

Tinha tanto trabalho com os escravos! Eu mesma dirigia a oficina onde eles faziam suas roupas, eu mesma era a farmacêutica e a enfermeira deles... (MAGALHÃES JUNIOR, 1941)

O depoimento de uma das filhas do Conde, Maria Carlota Botelho Klingehöfer, também confirma a dedicação de Anna Carolina no comando da Casa Grande:

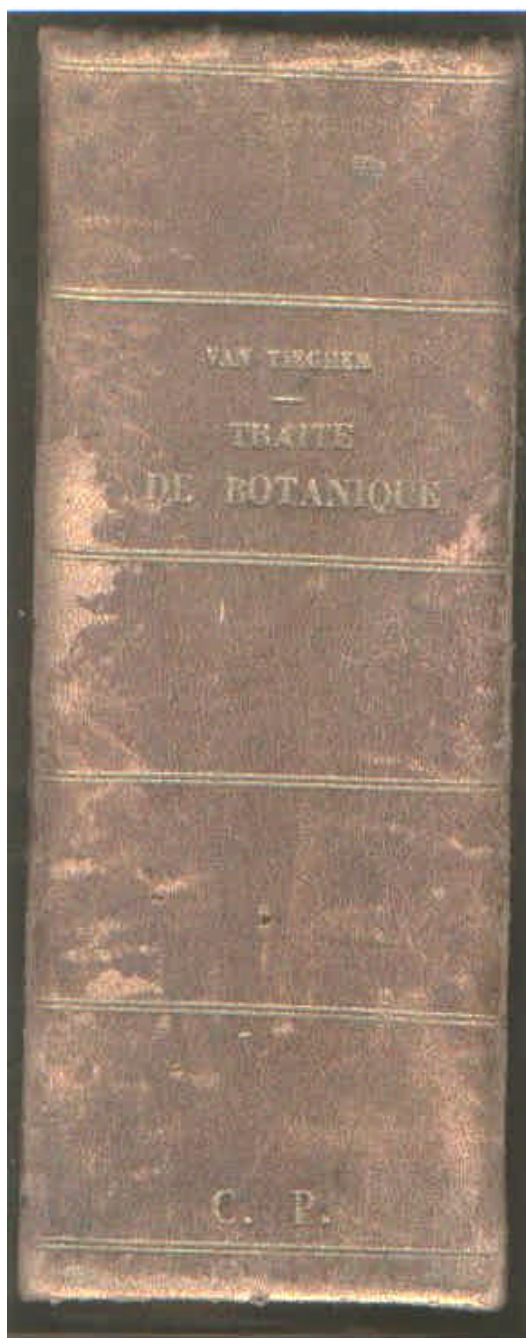
Desde minha mais tenra infância conheci minha mãe cortando roupas para os trezentos escravos da fazenda e dirigindo inúmeras costureiras; e atendia aos escravos, nunca ocorreu na fazenda uma morte ou nascimento que não contasse com sua presença (GORDINHO, p. 62, 1995).

Uma das características que marcavam a personalidade de Ana Carolina era a obstinação pelo trabalho. Aranha (1966), embora de forma romanceada, relata um possível diálogo entre a recém-casada Ana Carolina e Rita Cássia de Meira, meia-irmã de Antônio Carlos, que diz o seguinte:

- Mecê é uma boba de trabalhar tanto, quando o mano está fora. Quando ele chegar nem vai dar reparo a esta trabalhadeira toda, dizia ela. Com Sinhá Francisca (primeira esposa de Antônio Carlos) não era assim não... Mecê pensa que ele se importava com ordem ? Qual nada, quando chegava do sertão, ele queria encontrar a mulher bonita! (p.51).

Apesar de todas essas atividades, provavelmente, ainda era possível reservar algum momento para a leitura. Uma das obras da atual coleção da fazenda Pinhal apresenta a marca de propriedade do Conde do Pinhal, como ilustra a figura 22.

Figura 22: Marca de propriedade do Conde do Pinhal



Alguns depoimentos dos descendentes de Antônio Carlos também fazem menção aos livros e às leituras da família. Aranha (1966), por exemplo, afirma que Antônio Carlos possuía uma Bíblia, na qual ele anotava as datas do nascimento dos filhos e “acontecimentos importantes da família” (p.58), conforme o costume da época. Essa Bíblia, datada de 1850, encontra-se, segundo a autora, no Solar de Botelho (sic), na fazenda do Lobo, de propriedade de descendentes da família Botelho, a qual ainda não foi possível ter acesso. O costume de fazer anotações de eventos importantes da família parece ser característico dos imigrantes alemães protestantes, conforme sugerem Alencastro e Renaux (2001). Como Anna Carolina tinha essa ascendência é possível que ela tenha introduzido esse costume na família.

Entre outras referências ao livro e à leitura dos Botelho, há a recomendação encontrada nas cartas do conde a Anna Carolina (BOTELHO, 2000) para que ela fosse à estação ferroviária apanhar alguns livros que ele havia encomendado: “Diga-me (...) se José Maxado entregou aí os livros dele que mandei vir de São Paulo e mais objetos” (BOTELHO, 2000, p.35). Sabe-se também, através das cartas que Antônio Carlos dirigiu à esposa, que ele acompanhava os acontecimentos políticos através dos jornais. “Os jornais tanto da Corte como alguns da Província muito se têm ocupado ...” (p.46) “Vejo hoje no **Correio paulistano** ...”(p.77).

A respeito de Anna Carolina, Gordinho (1995) revela, por exemplo, que ela tinha sempre à mão o seu ‘Chernoviz’, um manual de medicina bastante popular na época, utilizado como para verificar o tratamento adequado para as doenças de seus familiares e escravos. As obras desse autor eram bastante utilizadas no cotidiano do

século XIX e início do século XX devido à falta de médicos, principalmente nas fazendas brasileiras. A coleção da fazenda Pinhal possui alguns exemplares dessa obra.

Servia como guia para primeiros socorros e para o tratamento de algumas doenças. Alguns autores, como Alencastro (2001), por exemplo, ainda chamam a atenção para a importância desses manuais para os grandes fazendeiros, que os utilizavam tendo em vista a manutenção de seu “patrimônio”, principalmente após a proibição do tráfico de escravos. Anna Carolina também fazia uso deles em seu dia-a-dia na fazenda Pinhal, junto aos escravos e familiares.

Aranha (1966), ao reconstituir a história de seus bisavós através da ficção, descreve Ana Carolina lendo, durante as noites em que o marido estava em viagem, o romance **O Guarani**, “tão manuseado e conhecido” (p.50), que havia sido achado, juntamente com outros livros, no escritório entre os papéis e o violão. Tal relato demonstra que a leitura faz parte do imaginário sobre os antepassados da família Botelho e, portanto, deveria também estar presente em seu cotidiano. Indica, possivelmente, a origem da ideia de reconstituir a biblioteca dos patriarcas da família, uma vez que a leitura pertencia ao universo dessas personagens pelo menos no imaginário de seus descendentes.

Com o passar do tempo, Antônio Carlos ampliou o seu prestígio político e sua fortuna. A vida social da família tornou-se, então, bastante movimentada. Ele e sua esposa freqüentavam teatros, exposições artísticas, como demonstra o trecho a seguir: “O Conde e a Condessa gostavam muito do Rio de Janeiro e iam para lá com alguma freqüência. Nessas ocasiões freqüentavam o que havia de melhor na capital, assistindo, sempre que possível, à temporada lírica.” (GORDINHO, 1995 p.91). Eles também

conviveram com eminentes intelectuais nacionais e internacionais, conforme já foi apontado anteriormente. É possível, então, que nessa época a leitura tenha se tornado mais comum na família.

No final do século XIX, a leitura era uma atividade cotidiana para a elite nos sertões de Araraquara. Segundo o depoimento de Maria de Campos Machado, moradora de Araraquara na época, era comum entre as moças a leitura de romances como **O judeu** e **O conde de Monte Cristo** (CORRÊA, 1967).

Nenhuma obra apresenta indicação de haver pertencido à condessa. Apesar da escassez de registros, pode-se inferir que havia uma coleção de livros ainda que modesta na sede da fazenda Pinhal na época em que aí viveram o Conde e sua esposa. Para Carvalhosa, a coleção de livros da família começou a tomar vulto por volta de 1920 por influência dos filhos e netos do Conde, que receberam uma educação esmerada e eram bastante cultos.

A formação dos filhos de Antônio Carlos também reforça a hipótese da existência de uma pequena coleção na fazenda Pinhal na passagem do século. A tarefa de educar os filhos para as famílias que residiam na zona rural era difícil, principalmente na região de São Carlos e Araraquara, situadas longe da capital e de outras cidades. Devido à falta de professores, era comum pessoas da família assumirem a alfabetização das crianças. No caso dos Botelho, as primeiras letras foram ensinadas em casa, primeiramente pela mãe e mais tarde por mestres que foram contratados para tal fim. Os primeiros preceptores, segundo Aranha (1966), eram um casal vindo de São Paulo que ficou hospedado no Pinhal e ministrou aulas aos filhos e sobrinhos de Antônio Carlos, que também moravam no Pinhal nessa época. Mas pouco tempo, pois

pediu dispensa e voltou para capital da província. Por influência de Carlos José, o filho mais velho, fruto do primeiro casamento de Antônio Carlos, o qual já se encontrava na Europa cursando medicina, foram contratados preceptores estrangeiros. O primeiro foi *Monsieur Bivar*, que não se adaptou às rudezas do sertão e à falta de alimentos e aos temperos sofisticados e voltou para o Velho Mundo. Em seguida, foi enviada uma viúva francesa, instruída em conhecimentos gerais, música e pintura. Houve, ainda um casal de preceptores franceses, e a moça chegou a despertar ciúmes de Anna Carolina por apresentar um comportamento avançado, jogando bilhar com Antônio Carlos.

As filhas receberam maior parte da educação em casa, conforme o costume da época, com mestras francesas e alemãs. Não havia um programa predeterminado. As preceptoras é que definiam as matérias a serem estudadas. O estudo de línguas era um dos privilegiados, entre elas o alemão devido à ascendência familiar. “Depois vinha o francês, indispensável a uma educação fina e necessário às viagens à Europa e às **leituras**. As moças aprendiam piano, trabalhos manuais, noções de economia doméstica e medicina.” (GORDINHO, 1995, p.64-5 - grifo nosso). Em uma de suas cartas à esposa, por exemplo, Antônio Carlos revelou que estava à procura de professores de piano para as filhas na cidade do Rio de Janeiro (BOTELHO, 2000, p.37). O professor Luís Chiferelli recém-chegado da Itália ministrou aulas às meninas no Pinhal.

Algumas fizeram os estudos secundários em colégios internos, como Sophia e Maria Carlota, que foram em 1885, com nove e treze anos de idade, respectivamente, para o Colégio Nossa Senhora do Patrocínio na cidade de Itu, considerado um dos melhores da época. Anna Carolina e Antônia, que cursaram os primeiros anos em Itu,

seguiram depois para o *Collège de Sion* na cidade de Petrópolis. Anna Carolina completou os seus estudos em Paris.

Os rapazes estudaram em escolas da Capital e mesmo do exterior. O filho mais velho, por exemplo, Carlos José Botelho, único filho de Francisca Theodora, iniciou seus estudos em casa, depois seguiu, aos onze anos de idade, para o Colégio São Luiz de Itu, compondo a primeira turma do curso de humanidades. Continuou seus estudos em colégios em São Paulo e Rio de Janeiro. Durante o período em que viveu na Corte, Carlos José freqüentou os salões e conviveu com grandes intelectuais da época. Na França, cursou Medicina nas escolas de *Montpellier* - uma das mais antigas e famosas da França – e na escola de Paris. Fez várias amizades, entre elas com o pintor Almeida Júnior, que estava na Europa com uma bolsa de estudos concedida por D. Pedro II. Carlos José terminou seu curso no ano de 1880 e de volta ao Brasil, estabeleceu-se em São Paulo. Em 1882, hospedou Almeida Junior em sua casa em São Paulo, enquanto este procurava se estabelecer como pintor. Nessa época, Almeida Junior pintou os retratos a óleo de Antônio Carlos, então Barão do Pinhal, e sua esposa (veja figura 04), que lhes foram apresentados nas Bodas e que fazem parte do acervo iconográfico da Fazenda Pinhal.

Os três filhos mais velhos de Anna Carolina, José Estanislau, Antônio Carlos e Martinho, estudaram no Colégio Mamede, em São Carlos. José Estanislau cursou Direito na cidade de Recife.

A formação de Antônio Carlos teve um episódio interessante que é narrado por sua filha Antonieta:

Quando chegou o momento de escolher uma profissão, meu pai optou por engenharia ou medicina. Viu-se frustrado nessas escolhas pois as únicas faculdades existentes com esses cursos, situavam-se no Rio de Janeiro e Salvador, onde grassavam doenças como a mortífera febre amarela.

Tendo meu avô sugerido advocacia, diante da recusa de meu pai, foi ele designado para tomar conta do Pinhal. Ao ser empossado no cargo, instalaram-no numa dependência da casa grande, hoje a administração, com uma boa mucama para o seu serviço. “Para trabalhar direito e a sério e não ficar rodeando saia”, dizia meu avô. A semana inteira meu pai passava sozinho; só aos domingos era-lhe permitido ir ter com Vovô e as irmãs. (ANTONIETA, Arquivo do Pinhal¹⁴).

Martinho Botelho iniciou a faculdade de Direito em São Paulo, mas a abandonou no quinto ano. Aí dirigiu dois jornais: **Correio da Tarde** e **Atualidades**. Segundo Martins (1999), Martinho Carlos “...reproduziu o roteiro da elite ilustrada e abonada da época ” (p.38). Foi morar em Paris onde fundou a sua própria revista, a **Moderna**. De lá, ele enviava para a mãe, Ana Carolina, exemplares da revista **Fígaro**, “que lhe davam muito prazer” (GORDINHO, 1995, p.114). De volta ao Brasil, fundou outras duas revistas. Foi condecorado pelos governos português e espanhol.

Augusto e Carlos Américo também passaram pelo Colégio São Luís em Itu. O primeiro seguiu para a Europa, onde cursou engenharia em *Liège*, na Bélgica. Carlos Américo, com a morte do irmão Antônio Carlos, passou a tomar conta do Pinhal. Era “artista por inclinação” (GORDINHO, 1995, p.139) e enriqueceu o pomar da fazenda com novas espécies, muitas vindas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Amadeo

também estudou na Europa, em *Bordeaux*. O esmero na educação dos filhos de Antônio Carlos foi atestado por Mauricio Lamberg, que, por volta de 1896, visitou a fazenda Pinhal.

A respeito da ocasião fez o seguinte comentário:

Os filhos eram rapazes ilustrados modestos e amáveis. As filhas, sobretudo a mais velha, eram moças encantadoras, cheias de espírito e talento. De noite, tive ocasião de as ouvir executar perfeitamente ao piano algumas composições de mestres alemães. (GORDINHO, 1995)

Carlos José, que tinha formação européia, demonstrou, em uma carta enviada a seu pai, a sua preocupação com a educação de seus futuros filhos, que para ser melhor, deveria ser cursada na Europa:

encontrei o Estevão, filho de seu amigo Chico-mor (...) Afirmou-lhe que o apreciei muito, pois, prova de que o bom gosto pela educação européia vulgariza-se e deixa de ser predicado só de alguns. (...) Abaixo o carrancismo dos pais de fortuna que, ainda em pleno século XIX, dizem: meu filho há de trabalhar como eu trabalhei, por isso nada de Europa (...) Esses pais, a que faço alusão, são a negação de tudo quanto é progresso, de tudo quanto é civilização. Eu faria mais: enviaria meus filhos fazer a educação primária na Europa (ARANHA, 1966, p.101)

Segundo sua neta, Maria Amélia (ARANHA, 1966), ele assim o fez e enviou os filhos aos doze anos de idade para a Europa.

O interesse dos filhos de Antônio Carlos e Ana Carolina pelas leituras e pelo livro pode ser verificado através de registros em cartas e depoimentos. Ao regressar de seus estudos na França, por exemplo, Carlos José solicita algum crédito ao pai para montar seu consultório e iniciar a sua carreira no Brasil. Entre os itens considerados de primeira necessidade ele aponta a compra de livros: “... preciso de alguns móveis, um

¹⁴ Notas de depoimento sobre as memórias da família coletados por Helena Vieitas por ocasião da elaboração da obra **A casa do Pinhal**. Esses depoimentos estão armazenados no arquivo da família na

simples gabinete de trabalho, **uma boa biblioteca** e os utensílios indispensáveis para todo mundo que principia” (ARANHA, 1966, p.294 - grifo nosso).

O livro, ao que parece, era tão urgente a Carlos José quanto outros apetrechos médicos: “O necessário para os livros chega a cem francos, um microscópio, que por várias vezes já lhe tenho pedido, trezentos francos...” (ARANHA, 1966 p.184). Ao desembarcar no Brasil, porém, teve a notícia de que o navio que trazia parte de seus pertences, entre eles móveis, material cirúrgico e uma coleção de livros raros adquiridos na França, havia naufragado.

Certa feita, ao escrever para Constança, sua noiva, Carlos José cita **Paulo e Virgínia** de Bernadin de Saint Pierre: “Cada vez mais acredito que em ti se monopolizou tudo quanto de sublime e nobre em qualidades pode um mortal pai implorar aos céus para sua filha idolatrada; tudo quando Paulo poderia aspirar para Virgínia” (ARANHA, 1966, p.218).

Elisa e Anita, filhas de Antônio Carlos Filho e Genoveva Junqueira, moraram durante um período na fazenda Pinhal, com seus pais e a avó Anna Carolina. Elas deixaram depoimentos que resgatam vários aspectos do cotidiano da família. No que diz respeito à educação, por exemplo, Elisa diz o seguinte:

Estudava-se um pouco de tudo. As meninas que moravam em fazendas tinham professoras, quase sempre alemãs e, mais tarde, estudavam internas ou externas em colégios de freiras, geralmente franceses. Os meninos, sempre em colégios, internos ou externos. (ELISA, Arquivo do Pinhal¹⁵)

sede da fazenda Pinhal.

¹⁵ Vide nota anterior

Nota-se, na fala acima, a diferenciação na educação dos meninos e das meninas e a presença das famosas preceptoras estrangeiras.

Anita recorda-se do conteúdo que era estudado tanto em casa como nos colégios:

Respingava-se um pouco em vários campos. Nós fomos alfabetizadas por nossa mãe que nos ministrou também conhecimentos gerais. Quando, durante dois anos, tivemos professoras alemãs, já sabíamos as quatro operações e francês. Com a morte prematura de meu pai - que tinha horror a colégio interno - fomos as três mais velhas internas no Colégio Nossa Senhora de *Sion* que, juntamente com o "*Des Oiseaux*", era dos poucos existentes em São Paulo. Nestes, a partir das classes médias, o ensino era inteiramente ministrado em francês pois as irmãs eram quase todas desta nacionalidade. Como não existia ginásio, não havia, como mais tarde haveria, pressão para que fizessem equiparação. O resultado positivo é que, ao final do curso, dominava-se igualmente o português e o francês. (Anita de Arruda Botelho, Arquivo do Pinhal)

Pode-se perceber que as netas do Conde receberam uma educação esmerada, passando por um dos colégios mais respeitados para a educação feminina do século XIX, o *Colège de Sion*.

A complementação da educação com o "polimento" exigido para as mulheres da elite também se fez presente na educação das netas do Conde:

Como Mário de Andrade muito bem observou, o estudo de piano era quesito indispensável na educação das meninas, tivessem jeito ou não. Em Santo Antônio vinha, uma vez por semana, de São Carlos, o professor Derimini para nos ministrar aulas. Tomava ele o trem em São Carlos, um ramal ora desativado e com um trajeto de cenários lindíssimos, descia na estação de Jacaré onde o aguardava o trole com duas paradas de alazões magníficos (...) necessários para enfrentar os $\frac{3}{4}$ de léguas de areião que se estendiam da sede à estação. (Anita de Arruda Botelho, Arquivo Pinhal)

A educação das mulheres da família Botelho seguia as tendências da época. O aprendizado de música, assim como o da recitação, era um dos quesitos mais

importantes das moças de boa família. O piano, instrumento necessário para o aprendizado e nas audições em reuniões sociais, tornou-se um item essencial nas casas da elite até mesmo nas longínquas fazendas, como se pode ver na figura 09, que traz a fotografia do piano centenário existente na fazenda Pinhal.

Elisa e Anita também revelam vários traços das leituras realizadas no tempo de sua avó. Anita descreve com detalhes as leituras da casa, apontando inclusive a influência de preceptoras européias na sua formação e suas preferências de leitura:

Líamos também livros em alemão, presente de aniversário de nossas professoras, entre eles os Contos de Andersen, que até hoje releio com prazer. Mas lia-se sobretudo em francês: toda a coleção da *Comtesse de Ségur*, de *Gui de Chantepleur* e a xaroposa Delli. (Anita de Arruda Botelho, Arquivo do Pinhal)

Um trecho dos depoimentos sobre as preferências de leitura das netas do Conde, já citado anteriormente, revela claramente a identificação das leitoras com as personagens francesas: “as meninas liam em alemão e francês, gostavam de revistas e tinham especial fascínio pelos contos de Andersen e as histórias da Condessa de Ségur, com cujas **Meninas exemplares** identificavam-se” (Elisa de Arruda Botelho, Arquivo do Pinhal).

Assim, pode-se inferir que a preferência por autores internacionais se dava não só pela maior disponibilidade de títulos estrangeiros no mercado, mas também pelo fato de essas obras servirem, conforme apontou Rouanet (1991), como modelo de valores e condutas para os leitores.

Esses depoimentos sugerem que a leitura fazia parte do cotidiano da família, embora Elisa afirme que se lia “muito pouco”. Ao que parece, as mulheres eram as que

mais se dedicavam à leitura, pois os homens não são mencionados naqueles depoimentos. Da coleção da Condessa de *Ségur* restam na coleção apenas dois exemplares: **Après la pluie et le beau temps** e **Nouveaux contes de fées pour les petits enfants**, este último da coleção *Bibliothèque Rose Illustrée*. De Chantepleur restam quatro títulos em francês. De Mme. Delli, no entanto, não foi encontrado qualquer exemplar, constituindo uma prova a mais de que livros desapareceram da coleção da fazenda.

Um relato de Anna Bladina, referente aos anos de 1910, dá mostras do interesse e das preferências de leitura de Anna Carolina:

Ella gosta de poesia, da natureza, adora leitura como soffre da vista manda ler para ella ouvir, prefere romances sentimentaes, nas passagens tristes ella fica comovida e chora. (Arquivo do Pinhal)

O depoimento de Anita traz outro indício de que havia já uma coleção na fazenda Pinhal após 1920:

Havia um armário com as prateleiras atopeadas de romances franceses “à couverture jaune”, nos quais estávamos proibidas de tocar. E, como naquele tempo se obedecia, deixei de tomar conhecimento de toda a literatura de Émile Zola, autor maldito (Anita de Arruda Botelho, Arquivo do Pinhal).

Nota-se que ela faz referência à existência de uma quantidade de livros suficiente para “atopetar” uma estante. Esses, porém, eram de acesso restrito; provavelmente, existiam outros de livre acesso. Elas apontam Émile Zola como sendo um dos autores mais presentes na coleção. Atualmente a biblioteca conserva apenas dois volumes desse autor. Montaigne e Shakespeare, os dois autores que, segundo Elisa Arruda Botelho, eram os prediletos de sua mãe ainda podem ser encontrados na coleção, porém não apresentam marcas de propriedade (ver apêndice III).

Embora não estejam presentes na coleção, alguns títulos de revistas aparecem nos depoimentos dos membros da família. Anita, por exemplo, refere-se a uma de suas prediletas: “Nós, crianças, aguardávamos ansiosas as quartas-feiras, dia em que o correeiro trazia na bolsa de couro curtida pelas intempéries, a correspondência que tinha ido apanhar no Jacaré. Era o dia do **Tico-Tico**.” (Anita de Arruda Botelho, Arquivo do Pinhal). Percebe-se que, por conta desses fatores, parte do acervo se perdeu ao longo dos anos. As revistas citadas nos depoimentos, como a **Figaro** e a **Tico-Tico** não se encontram mais na biblioteca. A própria **Revista Moderna**, editada por um dos filhos do Conde, não foi encontrada entre as obras existentes na casa, mas foi adquirida mais tarde por Carvalhosa, conforme ele relatou em seu depoimento.

Até aqui foram apresentados os relatos a respeito das práticas de leituras realizadas pela família Botelho, na tentativa de identificar-se o conteúdo da coleção original. A seguir, o enfoque será voltado para a coleção atual, no que diz respeito à sua formação e ao seu conteúdo.

5.2 O real e o imaginário na biblioteca da fazenda Pinhal

A biblioteca da fazenda Pinhal é o resultado da soma entre os vestígios da coleção que pertenceu à família Botelho na passagem do século XIX para o século XX nas suas primeiras décadas, e de obras acrescentadas nos últimos trinta ou quarenta anos pelos seus atuais proprietários. Este trecho que irá focar a coleção atual está dividido em duas partes. Num primeiro momento, será abordada a formação da coleção atual, ou seja, quais foram as etapas e acontecimentos da qual ela é fruto, e a seguir será analisado o seu conteúdo.

O acervo reunido até o início de 2002 na fazenda Pinhal, uma vez que constantemente lhe são acrescentados novos títulos (e suprimido outros), é composto por 1.539 títulos, incluindo obras avulsas (livros, catálogos e folhetos) e periódicos. Vale ressaltar que várias obras estão reunidas em um mesmo volume, pois foram assim editadas ou foram encadernadas em conjunto por seu proprietário. Em outros casos, alguns títulos comportam mais de um volume. Assim, o número de títulos não corresponde ao número de itens do acervo.

O apêndice III contém as referências bibliográficas das obras inventariadas até maio de 2002. A atual biblioteca, conforme foi anunciado anteriormente, é o resultado da reunião de várias coleções e acréscimos recentes, que tentam resgatar o que seria uma biblioteca na passagem do século XIX para o século XX. A sua composição, então, é complexa e inclui várias temáticas. Para facilitar a análise dos conteúdos incluídos na coleção, as obras foram classificadas por assunto, e a listagem apresentada

no apêndice III segue a ordem de classificação. O sistema de classificação adotado foi a Classificação Decimal de Dewey, 20.a edição (DEWEY, 1989). A escolha desse sistema deveu-se por ele constituir-se um sistema de classificação elaborado para bibliotecas gerais e que abrangem as várias áreas do conhecimento; além disso ele baseia-se em um único sistema de notação, que é o decimal. Por essas razões, o Sistema Decimal de Dewey é um dos mais utilizados no mundo todo. Os assuntos estão distribuídos em uma numeração de 000 a 900.

Toda classificação é, de certa forma, arbitrária. A distribuição das áreas temáticas ao longo da numeração e mesmo a reunião de alguns assuntos dentro de uma certa área podem ser questionáveis. Além disso, alguns itens poderiam ser classificados em mais de um assunto, de acordo com a perspectiva do leitor. Todos esses problemas são inerentes a qualquer classificação. Porém, ressalta-se que a preocupação em dividir a coleção em estudo por assuntos centrou-se na possibilidade de instrumentalizar a apreciação de seu conteúdo, ou seja, de permitir uma melhor visualização e análise dos conteúdos nela incluídos. No entanto, antes de abordar as temáticas existentes, faz-se necessário descrever a formação do atual acervo.

5.2.1 A tentativa de reconstituição da biblioteca dos Botelho

“Sólo una cosa no hay. Es el olvido.”

(Jorge Luis Borges)

Depois da morte da condessa em 1945, vários descendentes se revezaram no cuidado com a sede da fazenda Pinhal.

Entre eles:

João Ataliba, seguido por Duto (filhos de Augusto de Arruda Botelho); Samuel Junqueira Franco, casado com Anita de Arruda Botelho (filha de Carlos Américo); Martinho de Arruda Botelho (filho de Martinho Carlos de Arruda Botelho); José Arruda Botelho; Bento Pereira Bueno (neto de Tonica Arruda Botelho Pereira Bueno); José Vieitas Neto (neto de Carlos Américo de Arruda Botelho) e Modesto Carvalhosa, casado com Helena Vieitas (neta de Carlos Américo) (GORDINHO, 1995, p.153).

Quando começou a freqüentar a fazenda Pinhal, por volta de 1950, Carvalhosa encontrou livros espalhados por toda a casa. Segundo ele, os livros ficavam empilhados sobre as mesas e, principalmente, sobre as cantoneiras em praticamente todos os cômodos da casa. A maior parte dos livros não tinha um lugar fixo; eles movimentavam-se constantemente pela casa, de um cômodo a outro, ao sabor das leituras e do manuseio dos familiares residentes e visitantes.

Nos primeiros tempos após a morte da Condessa, não houve reparos imediatos na casa, como ilustra a figura 23. Grandes folhas das palmeiras plantadas ao redor da casa, por exemplo, caíram sobre o telhado quebrando as velhas telhas, o que provocou muitas goteiras. Vários móveis foram danificados, principalmente na sala de jantar,

onde havia livros acondicionados e que também foram afetados. É possível que esses livros ainda pudessem ser recuperados, mas, pelo fato de os responsáveis desconhecerem técnicas de conservação, eles foram descartados, desfalcando de forma irreparável a coleção original.

Figura 23: Sede da Fazenda Pinhal em ruínas



Fonte: **A casa do Pinhal**

Talvez fossem justamente os mais importantes ou os mais queridos, pondera o professor Modesto. Possivelmente continham dados preciosos a respeito das leituras e das preferências mais longínquas dos Botelho. Dessas, no entanto, só resta a indicação de sua existência. Providencialmente, vários outros livros foram preservados.

Nos anos setenta, um grupo liderado pelos primos Luiz Carlos Junqueira Franco, José Vieitas Neto e Modesto Carvalhosa, então recém-casado com Helena

Vieitas, decidiram restaurar a sede da fazenda. Fizeram várias e importantes reformas. Nessa época, Modesto Carvalhosa solicitou ao Conselho do Patrimônio Histórico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo - CONDEPHAAT, o tombamento da fazenda Pinhal, o que foi concedido em dezembro de 1981.

Figura 24: Atual sala da biblioteca na fazenda Pinhal



Fonte: site da fazenda Pinhal

Foi também nesse período de reformas que os livros encontrados na casa foram reunidos na atual sala da biblioteca. É interessante assinalar que a sala destinada à biblioteca não é exclusiva, com demonstra a figura 24.

Sabe-se, através da Ata da reunião de 23 de maio de 1992 da Associação Pró-Casa do Pinhal, entidade criada para possibilitar o convênio da fazenda com outras entidades locais tendo em vista a sua preservação, que havia a intenção, por parte dos proprietários, de que fosse criado um espaço específico para a instalação da biblioteca: “A Associação pretende: primeiro instalar uma biblioteca, servindo-se do precioso acervo da casa do Pinhal, revivendo a leitura das diversas gerações que por aqui

passaram, para a qual será destinado local adequado na antiga senzala” (p.2). Porém, este plano até o momento não foi realizado e a sala que concentra a maior parte das estantes possui também uma mesa de bilhar. A associação entre os jogos e os livros não é uma característica exclusiva da fazenda Pinhal.

Na segunda metade do século XIX, nos Estados Unidos, conforme foi apontado no primeiro capítulo, a sala de jogos tornou-se um dos sinais de *status* da classe média e alta, enquanto que as bibliotecas particulares passaram a não ocupar mais um cômodo exclusivo. Elas tiveram que dividir o espaço com outros elementos, por exemplo, as mesas de jogos, e ficaram restritas a prateleiras colocadas ao longo das paredes de salas e *halls*.

Na Europa, como se pode ver na figura 25, a prática de se acondicionar os livros em prateleiras que revestem as paredes de salas de jogos da aristocracia é comum. A figura diz respeito ao salão de jogos do *château* de Serrant, localizado nas proximidades da cidade de Angers. Ele é aberto à visita pública e conserva a mobília e a decoração, que remonta à primeira metade do século XIX. Ou seja, tanto na concepção, como na determinação do espaço de onde seria acondicionada a biblioteca da fazenda Pinhal, há uma proximidade entre leitura e lazer.

Assim é que, no Brasil, alguns tipos de jogos de salão também estão associados à diversão da elite, que se moldava pelos padrões da aristocracia européia. Schapochnik (2001) lembra que, na passagem do século XIX para o século XX, a sala de bilhar, o *fumoir* e o gabinete, passaram a ser freqüentes nas residências da elite e eram ambientes voltados para homens, ao passo que para as mulheres havia a sala das

senhoras, em geral com piano, mesas e cadeiras, onde elas passavam o dia a bordar, a ler e a conversar.

Figura 25: Biblioteca do château de Serrant



Os livros também eram um componente importante na ornamentação do ambiente, conferindo-lhe um ar aristocrático e ilustrado, tão almejado pela elite da época. A sala onde está acondicionada a biblioteca da fazenda Pinhal poderia, então, ser a reprodução de um ambiente próprio da passagem do século, segundo o imaginário atual.

Quanto aos livros que faziam parte da coleção original, que eram encontrados espalhados pelas cantoneiras e mesas da casa constavam, segundo Carvalhosa, obras de Balzac, de Frédéric Masson, Buffon e vários outros editados pela Garnier. Como pode-se verificar no apêndice III, há na coleção atual quarenta e seis volumes de Balzac, quinze de Masson e dez de Buffon. Da editora Garnier há dezenas, porém não se sabe quais eram os que estavam na casa naquela época. Tais obras também não trazem marcas de propriedade, como anotações ou carimbos, que indiquem o nome do proprietário, impedindo assim que os mesmos sejam identificados, mas pode-se inferir que elas formam o cerne da atual biblioteca. Várias dessas obras tratam-se de edições especiais como se verá adiante.

Havia, ainda, na casa documentos, fotografias, recortes de jornais e partituras, algumas compostas pelas filhas e netas do Conde. Esses documentos encontram-se em parte no Arquivo do Pinhal, localizado na própria sede da fazenda, porém não foram abordados neste trabalho.

A idéia de (re)construir uma biblioteca da família entusiasmou Carvalhosa. Ele convocou familiares e amigos para que doassem algumas de suas obras, principalmente aquelas que tivessem pertencido aos antepassados para serem incorporadas à coleção. Ao que parece, intenção de reunir os livros da família e formar uma biblioteca foi bem recebida e várias pessoas fizeram doações para o acervo da biblioteca do Pinhal, o que é confirmado por anotações encontradas em alguns deles.

Uma das marcas de propriedade mais comum é o *ex-dono*, que, segundo Pinheiro (1995), consiste em uma “marca manuscrita, colocada num livro por seu possuidor, podendo constituir uma assinatura, uma frase ou um texto curto que o

identifique” (p.168). O *ex-libris* é outro tipo de marca de propriedade, e “refere-se a uma vinheta gravada ou impressa, contento do nome ou a divisa do proprietário da obra, que aparece colada no verso ou reverso da capa de livros de sua biblioteca” (p.168). Anotações, dedicatórias, carimbo e autógrafo também são consideradas marcas de propriedade. A verificação desses elementos permite identificar os livros que pertenceram a pessoas da família Botelho, indicando suas preferências e gostos que são o reflexo dos padrões de leitura da época e ajudam a constituir os das gerações anteriores. A posse de um documento, no entanto, não garante que o mesmo tenha sido lido pelo seu proprietário, mas sim que este fazia parte do interesse e provavelmente dos padrões de leitura da época. Assim, ao levantar as marcas de propriedade existentes nas obras, pretende-se não identificar as leituras realizadas, mas sim as obras que efetivamente pertenciam às bibliotecas particulares da época e poderiam também fazer parte do Pinhal.

Foram incluídos aqui somente os membros mais antigos da família, ou seja, a segunda geração a partir do Conde do Pinhal. Os demais serão discutidos mais adiante. O grau de parentesco dos nomes indicados acima pode ser conferido no apêndice IV. Na listagem incluída no apêndice III há a indicação do nome do proprietário ao final das referências entre parênteses.

O quadro 02 indica a frequência em que foram encontrados os nomes de pessoas da família nos livros.

Quadro 02: Frequência de marcas de ex-dono de pessoas da família Botelho encontradas nos livros da fazenda Pinhal

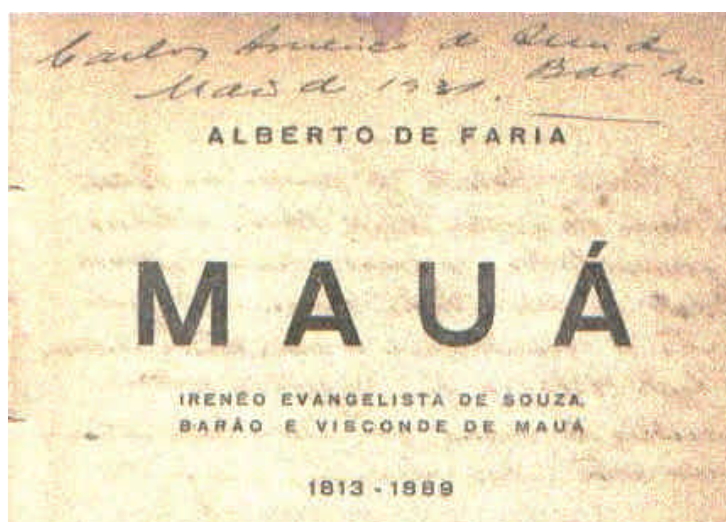
Nomes	frequência
José Vieitas Jr.	40
Francisca Vieitas	06
Carlos Américo	03
Antônio de Souza Barros	03
Estellinha	02
Antônio Carlos de Arruda Botelho (Conde do Pinhal)	01
Carlos José Botelho	01
Sybil May Bittencourt (neta de Martinho Botelho)	01
Maria Luiza de Arruda Botelho	01
Rafael de Barros	01
Total	59

Nota-se, através dos dados apontados acima, que a coleção atual guarda poucos vestígios das obras que pertenceram às gerações mais antigas dos Botelho. Dos 1539 itens pertencentes a atual biblioteca, apenas cinquenta e nove, ou seja, cerca de 3,8% do total da coleção possuem este tipo de marca de propriedade. Entre elas, há maior incidência de obras que pertenceram às gerações mais recentes, netos do conde do Pinhal, o que sugere que a biblioteca foi mesmo reconstituída e que muitas obras originais, se ainda existem, estão dispersas entre os outros membros da família ou se perderam.

Seguindo a ordem das sucessivas gerações, verifica-se que há somente uma obra com a marca de propriedade de Antônio Carlos, o Conde do Pinhal, conforme já foi apontado anteriormente. De Rafael de Barros, que era casado com a irmã da Condessa do Pinhal, há uma obra que contém o seu *ex-dono*: **Tréatre** de Schiller.

Com relação a seus filhos, há obras de Carlos José, o filho mais velho, e de Carlos Américo. A obra **Culturas de milho e arroz** de Granato Lourenço, traz a seguinte dedicatória: “Aos illustres patriotas Dr. Carlos Botelho e Dr. Luiz Pereira Barreto”. Dado o interesse de Carlos José pelo livro e pela leitura, que foi apontado anteriormente, e ainda de sua atuação profissional intensa e diversificada, é possível que ele tenha tido uma coleção de livros bastante significativa. Porém, resta somente esta obra na coleção da fazenda Pinhal com a sua marca de propriedade.

Figura 26: Ex-dono de Carlos Américo de Arruda Botelho



Deve-se considerar, no entanto, que ele não residiu depois de adulto nessa fazenda. Uma de suas propriedades, a fazenda Francisca do Lobo, também tem a sede preservada e parece reunir as lembranças de sua existência. É lá, por exemplo, que está abrigada a referida Bíblia do Conde do Pinhal, que recebeu as anotações de seu próprio

punho, no registro de nascimentos dos filhos e outros eventos importantes da família. Assim, é provável que nela estejam reunidos alguns dos livros de Carlos José.

De Carlos Américo foram identificadas até agora duas obras. Uma delas é **Mauá** de Alberto de Faria, como ilustra a figura 26. No verso da folha de rosto e na página seguinte desse livro há uma extensa dedicatória do autor à Carlos Américo, na qual ele comenta sobre a obra e menciona a disputa da mesma em um leilão:

Plínio Barreto foi quem no “Estado de S. Paulo” fez a crítica deste livro. A todas as generalidades às quaes deu a responsabilidade de ser illustre literário juntem a amabilidade de uma carta íntima (2 de agosto 1928) em que escreveu: “... Dr. grandesa de Mauá que advinhava através de seus actos e das referencias que se ... fasia, só tive noção exacta e precisa depois de publicada a biografia que d’elle traçou...” E alludindo à promessa que fiz de completar em dois outros volumes o estudo da grande figura, accrescentou:..” Aguardo com ansiedade a publicação dos volumes prometidos... para ver completa a grade obra de justiça e de patriotismo a que o ... mãos...” Doença ...me tem impedido de cumprir a promessa. Alguém o fará com os documentos que possuo e outros que estão dispersos no Brasil, no Rio da Prata e na Europa. Neste dia, talvez histórico, 17 de julho de 1931, em que o nome do meu boníssimo crítico literário empolga a atenção do país inteiro associando-se à glória de João Alberto no nobre desprendimento com que ambos se sacrificam à pás da família paulistana, é de intima alegria e grande orgulho poder recordar seus applausos nesta primeira pagina de um exemplar de **Mauá** que um nobre paulista, sr. Carlos Américo de Arruda Botelho , disputou em leilão publico até preço elevado que espelha a admiração em que os bons brasileiros guardam a memória de Mauá. Rio, 17 de julho de 1931. Alberto Faria

É uma passagem interessante e deveria ser melhor investigada posteriormente. Uma outra obra sobre Mauá, uma autobiografia, possui o *ex-dono* de Carlos Américo. Outro dado interessante é que a atual biblioteca possui também outras obras sobre esse tema e um busto de Mauá, como demonstra a figura 27. Não se sabe ao certo se essa

peça é do tempo de Carlos Américo. De qualquer forma nota-se que havia uma admiração do filho do Conde pelo empresário.

Figura 27: Estante com o busto de Mauá



Outra obra que traz a marca de propriedade de Carlos Américo é **Imitação de Cristo**. Esse foi um dos livros encontrados e incorporados recentemente à atual coleção. Esses itens estavam guardados em baús e vãos das escadas obras e permaneceram esquecidos durante décadas. Isto indica que deve haver ainda outras obras que pertenceram à família a serem incorporadas à biblioteca, o que reforça a hipótese de que ela permanece “viva”.

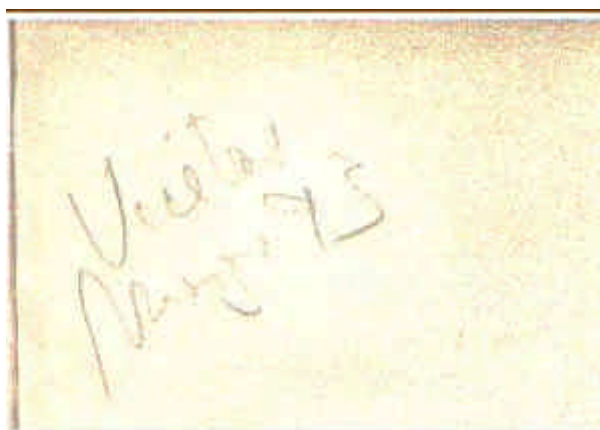
Quanto aos livros de Carlos Américo, deveria haver muitos outros, pois conforme foi exposto anteriormente, ele gostava de botânica e artes, por isso, é possível que tenha tido várias obras sobre esses temas, além de outros como literatura.

Ele também viveu durante alguns anos na fazenda Pinhal. Porém somente duas de seus livros ali permaneceram.

As obras que pertenceram ao Conde do Pinhal e seus filhos são provavelmente os livros circularam na fazenda Pinhal antes de a atual biblioteca haver sido constituída. Certamente havia outros, mas que não puderam ser identificados. Finalmente, há que se considerar que outras obras podem não apresentar nenhuma marca, mas haver pertencido às primeiras gerações dos filhos do Conde do Pinhal.

Quando a atual biblioteca começou a ser organizada, outras pessoas da família colaboraram com a formação do acervo doando obras de sua propriedade. Foram identificadas diversas obras que contêm marcas de propriedade de familiares ou amigos dos Botelho. A análise dos nomes incluídos nas obras revela o empenho de Helena e Modesto Carvalhosa para a formação da biblioteca da fazenda Pinhal, pois há várias que pertenceram a membros do ramo da família de Helena Vieitas. Há obras de seu avô, Carlos Américo, de seus pais José Vieitas Junior e Francisca, de seu irmão José Vieitas Neto, de seu padrinho José Aranha Pereira, além dos dela própria.

Figura 28: ex-dono de José Vieitas Junior



Quarenta obras apresentam a marca de propriedade do seu pai (veja figura 28), algumas trazem inclusive a anotação: “Biblioteca de José Vieitas Júnior”. A mais interessante talvez seja a coleção **História do Brasil** de Rocha Pombo, na qual há a seguinte anotação: "Esta coleção foi a primeira doação de J. V. Jr. (José Vieitas Jr.) para a formação de uma biblioteca... Pinhal; em setembro de 1978 quando de uma penúltima visita à Fazenda". Embora o texto não tenha ainda sido totalmente transcrito, é bastante elucidativo no que diz respeito à intenção de se organizar aí uma biblioteca no final dos anos setenta e à adesão à idéia por parte de algumas pessoas da família.

A coleção também possui duas obras editadas por Alfred Knopf: **An Early victorian album** de Hild e Adansom e **Political essay on the Kingdom of New Spaim** de Humboldt, que possui o *ex-dono* de José Vieitas Júnior. Segundo sua filha, Knopf era um editor americano que se correspondia com o seu pai. Assim, é possível que essas duas obras também tenham pertencido a José Vieitas Junior.

Três obras apresentam a marca de propriedade de Francisca Botelho, esposa de José Vieitas Júnior. De literatura, há **La petite fadette** de George Sand e **Cyrano de Bergerac** de Edmond Rostand; duas são biografias: de **Santo Antônio de Lisboa** de José Carlos de M. Soares e **A segunda imperatriz do Brasil** de Maria Schmidt, a qual traz a seguinte dedicatória.

- “Querida Chiquinha, um grande de abraço de felicitações e o livrinho que lhe falei. Tenho certeza que a vida de uma mulher tão nobre de sentimentos, quanto de estirpe, lhe há de interessar... Sofia”

A leitura de biografia de pessoas ilustres era recomendada às mulheres oitocentistas, conforme Moraes (1998). A dedicatória dá mostras dessa tendência. Chama a atenção ainda o fato de a qualidade do livro ressaltada na dedicatória ser a nobreza de estirpe e de sentimentos da biografada.

A obra **L’Absence** de Ardel, datada de 1921, traz uma dedicatória a May, que talvez fosse a neta de Martinho Carlos de Arruda Botelho (ver apêndice III). E duas obras dedicadas a Estellinha: **Lettres choisies** de Mme. Sévigné e **Fables** de La Fontaine, datadas respectivamente de 1948 e 1950.

A coleção reúne, ainda, cento e quarenta e dois volumes de obras avulsas e fascículos de periódicos, que trazem a marca de José Aranha Pereira, padrinho de batismo de Helena Botelho Vieitas.

A esposa de José Aranha Pereira, Maria Malta Cardoso, era amiga pessoal de Francisca de Arruda Botelho, neta do conde do Pinhal. Talvez por isso vários de seus livros tenham sido incorporados à biblioteca do Pinhal. Sabe-se que ele era engenheiro e professor da escola politécnica de São Paulo, o que, conforme foi indicado anteriormente, já era um indício de que possuía livros, principalmente técnicos. As obras pertencentes a ele versam sobre os mais variados temas. Os títulos existentes na coleção espelham a ocupação e a diversidade de interesses de seu proprietário.

Há treze obras da área de engenharia, principalmente sobre engenharia de materiais. Entre as obras técnicas, há quinze nas áreas de agricultura e biologia, cinco sobre física, pecuária, geografia e três de química. De cunho mais geral, não ligados diretamente à profissão de José Aranha, há vinte volumes sobre história, entre os quais

várias sobre viagens ao Brasil; dezessete de literatura, sendo quinze de literatura francesa; um de brasileira e um de inglesa. Quatro são dicionários e ou gramática; três sobre artes e sociologia e um sobre religião. Há ainda um livro de psicologia em francês sobre o comportamento feminino: **La femme** de Thulie. Sua presença em uma biblioteca oitocentista justifica-se pelo cientificismo tão em voga na época. A coleção inclui ainda dois cadernos de anotações de José Aranha Pereira. Um traz informações sobre o cultivo de café, arroz e batatinha, e outro sobre história universal.

Seis das obras de José Aranha Pereira, principalmente as de literatura francesa, também possuem a marca de propriedade de Marina Malta Cardoso, sua esposa. Outras obras apresentam, ainda, o *ex-dono* de José Malta Cardoso, que provavelmente seja parente de Marina Malta Cardoso. Conforme está assinalado no apêndice III, duas dessas obras são da área de engenharia, uma de química, um dicionário inglês /português, que também apresenta o nome de José Vieitas Júnior e, ainda, um caderno com anotações sobre física industrial. Na coleção há também uma obra de Luiz Aranha Pereira, irmão de José Aranha Pereira: **Nuovo dizionario portuguese-italiano** de Raqueni e Lafayette. Segundo informações de Helena Vieitas, ele era poeta e diplomata e participou da Semana de Artes de 1922.

Outra neta do Antônio Carlos que tem um livro incluído na atual coleção da fazenda Pinhal é Maria Luíza de Arruda Botelho, filha de Carlos Augusto. A obra que possui sua marca de propriedade é: **Asas portuguesas em demanda do cruzeiro do sul** de Medeiros.

A coleção reúne também obras que pertenceram a membros da família de Modesto Carvalhosa. Há uma obra de autoria de seu tio avô: **Escripturação mercantil**, que era também chamado Modesto Carvalhosa.

A obra contém uma dedicatória que demonstra ter sido incorporada recentemente ao acervo: “Ao prof. Modesto Carvalhosa, ilustre jurista e distinto amigo, oferece o J. B. Brado Rossi 29/5/1981”.

Seis obras apresentam marca de propriedade de Agostinho Piquet Perestrello de Carvalhosa, pai de Modesto Carvalhosa, que era lente de literatura inglesa e tradutor juramentado, o que fica claro através das obras que apresentam a sua marca de propriedade: **A Brief course in the history of education** de Paul Monroe; **O Ensino secundário no Brasil e sua atual legislação** de Joaquim Bicudo; **Practical solvak grammar** de Joseph Konus; e **The Oxford companion to american literature** de Benét e Pearson. Há também uma Bíblia: **Biblia Sacra Juxta Vulgatae**. Há também uma obra que pertenceu à mãe de Modesto, Sofia Carvalhosa: **Poesias várias** de Bocage.

Até aqui foram abordadas as obras que pertenceram aos membros mais antigos da família Botelho e seus amigos. São obras que pertenceram ao universo de leitura da passagem do século XIX para o século XX até suas primeiras décadas. O trecho seguinte irá tratar das demais obras que existem atualmente na biblioteca e que foram adquiridas mais recentemente, muitas delas com o objetivo de incrementar o acervo. Tais obras, supostamente, pertencem ao universo de leitura do século XIX, representando o imaginário do final do século XX.

5.2.2 Uma biblioteca da *belle époque* brasileira no imaginário do final do século XX

“suspeito que a espécie humana – a única – está por extinguir-se e que a biblioteca permanecerá: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta”.

(Jorge Luis Borges)

Segundo Modesto Carvalhosa, a idéia de reunir a coleção de livros da família foi somada à proposta de reconstituir o acervo de uma biblioteca que agrupasse as principais obras e autores lidos na passagem do século XIX para o século XX, período em que viveram os patriarcas da família Botelho.

A proposta de criação de uma biblioteca que reunisse as leituras da família e as obras referentes àquela época, ou que ampliem a compreensão sobre ela, provavelmente está relacionada ao conceito de biblioteca enquanto aporte da memória. A biblioteca pode ser encarada como um complemento não menos importante para a preservação da memória da família e, em parte, da própria história nacional. Ela seria um espaço para a reunião e preservação dos “vestígios do pensamento, da sabedoria e da imaginação” do *fin du siècle* (JACOB, 2001, p.51). Conforme Cânfora (2001), pode-se escrever a história de uma civilização “tanto com os monumentos quanto com o alfabeto”. Mas as bibliotecas e os arquivos são “lugares e instrumentos privilegiados

da memória. (...) Tudo o que resta de uma civilização é o que ela escreveu” (p.237). É nessa perspectiva que a biblioteca do Pinhal está sendo enfocada neste estudo.

A coleção existente na fazenda Pinhal complementa o conhecimento sobre a história da família Botelho, contextualizada na história da sociedade brasileira, na medida em que a construção, os móveis e os objetos são legados tangíveis do passado, conforme as palavras de Lowenthal (1998). Isso fica claro nas atas da referida Associação Pró-Casa do Pinhal:

A Associação Pró-Casa Casa do Pinhal tem por finalidade precípua dar apoio a conservação e manutenção da sede da antiga Fazenda Pinhal, preservar e divulgar o inestimável acervo historiográfico, paisagístico e natural nele compreendido, permitindo que permaneça como centro de referência e de atividades e pesquisas de caráter cívico, educacional, artístico e de cultura notadamente de História, de Arquitetura, Paisagismo e Botânica. (p.2^A)

Na fazenda Pinhal, as duas realidades - a tangível e a imaginária - convivem simultaneamente através das instalações e dos objetos que são mantidos, na medida do possível, como na época de seus primeiros proprietários. Por meio deles, pode-se verificar, ainda que em parte, a história e o que se lia naquele período. A biblioteca do Pinhal reúne o que, em pleno século XX, se depreende o que poderia ser a cultura, as leituras e o ideário da elite brasileira do século XIX.

Para compor acervo com obras que supostamente pertenceram ao universo de leitura da passagem do século e outras que abordam a história oficial desse período, Carvalhosa adquiriu livros em sebos e livrarias no país e no exterior, como demonstram diversos nomes de estabelecimentos nacionais e estrangeiros encontrados neles. Entre as cinquenta e sete indicações de nomes de livrarias registrados em selos,

carimbos e anotações, pode-se destacar, por exemplo, a livraria do Luis, em São Paulo, local onde Carvalhosa adquiriu várias obras da atual biblioteca.

No início dos anos noventa, o projeto da biblioteca parece ter ganhado novo impulso. Nessa época, foi criada a Associação Pró-Casa do Pinhal, entidade sem fins lucrativos que tem como objetivo “preservar este patrimônio cultural, integrar o poder público nesta preservação e permitir à coletividade participar dos benefícios culturais dela avindos” (ASSOCIAÇÃO PRÓ-CASA DO PINHAL, s. d., p.4). Nesta mesma ata, há a menção da possibilidade de se firmar um convênio com a Universidade Federal de São Carlos “para sistematização do pequeno e precioso acervo de livros da Pinhal”. Foi através dessa iniciativa que surgiu um projeto de extensão universitária, já mencionado, e que mais tarde deu origem à presente pesquisa.

Uma outra informação relevante que consta nessa ata é o registro da compra da coleção completa da **Revista Moderna** por Modesto Carvalhosa. Embora tivesse sido editada, conforme foi apontado anteriormente, por Martinho Botelho, um dos filhos do Conde do Pinhal, não havia qualquer exemplar dessa revista entre as obras encontradas na casa. É provável que alguns exemplares ou toda a coleção esteja em posse de outros membros da família, em outras cidades. O importante, no entanto, é que, por iniciativa do professor Modesto, foi possível resgatar um dos itens mais importantes da coleção e que é representativo do universo de leitura da elite brasileira na passagem do século XIX para o século XX. Percebe-se, então, através desses relatos que a biblioteca do Pinhal ganhou um novo impulso nos últimos dez anos e continua viva.

Parte da coleção contém as marcas de propriedade dos Botelho e de outros que contribuíram com a formação do acervo inicial da atual biblioteca, como já foi

abordado anteriormente. Assim, neste trecho serão privilegiadas as demais obras que foram recentemente incorporadas à coleção. É oportuno ressaltar que não se pretende aqui realizar uma análise literária das obras, uma vez que o objetivo dessa pesquisa que é fazer a terraplanagem do tema. Essa abordagem literária das obras fica então para um trabalho posterior. A apresentação dos dados do acervo irá seguir a ordem da Classificação Decimal de Dewey, conforme consta no apêndice III.

A primeira classe de assunto na Classificação de Dewey é a de **Generalidades**, na qual estão incluídos os periódicos de caráter geral, item importante do universo de leitura do brasileiro do final dos oitocentos. Foram encontrados na coleção da fazenda Pinhal dez títulos de periódicos deste tipo, que são: **A mensageira**, **O Polichinello**, **Jornal das famílias**, **Renascença**, **Almanaque brasileiro Garnier**, **Ilustração brasileira**, **Kosmos**, **Revista brasileira** (veja figura 29).

Figura 29: Estante da Biblioteca do Pinhal com periódicos



Alguns títulos se fazem presentes com alguns poucos fascículos, como a **Polichinello**, **Jornal das famílias**, o **Almanaque Garnier**, a **Renascença** e a **Mensageira**. Esta última trata-se de uma edição fac-similar publicada pelo IMESP. Das demais há vários fascículos, mas somente da **Revista Moderna** é que se pode atestar a existência da coleção completa, a qual talvez seja a única do Brasil, segundo Martins (1998). Esta revista, conforme foi assinalado anteriormente, foi editada em Paris por Martinho Botelho, filho do conde do Pinhal e teve a colaboração de Eça de Queiroz e Eduardo Prado, entre outros literatos e cronistas da época. Além disso, a revista cuidava em noticiar a vida elegante da nobreza européia abastecendo a demanda dos brasileiros da *belle époque* pelo tema.

A maior parte dos títulos é do século XIX e da passagem para o século XX, porém com características específicas. A **Revista Brasileira**, por exemplo, surgiu na segunda metade do século XIX quando, conforme Martins (1998), as revistas conquistavam um público maior diferenciavam-se do jornal, com o qual era confundido até pelos editores, e se afirmando como “mais conceituadas que o jornal (...) em termos de impresso” (p. 43). Ela passou por diversas fases e teve como colaboradores alguns dos principais literatos do final dos oitocentos.

A **Kosmos** pertence a uma geração de revistas surgidas no começo do vinte “concebidas por homens de negócios e voltadas para públicos já delineados (MARTINS, 1998, p.103)”. Entre aquelas voltadas para o público feminino, criadas também neste período, há o **Jornal das famílias** e a **Mensageira**. A **Ilustração brasileira** abrangia um temário bastante amplo e também veiculava grande quantidade de propaganda de uma série de artigos finos importados. A **Revista do Brasil** foi uma

das mais afamadas entre aquelas editadas das nacionais. Há também um exemplar do **Almanaque Garnier** também um item importante no universo da leitura da época, no qual figuraram autores consagrados e havia uma preocupação com a construção da identidade nacional (DUTRA, 2000).

Não se encontrou qualquer exemplar da referida **Tico-tico e Fígaro**, que, segundo o depoimento das netas do conde, eram lidas regularmente.

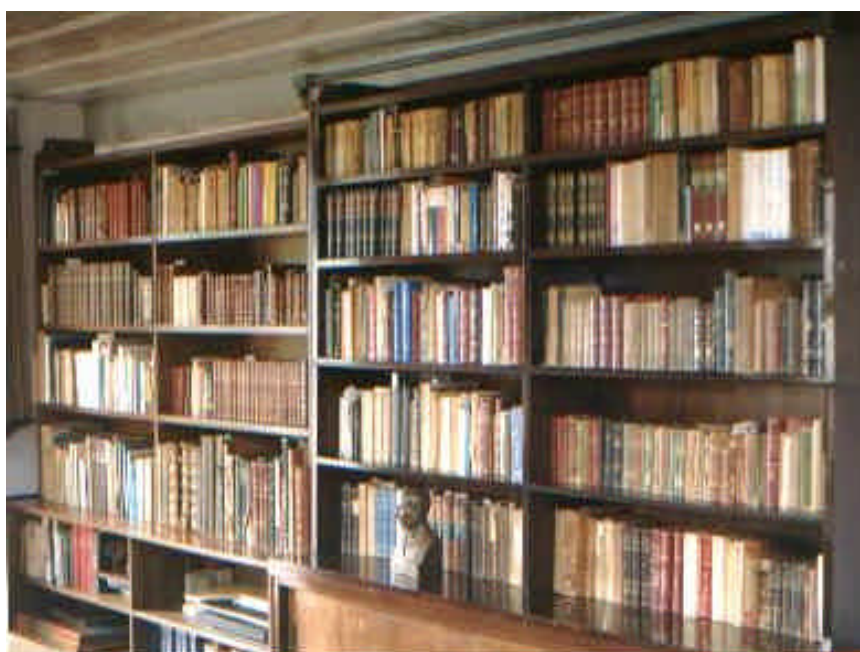
O assunto **Filosofia** contém nove obras, das quais nenhuma apresenta marca de propriedade. Entre os autores arrolados, dois se destacam: Voltaire e Comte, este último mais caro ao Realismo. Estes filósofos tiveram grande influência no pensamento do século XIX no Brasil e eram caros ao movimento romântico.

O positivismo, principalmente, foi uma das correntes de pensamento predominantes durante do Segundo Reinado e inspirou os intelectuais da chamada “geração setenta” (SEVCENKO, 2001, p.14), que lutaram pela modernização das estruturas socioculturais do então Império brasileiro. Voltaire, autor iluminista, por sua vez, era bastante lido na França às vésperas da queda da Bastilha e do Antigo Regime. Assim, a sua presença no acervo é significativa, uma vez que ele tenta abarcar o ideário da época do Brasil Império. Há também uma obra de Kant e, dos brasileiros, o setecentista Matias Aires e os contemporâneos Tobias Barreto e Caio Prado Júnior.

Encontra-se também duas obras sobre **Psicologia: la femme** de Thulie, que possui a marca de propriedade de José Aranha Pereira, já comentada anteriormente. A outra, **Pequenos estudos de psychologia social** de Viana é mais recente e deve ter sido incorporada pelos membros mais jovens da família Botelho.

As obras de **Religião** eram bastante comuns nas casas oitocentistas. Eram das poucas leituras permitidas às mulheres e o seu uso fazia parte do cotidiano bem comportado das famílias. Entre as vinte e uma obras dessa área existentes na atual biblioteca do Pinhal, verifica-se que sete possuem marca de propriedade e já foram abordadas anteriormente. Mas várias outras eram comuns à época, tais como os missais: **Missal quotidiano**, os livros de catecismo e instrução religiosa: **Regulamento e devocionário**, **Curso de instrução religiosa**, **Meditações práticas para todos os dias do ano**, **Festa de S. Lourenço** e ainda obra **A imitação de Cristo** de Renan em três versões. Há também obras biográficas: três sobre José de Anchieta, um sobre Antônio Vieira e sobre San Carlo Borromeo, que é o santo padroeiro da família Botelho. Outras são obras teóricas sobre o tema: **An Outline of religion** de Appleton, **Les Confessions** de S. Agostinho e **Saint Benoit et la monastique** de Jean-Nesmy.

Figura 30: Estante com obras das Ciências Sociais



Na área de **Ciências Sociais**, nota-se uma predominância de obras que tratam sobre o Brasil, sua formação e seu desenvolvimento sociocultural, em particular do período monárquico (veja figura 30). Há, por exemplo, quase toda a bibliografia de Gilberto Freyre, além de outros autores basilares na área como Darcy Ribeiro, Sérgio Buarque de Holanda, Emília Viotti Costa, Maria Sylvia de Carvalho Franco, Dante Moreira Leite, José Murilo de Carvalho e Oliveira Lima.

O aspecto **Político** também é contemplado por uma coleção com vinte e oito obras sobre o tema. Além de obras que abordam a organização política do Brasil- Império, há grande incidência daquelas que tratam de São Paulo, local de atuação política da família Botelho. Há, por exemplo, uma coleção completa dos anais da Assembléia Provincial de São Paulo, correspondente ao período de 1789-1889, presença bastante significativa, pois o conde do Pinhal, e seu irmão Paulino Botelho e alguns de seus genros tiveram participação nessa assembléia durante alguns anos desse período. Da coleção **História administrativa do Brasil**, publicada pela Fundação Centro de Formação do Servidor Público, há diversos volumes, como **Organização e administração do Ministério dos Estrangeiros** de Soares e **Organização e administração do Ministério da Justiça no Império** de Lacombe e Tapajós. Também nesta área são encontrados autores considerados importantes, por exemplo Caio Prado Júnior, Calógeras, Taunay, Edgar Carone, Vicente Tapajós e Oliveira Vianna.

A área de **Economia** também privilegia o período do Brasil-Império, mas principalmente as transformações advindas com o desenvolvimento da cultura cafeeira.

Algumas dessas obras citam inclusive a atuação de Antônio Carlos. É o caso de **Metamorfoses da riqueza** de Zélia Cardoso de Melo. Poucas obras tratam de outras culturas que não a do café, como o algodão, o trigo e a criação do bicho da seda. Destacam-se autores como Caio Prado Júnior, Eduardo Prado, Sergio Milliet e Roberto Simonsen. Há também duas obras francesas sobre o tema: um volume de **Harmonies économiques** de Bastiat e **Les Opérations de banque** de Courcelle-Seneuil. Há, ainda, uma obra de autoria de um tio-avô de Modesto Carvalhosa, **Escreituração mercantil**, conforme foi apontado anteriormente.

A área de **Educação** contém somente três obras. Duas delas com a marca de propriedade de Agostinho Carvalhosa, mas é provável que a terceira, intitulada **A Lei orgânica do ensino secundário e sua regulamentação**, também tenha pertencido a ele. A data de publicação dessa obra é contemporânea às demais, e a temática abordada é bastante específica.

O último aspecto da coleção incluído na área de Ciências Sociais são os **Usos e Costumes**. Cinco obras tratam especificamente do assunto. Duas sobre o Brasil: **Damas e salões do segundo reinado** e **Hábitos alimentares em São Paulo**. As outras não são específicas de um local ou região, mas abordam determinadas temáticas: as roupas e a alimentação.

Seguindo a ordem de classificação de Dewey, a próxima área é a que trata das **Línguas e da linguagem**. Treze obras da coleção abordam esta questão, das quais quatro são dicionários de língua estrangeira (italiano e inglês) e de língua portuguesa;

duas são gramáticas e ambas contêm marca de propriedade de pessoas relacionadas à família Botelho: José Aranha Pereira e Agostinho Carvalhosa. Um outro, **Manual de frases** e uma edição da obra **Falar e escrever** também apresentam marca de propriedade, conforme foi apontado anteriormente. Apesar de as demais obras não apresentarem marcas de propriedade, é provável que várias delas tenham pertencido a algum membro da família. Apenas duas foram adquiridas recentemente, que são **De onde vêm as palavras** de Deonísio da Silva e **Argumentação e interdiscursividade** de Soeli M. S. da Silva. Esses dois autores são professores da Universidade Federal de São Carlos e mantêm amizade com os atuais proprietários da fazenda Pinhal. Daí talvez a razão da existência desse tipo de obra no acervo.

A área seguinte é a de **Ciências naturais e matemática**, que incluem como subtemas a astronomia, a física, a química, as ciências da terra, a paleontologia, a biologia a botânica e a zoologia. Entre as vinte e três obras de cunho mais geral, verifica-se que nove apresentam *ex-dono* de José Aranha Pereira, um de Plínio Aranha e também um de José Malta Cardoso. Há também várias obras de Buffon, que, segundo Carvalhosa, estavam entre os livros encontrados na sede da fazenda Pinhal, apesar de seus exemplares não apresentarem marca de propriedade. Assim, pode-se inferir que as obras dessa área não foram adquiridas para compor a atual biblioteca da fazenda Pinhal, mas pertenceram a várias coleções particulares que mais tarde vieram a integrar a do Pinhal.

Na área de **Botânica** há quarenta e oito títulos, dos quais, quinze possuem a marca de propriedade de José Aranha Pereira. Entre as obras publicadas por volta de 1950, é provável que haja ainda outras que pertenceram a ele, pois, ao que parece, tratava-se do seu *métier*. Chama a atenção, no entanto, um volume deste tema que apresenta a marca de fogo do Conde do Pinhal. Como já foi apontado anteriormente, Antônio Carlos era agricultor, porém dedicava-se a outras atividades comerciais e financeiras, além da política. Assim, causa um certo estranhamento que o único livro da coleção que carrega a sua marca de propriedade seja desta área. Fica, todavia, o registro de que pode ter havido dezenas de livros encadernados e gravados com a marca de fogo do conde. Nota-se, também, a presença de três obras publicadas mais recentemente, ou seja, após 1980, o que demonstra que o interesse pelo tema ainda se mantém entre os membros da família.

Nesta área, há também quatorze títulos de periódicos, alguns dos quais estão em vários volumes, como por exemplo a **Revue de botanique appliquée et d'agriculture coloniale** da qual foram encontrados vinte e nove fascículos. Há também vários fascículos publicados pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, mostrando que talvez o proprietário fosse assinante ou recebesse este tipo de publicação, uma vez que não deveria ser facilmente encontrada. Várias dessas revistas estão encadernadas, muitas vezes, em conjunto, ou seja, vários fascículos em um mesmo volume, o que demonstra o interesse e o cuidado de seu proprietário por elas. Dada a especificidade do tema, é provável que várias outras obras dessa temática tenham pertencido à biblioteca de José Aranha Pereira, apesar de somente algumas delas trazerem a sua marca.

A área de **Zoologia** tem um número menor de títulos, apenas nove. Vários deles também incluem o *ex-dono* de José Aranha Pereira. Nota-se que há somente um título publicado mais recentemente: **O Paraíso das espécies vivas do pantanal de Mato Grosso** de 1984. Os demais foram publicados por volta de 1940, o que sugere que eles também devam fazer parte da coleção de José Aranha Pereira.

A área seguinte é a de **Tecnologia**, na qual estão incluídas a medicina, as engenharias, a manufatura e a economia doméstica. No que diz respeito à medicina, foram encontradas quatro obras, dos quais três são manuais de autoria de Chernoviz que, conforme foi anunciado anteriormente, eram bastante utilizados nos oitocentos, principalmente no interior e nas fazendas onde havia escassez de recursos médicos. Sabe-se que Anna Carolina, a Condessa do Pinhal, possuía pelo menos um exemplar das obras do autor. Porém aquelas encontradas não apresentam qualquer marca de propriedade. De qualquer forma, a sua presença na biblioteca é bastante significativa e pertinente por tratar-se de uma obra bastante utilizada na época. Há, também, um exemplar da obra **A Minha cura d'água** de Sebastião Keipp, que descreve o tratamento hidroterápico que foi adotado também pela condessa e que gerou a construção do caminho d'água existente no fundo da sede da casa da fazenda Pinhal, conforme foi apontado. Não se sabe se a condessa adquiriu um exemplar do livro contendo a descrição do tratamento na época em que esteve em Baden-Baden. A edição que atualmente faz parte da coleção é mais recente e foi publicada no Brasil e não deveria fazer parte da coleção original do Pinhal. Da mesma forma que os livros de

Chernoviz, mesmo não se tratando da edição que de fato passou pelas mãos dos Botelhos mais antigos, a presença na coleção é bastante relevante, pois diz respeito à história da família e da medicina no Brasil.

A temática da **Engenharia** reúne cerca de vinte e nove obras, algumas delas comportando vários volumes. Algumas delas tratam da engenharia de materiais, em particular das madeiras, o que é um indício de que elas tenham pertencido a José Aranha Pereira, mesmo aquelas que não apresentam a sua marca de propriedade, pois, como se pode verificar na área de botânica, havia um grande interesse dele pelo tema. Destaca-se também, nesta subcoleção, a existência de um caderno de anotações sobre física que traz o nome de José Malta Cardoso, conforme foi apontado anteriormente.

A área de **Agricultura** já abarca um número bem maior de obras: sessenta e duas, além de onze títulos de periódicos. Segundo Martins (1998), na virada do século XIX para o século XX, houve uma grande proliferação de periódicos voltados para o setor da agricultura. O interesse pela área deu-se pelo incentivo do governo à pequena propriedade. A revista **Chácaras e quintais** foi uma das que alcançaram o maior sucesso no gênero e está presente na coleção da Pinhal.

Aqui também nota-se a existência de várias obras pertencentes a José Aranha Pereira. Como Antônio Carlos e seus filhos eram agricultores, é provável que alguns desses exemplares também tivessem pertencido à família. Somente um título possui uma dedicatória ao filho mais velho de Antônio Carlos, Carlos José Botelho, conforme foi indicado anteriormente. Verifica-se que a maior parte das obras foi publicada entre 1920 e 1940, o que demonstra, provavelmente, terem pertencido aos filhos e netos do

Conde do Pinhal. O tipo de cultura tratada na maioria dessas obras diz respeito a produtos comuns à região como algodão, milho e frutas tais como o caju, a laranja e o mamão. É interessante verificar que praticamente só há obras que tratam do cultivo do café, produto tão importante para a história da família e responsável pelo desenvolvimento do Estado de São Paulo. Apenas um caderno de José Aranha Pereira trata da cultura do café da batatinha e do arroz. Na coleção, as obras que abordam o café privilegiam o aspecto econômico e foram reunidas na área de ciências sociais. Nota-se uma certa lacuna sobre o tema na área de agricultura. Algumas obras discorrem sobre o tratamento de doenças e pragas das lavouras e, ainda, de técnicas de plantio e preparo do solo. Entre as revistas, verifica-se que há predominância de títulos estrangeiros, principalmente americanos, e um em francês. Apenas dois foram publicados no Brasil.

A respeito da **Pecuária**, há doze obras, sendo que duas trazem o *ex-dono* de José Pereira Aranha. Os títulos foram publicados por volta de 1920 e tratam principalmente da criação de gado, suínos e cavalos. Sabe-se que, juntamente com a plantio do café, havia a criação de gado. Assim, a existência de obras sobre esse tema deveria ser comum à época.

A coleção contém, ainda, obras que versam sobre **Química**. Novamente, percebe-se que elas foram publicadas entre 1900 e 1950 e apresentam marcas de propriedade de José Aranha Pereira e dos Malta Cardoso. Dada a especificidade do tema, é provável que as demais obras tenham feito parte da coleção desses signatários.

As obras que tratam sobre carpintaria e manufatura do couro foram reunidas na área de **Manufatura**. Das cinco obras dessa temática, duas trazem o *ex-dono* de José Aranha Pereira.

A área de **Artes** é bastante privilegiada na coleção da fazenda Pinhal: reúne cento e sete títulos. Essa grande incidência de títulos na área talvez se deva à atuação dos atuais proprietários em atividades relacionadas ao tema. Modesto Carvalhosa foi conselheiro do CONDEPHAAT e Helena Vieitas é artista plástica. A maior parte das obras foi publicada após 1980. As obras de cunho mais geral tratam, em sua maioria, de museus brasileiros, como **Museu Imperial**, **Museu de Arte Sacra do Carmo** e **O Museu paulista da Universidade de São Paulo** e de exposições da área: **Primeira exposição de vestes e objetos imperiais e de louça histórica em São Paulo, IX.a Exposição paulista de Belas Artes** e **Rio Claro sesquicentenária**. Também entre as obras gerais, há **Circa de 1492** de Levenson sobre a arte na era das explorações marítimas. Entre os periódicos, destaca-se a **Revista do Museu paulista**, que, juntamente com a **Revista do instituto histórico e geográfico de São Paulo**, classificada na área de história e geografia da lista anexa, foi a precursora no gênero das revistas institucionais brasileiras, segundo Martins (1998).

Há uma grande incidência de títulos sobre **Arquitetura**, principalmente das fazendas do século XIX, por exemplo: **Arquitetura do açúcar** de Estersilda Azevedo, **Constructions agricoles et architecture rurale** de Buchard, **Fazendas, the great**

houses and plantations of Brazil de Fernando Pires e **O Partido arquitetônico rural de Porto Feliz, Tietê e Laranjal Paulista no século XIX** de Neide Martins. Outras tratam da arquitetura paulista: **São Paulo, sua arquitetura: colônia e império** de Lefevre e Carlos Lemos, e **Morada paulista**. Essas obras acrescentam um outro aspecto da história do período abrangido pela coleção da Pinhal, ou seja, a arquitetura da segunda metade do século XIX, e algumas tratam da região à qual a família está vinculada: São Paulo, o que enriquece ainda mais o acervo.

A respeito da **Arte decorativa**, destacam-se as obras que abordam os móveis de estilo Thonet: **Thonet geschichte eines stuhls**, **Muebles Thonet** e **Thonet bentwood & other furniture**, pois parte da mobília que pertenceu ao Conde segue esta tendência. Há também três obras que discorrem sobre a louçaria e porcelana. Sabe-se que a fazenda Pinhal mantém a louça que pertenceu ao Conde do Pinhal e que contém o seu monograma. Algumas dessas obras inclusive a citam. Essa temática complementa a anterior, que abordava a arquitetura do período, enfocando o mobiliário e os utensílios utilizados na época.

As dezoito obras sobre **pintura** são voltadas principalmente para os artistas e os trabalhos que retratam o Brasil Colônia e Império, tais como: **Imagens do Brasil holandês 1630-1654** de Evaldo Mello, **Imagens do Brasil** de Carl von Koseritz e **Expedição Langsdorf ao Brasil** de Maurício Rugendas. A vida de dois artistas ligados à família também é privilegiada na coleção: Benedito Calixto, que pintou uma tela da fazenda Pinhal, e de quem a coleção possui alguns dos livros; e Almeida Júnior,

que pintou os retratos a óleo do conde e da condessa, e era amigo da família. Apenas cinco obras não tratam da pintura no Brasil, uma obra teórica: **Natureza: formas, texturas e cores**; e aquelas que estão relacionadas a outros países: **Pittura italiana dell'ottocento, Pintura contemporânea norte-americana, Early italian painting e Picasso**.

Treze obras versam sobre a questão da **Fotografia**. Sabe-se que esta técnica foi importante na construção da imagem do Brasil moderno e culto na segunda metade do século XIX. A coleção existente na Pinhal não foge a esse tema, incluindo obras como, **Retratos quase inocentes** de Carlos Eugênio M. Moura, **Escravos brasileiros no século XIX na fotografia de Christiano Jr.** de Azevedo e Lisovsky e **O Rio de Janeiro em antigos cartões postais** de Sergio Tabet e Sonia Pumar. É interessante destacar que a família Botelho apreciava bastante a fotografia, como era comum à época. Há na fazenda Pinhal um extenso acervo de fotografias da família. A coleção inclui ainda obras de artistas contemporâneos como George Ancona, Thomaz Farkas e Claudio Edinger, mostrando que a temática ainda se mantém no gosto dos atuais proprietários.

As áreas de **Música, Artes plásticas e Arte gráfica** possuem poucos títulos, em sua maioria publicações recentes.

Na seqüência, há a área de **Literatura**, a mais numerosa da coleção: quarenta e oito obras que tratam da história da literatura, principalmente a brasileira, sobre a qual há, por exemplo, a coleção da obra de José Veríssimo, o **Dicionário de autores**

paulistas de Luis Correia de Mello e **A literatura do Brasil colonial** de Sergio Macedo. A coleção inclui a biografia e obra de autores principalmente nacionais como Machado de Assis (com nove obras), Álvares de Azevedo (com quatro obras) e Castro Alves (com três obras).

Dois títulos tratam da história de periódicos brasileiros oitocentistas: **Correio braziliense, ou, Armazém literário** de Alberto Dines e **A Revista do Brasil** de Tânia R. de Lucca - ressalte-se ainda que a biblioteca possui alguns volumes dessa revista. Há duas obras sobre a biblioteca brasileira de Robert Gmbh e, ainda, a **Bibliografia brasileira do Brasil colonial** de Rubens Borba de Moraes. É interessante a presença dessas obras, pois, como se verá mais adiante, a coleção da fazenda Pinhal inclui uma pequena mas significativa coleção Brasileira. Talvez essas obras tenham ajudado os responsáveis pela biblioteca na formação dessa coleção de autores estrangeiros que tratam do Brasil antes dos novecentos.

A **Literatura americana** é a menos privilegiada pela coleção, com apenas uma obra: **A Victorian posy** de Sheila Pickles.

A **Literatura inglesa** faz-se um pouco mais presente, com dezesseis títulos. Dentre eles, destaca-se **La Tragique histoire D' Hamlet, Prince de Danemark** de William Shakespeare, que, segundo os depoimentos de familiares, era um dos autores prediletos de Anna Carolina. Assim, mesmo não apresentando a marca de propriedade da condessa, é representativo do universo de leitura do período. Walter Scott é o autor inglês com o maior número de títulos na coleção: nove. Destes, três são de traduções

francesas: **La fiancée de Lammermoor**, **Le monastère** e **Les puritains d'Écosse**. Conforme foi discutido anteriormente, era comum os leitores oitocentistas terem acesso à literatura de outros países que não a França através de traduções francesas. Shakespeare e Scott estavam entre os poucos autores ingleses bastante lidos no Brasil do século XIX. Há também uma obra de Charles Reade: **The cloister and the hearth**. Ressalta-se, ainda, que seis das quinze obras de literatura inglesa são publicações da Garnier, e, segundo Carvalhosa, era a editora de várias obras da coleção original da fazenda Pinhal. Assim, ainda que elas não apresente marcas de propriedade de pessoas da família, é possível que lhe tenham pertencido. Ainda nesta área, outros autores importantes também se fazem presentes como: os poetas Elizabeth Browning e Longfellow, e os romancistas Daniel Defoe, Edgar Poe, Rider Haggard e Feydeon.

Sabe-se que Anna Carolina tinha ascendência alemã e que esta era uma das línguas ensinadas aos filhos durante o período em que esses estudavam em casa com a mãe e os preceptores. Devido a isso, há de se supor que houvesse obras de **literatura alemã** na coleção original. Atualmente, no entanto, há somente quatro livros, sendo que somente um é dos oitocentos: **Théâtre** de Schiller, publicado em 1860, o qual possui a marca de propriedade do irmão de Anna Carolina. Trata-se de uma tradução francesa, como era comum à época, e este autor tornou-se bastante popular no Brasil na segunda metade do século XIX. Os outros dois são obras recentes, ou seja, publicadas após 1980: **Os meus romanos** de Ina von Bizer e **Das bleistifschloss**. A primeira é bastante pertinente à temática principal da coleção, pois retrata o cotidiano de uma preceptora alemã no interior do Brasil dos oitocentos. A segunda é uma obra mais recente e foi recebida pelos atuais proprietários da Fazenda em doação.

Assim, pode-se inferir que há uma lacuna na coleção referente à literatura de origem alemã. Estas obras podem ter se perdido no armário que foi encharcado pelas chuvas ou estar na posse de membros da família.

Figura 31: Estante com livros franceses na biblioteca da fazenda Pinhal



A **Literatura francesa** comparece com o maior número de títulos em relação às demais, são duzentas e vinte e uma obras, que ocupam uma estante exclusiva na biblioteca, como ilustra a figura 31, o que as distingue das demais e indica uma valorização das mesmas por parte dos atuais proprietários. Com exceção das obras de Bocage e Zevaco, **Jean Christophe** de Rolland e **História antiga** de Maupassat, as demais são de edições francesas.

Entre os autores com um maior número de obras, estão: Balzac, com quarenta e quatro volumes da editora Calmann-Lèvy, publicados entre 1830 e 1890. As obras

desse autor, segundo Carvalhosa fazem parte da coleção original da fazenda Pinhal, porém não apresentam indícios de quem seriam os seus proprietários. Maupassant e Zevaco têm ambos trinta obras no acervo. Em seguida, aparece Zola com vinte e três volumes publicados por volta de 1950 pela Cia. Brasil, sob o título **Os Rougon-MacQuart: história natural e social de uma família sob o Segundo Império** e outras duas edições francesas de **Lourdes** e **La Terre**, publicadas na passagem do século. De Molière há dez volumes das **Oeuvres complètes**, publicadas por volta de 1880 e mais uma publicada pela Sanard et Darangeon em 1890. Os demais autores franceses comparecem com menos de dez obras.

Tendo em vista que a principal temática do acervo é o universo de leitura na passagem do século XIX para o século XX, pode-se considerar a subcoleção de literatura francesa como uma das mais importantes do acervo. Já foi ressaltado anteriormente que, na segunda metade do século XIX e principalmente no final deste, imperava a francofilia nas preferências e nos costumes dos brasileiros da elite (NEEDELL, 1993). Assim, há que se verificar as coincidências entre os autores lidos na época e aqueles existentes no acervo da fazenda Pinhal.

Entre os autores franceses que inspiraram os românticos, segundo Needell (1993), e que estão presentes na coleção, estão: Balzac, Hugo, Zola, Chateaubriand, Lamartine, com **Lectures pour tous**, e Sue com **Les Mystères de Paris**. Não constam da coleção da fazenda Pinhal os autores Musset, Cherbuliez, Feydeau, Feuillet, Dumas Filho, Sandeau e Scribe, que eram lidos pelos românticos. Nas últimas décadas dos oitocentos, além de Hugo, Balzac e Zola, aparecem também na preferência dos leitores Flaubert, do qual há duas edições de **Madame Bovary**, uma de 1885 e outra de 1917;

Maupassant, do qual há trinta obras conforme foi apontado anteriormente. Não foram encontradas na coleção obras de Goncourt, que também era apreciado nessa época.

No início do século, Hugo, Balzac, Flaubert, Zola, Renan e Taine se mantinham no gosto dos leitores, e surgiram outros nomes: Anatole France, do qual a coleção contém oito obras e Marcel Prevost do qual há **L'Automne d'une femme**. Já Pierre Loti, Huysmans e Bourget, autores bastante lidos no período, não constam na coleção.

Há também na coleção a presença de autores preferidos em princípio pelas mulheres. Entre eles, a condessa de Ségur, da qual há duas obras na coleção: **Nouveaux contes de fées pour les petits enfants** e **Après la pluie le beau temps**; Guy de Chantepleur, com quatro obras: **Âmes féminines**, **Le hasard et l'amour**, **Ma conscience en robe rose** e **Sphinx blanc**; Mme Staël com **Corinne ou l'Italie** e **De l'Allemagne**; de Mme. Sevigné há **Lettres choisies**. George Sand também fazia parte das leituras do período e comparece na coleção com a obra **La petite fadette** e Stendhal está presente com o seu romance **Le rouge et le noir**. Há ainda duas edições, uma francesa e outra portuguesa em dois volumes, de **Le génie du christianisme** de Chateaubriand.

Corneille e Racine, autores do classicismo francês, também citados entre aqueles preferidos dos leitores oitocentistas, também estão presentes na coleção através da obra **Théâtre classique**. De Montaigne, que segundo depoimentos da família era um dos autores prediletos de Anna Carolina, há **Essais**.

Já no século XX, as obras de M. Delly (pseudônimo de um casal de irmãos franceses) estava nas preferências das leitoras brasileiras. Não foi encontrado, porém,

qualquer exemplar deles. Também outros como Montepin, Ponson du Terrail não foram encontrados na coleção.

Mme. Stäel com **Corinne ou L'Italie e De l'Allemagne**, e Mme. Sevigné com **Lettres choisies**, e Eugène Sue, Balzac, Victor Hugo, Flaubert e Stendhal estavam entre as preferências dos leitores de *fin du siècle*, mesmo sendo censurados. Alguns deles estão presentes na coleção em vários volumes.

Há também a coleção **O romance de Fon-fon**, um suplemento da revista **Fon-fon**, que trazia os romances de Michel Zevaco, na forma de folhetim, publicado semanalmente, às quartas-feiras, conforme indicação da capa. Miguel Zevaco parece ter alcançado um grande sucesso no Brasil. A própria pesquisadora Marlyse Meyer (1996) se confessa admiradora do autor: “dos mais excitantes folhetinistas, Michel Zevaco, pai de Pardaillan, extraordinário herói” (p.373). Pedro Nava também se disse leitor de Zevaco:

Fui a ela (referência a uma das obras de Zevaco), interessei-me profundamente e fiquei devendo a essa orgia de capa e espada a nota dez que me daria mais tarde o Delpech no exame de história universal... Ela (a obra) foi tão útil. Me ensinou muita história. A mim e a tantos outros. Não é que ela aparece numa reminiscência de Vinícios, e num poema de Carlos Drummond de Andrade ? Está justificada. (MEYER, 1996, p. 125)

Essa coleção, segundo Meyer (1996), é um dos poucos exemplos de folhetim publicado em revista no Brasil. A coleção da fazenda Pinhal é composta por trinta e um títulos e, provavelmente, está completa. Os fascículos estão encadernados, mas conservam as capas originais que incluem informações importantes sobre a publicação e servem de fonte para pesquisa. Há, na capa, a indicação, por exemplo, que aquela é a

primeira tradução em português da obra de Zevaco, o que é confirmado por Meyer (1996).

Há uma coleção de **Eloge** publicada pela Hachette composta de seis volumes, de autores diferentes. As fábulas também estão presentes na coleção com as obras de La Fontaine e **Histoire des croyances** de Fernand Nicolay.

Da **Literatura espanhola** há somente **Dom Quixote de la Mancha** em uma edição em cinco volumes da José Olympio. Apesar da edição de Cervantes ser recente (1954), sabe-se que era um autor que fazia parte do universo de leituras dos brasileiros, mas principalmente das mulheres do século XIX. Assim, a sua presença na coleção é fundamental, não apenas por tratar-se de um autor clássico, mas principalmente por ser um dos poucos autores dessa nacionalidade lidos no período enfocado pela coleção.

A subcoleção de **Literatura portuguesa** contém setenta e quatro obras, a maior parte de edições portuguesas. A coleção inclui os clássicos Camões, João de Barros e Bocage. Os românticos estão presentes através de Castello Branco, do qual a coleção contém trinta e cinco obras, e Garrett. Os naturalistas ou pós-românticos como Eça de Queiroz com vinte e sete obras, Julio Diniz, Abel Botelho e Anthero de Quental. Camões, Camillo e Garrett são autores portugueses que estavam na preferência dos leitores brasileiros da segunda metade do século XIX (FERREIRA, 2000). Segundo Moraes (1998), a coleção camiliana foi uma das mais cultivadas pelos bibliófilos brasileiros até meados do século XX e a fazenda Pinhal possui trinta e cinco obras

desse autor. Isso denota que a família estava afinada com os valores estéticos de seu tempo.

Na passagem do século, Eça de Queiroz também contava com bastante prestígio no Brasil. A existência de suas obras na coleção merece destaque, pois ele era amigo pessoal de um dos filhos do Conde, Martinho Carlos Arruda Botelho, com o qual publicou na já mencionada **Revista Moderna**, de forma inédita, o romance **A ilustre casa de Ramirez**, em folhetim. Há também o romance: **A freira no subterrâneo** que traz na folha de rosto a indicação “anônimo” e que foi traduzido por Camillo Castelo Branco.

Com relação à **Literatura brasileira**, há cento e oitenta e oito obras. Entre eles, os românticos Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Manuel Antônio de Almeida, Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar e Alfredo de Taunay; os parnasianos: Alberto Oliveira, Olavo Bilac e Artur Azevedo; os realistas: Coelho Neto, autor brasileiro com o maior número de obras na coleção (quarenta e duas), Raul Pompéia, Aluísio de Azevedo, Júlio Ribeiro, Lima Barreto, Afonso Celso, Capistrano de Abreu, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, Eduardo Prado, Afonso de Taunay e Carolina Nabuco, filha de Joaquim Nabuco.

Dessas, podem-se destacar duas obras de Coelho Neto que constam na coleção, pois foram publicadas sob o pseudônimo Anselmo Ribas: **Fructo proibido** e **Por Montes e valles** e, ainda, **Spumas fluctuantes** de Castro Alves que traz uma dedicatória de Alberto Oliveira a um amigo cujo nome ainda não foi transcrito: “Ao

mui ilustrado amigo ... de Castro affetuosa homenagem de Alberto de Oliveira 17 de maio de 1914”.

Na segunda metade do século XIX, os romancistas nacionais “populares” eram, principalmente, Joaquim Manuel de Macedo, Machado de Assis e José de Alencar. Entre os poetas, Castro Alves, Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo (FREYRE, 1959; SCHAPOCHNIK, 1999). Vários dos autores brasileiros não eram apenas lidos na *belle époque*, mas eram também seus personagens, conforme foi apontado anteriormente. Assim, a presença desses autores na coleção é bastante significativa.

A coleção inclui também obras dos modernistas Graça Aranha, Manuel Bandeira, Carlos Drumond de Andrade. O moderno Fernando Azevedo e Rodrigo Octavio Filho. Entre os autores contemporâneos, há Lúcia Miguel Pereira, Lélia Coelho Frota e Deonísio da Silva.

Há também obras de autores da cidade de São Carlos: Ítalo Saveli e de pessoas da família Botelho: Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt, que publicou um livro de poesias sobre sua bisavó, intitulado **O Livro de Ana Carolina**; Maria Amélia Arruda Botelho de Souza Aranha, autora de **Lendas de amor do folclore indígena**; Ary Pinto das Neves, autor de **Gratulações às autoridades e ao povo de São Carlos**.

Vários exemplares de literatura da biblioteca da fazenda Pinhal são primeiras edições. O estudo desta característica ainda deve ser apurado, mas já foi possível identificar algumas obras em primeiras edições, a saber: três de Joaquim Nabuco: **Balmaceda** (1895), **Minha formação** (1900) e **Um Estadista no Império**, em três tomos, publicados entre 1897 e 1899, todos editados pela H. Garnier; e ainda **Trevas** (1905), **Rei Negro** (1914), **Banzo** (1913), **Imortalidade** (1926), **Fogo fátuo** (1929),

Contos de vida e da morte (1927) e **Esfinge** (1908) de Coelho Netto A maioria trata-se de edição portuguesa.

Dos autores **latinos**, há os três grandes clássicos: Cícero, em uma edição francesa de 1883, Virgílio, com duas edições também francesas de **L' Énéide** e Horácio com **Satyras e epistolas** publicados pela Garnier e **Opera**, de 1844.

Há ainda uma obra do guatemalteco Gómez Carrillo, **Literaturas exóticas**, duas obras da russa Alia Rachmanova: **La fabrique des hommes nouveaux** e **Mariage dans la tourmente** e uma obra de Bilhelm Hauff: **Gämtliche märchen**.

Na seqüência da Classificação de Dewey, vem a área de **Geografia e História**, a segunda mais numerosa na coleção da fazenda Pinhal, depois da Literatura, com trezentos e oitenta e oito títulos. Entre mais gerais há obras sobre história universal: **Les premières civilisations** de Gustave Le Bon, em uma edição francesa de 1817, **Nouvelle histoire universelle** de Malet, **História universal** de Wells, **Medieval and modern times** de Robinson e um caderno de anotações sobre o tema pertencente a José Aranha Pereira.

Algumas obras enfocam especificamente o século XIX: **Le dix-neuvième siècle** de Raynal e **La vita, le conquiste e le scoperte del secolo XIX**. Há, também, vários volumes da **Histoire de la Révolution Française** de Thiers, autor que se destaca por ser um dos precursores do estilo romântico da historiografia e uma obra de Labouye sobre a história dos Estados Unidos.

As demais obras da classe 910 são **Relatos de viagens**. São sessenta e quatro obras, das quais a maior parte, cinquenta e um títulos, enfoca o Brasil. Cinco delas foram publicadas antes de 1900: **Voyage au Brésil** de Mme. et M. Agassiz (1869), **O Brazil** de Lamberg (em dois exemplares de 1896); **Brazil** de Denis (em dois volumes de 1844 e 1845, respectivamente); **Le Brésil** de Alfred Marc (1890); **Voyage dans les provinces de de Saint – Paul et de Sainte – Catherine**, de Saint-Hilaire (1851) (veja figura 32).

Esses títulos formam uma coleção especial chamada **Brasiliana**. Segundo a definição do bibliófilo Rubens Borba de Moraes (1998), esta coleção deve incluir os títulos sobre o Brasil entre 1504, que é a “data do primeiro livro sobre o Brasil” (p.182) e 1900, e ainda aqueles escritos por brasileiros durante o período colonial. A temática Brasiliana é bastante ampla, “...abrange quatro séculos e contém livros nos mais diversos idiomas” (MORAES, 1998, p.178). Os relatos de viagens constituem um dos temas da Brasiliana que reúnem a maior quantidade de títulos, publicações, aliás, bastante dispendiosas, devido principalmente à quantidade de ilustrações. A existência de livros sobre o Brasil em bibliotecas dos oitocentos não era comum, conforme foi apontado anteriormente, mas na coleção da fazenda Pinhal, que tenta reproduzir o universo de leitura da época, se justifica pelo fato de ela também ter como foco a história oficial do período. Uma das fontes mais completas que podem ser utilizadas na identificação das obras da Brasiliana é a **Bibliografia brasiliana**, de Rubens Borba de Moraes.

Há também na coleção outras obras sobre a temática da viagem. Já foi apontado anteriormente o gosto dos Botelho pelas viagens, isso se reflete também nas obras da

coleção. Algumas delas tiveram a sua primeira publicação antes de 1900 e poderiam fazer parte da *Brasiliana*, porém os exemplares existentes na coleção da Pinhal são mais recentes: **Carta a el Rei D. Manuel** de Pero Vaz de Caminha; **Tratados da terra e gente do Brasil** de Cardim; **Notícia do Brasil e Tratado descriptivo do Brasil em 1587** de Gabriel S. de Souza; **Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil** de Nieuhof; **Viagem militar ao Rio Grande do Sul** do Conde d'Eu, **Meu captiveiro entre os selvagens do Brasil** de Staden; **Viagem à terra do Brasil** de Léry; **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil** de Debret; **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil**, Luccock; **Viagens ao interior do Brasil principalmente aos distritos do ouro e dos diamantes** de Mawe; **Viagens ao nordeste do Brasil** Koster; **Viagem ao Brasil** de Wied-Newied; **Segunda viagem ao interior do Brasil, Segunda viagem a São Paulo e quadro histórico da província de São Paulo e Viagem à província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, província Cisplatina e missões do Paraguai** de Saint-Hilaire; **Viagem pelo Brasil** de Spix e Martius; **Diário de uma viagem ao Brasil (...)** de Graham; **Dez anos no Brasil** de Seidler; **Viagem pitoresca através do Brasil** de Rugendas; **Viagens ao Brasil principalmente nas Províncias do Norte e nos Distritos do ouro e do Diamante durante os anos de 1836-1841** de Gardner; **Reminiscências de viagens e permanência no Brasil** de Kidder; **Brasil pitoresco, história, descrições, viagens de colonização, instituições** de Ribeyroles; **Dois anos no Brasil** de Biard; **Viagens aos planaltos do Brasil** de Burton, **Viagem ao Brasil** de L. Agassiz e E. Agassiz (do qual também há uma edição em francês); **Imagens do Brasil** de Koseritz; **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas** de Florence; **Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais** de Saint

Hillaire; **Viagem à terra do Brasil** de Debret, **Os Dois Brasis** de Lambert, **Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo** de Ave-Lallemant e **Céos e terras do Brasil** (em duas edições diferentes) de Taunay.

Os exemplares dessas obras existente na fazenda Pinhal, no entanto, não são da primeira edição, o que os excluiria de uma coleção Brasileira autêntica. É interessante salientar, no entanto, a preocupação dos curadores da biblioteca em ter uma coleção Brasileira mais abrangente e completa possível, ainda que as edições não sejam originais, já que são bastante dispendiosas e difíceis de serem encontradas. Esse dado revela uma preocupação maior dos responsáveis pela biblioteca com o conteúdo da coleção do que com a existência de obras antigas ou raras.

Há, ainda, na coleção outras sobre o tema e que não fazem parte da Brasileira: **Peregrinação pela província de São Paulo (1860-1861)** de Zaluar - que reúne uma série de artigos do autor, publicado originalmente no **Jornal do Commercio - Expedição Langsdorf ao Brasil** e **A Missão artística de 1816** de Affonso de Taunay, **Através do sertão do Brasil** de Roosevelt, **Memórias de um viajante antiquário** de Nóbrega, **Notícias das minas de São Paulo e dos sertões da mesma capitania** e **Informação sobre as minas de São Paulo** de Leme.

Aquelas que enfocam outros lugares que não o Brasil são: **Portugal d'agora** de João do Rio, autor que foi uma personagem atuante da *belle époque* carioca, **A Sicília Malta e o Egypto**, e **Viagens - América, Oceania e Ásia** de Eduardo Prado; **A l'Assaut du pole nord** de Peary, **Estâncias argentinas** de Maria Quesada; **Uganda to Khartoum** de Lloyd; **Ásia sudoriental** de Karnow; **Venezia, la difese a maré** de

Grillo, **Viagem de estudos aos países cafeeiros das Américas do Sul e Central** de Mendes e Camargo; **Baden-Baden demals** de Fuss; e **Viajando** de Martim Francisco.

Em seguida, na sequência da classificação estão as **Biografias, genealogias e insígneas**. Há na coleção da fazenda Pinhal cento e trinta e sete obras que abordam esses temas. A leitura de biografias de personalidades célebres, conforme foi anunciado anteriormente era recomendado. Além disso, o ensino da história era calcado na atuação desses grandes personagens. Assim, a existência desse tipo de material em uma biblioteca oitocentista era comum. Acrescente-se ainda que a existência da biografia de personalidades da época ajuda a compor a história oficial do período abrangido pelo núcleo da coleção da fazenda Pinhal.

Nesse sentido, há obras importantes como **Um estadista no império** em que Nabuco traça um panorama da política brasileira no Segundo Império; **Vultos e factos** de Affonso Celso; **História dos fundadores do império do Brasil** de Tarquínio de Sousa; e as obras de Pedro Calmon, de Alfredo e de Affonso Taunay. Há também obras mais recentes que enfocam personalidades do período, por exemplo **Mauá** de Jorge Caldeira e as obras de Lídia Besouchet.

As principais figuras enfocadas são do Império brasileiro, por exemplo, D. João VI, D. Pedro I, D. Miguel, D. Pedro II, José Bonifácio, Marquesa de Santos, Visconde de Mauá, Duque de Caxias, Barão do Rio Branco, Almeida Júnior e Deodoro. Mas há também obras sobre personalidades do Brasil-Colônia, como o Marques de Pombal, Antônio Vieira, e sobre o Brasil-República, entre os quais grandes vultos da Independência, presidentes de São Paulo, Washington Luis, senador Vergueiro. Há

também obras de pessoas que não estão relacionadas à história do Brasil, como Pablo Picasso, Pierre Bonnard e Buffon.

A dedicatória de Sofia para o seu pai Modesto Carvalhosa encontrada na obra **Imperatriz no fim do mundo** registra a intenção de se incluir na coleção da fazenda Pinhal obras da coleção Brasileira: “Para o papai Modesto, uma imperial contribuição a sua **Braziliana**, ... Sofia 08/08/93” (grifo nosso). Muito embora esta obra não possa a rigor ser considerada como parte da referida coleção, nota-se que havia uma preocupação em reunir obras sobre a história do Brasil, principalmente relacionadas ao período da Monarquia e de sua passagem para a República.

Há, também, obras relacionadas a pessoas da família Botelho: **Sombras que renascem** de Maria Amélia A. Botelho de Souza Aranha, em duas edições; **Grandes de corpo e alma** e **Senador Carlos José Botelho** de Antônio Carlos de Arruda Botelho 3.º; **Descendência de Carlos Amadeu de Arruda Botelho** de Laly de Arruda Botelho; **Glorioso passado** de Francisco de C. S. Brandão Neto; **A Casa do Pinhal** de Margarida C. Gordinho em três exemplares; **O Sangue dos Botelho [os Açores] na nobiliarquia brasileira** de Celso Pupo; e **Asas Portuguesas em demanda do Cruzeiro do Sul** de Visconde de Botelho.

Há, ainda, obras autobiográficas, como: **Memórias** de Taunay; **Minha formação** de Joaquim Nabuco; **Narrativas e memórias** de Astolpho da Silveira, e também biografias e genealogias de famílias ou determinados grupos, como **Biografias de personalidades célebres** de Oliveira; e **Homens de São Paulo** de vários autores.

Sobre genealogias há as obras de Paes Leme e de Luiz Gonzaga da Silva Leme sobre o Brasil, **Nobiliarquia paranaense, Pereiras titulares e titulares Pereiras**; as obras de Zuquete e Binmey sobre a nobreza de Portugal. Há, também, o romântico Barante com **Histoire des ducs de Bourgogne de la Maison de Valois 1364-1477** de Masson sobre personalidades francesas.

Três obras reúnem cartas trocadas por personalidades da nobreza da época: D. Pedro I, D. Pedro II, o Barão de Cotegipe, a Marquesa de Santos e o Conde de Gobineau, e as cartas do Conde do Pinhal à sua esposa Anna Carolina.

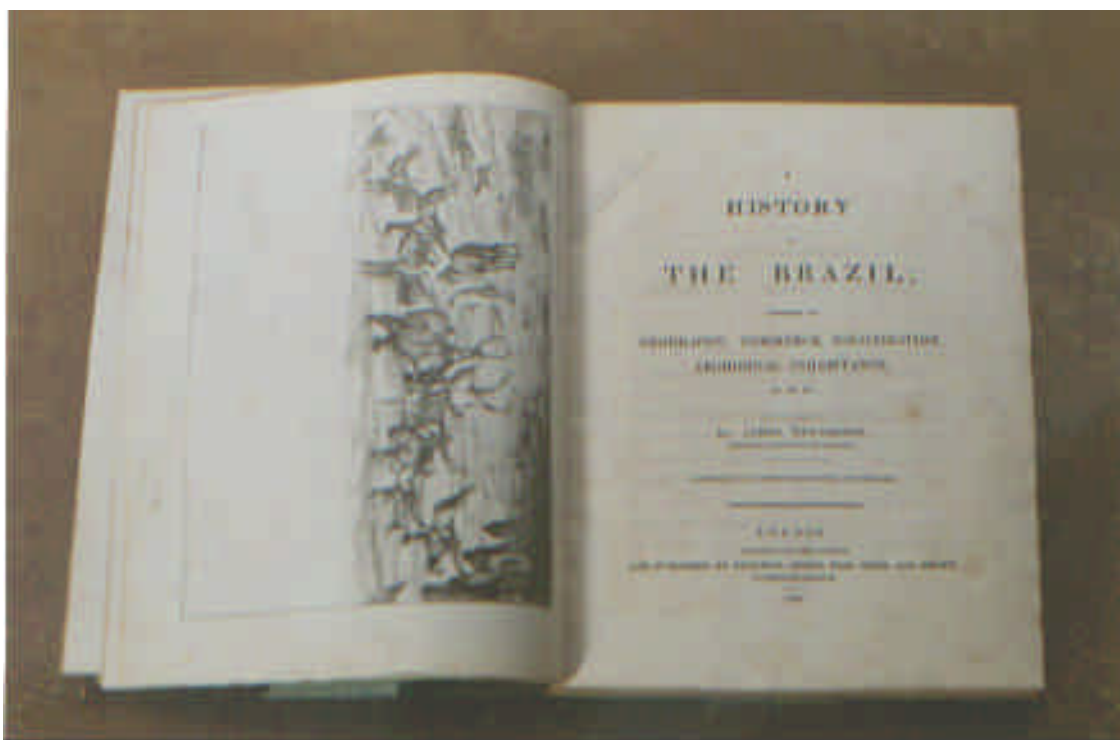
Destacam-se também as duas obras de Afonso Celso: **Um invejado, Vultos e factos**, que apresentam dedicatórias para Antônio Rangel da Costa, em datas diferentes (1895 e 1892 respectivamente).

Dez obras tratam da **História da Península Ibérica**, em particular de Portugal. Entre elas, destacam-se as obras do romântico Alexandre Herculano, autor bastante lido no Brasil dos oitocentos; o polêmico Theófilo Braga com a história da Universidade de Coimbra, instituição que formou inúmeros dirigentes brasileiros do Primeiro Reinado. Há também outras obras relacionadas à história do Brasil: **Administração Pombalina** de Avelar e **D. Manuel e a epopéia dos descobrimentos** de Domingues. Somente uma obra dessa área de assunto aborda a Espanha: **A Inquisição na Espanha** de Kamen.

Há, também, cento e cinquenta e três obras sobre **História do Brasil**. A data da primeira edição de dois títulos dessa área está de acordo com o critério da coleção Brasileira apontado por Moraes (1998). São elas: **História da Guerra do Paraguay**

de Fix (1872) e **A History of the Brazil** de Henderson (1821) (veja figura 33). Outras obras dessa área poderiam ser consideradas como da Brasileira, porém tratam-se de edições mais recentes: **História da missão dos Padres Capuchinos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas** de Abbeville; **Memórias de um colono no Brasil** de Davatz; **História geral do Brasil antes de sua separação e independência de Portugal** (em dez volumes) de Varnhagen; **Visitantes do Brasil colonial** de Taunay; **História do Brasil** de Southey e **O Brasil e as colônias portuguesas** de Martins.

Figura 33: Folha de rosto da obra History of Brazil



Essas obras, juntamente com aquelas sobre relatos de viagem, e ainda as já citadas: **Ensaio para uma synonymia dos nomes populares das plantas indigenas do Estado de São Paulo** de Löfgren (1894) classificada como Botânica; e **Os caduveo**

de Boggiani e **Os meus romanos** de Bizer, classificadas nas Ciências, formam a coleção Brasileira da Fazenda Pinhal.

Há, ainda, outras obras que não se encaixam no critério da Brasileira, que versam sobre a história do Brasil. Alguns autores pertenceram ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que cuidou em escrever a história do Brasil sob os auspícios de Pedro II. São eles: Varnhagen, Joaquim Norberto Sousa Silva, Nabuco, Macedo e Pereira da Silva, autor da obra **História da fundação do império brasileiro** (veja figura 34).

Figura 34: Folha de rosto da obra *História da fundação do Império brasileiro*



Conforme indica a folha de rosto da obra que se encontra no acervo da Pinhal, trata-se de uma edição publicada por Baptiste Louis Garnier no período de rompimento com os seus irmãos¹⁶. No primeiro volume há a seguinte indicação do nome da editora: “Rio de Janeiro, B. L. Garnier; Paris, Garnier Irmãos”. Nos demais volumes: “Rio de Janeiro, B. L. Garnier; Paris, Durand”. Esta, segundo Hallewel (1985), é a única obra conhecida em que há esta indicação, o que a torna uma edição especial.

Há, também, várias obras de Alfredo de Taunay, entre elas duas edições francesas de **La retraite de Laguna** em uma delas consta a seguinte anotação: “À Biblioteca Nacional para fim de registro ... Visconde de Taunay”. Tudo indica que este deva ter sido o exemplar encaminhado pelo autor à Biblioteca Nacional e que provavelmente nunca tenha chegado ao seu destino. Há que se verificar, então, de que forma foi adquirida e incorporada à Pinhal.

Da geração realista, há Capistrano de Abreu, Barão do Rio Branco, Nabuco, Eduardo Prado, João Ribeiro, Euclides da Cunha, Oliveira Lima, Rocha Pombo, Tobias Monteiro, Paulo Prado, Affonso Taunay e Calógeras.

Da geração dos novecentos há, por exemplo, as obras de Pedro Calmon, Gastão Cruls, Viana Moog, Oliveira Viana e Alfredo Ellis Jr. Na obra **O Que se deve ler para conhecer o Brasil** de Werneck Sodré a maioria das obras pertencentes à fazenda Pinhal está relacionada. Entre os autores estrangeiros, destaca-se George Readers, que aborda a passagem do Conde de Gobineau no Brasil e vários aspectos do Brasil do

¹⁶ Conforme Hallewel (1985), Baptiste Garnier se estabeleceu no Brasil em 1844, mas continuava vinculado aos seus irmãos que estavam estabelecidos em Paris. Até 1852 o nome comercial das obras publicadas por Baptiste era “Garnier Irmãos”; após esta data ele passou a apresentar a seguinte indicação referente à editora: “Rio de Janeiro, B. L. Garnier; Paris, Garnier Irmãos”, mostrando uma

Segundo Império. A obra **História do Brazil** de Alexandre dos Reis apresenta uma dedicatória do autor para Sylvio Romero: “Ao grande e poderoso espírito do sábio, mestre Sr. Sylvio Romero, em testemunho de admiração e respeito (autor), 26/12/1905”

Pode-se assinalar, ainda, a existência de duas obras que discorrem sobre a Escola Agrícola "Luiz de Queiroz" da qual Carlos José, filho mais velho do Conde do Pinhal, foi uma dos fundadores. Há também quatro títulos de periódicos, alguns dos quais em vários volumes.

A família Botelho por diversos aspectos esteve ligada à **História de São Paulo**; por isso, é de extrema relevância que a biblioteca da Fazenda Pinhal disponha de obras sobre esse tema. Segundo Modesto Carvalhosa, essa seria uma das temáticas que norteiam a formação da atual biblioteca da Fazenda Pinhal. Esta subcoleção, que poderia ser denominada **Paulística**, reúne oitenta e dois títulos.

Fazem parte dessa dela autores consagrados, como Ernani da Silva Bruno, Affonso de Taunay, Richard Morse, Rocha Pombo e Nuto Sant’Ana. Há obras que abordam a história da Província de São Paulo, como **A Província de São Paulo** de Joaquim Godoy; **Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de São Paulo** de Manuel E. de Azevedo Marques; **Ensaio d’um quadro estatístico da província de São Paulo** de Daniel Muller, e outras específicas sobre a cidade de São Paulo, por exemplo as obras de Taunay e Benedito Lima de Toledo. Outras, ainda, tratam da história de bairros de São Paulo, como as

certa independência. Entre 1864 e 1865 houve, segundo o historiador, o rompimento entre os irmãos e passou a adotar o nome comercial de “B. L. Garnier”.

obras de Maria Cecília Homem Prado e de algumas instituições como o Colégio Dante Alighieri e a Sociedade Hípica Paulista. O Jockey Club teve um papel importante na *belle époque*, pois foi uma instituição criada para deleite da elite e principalmente para conferir-lhe *status*. Várias cidades do interior, inclusive São Carlos, possuíam entidades como essas, como já foi indicado.

A coleção inclui também uma obra publicada por um descendente da família Botelho **Fazendas paulistas do ciclo do café** de Maria Cândida de Arruda Botelho, da qual há duas edições. Também ligada à história da família, há **O Primeiro século de Jaú** de Hilário Freire, que aborda o surgimento de Jaú, cidade em que Antônio Carlos possuía fazendas e negócios, e as obras sobre estrada de ferro, como **Memória justificativa dos planos apresentados ao Governo Imperial para o prolongamento da estrada de ferro de S. Paulo** de Francisco Pimenta Bueno e **As Ferrovias de São Paulo 1870-1940** de Flávio Marques de Saes. Há várias obras de memórias, por exemplo, **No Tempo dantes** de Maria Paes de Barros, parente de Modesto Carvalhosa, e outras como **Longos serões do campo** de Ana Góes Bittencourt e **Uma Menina paulista** de Heloísa Motta.

Há, também, obras sobre outras cidades do interior de São Paulo além da já mencionada Jaú, como Campinas - município de grande importância na província até meados dos oitocentos, após o que São Paulo o ultrapassa social e economicamente – Lorena e Araras.

Outras obras poderiam ainda ser incluídas na Paulística, por exemplo, algumas classificadas nas ciências sociais, que tratam do desenvolvimento econômico do

cultivo do café, e da história política e costumes de São Paulo. Constan também alguns relatos de viagens em terras paulistas.

Especificamente sobre a cidade de **São Carlos**, cidade que a família Botelho ajudou a fundar e desenvolver, há sete obras, que foram reunidas em separado devido à sua importância no acervo. Entre elas há uma de autoria do bisneto do Conde do Pinhal sobre o centenário da cidade e uma outra sobre o mesmo tema de Francisco de Carvalho S. Brandão Neto, também descendente da família Botelho. Três discorrem sobre a história da cidade: **São Carlos do Pinhal: sua fundação e sua história** de Maria Cecília B. Ferraz, que é bisneta de Carlos José Botelho, primogênito do Conde do Pinhal, e **O Jardim público de São Carlos do Pinhal** e **São Carlos na esteira do tempo** do historiador local Ary Pinto das Neves. Há também uma obra do pesquisador Oswaldo Truzzi sobre o desenvolvimento econômico da cidade no período entre 1850 e 1950, no qual há várias menções à contribuição dos Botelho para o desenvolvimento local. Existe, também, um almanaque publicado na cidade (veja figura 35), que reúne informações diversas sobre a cidade no período entre 1916-1917, além de notas e fotografias sobre sua história.

O conteúdo da coleção da fazenda Pinhal, conforme foi apontado no início deste capítulo, tem como paradigma o universo de leitura da passagem do século XIX para o século XX.

Figura 35: Capa do Almanach Álbum de São Carlos



Estes são os dados mais gerais sobre o acervo, no que diz respeito à coincidência entre os padrões de leitura da passagem do século XIX para o século XX e aos autores e obras existentes na coleção da fazenda Pinhal. Percebe-se que o acervo retrata, com muita precisão, vários aspetos desse universo.

Considerações finais

Ao iniciar esta pesquisa, foram propostas algumas questões relacionadas à construção e à preservação da coleção da fazenda Pinhal ao longo das décadas de sua existência. A primeira delas diz respeito aos aspectos culturais do período em que viveram os patriarcas da família Botelho.

Os resultados desta pesquisa demonstraram que há poucos registros sobre a história da leitura fora dos grandes centros, no que diz respeito à segunda metade do século XIX. A educação e a leitura, nesse período, não eram atributos valorizados, pois dava-se prioridade ao trabalho. A leitura era uma marca distintiva de classe social. Diferentemente da corte, a capital da província paulista até meados dos oitocentos pouco se diferenciava das *villas* do interior. Nas fazendas que estavam em formação, havia todo um ciclo de tarefas voltadas para a manutenção da produção e da própria casa. Os proprietários estavam diretamente envolvidos com o trabalho e, à medida que os filhos iam crescendo, estes também participavam das atividades.

Com a expansão do mercado cafeeiro e a extinção do tráfico de escravos na segunda metade do século, houve um grande aumento de divisas. Os fazendeiros ampliaram seus negócios abrindo novas fazendas e investindo principalmente na melhoria do transporte de sua produção. Até então, o escoamento do café das fazendas

até o porto de Santos, de onde seguia para os mercados internacionais, era feito em lombo de animais. O investimento em meios de transporte mais eficientes foi fundamental para alavancar o lucro dos grandes produtores. Optou-se pela invenção inglesa, o trem. Em meados do século XIX poucos países dispunham dessa tecnologia. No Brasil, a instalação das ferrovias foi realizada principalmente por iniciativa desses fazendeiros, que investiram seus próprios dividendos e contrataram profissionais estrangeiros para realizarem o empreendimento.

Os vultosos lucros advindos desse novo meio de transporte foram investidos na diversificação dos negócios dos fazendeiros, por exemplo, na criação de bancos, casas comissárias, companhias de serviços públicos, imóveis e pequenas fábricas. Parte do lucro foi também revertido na melhoria da qualidade de vida nas cidades, com investimentos em serviços públicos, na construção de luxuosos prédios públicos e privados. Com a diversificação de atividades, os grandes proprietários passaram a dividir a responsabilidade da administração com outros membros da família ou administradores e passaram a viver mais tempo nas cidades. Os filhos das famílias mais abastadas passaram a receber uma educação refinada, de influência francesa principalmente, e a fazer curso superior em solo brasileiro e no exterior. A cidade de São Paulo tornou-se a “capital dos fazendeiros” e teve um grande impulso desenvolvimentista.

A maior disponibilidade de recursos e a melhoria da educação para as elites geraram uma demanda por uma série de produtos finos, entre eles o livro e os magazines ilustrados. A leitura e o acesso ao impresso tornaram-se cada vez mais uma marca de distinção entre os grupos sociais. Os bachareis, que em geral, eram oriundos

das grandes fazendas exportadoras de café, não tinham interesse ou não dispunham de capital para continuar os negócios da família, almejavam um emprego público e esperavam a sua vez fomentando a vida cultural das cidades e vilas. Surgiram sociedades literárias, clubes e gabinetes de leitura, e o mercado editorial ampliou-se aos poucos.

O livro e a leitura alcançaram, no final do século XIX, até os mais longínquos lugarejos de São Paulo então existentes, principalmente aqueles que eram servidos pelas linhas ferroviárias, como a cidade de São Carlos.

A biografia de Antonio Carlos de Arruda Botelho, um dos primeiros proprietários da fazenda Pinhal, espelha este pujante período de transformações da economia e da sociedade paulista. Antonio Carlos, que ostentou os títulos de Barão, Oficial da Ordem da Rosa, Visconde e Conde do Pinhal com grandeza, foi um dos maiores fazendeiros do café do interior paulista da segunda metade dos oitocentos. Contribuiu na expansão do café na região oeste de São Paulo, abrindo fazendas e principalmente liderando a extensão dos trilhos da estrada de ferro para São Carlos, Araraquara, Brotas e Jaú. Participou da fundação de São Carlos e investiu em melhorias na cidade. Foi líder do Partido Liberal na região, deputado provincial e geral. Como empresário, foi um dos principais acionistas da Companhia Estrada de Ferro de Rio Claro, depois denominada Companhia Paulista, fundou bancos em São Carlos e São Paulo, ocupou o cargo de presidente de outros. Possuía duas casas comissárias em Santos e, no final do século, era o principal acionista da Companhia Agrícola de Ribeirão Preto, uma das maiores empresas produtoras de café de São Paulo nessa época.

Se o Conde do Pinhal pode ser tomado como um paradigma dos membros da elite cafeeira paulista e uma das figuras de destaque no cenário imperial, dois aspectos o diferenciavam dos demais. Até o final da vida permaneceu monarquista, apesar de seus pares e seus próprios irmãos e filhos serem republicanos. Por outro lado, era instruído. Ser instruído em meados do século era incomum. No interior da Província de São Paulo, uma das mais pobres e pouco desenvolvidas do Império, isso era ainda mais raro. Apesar de não terem passado por bancos escolares, ele e sua esposa foram educados em casa por familiares que eram considerados bastante cultos. Também desfrutaram do privilégio do acesso às bibliotecas de suas respectivas famílias. Tais contingências parecem ter fomentado a necessidade de manter em casa obras que apoiassem os afazeres diários, por exemplo os manuais de medicina e homeopatia utilizados na cura das doenças de familiares e escravos, e a prática religiosa com os missais e a Bíblia. Essa servia também para o registro dos acontecimentos importantes da família e para a leitura de fruição.

Tais elementos remetem à segunda questão enfocada neste estudo: quais foram os fatores socioculturais e econômicos que propiciaram ao aparecimento da biblioteca da fazenda Pinhal. Verificou-se que, com o passar do tempo e a expansão da fortuna da família, foram acrescentados ao exíguo conjunto de livros da família os magazines ilustrados, obras de ficção, partituras, almanaques, obras de história, jornais e cadernos de anotações. Não existia, porém, a preocupação em manter todas as obras reunidas em um único lugar, como uma biblioteca, por exemplo. Os livros circulavam pelos cômodos da casa e mesmo para fora dela, em viagens e temporadas em outras propriedades. Percebe-se então que, enquanto nos Estados Unidos e na Europa a

biblioteca particular era um sinal de *status* até mesmo entre as famílias de classe média e na corte brasileira ela tornava-se mais comum principalmente entre os profissionais liberais. Nas fazendas do interior de São Paulo havia uma outra ordem dos livros.

No ambiente rural paulista da passagem do século, o livro, ao que parece, era considerado como um objeto de uso cotidiano e estava sempre à mão, sem um lugar fixo. Não havia sobre ele a “aura de sagrado” como se verifica em outros contextos. Ele não havia ainda alcançado o valor de símbolo de *status* e sofisticação que um piano, por exemplo, possuía. Na segunda metade do século, com o enriquecimento dos fazendeiros, houve uma demanda por artigos e aparatos estrangeiros de várias ordens, entre eles o livro. Esse, porém, continuou perambulando pelas cantoneiras e mesas. Os mais “perigosos”, como o “maldito” Zola, por exemplo, ficavam trancados em armários em algum cômodo da casa.

Isso demonstra que ele fazia parte do cotidiano da família, mas que não possuía um local reservado onde podia ser apreciado enquanto material de leitura, prazer e símbolo de *status*. Não há até hoje uma sala exclusiva destinada à biblioteca, tão pouco havia naquela época sequer um escritório onde ficassem os livros e outros papéis. Apesar de haver uma sala que centraliza a maior parte do acervo, ainda há estantes espalhadas por outros locais da casa.

Tal atitude denota uma outra forma de se relacionar com o livro, que desde os tempos mais remotos é visto como símbolo de sabedoria, seriedade e autoridade que requer cuidados e um local adequado para acondicionamento e mesmo exposição. Há que se investigar, então, se esta era uma prática comum apenas entre os membros da família Arruda Botelho ou se a maioria dos leitores do século XIX e início do século XX, principalmente aqueles que

residiam em fazendas, também possuíam esta forma de se relacionar com o livro e com a leitura.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, os dados encontrados nas obras revelaram que a biblioteca não era composta somente por obras da família. Ela é o resultado da união de algumas coleções, ou seja, aquela existente na sede da fazenda Pinhal, que foi construída ao longo de décadas e através de várias gerações da família Botelho, e de outras pertencentes principalmente a José Aranha Pereira e José Vieitas Júnior. Aquisições recentes, realizadas pelos atuais proprietários da fazenda Pinhal em sebos do país e do exterior, complementaram a coleção.

A existência de poucos livros adquiridos pelos patriarcas da família Arruda Botelho deveu-se a vários fatores. O primeiro deles é a já mencionada falta de um lugar específico para o acondicionamento dos livros. Acrescente-se, ainda, o fato de a sede da fazenda Pinhal ter sido habitada por várias gerações da família. É, provável, então que vários objetos, por falta de qualquer controle, tenham sido levados por membros da família, e outros tenham sido acrescentados. A possibilidade de que pessoas da família ainda hoje guardem consigo obras que pertenceram a seus antepassados indica que os livros eram objetos importantes e que guardam um valor sentimental bastante significativo. Para esses descendentes, o livro vale como relíquia de família. Eles são a tal ponto valorizados que as pessoas que os detêm não querem dispor deles para recompor a biblioteca da fazenda Pinhal, local de residência de seus antepassados. Porém, a causa da maior devastação na coleção dos Botelho foi a falta de manutenção da sede da fazenda após a morte da condessa em 1945, que resultou na

invasão das águas das chuvas pelo telhado e, conseqüentemente, na perda de várias obras que aí permaneciam.

Se esses fatores concorreram para a perda da coleção original, eles abriram caminho para a construção de uma nova biblioteca, provavelmente mais rica e ampla que a primeira. A nova coleção possui um acervo misto, que reúne obras de alguns descendentes, amigos e ainda exemplares “de época” adquiridos em sebos pelos atuais proprietários da fazenda Pinhal, com aquele “espírito”.

A terceira questão abordada neste estudo foi a coincidência entre o atual acervo e os padrões de leitura da passagem do século. Os resultados confirmaram a existência de vários paralelos entre o universo de leitura da *belle époque* brasileira e a coleção da fazenda Pinhal. Entre eles, podem-se destacar:

- a importância da leitura enquanto marca de distinção social da elite, uma vez que a literatura é a área com a maior quantidade de títulos;
- a francofilia, ou seja, a preferência pelos autores da literatura francesa em relação aos demais, e a existência de traduções francesas de autores de outras nacionalidades na coleção;
- a predominância dos autores românticos em relação aos de outras tendências;
- o sucesso dos folhetins, com a presença de **A ilustre casa de Ramirez** na **Revista Moderna** e na coleção da revista **Fon Fon**;
- a religiosidade, representada por missais e outras obras sobre o tema;

- a influência do positivismo, corrente de pensamento que predominou no Segundo Império;
- o cientificismo, com a existência de obras de engenharia, química botânica, psicologia, ciências naturais, por exemplo, e de periódicos especializados;
- a busca pela definição de uma identidade nacional, através de obras que versam sobre o Brasil, de biografias e genealogias de personalidades célebres da história;
- a paixão pela fotografia, que também foi um dos mecanismos de construção da imagem nacional;
- o sucesso dos periódicos de caráter geral, como as revistas **Kósmos**, **Jornal das famílias** e a **Revista Moderna**.

Os depoimentos de membros da família também revelaram a preferência por autores e publicações que não mais fazem parte da coleção, apontando para a existência de certos vazios deixados por obras que se perderam ou estão em posse de outros membros da família.

Entre as obras que pertenceram a membros da família, destaca-se a coleção de José Vieitas Junior. O conjunto revela uma grande diversidade, abrangendo relatos de viajantes, livros técnicos, de literatura, arte, agropecuária e história, e que era reflexo da formação diversificada e abrangente do engenheiro.

Os resultados demonstraram, também, que há outras questões a serem analisadas a respeito do acervo, tais como a história da incorporação de algumas obras especiais, por exemplo **A Retirada de Laguna** de Taunay, que conforme a anotação

do próprio autor, deveria ter sido encaminhada à Biblioteca Nacional e uma obra autografada para Sylvio Romero. Além disso, a biblioteca possui algumas obras dificilmente encontradas em outras instituições brasileiras, por exemplo, a coleção da **Revista Moderna**, as primeiras edições de José de Alencar e de Coelho Netto, e as primeiras traduções de Mme. de Staël.

O estudo da coleção revelou, ainda, que a biblioteca possui não apenas um caráter de colecionismo, ou seja, não inclui somente obras raras ou especiais, embora inclua algumas. Ela reúne obras que possibilitam principalmente o estudo da passagem do século XIX para o século XX, em particular nos aspectos da história oficial e das preferências de leitura de autores de literatura da época. Inclui também obras sobre a história local, e diversos aspectos relacionados à economia, à sociedade e costumes dos grandes fazendeiros e titulares da época, e, em particular, à família Arruda Botelho.

Essas características dotam a biblioteca de um caráter bastante significativo: ela não apenas tem a função de preservar a memória da família, através de obras lhes que pertenceram, mas também de servir como fonte de pesquisas sobre o contexto sociocultural e econômico em que viveram os antepassados dos Botelho. Contexto que está fortemente ligado não só à história local do município de São Carlos e Araraquara, mas à do Estado de São Paulo.

A biblioteca da fazenda Pinhal é o resultado da união entre o real e o imaginário. O primeiro se faz presente com os vestígios das práticas de leitura dos antepassados dos Botelho e de outros familiares e amigos cujas obras foram incorporadas à coleção. Além disso, as obras sobre a história oficial referente à

passagem da Monarquia para a República complementam o conhecimento da época. As obras acrescentadas mais recentemente esboçam, na visão do final do século XX, o que se lia nessa época. Mais ainda, elas foram escolhidas e adquiridas segundo uma certa idéia do século XIX.

Esta pesquisa está longe de esgotar o tema. Conforme foi anunciado na introdução, não havia esta pretensão desde o início, mas a de fazer a “terraplanagem” do tema, o que se acredita foi alcançado. As informações levantadas sobre o histórico da biblioteca e do seu atual conteúdo podem servir de guia para aqueles que se interessem por estudos sobre as temáticas ali abrangidas. O resultado do trabalho de inventário e classificação das obras, que foram inseridas em uma base de dados, poderá ser usado como um catálogo eletrônico para facilitar a consulta ao acervo da biblioteca. Ele será colocado à disposição dos atuais proprietários da biblioteca e, caso haja interesse deles, divulgado para que outros conheçam o conteúdo da coleção. Também poderá servir como um controle sobre o que existe atualmente na coleção para que a mesma não sofra mais baixas.

É sabido, também, que os proprietários da fazenda têm interesse em que seja desenvolvido um trabalho de preservação da biblioteca, incluindo-se a adaptação de um local adequado ao seu acondicionamento e à recuperação das obras que apresentam problemas de conservação. Assim, espera-se que este trabalho de sistematização das informações sobre o histórico e conteúdo da coleção possa servir de base para a elaboração de projetos a serem encaminhados a agências de fomento a fim de que sejam conseguidos os recursos necessários. É possível, também, que os membros da família que ainda guardam obras que pertenceram a seus antepassados, com a

divulgação deste trabalho e da própria biblioteca, venham confiá-las à coleção da fazenda Pinhal. O simples reconhecimento da existência e da indicação de quais seriam essas obras já seria interessante para complementar os resultados aqui encontrados.

Verificou-se que há, ainda, muito a ser feito em relação aos estudos sobre a história da leitura fora dos grandes centros como a capital de São Paulo, por exemplo sobre a cidade de São Carlos, cuja a história da biblioteca municipal e de outros meios de acesso à leitura ainda não foram objeto de estudo. Verificou-se, também, a necessidade se de empreender esforços no sentido conhecer um pouco mais sobre certos itens da coleção da Pinhal. O conteúdo da **Revista Moderna**, por exemplo, poderia ser mais explorado, no que diz respeito ao imaginário de leitura e o conceito de leitura e cultura veiculado pela revista.

Outro trabalho seria a realização da indexação de seu conteúdo, atividade em que a biblioteconomia teria uma contribuição significativa. Com relação à preciosidade do acervo, há que se realizar um exame mais específico no que diz respeito às características especiais das obras, o que pode revelar outras em primeira edição ou com anotações e dedicatórias interessantes e significativas.

Os resultados indicaram, também, a possibilidade da existência de obras em outras residências da família, o que poderia ser melhor investigado e poderá complementar a presente pesquisa ou ainda revelar novas coleções e outros estudos. Sabe-se, também, da existência de outras fazendas centenárias na região que contêm bibliotecas e sem dúvida merecem ser objeto de estudo.

Além disso, a combinação das áreas da história, dos estudos literários e da biblioteconomia mostrou-se eficiente na realização deste estudo, permitindo a identificação de vários aspectos referentes à história da leitura do interior de São Paulo na passagem do século XIX para o século XX. Espera-se, então, que a presente pesquisa tenha contribuído para isso.

Figura 36: Os pórticos da fazenda Pinhal ao pôr do sol



Referências

- ADORNO, Sergio. **Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.
- ALENCASTRO, Luis Felipe de. Vida privada e ordem no Império. In: NOVAIS, Fernando A. (coord. da coleção), ALENCASTRO, Luiz F. de (org. do vol.). **História da vida privada no Brasil**. 5. reimpress. São Paulo : Cia. das letras, 2001. v. 2
- ALENCASTRO, Luis Felipe de; RENAUX, Luiza. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: NOVAIS, Fernando A. (coord. da coleção), ALENCASTRO, Luiz F. de (org. do vol.). **História da vida privada no Brasil**. 5. reimpress. São Paulo : Cia. das letras, 2001. v. 2
- ALMEIDA, Jane S. de **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo : Editora da Unesp, 1998.
- AMADOR, Carlos. **São Carlos do Pinhal no século XIX**. Iguape : Gráfica Sostet, 1997.
- ARANHA, Maria A. A. B. de S. **Sombras que renascem: memórias de família e costumes de uma época 1862-1883**. São Paulo : [s. n.], 1966. 311p.
- ASSOCIAÇÃO PRÓ-CASA DO PINHAL. **A casa do Pinhal**. São Carlos, s. d.
- ASSOCIAÇÃO PRÓ-CASA DO PINHAL. **Atas das reuniões ordinárias e extraordinárias da Associação Pró-casa do Pinhal**. São Carlos, 1992.
- AZEVEDO, Fernando. **A cultura brasileira**. São Paulo : Melhoramentos, 1971.
- BACZKO, Bronislaw. **Los imaginarios sociales: memórias y esperanzas colectivas**. Buenos Aires : Ediciones Nueva Visión, 1991. (colección Cultura y sociedad)
- BARBOSA, João Alexandre. **A biblioteca imaginária**. São Paulo : Ateliê, 1996.
- BARROS, Maria Paes de. No Tempo dantes. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). **Vida cotidiana em São Paulo no século XIX: memórias, depoimentos, evocações**. São Paulo: Ateliê editorial, Fundação editora da Unesp, Imprensa Oficial do Estado, Secretaria do Estado da Cultura, 1999. 407p.
- BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca. **Obras escolhidas**. 3. ed. São Paulo : Brasiliense, 1987.
- BORNHEIM, Gerald. O sujeito e a norma. In: NOVAES, Adauto. **Ética**. São Paulo : Cia das letras, 1992.
- BOTELHO 3.o, Antonio Carlos de Arruda (org.). **Senador Carlos José Botelho: sua ascendência e descendência 1065 – 1950**. São Paulo Relevo Paulista, 1950. Separata de EGAS, Eugênio. **Vida e obra de Carlos José Botelho**.
- BOTELHO 3.o, Antonio Carlos de Arruda. **Grandes de corpo e alma: fundadores de cidades**. 1. ed. s. l. : s. n., 1956.
- BOTELHO, Antonio Carlos de Arruda. **Naninha, aceitai minhas saudades**. São Carlos : EDUFSCar, 2000. (cartas escritas entre 1864-1901)

- BRACHER, Fernão Carlos Botelho. Notas. In: BOTELHO, Antonio Carlos de Arruda. **Naninha, aceitei minhas saudades**. São Carlos : EDUFSCar, 2000. (cartas escritas entre 1864-1901)
- BRANDÃO NETO, Francisco de Carvalho Soares. **Glorioso passado**: documentário histórico. Rio de Janeiro : Agir, 1967.
- BURKE, Peter. A Nova história, seu passado e seu futuro. In: ----- . **A escrita da história**. São Paulo : Editora da UNESP, 1992.
- CALDEIRA, Jorge. **Mauá**: empresário do Império. 1. reimpr. São Paulo : Cia das Letras, 1995. 557p.
- CANDIDO, Antônio. Recado dos livros. In: ----- . **Recortes**. São Paulo : Cia das Letras, 1996. p.216-221.
- CÂNFORA, Luciano. As bibliotecas antigas e a história dos textos. BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro : UFRJ, 2001.
- CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981. Coleção Temas brasileiros, v. 4
- CARVALHO, Jose Murilo de. In: **História da vida privada no Brasil**. São Paulo : Cia das Letras, 1997. v.2 p. 331-385
- CAVALLO, Guglielmo, CHARTIER, Roger (org.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo : Ática, 1998. 2 v. (coleção múltiplas escolhas)
- CHARTIER, Anne- Marie, HÉBRARD, Jean. **Discursos sobre a leitura - 1880-1980**. São Paulo : Ática, 1995. 590p.
- CHARTIER, Roger (org.). **Práticas de leitura**. São Paulo : Estação liberdade, 1996. 268p.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Lisboa : Vega, 1997.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa : Difel Bertrand do Brasil, 1990. (memória e sociedade)
- COCO, Pina M. A. O triunfo do bastardo: uma leitura dos folhetins cariocas do século XIX. In: CONGRESSO ABRALIC, 2, Belo Horizonte, 1992. **Anais...**Belo Horizonte, 1992. p.19-24, v.3.
- CORREA, Anna Maria Martinez. História social de Araraquara (1817-1930). São Paulo : [s. n.], 1967. Dissertação (mestrado em História) – USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1967.
- COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. São Paulo : Editorial Grijalbo, 1977.
- CUNHA, Maria T. S. **Armadilhas da sedução**: os romances de M. Dely. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 150 p.
- CURY, Maria Zilda F. O acervo Henriqueta Lisboa. **Letras de hoje**. V.29, n.95, p.47-53, mar. 1994
- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORI, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo : Contexto; EDUNESP, 1997.

DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (org.) **A escrita da história**. São Paulo : Editora da UNESP, 1992. p.199-236

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo : Cia das Letras, 1990. 330p.

DE DECCA, Edgard. Literatura, modernidade e história. In: LEENHARDT, J., PASAVENTO, S. J. (org.) **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas : UNICAMP, 1998. 308p.

DEWEY, Melvil. **Dewey decimal classification and relative index**. 20 ed. Albany : Forest press, 1989.

DUTRA, Eliana R. de Freitas. O Almanaque Garnier, 1903-1914: ensinando a ler o Brasil, ensinando o Brasil a ler. ABREU, Marcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas : Mercado das letras : Associação de leitura do Brasil; São Paulo : Fapesp, 2000. (coleção Histórias de leitura)

ECO, Umberto. Como justificar uma biblioteca particular. In: -----, **O segundo diário mínimo**. Rio de Janeiro : Record, 1993. p.191-99

FERRAZ, Maria Cecília B. **São Carlos do Pinhal**: sua fundação e sua história. São Paulo : Edição da autora, 1955.

FERREIRA, Tania Maria Tavares B. da Cruz. Bibliotecas de médicos e advogados do Rio de Janeiro: dever e Lazer em um só lugar. In: ABREU, Marcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas : Mercado das letras : Associação de leitura do Brasil; São Paulo : Fapesp, 2000. p.313 – 333. (coleção Histórias de leitura).

FRANCO JUNIOR, Hilário. **Cocanha**: a história de um país imaginário. São Paulo : Cia das letras, 1998.

FRANCO JUNIOR, Hilário. História, literatura e imaginário: um jogo espetacular. O exemplo medieval da Cocanha. In: IANNONE, Carlos A., GOBBI, Marcia V. Z., JUNQUEIRA, Renata S. (org.). **Sobre as naus da iniciação**. São Paulo : Ed. da Unesp, 1998.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. 2. ed. 2. impressão. São Paulo : Ática, 1976.

FREYRE, Gilberto. **Um engenheiro francês no Brasil**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1940.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1959.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 4. ed. Rio de Janeiro : José Olympio, 1968

GOMES, Sonia de Conti. **Bibliotecas e sociedade na Primeira República**. São Paulo : Pioneira, 1983.

GORDINHO, Margarida C. (ed.). **A casa do Pinhal**. São Paulo : C. H. Knapp, 1995. 184p.

GOULEMOT, Jean-Marie. BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro : UFRJ, 2000.

GUIMARÃES, Manoel Luís S. Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História nacional. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.5-27, 1988.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. São Paulo : A. T. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

HELLER, Bárbara. Mulheres entre linhas: imagens da leitora brasileira no início do século XIX. São Paulo : s. n., 1991. Dissertação (Mestrado em Letras) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

HOLANDA, Sergio Buarque. Raízes do Brasil. 4. ed. Brasília : Editora da UNB, 1963.

JACOB, Christian. Da ordem dos livros à carta dos saberes: utopias e inquietudes. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro : UFRJ, 2001.

JARDIM, Alexandra Alba Picone. A Revista Moderna (1897-1899): Uma publicação brasileira em Paris. São Paulo : [s.l.], 2000. 299p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

JOBIM, José Luis (org.). A biblioteca de Machado de Assis. Rio de Janeiro : TopBooks, Academia Brasileira de Letras, 2001.

JOBIM, José Luis. Por que é importante pesquisar a biblioteca pessoal de Machado de Assis? [on line] Disponível em <http://www.unicamp.br/iel/histlist/jobim.html> - acessado em 10 maio 1999.

LACERDA, Liliam M. A história da leitura no Brasil: formas de ver e maneiras de ler. In: ABREU, Marcia (org.). Leitura, história e história da leitura. Campinas : Mercado das letras : Associação de leitura do Brasil; São Paulo : Fapesp, 2000. p.611-623. (coleção Histórias de leitura).

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. A formação da leitura no Brasil. 2. ed. São Paulo : Ática, 1998.

LE GOFF, Jacques. Prefácio. In: FRANCO JUNIOR, Hilário. Cocanha, a história de um país imaginário. São Paulo : Cia das letras, 1998.

LEITE, Miriam Moreira (org.) A condição feminina no Rio de Janeiro no século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo : Hucitec; Brasília : INL, Fundação Pró-Memória, 1984.

LIMA, Luiz Costa. O controle do imaginário. 2. ed. Rio de Janeiro : Forense universitária, 1989.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. Projeto história, São Paulo n.17, nov. 1998. (Trabalhos da memória).

LYONS, Martyn, LEAHY, Cyanha. A palavra impressa. Rio de Janeiro : Casa das palavras, 1999.

MAGALHÃES JUNIOR, R. Os cem anos da condessa do Pinhal. Revista da semana, 15 de nov. 1941.

MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

MANOEL, Ivan A. Igreja e a educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo. São Paulo : Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. (Prismas)

MARCONDES, Neide. Entre Villes e fazendas. São Paulo : Arte & cultura, 1995.

MARTINS, Ana Luiza. Gabinetes de leitura da província de São Paulo: a pluralidade de um espaço esquecido (1847-1890). São Paulo : [s.n.], 1990. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARTINS, Ana Luiza. Revistas em revista... : imprensa e práticas culturais em tempos de República 1890-1922. São Paulo : [s. n.], 1998. 464p. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca.** 2.ed. São Paulo : Ática, 1997.

MATTOSO, Kátia M. de Q. A. Opulência da Bahia. In: NOVAIS, Fernando A. (coord. da coleção); ALENCASTRO, Luis F. de (org. do volume). **História da vida privada no Brasil.** São Paulo : Cia das Letras, 1998. v. 2

MAUAD, Ana M. Imagem e auto-imagem do segundo reinado. In: NOVAIS, Fernando A. (coord. da coleção); ALENCASTRO, Luis F. de (org. do volume). **História da vida privada no Brasil.** São Paulo : Cia das Letras, 2001. v. 2.

MELLO, Zelia C. **Metamorfoses da riqueza.** São Paulo : Hucitec, 1985.

MEYER, Marlyse. **Folhetim : uma história.** São Paulo : Cia das letras, 1996. 427 p.

MEYER, Marlyse. Folhetim: uma história da leitura. In: BATISTA, Antonio A. G., GALVÃO, Ana Maria de O. **Leitura: práticas, impressos, letramentos.** Belo Horizonte : Autêntica, 1999.

MINDLIN, José. **Uma vida entre livros.** São Paulo : EDUSP : Companhia das letras, 1997. 231p.

MOLES, Abraham A. Biblioteca pessoal, biblioteca universal. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v.6, n.1, p. 39-51, jan./jun. de 1978.

MORAES, Rubens B. de. **O bibliófilo aprendiz.** 3. ed. Brasília, D. F. : Briquet, Lemos, Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 1998.

MORAIS, Maria Arisnete C. A leitura de romances no século XIX. **Cadernos CEDES.** Campinas, v. 19, n.45, jul. 1998.

MORAIS, Maria Arisnete C. Leituras femininas no século XIX (1850-1900). Campinas : s. n., 1996. Tese (doutorado em Letras) – Unicamp, Faculdade de Educação, 1996.

MOYSÉS, Sarita Maria A. Literatura e história: imagens de leitura e de leituras no Brasil no século XIX. In: LEENHARDT, J., PASAVENTO, S. J. (org.) **Discurso histórico e narrativa literária.** Campinas : UNICAMP, 1998. 308p.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século.** São Paulo : Cia das Letras, 1993.

NEVES, Ary Pinto das. **O jardim público de São Carlos do Pinhal.** São Carlos : Fundação Theodoro Souto/EESC-USP, 1983.

NEVES, Ary Pinto das. **São Carlos, na estrada do tempo.** São Carlos : [s.n.], 1984. (Álbum comemorativo do centenário da ferrovia 1884 – 1984)

OTNESS, Harold M. A room full of books: the life and slow death of the American residential library. **Library and culture.** v.23, n.2, p. 111-134, 1988.

- PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. Campinas : Mercado das Letras; Associação de leitura do Brasil. São Paulo : Fapesp, 1999. (Coleção histórias de leitura).
- PASAVENTO, S. J.; LEENHARDT, J. (org.) **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas : UNICAMP, 1998. 308p.
- PATLAGEAN, Evelynne. A história do imaginário. In: LE GOFF, Jacques (org.) **A história nova**. São Paulo Martins Fontes, 1993.
- PERROT, Michelle (org.) **História da vida privada**. São Paulo : Cia das Letras, 1992. (v 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra)
- PINHEIRO, Ana Virginia. A Real Bibliotheca e a leitura no Brasil dos oitocentos. **Leitura: teoria e prática**. v.19, n.35, p. 99-111, jun. 2000.
- PINHEIRO, Ana Virginia. Glossário de codicologia e documentação. **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro : n. 115, p.123-213, 1995.
- PROSPERI, Gianluca. La biblioteca interpretata. **Biblioteche oggi**, v.4, n.3, p.53-60, 1986.
- READERS, Georges. **O conde Gobineau no Brasil**. Rio de Janeiro : Paz e terra, 1997. Coleção leitura.
- REIS, Antonio. História: a memória do imaginário. In: LOURENÇO, Eduardo. **O mundo da imaginação à imaginação do mundo**. Lisboa : Fim de século, 1999. p. 121-125.
- RHEINGANTZ, Carlos G. **Titulares do império**. Rio de Janeiro : Ministério da Justiça; Arquivo Nacional, 1960. (Publicações do Arquivo Nacional, 44)
- ROUANET, Maria H. O mundo de realidades que se bifurcam. In: ----- . **Eternamente em berço esplêndido; a fundação de uma literatura nacional**. São Paulo : Siciliano, 1991.
- SARAIVA, Antonio J., LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. 10.ed. corrigida e atualizada. Porto : Porto, Coimbra : Livraria Arnaldo, Lisboa: Lit. Fluminense, 1978.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial. São Paulo [s.n.], 1999. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nas barbas do imperador: D.Pedro II, um monarca nos trópicos**. 2. ed. São Paulo : Cia das Letras, 1999. 623p.
- SERRA, Tânia R. C. **Antologia do folhetim (1839-1870)**. Brasília : Editora da UNB, 1997.
- SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando A., SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada**. São Paulo : Cia das letras, 2001. v.3.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. História da leitura luso-brasileira: balanços e perspectivas. In: ABREU, Marcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas : Mercado das letras : Associação de leitura do Brasil; São Paulo : Fapesp, 2000. p.147- 164. (coleção Histórias de leitura).
- SODRÉ, Nelson W. **O que se deve ler para conhecer o Brasil**. Rio de Janeiro : Centro brasileiro de pesquisas educacionais; Ministério da Educação e Cultura, 1960.

SODRÉ, Nelson W. **Síntese da história da cultura brasileira**. 10. ed. São Paulo : Difel, 1982.

SOUZA, Evardo Vallim P. Reminiscências acadêmicas 1887-1891: metamorfose da paulicéia provinciana em grande metrópole. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). **Vida cotidiana em São Paulo no século XIX**: memórias, depoimentos, evocações. São Paulo: Ateliê editorial, Fundação editora da Unesp, Imprensa Oficial do Estado, Secretaria do Estado da Cultura, 1999. 407p.

SOUZA, Laura de Mello (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo : Cia das Letras, 1997. (Coleção História da vida privada no Brasil, v.1)

TANURI, Leonor M. O ensino normal no Estado de São Paulo – 1890-1930. São Paulo : s. n., 1979. Tese (doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1979.

TRUZZI, Oswaldo. **Café e indústria**: São Carlos 1859-1950. São Carlos : EDUFSCar, 2000. 181p.

VILLALTA, Luiz. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: NOVAIS, Fernando A. (coord. da Coleção); MELLO E SOUZA, Laura de (org. do volume). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo : Cia das Letras, 1997. v.1 p. 331-385.

WITTMANN, Reinhard. Existe uma revolução da leitura no final do século XVIII ?. In: CAVALLO, Guglielmo, CHARTIER, Roger (org.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo : Ática, 1998. 2 v. (coleção múltiplas escolhas)

ZILBERMAN, Regina. **A leitura no Brasil, sua história e suas instituições**. [on line]. Disponível em: <http://www.unicamp.br/regina.html> 1999.

Bibliografia consultada

BARATA, Carlos E. de A.; BUENO, Antonio H. da C. **Diccionario das familias brasileiras**. São Paulo : Árvore da terra, 2001.

BARATIN, Marc; JACOB, Christian (org.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro : UFRJ, 2000. 351 p.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3. ed. rev. São Paulo: Cultrix, 1983.

BOTELHO, Laly de Arruda. **Descendência de Carlos Amadeu de Arruda Botelho**. s. l. : s. n. , 1985.

CALLIGARIS, Contardo. Brasil, país do futuro de quem ? **Cultura Vozes**, v.86, n.89, p.21-29, 1992.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. Rio de Janeiro : Cruzeiro, s. d. 7 v.

- CARPEAUX, Otto Maria. **Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira**. 3. ed. Rio de Janeiro : Letras e artes, 1964.
- A CASA do Pinhal. São Carlos : Associação Pró-Casa do Pinhal, Secretaria de Estado da Cultura, s. d.
- COUTINHO, Afrânio (dir.). **A literatura no Brasil**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: José Olympio, Niterói : Universidade Federal Fluminense, 1986. v. 4 - 5
- CUNHA, Rui Vieira da. **Estudo da nobreza brasileira**. Rio de Janeiro : Ministério da Justiça e negócios interiores; Arquivo Nacional. 1966. II V.
- CUNHA, Rui Vieira da. **Figuras e fatos da nobreza brasileira**. Rio de Janeiro : Ministério da Justiça; Arquivo Nacional, 1975. (Publicações históricas, 1.a série, n. 80)
- ELLIS, Myrian. **O café literatura e história**. São Paulo : Melhoramentos, EDUSP, 1977. Série memória brasileira
- JOBIM, José L (org.). **A biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro : Topbooks, 2001. 393 p.
- LARA, Cecília de. Painel sem moldura: ficção brasileira nos últimos 25 anos. **Revista Caravelle**, 1988. Edição especial 25 anos da América Latina.
- LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**. Barcelona : Laertes, 1996.
- LUPION, Adriana. Aspectos bibliológicos dos itens da biblioteca da família do Conde do Pinhal. Marília : s. n., 2002. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Unesp, Marília, 2001.
- MARCONDES, Neide. **Entre ville e fazendas**. São Paulo : Arte e cultura, 1995.
- MARTINS, Ana Luiza. As leituras às vésperas da República. **O Estado de São Paulo**, 18 de nov. 1989. p.4-6.
- MARTINS, Wilson. **A palavra escrita; história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 2.ed. São Paulo : Ática, 1996.
- MEYER, Marlyse. **Caminhos do imaginário no Brasil**. São Paulo : Edusp, 1993. 229p.
- MORAES, Rubens B. de; BERRIEN, William. **Manual bibliográfico de estudos brasileiros**. Rio de Janeiro : Gráfica editora Souza, 1949.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). **Vida cotidiana em São Paulo no século XIX: memórias, depoimentos, evocações**. São Paulo: Ateliê editorial, Fundação editora da Unesp, Imprensa Oficial do Estado, Secretaria do Estado da Cultura, 1999. 407p.
- NASCIMENTO, Jorge Carvalho. Cultura e educação no Brasil do século XIX: uma releitura. **Horizontes**. v.16, p.85-140, 1998.
- NOVAES, Fernando. **Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial**. São Paulo : Hucitec, 1981
- NUNES, José H. **Formação do leitor brasileiro: imaginário da leitura no Brasil colonial**. Campinas : UNICAMP, 1994. 168p.
- PINTO, Luciana S. G. Ribeirão Preto: a dinâmica da economia cafeeira de 1870-1930. Araraquara : s. n., 2000. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2000.

REVISTA MODERNA. Paris. 1889-1892.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo : Cia das Letras, 1995.

RIBEIRO, José A. **Imprensa e ficção no século XIX**. São Paulo : Editora da Unesp, 1996. (Prismas)

RODRIGUES, José H. **Teoria da história do Brasil**. 3.ed. [s.l.] : Cia Ed. Nacional, 1969.

SCHUWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: -----, **Que horas são ?** São Paulo : Companhia das letras, 1987. p. 29-48.

SILVA, Helen de Castro. Um olhar sobre a história da leitura. **Itinerários**, n.13, p.251- 261, 1998.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Livro e sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821). **Revista de história**. USP, v.46, n.94, p.441-457, 1973.

SODRÉ, Nelson W. **Síntese da história da cultura brasileira**. 10. ed. São Paulo : Difel, 1982.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. São Paulo : Companhia das letras, 1990. 319p

SÜSSEKIND, Flora. Com os olhos dos outros. In: -----, **Papéis colados**. Rio de Janeiro : Editora da UFRJ, 1993. p.169-170.

VILLALTA, Luiz. Bibliothèques privées et pratiques de lecture au Brésil colonial. In: Naissance du Brasil moderne (1500-1808). Paris : Presses de L'Université de Paris-Sorbone, 1998.

ZANETTI, Denise. A mulher leitora do século XIX e a biblioteca da Fazenda Pinhal. Marília: s. n. 2001. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Unesp, Marília, 2001.

APÊNDICES

Apêndice I

Roteiro para realização das entrevistas

- Desde que o (a) senhor (a) se lembra, a biblioteca está acondicionada e organizada da maneira em que se encontra hoje ?
- O que caracteriza as obras que compõem o acervo da sala principal da biblioteca e aquelas localizadas em outras partes da casa ? Por que esta divisão ?
- Houve modificações na organização e localização da biblioteca ? Quais foram ?
- O (A) senhor (a) poderia relatar a história de como esta biblioteca se formou ?
- O (A) senhor (a) já acrescentou livros à coleção ?
- Que livro ou materiais na opinião de vocês deve / pode ser acrescentado à coleção ?
- O (A) senhor (a) já retirou algum livro da coleção ? Por quê ? Que critérios foram utilizados ?
- Quem eram os leitores dessa biblioteca ? O Conde ? A Condessa e suas filhas ?
- A biblioteca era uma questão de status para a família ?

Apêndice II

	FORMULÁRIO PARA REALIZAÇÃO DO INVENTÁRIO NA BIBLIOTECA DA FAZENDA PINHAL
-------------	---

Sala		Estante		Prateleira		Registro Nº	
------	-------------	---------	-------------	------------	-------------	-------------	-------------

I - ESPECIFICAÇÃO DO MATERIAL

☐ Álbum	☐ Folheto	☐ Manuscrito	☐ Planta
☐ Brochura	☐ Gravura	☐ Mapa	☐ Pergaminho
☐ Certificado	☐ Impresso	☐ Partitura	☐ _____
☐ Desenho	☐ Livro	☐ Periódico	☐ _____

Obs.:

II - TIPO DE SUPORTE DA OBRA

☐ Papel Cuchê	☐ Papel Jornal	☐ _____
☐ Papel Feito à Mão	☐ Papel Madeira	☐ _____

III - IDENTIFICAÇÃO DA OBRA

Autor:	_____
Tradutor:	_____
Título:	_____ _____
Edição:	_____
Local:	_____
Editora:	_____
Data:	_____
Tit. Ed. Original:	_____

Dimensões: Comp. _____ x Larg. _____ x Esp. _____

Nº Pag.: _____ Vol.: _____ ISBN: _____

☐ Apêndice ☐ Bibliog. ☐ Glossário ☐ Índice ☐ Ilust. ☐ Inf. Biog.

Série: _____

Obs.: _____

IV - NOTAS ESPECIAIS

- | | |
|--|---|
| ☐ Autografada | ☐ Livreiro |
| ☐ Dedicatória | ☐ Marca de Fogo |
| ☐ Ed. fac-similar | ☐ Notas Pessoais ou do Autor |
| ☐ Ed. Numerada / Nº da Ed. _____ | ☐ _____ |
| ☐ ex-libris ou Marca de Propriedade | ☐ _____ |
| ☐ Impressor | |

Obs.: _____

V - IDENTIFICAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

- | | | |
|--|--|--|
| V.I Encadernação | ☐ Abrasão | ☐ Mancha |
| | ☐ Arranhão | ☐ Perda Lombada |
| | ☐ Buraco | ☐ Perda Suporte |
| | ☐ Costura Fragilizada | ☐ Rompimento |
| | ☐ Descoloração | ☐ Sujidade |
| | ☐ Lombada Quebrada | ☐ _____ |
| | V.II Miolo | ☐ Anot. a Grafite |
| ☐ Anot. a Tinta | | ☐ Oxidação |
| ☐ Carimbo | | ☐ Perda Folhas |
| ☐ Deterioração / Inseto | | ☐ Perda Suporte |
| ☐ Deterioração / Roedores | | ☐ Queimadura |
| ☐ Dobra | | ☐ Rasgo |
| ☐ Fita Adesiva | | ☐ Sujidade |
| ☐ Foxing | | ☐ Suporte Frágil |
| ☐ Fungos | | ☐ Tratamento Anterior |
| ☐ Mancha | | ☐ _____ |
| | | |
| | | |

VI - OBSERVAÇÃO

Responsável _____
Data ____/____/____.

Apêndice III

LISTAGEM DAS OBRAS DA COLEÇÃO DA FAZENDA PINHAL

000 - GENERALIDADES

A MENSAGEIRA. São Paulo : IMESP, v.1 e .2, 1987.

ALMANAQUE BRASILEIRO GARNIER. Rio de Janeiro : Garnier, 1903.

ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro : [s. n.], v.2, n. 15-21, 23-24, 26-31, 34, 38, 1910; v.3, n. 47-58, 1911, s.n. mar., fev. 1922, v.4, n.29-31, 1923, v.44, n. 222, 1956.

JORNAL DAS FAMÍLIAS. Rio de Janeiro : B. L. Garnier, n.11, 1875.

KOSMOS. Rio de Janeiro : [s. n.], v.1, n.1-8, v.2, n.1-8, v.4, n.1-6, v.5, n.1-12, v.6, n.1-4, 1904-1908.

O POLICHINELLO. São Paulo : [s. n.], v.1, n. 1-38, 1786.

RENASCENÇA. Rio de Janeiro : [s. n.], n. 30, n. 33.

REVISTA BRAZILEIRA. Rio de Janeiro : Laemmert & Cia., v.1, t.1-4; v.2, t. 5-8; v. 3, t. 9-12; v.4, t. 13-16; v. 5, t. 17-19.

REVISTA DO BRASIL. São Paulo : Monteiro Lobato & Comp, v.1, ano 1, jan.-abr. 1916; v.II, ano I, maio-ago. 1916; v.3, ano 1, set.- dez. 1916; n. 6, v.II, jan.-abr. 1917; v. 5, ano 2, maio-ago. 1917; v.6, n.2, set.-dez. 1917; v. VII, ano III, jan.-mar. 1918.; v.VIII, ano III, maio-ago. 1918; v.IX, ano III, set.-dez. 1918; v. X, ano IV, jan.-abr. 1919; v. XI, [maio – ago.] 1919; [v. XII], set. 1919; v. XIII, ano V, jan.-abr. 1920; v. XIV, ano V, maio-ago. 1920; v.15, ano 5, set.-dez. 1920; v. XVI, ano VI, jan.-mar. 1921; v. XVII, ano VI, abr.-jun. 1921; v. XVIII, ano VI, set.-dez. 1921; v. XIX, ano VII, jan.-abr. 1922; v.XX, ano VII, maio-ago. 1922; v. XXI, ano VII, set.dez. 1922; v. XXII, ano VIII, jan.-abr. 1923; v. 23, ano 8, maio-Ago. 1923; v. 24, set.-dez. 1923; v. XXV, jan.-abr. 1924; v. XXVI, ano IX, maio-ago. 1924; v. 27, ano 9, set.-dez. 1924; v. 28, ano X, jan.-abr., 1925.

REVISTA MODERNA. Paris: [s. n.], n.1, 15 maio 1897, n.2, 25 jun. 1897, n.3, 25 jul. 1897, n.4, 20 ago.1897, n.5, 05 set. 1897, n.6, 20 set. 1897, n.7, 05 out. 1897, n.8, 20 out. 1897, n.9, 05 de nov. 1897, n. 10, 20 nov. 1897, n.11, 15 dez. 1898, n. 12, 01 jan. 1898, n. 13, 15 jan. 1898, n.14, 01 fev. 1898, n. 15, 15 fev. 1898, n. 16, 01 mar. 1898, n.17, 15 mar. 1898, n.18, 01 abr. 1898, n. 19, 15 abr. 1898, n. 20, 01 maio 1898, n. 21. Jun. 1898, n. 22, jul. 1898.

100 - FILOSOFIA

AIRES, Matias. **Reflexões sobre a vaidade dos homens ou discursos morais sobre os efeitos da vaidade.** São Paulo : Martins, 1942.

COMTE, August. **Système de politique positive, ou traité de sociologie, instituant la religion de l'humanité.** Paris : A La librairie scientifique-industrielle de L. Mathias, 1879. v.1

COMTE, August. **Système de politique positive, ou traité de sociologie, instituant la religion de l'humanité.** Paris : A La librairie scientifique-industrielle de L. Mathias, 1881. v.10

KANT, Immanuel. **Critique of pure reason.** New York : P.F. Collier & Son, 1900. 480 p. (Classics – World's greatest literature, v. 19)

KRAUSE, C. Cr. F.; RIO, Sanz del. **O ideal da humanidade para a vida.** Buenos Ayres : Eduardo Perié, 1884. (Biblioteca luzo brasileira). [J. A. P.]

PESSOA, Liliam de Abreu. **Aspectos do pensamento alemão na obra de Tobias Barreto.** São Paulo : USP; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1985.

MERCADANTE, Paulo; PAIN, Antonio. **Tobias Barreto na cultura brasileira.** São Paulo: Edusp; Grijalbo, 1972.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Notas introdutórias à lógica dialética.** São Paulo : Brasiliense, 1959.

VOLTEIRE, **Romains.** Nouvelle. Paris : Garnier, [s.d.]

150- PSICOLOGIA

THULIE, H. **La femme:** essai de sociologie physiologique. Paris : Adrien Delahaye et Émile Lecrosnier, 1885. (Bibliothèque anthropologique) [J. A. P.]

VIANNA, F. J. Oliveira. **Pequenos estudos de psychologia social.** 3.ed. augmentada. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942.

200 – RELIGIÃO

ANCHIETA, José de. **Na festa de São Lourenço.** São Paulo : Irmãos Andrioli, 1954.

APPLETON, E. R. **An outline of religion.** New York : Garden City Publishing, 1939.

AUGUSTIN, Saint. **Les confessions.** Paris : Garnier, [s.d.] [mp.: J. A. P.]

BERNANOS, Georges. **Dialogues des carmélites.** [s.l.] : Georges Lang, 1955. 202p.

BIBLIA SACRA IESITA VULGATAE. 10. ed. Paris : Librairie Letouzly et Ané, [18--?]. [mp.: Agostinho Carvalhosa]

CAULY. **Curso de instrução religiosa.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1913.

COARACY, Vivaldo. **Anchieta ou O Evangelho nas selvas. Diário de um Lázaro.** Rio de Janeiro : Garnier, [s.d.], v. 3.

DOMINGUES, Mário. **O Drama e a glória do Padre Antônio Vieira.** 2.ed. Lisboa : Romano Torres, 1961.

EVANGELICAL HYMNAL. Eastern States : The Armenian Evangelical Union of America, 1950. [mp.: P. Carvalhosa]

FREITAS, Ernesto Adolfo de. **Da imitação de Christo**. Lisboa : Imprensa Nacional, 1884, v.1.

IMITAÇÃO de Christo. Trad. nova. Paris, Lisboa: Aillaud. [s. d.] [mp.: Carlos Américo]

JEAN-NESMY, Claude. **Saint Benoit et la monastique**. Seuil, 1959.

KECKEISEN, Béda. **Missal quotidiano**. Bahia: Mosteiro de São Bento, 1936.

LAMENNAIS, L'Avlé F. de. **L'imitation de Jésus –Christ**. Tours : Maison Alfred Mame et Fils, [19--?]. [mp.: José Vieitas Júnior]

MAJO, Ângelo. **San Carlo Borromeo**. 4. ed. Milano : Nuove edizione duomo, 1993.

RECULAMENTO e devocionário do Centro Provincial da Pia União de Santo Antonio. 13.ed. Petrópolis : Vozes, 1941.

STEDMAN, José F. **Meu missal dominical**. Petrópolis : Vozes, 1959. [mp.: José Vieitas Júnior]

THOMAZ, Joaquim. **Anchieta**. Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército, 1981.

VARELLA, L. N. Fagundes. **Anchieta ou o evangelho nas selvas**. Rio de Janeiro : Garnier, 1889.

VECRUYSSSE, Bruno. **Meditações práticas para todos os dias do ano**. Porto : Livraria do Apostolado da Imprensa, 1959. t. I e II.

300 – CIÊNCIAS SOCIAIS

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brazil**. São Paulo : Melhoramentos de São Paulo, 1923.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987, v.6.

BALDUS, Herbert. **Bibliografia crítica da etnologia brasileira**. São Paulo : Irmãos Andrioli, 1954.

BOGGIANI, Guido. **Os caduveo**. São Paulo : Martins, 1945.

BOXALL, Georges Eedes. **Les trois ages l'homme**: étude de l'évolution de l'humanité. Paris: Fischbacher, 1914. [J. A. P.]

BRAGA, Cincinato. **Problemas brasileiros**. 3.ed. São Paulo : José Olympio, 1948.

CALMON, Pedro. **Espírito da sociedade colonial**. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1935.

CALMON, Pedro. **História social do Brasil**. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1937. t. 1

CALMON, Pedro. **História social do Brasil**. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1939. t.3.

CALMON, Pedro. **Malês**. Rio de Janeiro : Pro Luce, 1933.

- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O anti-semitismo na era Vargas**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O preconceito racial no Brasil – colônia**. São Paulo : Brasiliense, 1983.
- CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**. São Paulo : Cia das Letras, 1987.
- CENNI, Francisco. **Italianos no Brasil**. São Paulo : Martins, 195- [José Vieitas Júnior]
- CONGRESSO internacional – escravidão. São Paulo : USP, 1988.
- COSTA, Emilia Viotti da. **Da senzala à colônia**. 3.ed. São Paulo : Brasiliense, 1989.
- DRAPER, John William. **History of the intellectual development of Europe**. London : Bell and Daldy, 1864. (v.2)
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo : Ática, 1974
- FREYRE, Gilberto. **Artigos de jornal**. Recife : Ed. Mozart, 19—
- FREYRE, Gilberto. Casa grande e senzala. 4.ed. definitiva. Rio de Janeiro : José Olympio, 1943, v.1 e 2.
- FREYRE, Gilberto. **Conferências na Europa**. Rio de Janeiro : Serviço Gráfico, 1938.
- FREYRE, Gilberto. **Continente e ilha**. Rio de Janeiro : Casa do estudante do Brasil, 1943.
- FREYRE, Gilberto. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade de Recife**. 2.ed. Rio de Janeiro : José Olympio, 1942. v.1 e 2.
- FREYRE, Gilberto. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**. 4.ed. revista, atualizada e muito aumentada. Rio de Janeiro : José Olympio, 1968.
- FREYRE, Gilberto. **Ingleses no Brasil**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1948.
- FREYRE, Gilberto. **Ingleses**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1942.
- FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1947.
- FREYRE, Gilberto. **Na Bahia em 1943**. Rio de Janeiro : 1944.
- FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. 1. ed. Rio de Janeiro : José Olympio, 1937. v.1 e 2.
- FREYRE, Gilberto. **Nós e a Europa Germânica**. 2. ed. Rio de Janeiro : Bra-Deutsch, 1987.
- FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. Recife: Imprensa Universitária, 1963.
- FREYRE, Gilberto. **O mundo que o português criou**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1940. v.1 e 2.
- FREYRE, Gilberto. **O velho Felix e suas memórias de um Cavalcanti**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1959.
- FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1959, v.1 e v.2.
- FREYRE, Gilberto. **Região e tradição**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1941.
- FREYRE, Gilberto. **Retalhos de jornais velhos**. 2.ed. revista e muito aumentada de artigos de jornal. Rio de Janeiro : José Olympio, 1964.

- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. 2.ed. Rio de Janeiro : José Olympio, 1951. v.1-3.
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. Ilustrada. São Paulo : Cia Editora nacional, 1936.
- FREYRE, Gilberto. **Um Engenheiro francês no Brasil**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1940.
- FREYRE, Gilberto. **Uma cultura ameaçada**. 2.ed. nono milheiro. Rio de Janeiro : Casa do estudante do Brasil, 1942.
- GREIBER, Betty Loeb; MALUF, Lina Seigh; MATTAR, Vera Cattini. **Memórias da imigração**. São Paulo : Discurso editorial, 1998.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 2.ed. São Paulo : José Olympio, 1948.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1936.
- LAMBERT, Jacques. **Os dois Brasis**. 2. ed. São Paulo : Cia editora nacional, 1967. [José Vieitas Júnior]
- LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. 4.ed. definitiva. São Paulo : Pioneira, 1983.
- LETAUNEAU, Charles. **La sociologie**. 2.ed. Paris : C. Reinurald, 1884.
- LIMA, Fernando Sgarbi. **Organização e administração do Ministério da Agricultura no Império**. Brasília : Fundação Centro de Formação do Servidor Público, 1988.
- LIMA, Oliveira. **Formação histórica da nacionalidade brasileira**. 3. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Top Books; Publifolha, 2000.
- LOBO, T. de Souza. **O Brasil confederado**. São Paulo : Escolas profissionais do Lycey Coração de Jesus, 1933.
- MACLEAN, Alistair. **Force 10**. London: St. James Place, 1968.
- MALHEIROS, Agostinho Marques Perdigão. **A escravidão no Brasil**. 2.ed. São Paulo : Cultura, 1944. v. 1 e 2
- NABUCO, Joaquim. **O direito do Brasil**. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1941.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo : Martins, 1942.
- PRADO, J. F. de Almeida. **D. João VI e o início da classe dirigente do Brasil**. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1968. (História da formação da sociedade brasileira)
- REIS, Paulo Pereira dos. **O indígena do Vale do Paraíba**. São Paulo : Governo do Estado de São Paulo, 1979.
- RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório**. São Paulo: Companhia das Letras; Publifolha, 2000.
- RODRIGUES, Raymundo Nina. **As collectividades anormaes**. Rio de Janeiro : Civilização brasileira, 1939.
- SEARA, Eurico de. **A igreja, as congregações e a República: a separação e suas causas**. 2.ed. inteiramente refundida, actualisada e acrescida de muitíssimos documentos inéditos. Lisboa : Clássica, [1914].
- SILVA, Helio. **As constituições do Brasil**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1985.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Errantes do fim do século**. São Paulo : UNESP, 1999.

TORRES, Alberto. **O problema nacional brasileiro**. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1914.

VERGER, Pierre. **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo de Benin e a Bahia de Todos os Santos dos séculos XVIII a XIX**. São Paulo : Currupio, 1987.

VIANNA, F. J. Oliveira. **Raça e assimilação**. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1932.

WARNES, Philip. **Army life in the '90s**. London : The Hamlyn Publishing from limited, 1975.

320 – CIÊNCIA POLÍTICA

ANNAES da Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo. São Paulo : Typografia do Correio Paulistano, 1879 - 1889.

ARCHIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Correspondência do capitão-general Dom Luiz Antonio de Souza 1767-1770**. São Paulo : Typographia da Cia. Industrial de São Paulo, 1896.

AVELLAR, Hélio de Alcântara. **Preliminares européias**. Brasília : Fundação Centro de Formação do Servidor Público, 1984.

AZEVEDO, Pedro Vicente de. **Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo**. São Paulo : Typographia a vapor de Jorge Seckler, 1889.

CALÓGERAS, João Pandiá. **A Política exterior do Império**. Brasília : Senado Federal, 1998. v.2.

CALÓGERAS, João Pandiá. **Da Regência à queda de Rozas**. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1933.

CÂMARA DOS DEPUTADOS DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Câmara dos Deputados do Estado de São Paulo**. São Paulo : 1918.

CAMINHA, Herick Marques. **Organização e administração do Ministério da Marinha no Império**. Brasília : Fundação Centro de Formação do Servidor Público, 1986.

CAMINHA, Herick Marques. **Organização e administração do Ministério da Marinha na República**. Brasília : Fundação Centro de Formação do Servidor Público, 1989.

CARONE, Edgard. **A República nova (1930-1937)**. 2.ed. São Paulo : Difel, 1976.

CELSONO, Affonso. **Oito annos de parlamento**. Rio de Janeiro : Laemmert, 1901. [J. A. P.]

FONTES JR., Antonio Carlos da Fonseca Abílio. **Senado de São Paulo 1891-1930**. São Paulo : 1930.

FORÇA PÚBLICA DE SÃO PAULO. **Instrucções de emergencia para officiaes**. São Paulo: Typ. Casa Espindola, [s.d.]

GUEDES, Alfredo. **Relatório correspondente ao anno de 1898, apresentado ao Presidente do Estado Coronel Fernando Prestes de Albuquerque.** São Paulo : Typografia do Diário Oficial, 1899.

HUMBOLDT, Alexander von. **Political essay on the Kingdom of New Spaim.** New York: Alfred A. Knopf, 1972. [mp.: José Vieitas Jr.]

LACOMBE, Américo Jacobina; TAPAJÓS, Vicente. **Organização e administração do Ministério da Justiça no Império.** Brasília : Fundação Centro de formação de Servidor Público, 1986.

LACOMBE, Lourenço Luis. **Organização e administração do Ministério do Império.** Brasília : Fundação Centro de Formação do Servidor Público, 1984. v.10.

NOUH, Jamile Abou; CARNEIRO, Carlos Eduardo (pesquisa e execução). **O Legislativo estadual paulista.** São Paulo : Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, 1984.

PARNAHYBA, Barão do (Presidente da Província de São Paulo). **Relatório apresentado a Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo.** São Paulo: Typographia de Jorge Seckler, 1887.

PAULA, Francisco de, PONDÉ, Azevedo. **Organização do Ministério da Guerra no Império.** Brasília : Fundação Centro de Formação do Servidor Público, 1986. v. 16.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Evolução política do Brasil e outros estudos.** São Paulo : Brasiliense, 1953. v. 4.

RAPOSO, C. A. de Sarandy. **Theoria e prática da cooperação: da cooperação em geral e especialmente no Brasil.** Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1912. [J. A. P.]

SEIGNOBOS, Ch. **Histoire politique de l'Europe contemporaine.** 7.ed. Paris : Armand Colin, 1929. v. 1.

SOARES, Álvaro Teixeira. **Organização e administração do Ministério dos Estrangeiros.** Brasília : Fundação Centro de Formação do Servidor Público, 1984. v.1 e 2.

TAPAJÓS, Vicente Costa Santos. **A política administrativa de D. João VI.** Brasília : Universidade de Brasília, 1983.

TAPAJÓS, Vicente Costa Santos. **Organização política e administrativa do Império.** Brasília : Fundação Centro de Formação de Servidor Público, 1984.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **Administração manvelina.** Brasília : Fundação Centro de Formação do Servidor Público, 1984. v. 2.

VIANNA, F. J. Oliveira. **Problemas de política objetiva.** 3.ed. Rio de Janeiro : Record, 1974.

330 - ECONOMIA

ABRANCHES, Dunschee de. **A ilusão brasileira.** 3.ed. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1917.

AMARAL, Luís. **História geral da agricultura brasileira no tríplice aspecto político-social-econômico.** Paulo : Editora Nacional, 1940. 3 v.

- ANDRADE, Ed. Navarro de. **Café, juta e borracha**: missão ao oriente. São Paulo : Typographiaa Brazil de Rothschild, 1923. [J. A. P.]
- BARDI, P. M. **Lembranças do trem de ferro**. s.l. : Banco Sudameris, 1983.
- BASTIAT, Frédéric. **Harmonies économiques**. 4. ed. Paris : Guillaumin, 1860. tome sixième. [J. A. P.]
- BOLSA DE VALORES. **Uma história centenária**. São Paulo : MPF produções culturais, 1990.
- BOUÇAS, Valentim F. **O café**. São Paulo : Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1945.
- BUESCU, Mircea. **Organização e administração do Ministério da Fazenda no Império**. Brasília : Fundação Centro de formação do Servidor Público, 1984. v.13.
- CAMARGO, Rogério de; TELLES JR., Adalberto de Queiroz. **O café no Brasil**. Rio de Janeiro : Serviço de informação agrícola, 1953. v.1-2.
- CARVALHOSA, Modesto. **Escripturação mercantil**. 4.ed. São Paulo : Rio de Janeiro : Weiszflog Irmãos, 1916.
- COURCELLE-SENEUIL, J.-G. **Les opérations de banque**. 10. ed.. Paris : Libraire Félix alcan, 1909.
- ELLIS, Myriam. **A baleia no Brasil colonial**. São Paulo : Melhoramentos; EDUSP, 1969.
- ELLIS, Myriam. **O monopólio do sal no Estado do Brasil**. São Paulo : Secção Gráfica da Faculdade de Filosofia, 1955.
- FANFANI, Amintore. **Catolicismo y protestantismo em la genesis del capitalismo**. Madri : Edicones Rialp, 1953.
- FERNANDES, José Maria Fernandes. **Classificação commercial do algodão**. São Paulo : Typographia Levi, 1923.
- FERRAZ, J. de Sampaio. **Iminência duma “grande” sêca nordestina**. Rio de Janeiro : Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Conselho Nacional de Geografia, 1950. 16p. Separata da Revista Brasileira de Geografia n.1, ano XII. [J. A. P.]
- FREITAS, Luis Mendonça de; DELFIM NETO, Antonio. **O trigo no Brasil**. São Paulo: Associação Comercial de São Paulo, 1960.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. Rio de Janeiro : Fundo de Cultura, 1959.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 27. ed.. São Paulo: Editora Nova Fronteira; Publifolha, 2000.
- GALVÃO, Patrícia (Pagu). **Parque industrial**. 3. ed. Porto Alegre : São Carlos: Mercado Aberto, EDUFSCar, 1994. v.1.
- GORDINHO, Margarida Cintra. **Corretor, corretoras**. São Paulo : Marca d’água, 1987.
- GRANATO, Lourenço. **Vantagens da criação do bicho da seda em São Paulo**. São Paulo: s.n., 1924.
- MARTINS, Ana Luiza. **Império do café**. São Paulo : Atual, 1990.

- MARTINS, Zoraide. **Agricultura paulista, uma história maior que cem anos**. São Paulo: Governo Estado de São Paulo, Secretaria de Agricultura e Abastecimento, 1991.
- MATOS, Odilon Nogueira de. **Café e ferrovias**. São Paulo : Arquivo do Estado, 1981.
- MELLO, Zélia Maria Cardoso de. **Metamorfoses da riqueza**. São Paulo : Hucitec; Prefeitura do Município de São Paulo, 1985.
- MILLIET, Sergio. **Roteiro do café e outros ensaios**. 3.ed. revista e aumentadas. São Paulo: Depto. de Cultura, 1941. XXV.
- MILLIET, Sergio. **Roteiro do café**. São Paulo : s.n., 1938.
- MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E COMMERCIO. Relatório do Ministério da Agricultura e Commercio. s.1 : s.n., 1910-1911. v.3.
- NORMANO, J. F. **Evolução econômica do Brasil**. 2.ed. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1945.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo : Brasiliense, 1945, t. 1 e 2.
- PRADO, Eduardo. **A ilusão americana**. 4.ed. rev. São Paulo : Livraria e offcinas Magalhães, 1917.
- RAMOS, Augusto. **O café**. [s. l.: s. n., s. d.]
- RAMOS, Augusto. **O café no Brasil e no estrangeiro**. Rio de Janeiro : Papelaria Santa Helena, 1923. v.1 e 2.
- RIBEIRO, Clóvis. **Curso de economia política sociológica**. Rio de Janeiro : Livraria Editora Freias Bastos, 1943. [José Vieitas Júnior]
- SECRETARIA DOS NEGÓCIOS DA AGRICULTURA, COMMERCIO E OBRAS PÚBLICAS. **Relatório apresentado ao Dr. Francisco de Paula**. São Paulo : Typographia do Diário Official, 1901.
- SIMONSEN, Roberto C. **História econômica do Brasil 1500-1820**. 2.ed. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1944. t.1.
- SIMONSEN, Roberto C. **Recursos econômicos e movimentos das populações**. Rio de Janeiro : Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1940.
- SOUZA, Washington Peluso Albino de. **Ensaio sobre o ciclo do ouro**. Belo Horizonte : edição do autor, 1978.
- TRIBUNAL DA JUSTIÇA DE SÃO PAULO. **Agravos commerciaes I.o 1888**. São Paulo : Typographia Industrial de São Paulo, 1899.
- VILLARES, Jorge Dumont. **O café**. São Paulo : Secretaria da Agricultura, 1925, v.1 e v. 2.
- WITTER, José Sebastião. **Ibicaba, uma experiência pioneira**. 2.ed. São Paulo : Arquivo do Estado, 1982.

370 - EDUCAÇÃO

BICUDO, Joaquim de Campos. **O ensino secundário no Brasil e sua atual legislação**. São Paulo: [s. n.], 1942.[mp.: Dr. Carvalhosa]

FARIAS, Jenny Vilas Boas [et al]. **A lei orgânica do ensino secundário e sua regulamentação**. São Paulo: Colmeia, 1952.

MONROE, Paul. **A brief course in the history of education**. New York : The Macmillan Company, 1920. (mp.: A. P. Perestrello Carvalhosa)

ZANATTA, Marisa (org.). **Roberto Mange e a formação profissional** : Projeto Memória SENAI-São Paulo. São Paulo : SENAI, 1991. 208p. (De homens e máquinas, v.1)

390 – USOS E COSTUMES

AKSIT, Ilhan. **Pamukkale: hiorápolis-aphrodisios**. Istambul : Aksit Kültür Turizm Sanat, 1993.

OCTAVIO, Rodrigo. **Festas nacionais**. 2. ed. correcta terceiro milênio. Rio de Janeiro : clássica de Alves, 1894.

PIERSON, Donald. **Hábitos alimentares em São Paulo**. São Paulo : Depto. de Cultura, 1944.

PINHO, Wanderley. **Salões e damas do segundo reinado**. 2.ed. São Paulo: Martins, 194-.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas**. São Paulo : Cia. das Letras, 1987.

WILLIAMS, Llewelyn. **Tea**. Chicago: Field Museum of Natural History, 1937.

400 - LINGUAGEM

CARVALHO, C. M. Delgado de. **Esboço histórico da formação da língua inglesa** (segundo o programa do Collegio Pedro II). Rio de Janeiro : Livraria Francisco Alves, 1920.

DELTOUR, F. M. T. **Ciceronis orationes**. Paris : Delalain, [s. d.]

FIGUEIREDO, Candido de. **Falar e escrever**. Lisboa : Clássica, 1920, v.2 [José Vieitas Júnior]

FIGUEIREDO, Candido. **Falar e escrever** : novos estudos práticos da língua portuguesa ou consultório popular ou enfermidades da linguagem. 3.ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1923. v. III

FONSECA, J.I. Roquete José da. **Diccionario da língua portuguesa e dicionário de synônimos**. Paris : Aillaud; Alves, [s. d.] [J. A. P.]

FONSECA, Simões da. **Diccionario encyclopedico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Garnier, 1920.

KONUS, Joseph J.. **Pratical solvak grammar**. Pittsburgh : Published by the author, c1939. [Prof. Dr. A. Piquet Perestrello de Carvalhosa]

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Grammatica expositiva curso superior**. 15. ed. São Paulo: Monteiro Lobato, 1924. [J. A. P.]

RAQUENI, Raffaele Enrico, LAFAYETTE, Levino Castro de la. **Nuovo dizionario portughese-italiano**. São Paulo : Teixeira, 1892. (mp.: Luis Aranha)

RIGURINI, Giuseppe (comp.). **Volabolario diamante della lingua italiana**. Firenze : G. Barbèra, 1919.

SADLER, P. **Manual de phrases**. Paris : Librairie française et anglaise de truchy, 1878. [J. A. P.]

SILVA, Deonísio da. **De onde vêm as palavras**. Rio de Janeiro : Mandarim, 1997.

SILVA, Soeli Maria Schreiber da. **Argumentação e interdiscursividade**. São Paulo : UFSCar : Mercado Aberto, [s. d.]

VALDEZ, João Fernandes. **A portuguese and english pronouncing dictionary**. 4.ed. Rio de Janeiro : Garnier, 1888. [José M. Malta]

500 - CIÊNCIAS NATURAIS e MATEMÁTICA

BOCH, A. Ten. **L'ecole eletrotechnique**. 2. ed. Paris: Librairie des Scienses et de l'industrie, 1910. [J. A. P.]

BUFFON. **Expériences sur les végétaux, arithmétique morale et tables analytiques et raisonnées des matières contenues dans l'ouvrage entier**. Paris : Garnier Frères, 1855.

BUFFON. **Introduction aux minéraux**. Paris : Garnier Frères, [s. d.]

BUFFON. **L'homme: les quadrupèdes**. Paris : Garnier Frères, 1855. tomo deuxième.

BUFFON. **Les minéraux**. Nouvelle. Paris : Garnier Frères, [s. d.]

BUFFON. **Les minéraux**. Paris : Garnier Frères, [s. d.]

BUFFON. **Les oiseaux**. Nouvelle. Paris : Garnier Frères, [s.d.]

BUFFON. **Les oiseaux**. Paris : Garnier Frères, [s. d.]. 3 v.

BUFFON. **Les singer – additions au quadrupèdes**. Nouvelle edition. Paris : Garnier Frères, [s. d.]

BUFFON. **Théorie de la Terre**. Nouvelle édition. Paris : Garnier Frères, 1855.

DIAS, Antonio Padua. **Meteorologia e climatologia**. São Paulo : Secção de obras do “O Estado”, 1917. [J. A. P.]

FERNANDES, Armando de Oliveira; FERNANDES, Achilles de Oliveira. **A indústria da energia elétrica no Brasil**. Rio de Janeiro : [s.n.], 1953. [J. A. P.]

FOURCAULT, L.-D. **Électricité : aide – mémoire pratique de l'electricien** 51.ed. Paris : Dunod, 1932. [J. A. P.]

GERARD, Henri. **Aide-mémoire d'anatomie comparée : manuel d'histoire naturelle.** Paris : Librairie J.-B. Baillière et fils, 1895. [J. A. P.]

MARTINS, F.; REBEAU. **História natural popular.** 6.ed. Rio de Janeiro : Laemmert, editores - proprietários, 1898. v.1 e v. 2. [J. A. P.]

SILVA, Ruy de Lima; LOTSCH, Waldemiro. **Elemento de mineralogia.** Rio de Janeiro : Empresa de Publicação Brasileira, 1922. [Plínio Aranha Pereira]

SITUAÇÃO da energia elétrica no Estado de São Paulo. São Paulo : [s. n.]. Separata de Engenharia, v. V, n.59, jul.1947. Conferência realizada no Instituto de Engenharia em 17/04/1947. [J. A. P.]

SOLÁ, José Comas. **Astronomia.** 2.ed. Madrid : Espasa – Calpe, 1932. (Manuales Gallach, t.1 – II) [J. A. P.]

SOUZA, A. F. Paula. **Geometria superior.** São Paulo : Typographia a vapor, 1895. [José V. Malta Cardoso]

TRACY, John C. **Plane surveying** : Exercises in surveying for field work and office work. [s.l.] : John Wiley, [18--?]. [J. A. P.]

TRAJANO, Antonio. **Algebra elementar.** 5.ed. Rio de Janeiro : Typographia do Brazil, 1905.

UNGERER, Théodore. **L'horloge astronomique.** Paris: F.-X. Le roux & Cia., 1939.

WILLIAMS, C. O. **Science bulletin.** Pretoria: Union of South Africa, 1928. n. 791.

580 - BOTÂNICA

ALVES, Ruy J. Valka. **Guia de campo das orquídeas da serra de S. José.** Inglês/português. [s. l.] : M.G. Brazil, 1991.

ANDRADE, Edmundo Navarro de; VECCHI, Octavio. **Les bois indigènes de São Paulo.** São Paulo : Secretaria da Agricultura, Comércio e Trabalho do Estado de São Paulo, 1916.

ANDRADE, Eduardo Navarro de. **Utilidades das florestas.** São Paulo : Typografia L. Alongi, 1912. [J. A. P.]

BERTIN, A.. **Mission d'études forestières envoyée dans les colonies françaises.** Paris: Émile Larose, 1919. tome troisième: La question forestière coloniale. [J. A. P.]

BOERHER, Richard H. D. **Behold our green mansions:** a book about american forest. New York : The University of North Carolina; Chapel Hill, 1945. [J. A. P.]

BONNIER, Gaston. **Les Noms des fleurs:** trouvés par la méthode simple. Nova edição rev. e corrigida. Neuchatel : Librairie Delachause et Nistlé, [18--?]. [J. A. P.]

BROWN, Nelson Courtlandt. **Forest Products.** New York : John Wiley & Sons – Chapman & Hall, 1950.

CAVALHEIRO, Maria Thereza. **Antologia brasileira da árvore.** São Paulo : Gráfica Bartira, MCMLX.

CHEVALIER, Aug. (professeur). **Revue de Botanique appliqué et d'agriculture tropicale**. Paris : Laboratoire d'agronomie coloniale, 1921-1930. v.1; 1935.

CLAPP, Earle H. **Forest experiments stations**. Washington : U.S. Department of Agriculture, 1921. (Circular 183 - outubro)

DEPARTAMENTO DE BOTÂNICA DO ESTADO. **Observações gerais e contribuições gerais ao estado da flora e fitofisionomia do Brasil**. [s.l.], n.III, 20 dez. 1939. [J. A. P.]

DESCOMBES, Paul. **Sauvegardons les richesses forestieres de nos colonies**. Bourdeaux : Fèret et Fils, 1913. [J. A. P.]

FAIRBAIRN, W. A. **Ecological succession due to biotic factors in northern Kano and Katsina provinces of northern Nigeria**. Oxford : Imperial Forestry Institute University of Oxford, 1939. [J. A. P.]

FOREST products laboratory. Washington : United States Department of Agriculture. [s. d.] [J. A. P.]

GERARD, Henri. **Aide-mémorie de botanique cryptogamique**. Paris : J.-B. Bailliére et fils, 1897.

GILLET, MM.; J.-H.. **Nouvelle flore française**. Paris: Garnier Frères, 1887.

GIRARD, Henri. **Aide-mémoire de botanique phanérogamique**. Paris: Libraire J.-B. Bailliére et Fils, 1897.

GREELEY, William B. **Timber depletion and the answer contribution from forest service**. Washington : U.S. Department of Agriculture, 1920. (Circular 112 – junho)

HISTOIRE de botanique et plantes familles naturelles des plantes. [s.1 : s. n., s.d.]

HOEHNE, F. C. **Arborização urbana**. São Paulo : Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, 1944. [J. A. P.]

KLIAN, Rosa Grená. **Árvores significativas da cidade de São Paulo**. São Paulo : Secretaria Municipal do Planejamento, 1985.

KOSCINSTI, Mansueto. **O pinheiro brasileiro na silvicultura paulista**. São Paulo : Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, 1934.

LÖFGREN, Alberto. **Ensaio para uma sinonimia dos nomes populares das plantas indígenas do estado de São Paulo**. São Paulo : Typ. Hennies Irmãos, 1894.

LORENZI, Harri. **Árvores brasileiras**. Nova Odessa : Plantarum, 1992.

MAYA, Raymundo Ottony de Castro. **A floresta da Tijuca**. Rio de Janeiro : Block, 1967.

MAYER, Ruy. **Direcção geral dos serviços florestais e aquícolas**. Tipografia Alcobacense: Alcobaça, 1941.

MOLISCH, Hans. **Fisiologia vegetal**. Barcelona Labor, 1945.

NÁJERA Y ANGULO, Fernando. **Aforo y evaluación de árboles**. Madrid : Calpe, 1923.

OLIVEIRA, Francisco de M. de Mello (Dr.). **Estudos de matéria médica brasileira de origem vegetal**. São Paulo : Escola Typographica Salesiana, 1905.

OLMSTED, Charles E. **The story of living plants : their uses and how they grow**. Chicago : University of knowledge, 1938. [J. A. P.]

PEREIRA, Huascar. **Pequena contribuição para um dicionário de plantas úteis do Estado de São Paulo**. São Paulo : Typographia Brasil de Rotschild & Co., 1929.

PIKEL, D. Bento José - O.S.B. **As primeiras plantas brasileiras citadas e descritas pelo Padre José de Anchieta**. [s. l. : s.n., s.d.]

PUTTING wood waste to work. Washington : United States Department of Agriculture, 1920.

RICHARDS, P. W.; TANSLEY, A. G.; WATT, A. S. **The recording of structure, life-form and flora of tropical forest communities as a basis for their classification**. Oxford : Imperial Forestry Institute University of Oxford, 1939. (Institute papaer, n.19) [J. A. P.]

ROLET, Antonium. **Les plants a parfum et les plantes aromatiques**. 2.ed. ver. e argumentada. Paris : Librairie J.-B. Baillière et Fils, 1930.

SECRETARIA DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE SÃO PAULO. Departamento de Botânica do Estado. **Observações gerais e contribuições ao estado da flora e fitofisionomia do Brasil**. 20 de maio de 1940. IV – O Litoral do Brasil meridional. [J. A. P.]

SEPARATE from Yearbook of Agriculture. Washington : U.S. Department of Agriculture, n.943, 1926. [J. A. P.]

SMITH, Herbert A. **Florestas e silvicultura nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro : Ministério da Agricultura, 1923.

SOARES, Cecília Beatriz da Veiga. **Árvores nativas do Brasil**. Rio de Janeiro : Salamandra, 1990.

SOUZA, Paulo F. **Pesquisas florestaes**. Rio de Janeiro : Editora Guarany, 1959. [J. A. P.]

SOUZA, Paulo Ferreira de. **Sementes de essências florestais**. Viçosa : Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, 1961. [J. A. P.]

STELLFELD, Carlos. **As araceas da flora fluminensis**. Curitiba : Imprensa Paranaense, 1950. VIII.

THE FOREST WORKER. Forests and water in the light of scientific investigation. Washington: Govern Printing Office, [18--?].

TIEGHEIN, Van. **Eléments de botanique**. 4.ed. Paris : Masson et Cia., 1906. (Botanique générale, v.I). [J. A. P.]

TIEGHEIN, Van. **Traité de botanique**. Paris : F. Savy, 1884. [C. P.]

VILLEGAR, Marcelo. **Tropical bamboo**. New York : Rizzoli, 1990.

WARMING, Eugênio; FERRI, Mario G. **Lagoa Santa: a vegetação de cerrados brasileiros**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1973.

WESTVELD, R. H.; PECK, Halph H. **Forestry in farm management**. New York: John Wiley & Sons, 1941.

PERIÓDICOS

BIOLOGICAL SCIENCE BULLETIN. n.4. The cacti of Arizona. Tucson (Arizona): University of Arizona,v.11, n.1, jan.1940. [J. A. P.]

BOLETIM DA COMISSAO GEOGRAPHICA E GEOLOGICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Ensaio para uma synominia dos nomes populares das plantas indigenas do Estado de São Paulo. São Paulo : Typographia Hennies Irmãos, n. 10, 1894.

BOLETIM DO INSTITUTO DE BOTÂNICA. **Vegetation forms**. n. 4, dez. 1968.

BOTÂNICA. n. 4. São Paulo : Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, boletim n. XLI, 1944.

BUREAU OF FORESTRY BULLETIN. Terms used in forestry and logging. Washington: Department of Agriculture, 1905. n. 61

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS FLORESTAIS E AQUÍCOLAS. Lisboa : Serviços Florestais, 1942. Publicações, v. IX, tomo I. [J. A. P.]

FOREST SERVICE, CIRCULAR. Washington: United States Departament of Agriculture, may. 1907. n. 98.

REVISTA FLORESTA: órgão de defesa das florestas e assistência às indústrias de madeiras e sub-productos florestaes. Rio de Janeiro : Alba, n.1, ano 1, jul.1929; n.2, ano 1, ago. 1929 e n.5, ano 1, nov.1929.

REVISTA FLORESTAL. Rio de Janeiro : Ministério da Agricultura, v.I, n.8, fev. 1930. v. I, n.10, abr. 1930 (2 exemplares); v. I, n. 11, maio 1930 (2 exemplares) e v. II, n.3, out. 1932.

REVISTA TÉCNICA DO SERVIÇO FLORESTAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Contribuição do estado anatômico da madeira de mandigau ou tatu e de acariquara**. São Paulo : Serviço Florestal do Estado de São Paulo, v. 6, n. único, 1967. Separata n. 21

REVUE DE BOTANIQUE APPLIQUEE E D'AGRICULTURE COLONIALE. Paris: Muséum National d'Histoire Naturelle – Laboratoire d'Agronomie coloniale. Bulletin v.6, n.64, dez. 1926; v.7, n.75, nov. 1927; v.7, n.76, dez. 1927; v.8, n.83, jul. 1928; v. 16, n. 176, abr. 1936; v. 14, n. 151, mar. 1934; v. 18, n. 184, dez. 1936; v. 15, n. 163, mar. 1935; v. 16, n. 174, fev. 1936; v. 14, n. 159, nov. 1934; v. 14, n. 158, out. 1934; v. 14, n. 156-157, set. 1934; v. 14, n. 155, jul. 1934 (dois exemplares); v. 14, n. 149, jan. 1934; v. 15, n. 166, jun. 1935; v. 14, n. 160, dez. 1934; v. 16, n. 175, mar. 1936; v. 15, n. 168, ago. 1935; v. 15, n. 165, maio 1935; v. 16, n. 183, jun. 1936; v. 14, n. 154, jun. 1934; v. 14, n. 153, maio 1934; v. 14, n. 152, abr. 1934; v. 15, n. 169, set. 1935; v. 16, n. 178, jan. 1933; v. 16, n. 180, ago. 1936; v. 12, n. 132, jun. 1936; v. 16, n. 177, maio 1936; v. 16, n. 179, jul. 1936.

CIRCULAR [of] United States; Department of Agriculture - Miscellaneous. The forest: a handbook for teachers. Washington, n. 98, apr. 1927.

BULLETIN [of] United States; Department of Agriculture. Forestry lessons on home woodlands. Washington, n.863, [18--?].

BULLETIN [of] United States; Department of Agriculture. Nursery practice on the national foresters. Washington, n. 479, may 1917.

590 - ZOOLOGIA

BERTELLI, Antonio de Pádua. **O paraíso das espécies vivas do pantanal de Matogrosso.** São Paulo : Cerifa, 1984.

BOLETIM [do] Museu Nacional de Zoologia. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Saúde, 10 jun. 1946. n. 65. [J. A. P.]

DOMINGUES, Otávio. **À margem da zootecnia.** Rio de Janeiro: Alba, 1942.

MAETERLINCK, Maurice. **A vida das abelhas.** 8.ed. Lisboa : Clássica, 1942.

MAETERLINCK, Maurício. **A Vida das formigas.** 2. ed.. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1937.

MARTINEZ, José. **Fauna patagónica.** Chubut : Comodoro Rivadavia, edição do autor, [s. d.] [J. A. P.]

SANTOS, Eurico. **Da ema ao beija-flor.** 2.ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro : F. Briquet, 1952.

SANTOS, Eurico. **O amador de pássaros.** Rio de Janeiro : F. Briquet, 1955. [J. A. P.]

SANTOS, Eurico. **Pássaros do Brasil.** 2.ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro : F. Briquet, 1948.

600 – TECNOLOGIA

610 - MEDICINA

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Formulário e guia médico.** 15. ed. Pariz : R. Roger e F. Chernoviz, 1892.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Formulário e guia médico.** 19. ed. refundida, muito correcta e augmentada. Paris : André Blot, 1924. v.2.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Formulário e guia médico.** 19.ed. refundida, muito correcta e aumentada. Paris : R. Roger e F. Chernoviz, 1920. v.1.

KEIPP, Sebastião (Mons.) **A minha cura d'água.** 3. ed. bras. sobre a septuagésima segunda edição allemã. Porto Alegre : João Mayer Jum. e Comp., [s. d.]

620 - ENGENHARIA

ANNUARIO da Escola Polytechnica de S. Paulo para o anno de 1909. São Paulo : Typographia Brazil de Rothschild, 1909. [J. A. P.]

AUBRY, C. **Ingenieur des ponts et chaussées; Calcul du béton armé** : formules, tableaux et abaques. Paris : H. Dunod et E. Pinat, 1913.

AUBRY. **Calcul du béton armé**. Paris: H. Dunod et E. Pinat, 1913.

BLANCARNOUX, Paul. **Toute la mécanique rationnelle et appliquée a la portée de tous**: panorama méthodique et complet en 12 volumes. Paris : Librairie des Sciences et de L'Industrie, 1911. (t. I – Statique; t. II – Cinématique; t.III – Cinétique; t. IV – Résistance des matériaux; t.V – Générateurs de vapeur; t. VI – Moteurs a vapeur; t. VII – Appareils auxiliaires, t.VIII – Chauffage et ventilation; t.IX – Automoteurs thermiques; t.X – Machines hydrauliques et frigorifiques; t.XI – Outils mécaniques e t. XII – Mécanique de précision).

BONHOMME, J.; SILVESTRE, E. **Constructions métalliques** : résistance des matériaux, matériaux, assemblages, poutres, colonnes, planchers, escaliers, combles, ponts. Paris : H. Dunod et E. Pinat, 1913. [J. A. P.]

BROTERO, Frederico Abranges. **Estudo dos caracteres physicos e mecânicos das madeiras**. São Paulo : Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus, 1931. “Extracto” do Boletim do Instituto de Engenharia, n.71. [J. A. P.]

CARVALHO, Albino de. **Defeitos da madeira – 1.a parte**. [s. l.] : Ministério da Economia, 1957. (Estudos e divulgação técnica)

CLOQUET, L.; COBBAERT, Eug. **Traité d'architecture** : hygiène de l'habitation. 10. ed. rev. e argumentada. Paris : Librairie Polytechnique Ch. Béranger, 1913. (tomo segundo) [J. A. P.]

COSYN, Léon. **Traité pratique des constructions métalliques**. Paris : Librairie Polytechnique Ch. Béranger, 1905. [J. A. P.]

DARRAS, M.. **Statique graphique élémentaire et notions préliminaires de résistance des matériaux**. Paris (VI): Dunot et E. Pinat, 1912. [J. A. P.]

DEBAUVE, A. **Construction et entretien des routes et chemins. deuxième édition, complètement remaniée et considérablement augmentée**. Paris: H. Dunod et Pinat, 1907. [J. A. P.]

ESCOLA POLYTECHNICA DE SÃO PAULO; Laboratório de Ensaio de Materiaes. **Sugestões para melhor conhecimento de nossas madeiras**. São Paulo: Escolas profissionais do Lyceu Coração de Jesus, 1931. [J. A. P.]

FAO (org.). **Second world eucalyptus conference reports and documents**. 13 28/08/1961. São Paulo : Governo do Estado de São Paulo, 1961. v.2 [J. A. P.]

HUNT, George M.; GARRAT, George A. **Wood preservation**. 1. ed. New York : McGraw-Hill, 1938.

INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS. **Taxas de trabalho admissíveis em estruturas de pinho brasileiro**. São Paulo : I. P. T., boletim n. 39, mar.1951. [J. A. P.]

KOECHLIN, Maurice. **Recueil de types de ponts pour routes**. Paris : Librairie Polytechnique Ch. Béranger, 1905. (Encyclopédie des travaux publics) [José V. Malta Cardoso]

MAINIERI, Calvino. **Estado macro e microscópico de madeiras conhecidas por pau brasil**. São Paulo : Instituto de Pesquisas Técnicas, 1960. Publicação n. 612. [J. A. P.]

MAINIERI, Calvino. **Madeiras denominadas caixeta**. São Paulo: Instituto de Pesquisas Tecnológicas, 1958. Publicação n. 572.

MAINIERI, Calvino; PEREIRA, Jose Aranha. **Madeiras do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Pinho, 1965.

MAURER, M. **Statique graphique appliquee aux constructions**. Paris : Beranger, [s. d.] [mp.: J. A. P.; mp.: José V. Malta Cardoso]

MILANEZ, F.R.; BASTOS, A. de Miranda. **Glossário dos termos usados em anatomia de madeiras**. Rio de Janeiro : [s.n.], 1960. [J. A. P.]

PASCAL, M. **Traité pratique des ponts métalliques** : calcul des poutres et des ponts. Paris : Librairie Polytechnique Ch. Béranger, 1900.

PEREIRA, A. de Arruda et al. **Estudo sobre os tijolos comuns**. São Paulo : Escolas Prof. Do Lyceu Coração de Jesus; Escola Polytechnica de S. Paulo; Laboratório de Ensaio de Materiaes, 1932. [J. A. P.]

PEREIRA, José Aranha. **Contribuição para a identificação micrographica das nossas madeiras**. São Paulo: Escola Polytechnica de São Paulo – Laboratório de ensaio de materiaes, 1933. Boletim no 9. [J. A. P.]

PHYSICA Industrial. [s. l. : s. n., s. d.]. Caderno de anotações. [José V. Malta Cardoso; Escola Polytecnic de São Paulo]

SOCIÉTÉ HÜTTE. **Manuel de l'ingénieur**. nouvelle édition française. Paris & Liège: Librairie Polutechnique, 1911. tome second. [J. A. P.]

TORRES, Ary F. **Estudo de madeiras** : eucalyptus rostrata. São Paulo : Escolas Profissionais Do Lyceu Coração de Jesus, 1930.

VECCHIO, Adolpho José Del. **Estudo sobre materiaes de construcção**. Rio de Janeiro : Typographia da Alfandega da Corte, 1884.

VINSONNEAU, Jules. **Route moderne**. Paris (VI e.): H. Dunod et e. Pinat, 1909. [J. A. P.]

630 - AGRICULTURA

ALBERT-PETIT, G. [et. al]. **La pêche moderne**. Paris: Libraire Larousse, 1903. [J. A. P.]

AMARAL, Abelardo Pompeu do. **Culturas de milho e arroz**. [s. n.] : São Paulo, 1928. [mp.: Estanslau Ferreira de Camargo]

ANDRADE, Ed. Navarro de. **Citricultura**. São Paulo : Typographia Brasil de Rothschild & Cia., 1929 [J. A. P.]

ANDRADE, Ed. Navarro de. **A cultura do eucalypto**. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Industria e Commercio do Estado de São Paulo; Directoria de Publicidade, 1928.

AUSTIN, Robert; UEDA, Koichiro. **Bamboo**. New York : Weatherhill, s.d.

AVERNA-SACCÁ, Rosário. **Moléstias cryptogramicas do algodoeiro no Estado de São Paulo**. São Paulo : Typographia Levi, 1920.

AZZI, Ricardo; FUCELLA, Vito. **A cultura da alfafa e a pecuária**. São Paulo : [s. n.], 1923.

- BELLAIR, Georges. **L'hybridation en horticulture : production des variétés, des méti, des hybrides et des races.** Paris : Octave Doin et Fils, 1909. (Librairie agricole)
- BERSAGHI, Caetano. **Cultura da menta.** São Paulo : Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo; Diretoria de publicidade agrícola, 1945.
- BITANCOURT, Agesilau A.. **As Manchas das laranjas.** São Paulo : Instituto Biológico de Defesa Agrícola e Animal; Secretaria da Agricultura, 1934. Folheto n. 53.
- BONDAR, Gregorio. **Insectos damninhos e moléstias da laranjeira no Brasil.** Bahia : Imprensa Oficial do Estado, 1929.
- BRANDÃO SOBRINHO, Julio. **Mandioca.** São Paulo: Casa Duprat, 1916. VIII
- CARVALHO, H. de; ANDRADE, E. Navarro de; VECCHI, Otávio. **Modernas aplicações da dynamite em agricultura.** São Paulo : Typographia Alongi & Gallo, 1912.
- CASTRO, Ribeiro de. **Cultura da baunilha.** Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1924.
- CATECISMOS del agricultor y del ganadero. Las plantas aromáticas forestales. [s.l.] : Calpe, n.3, série VIII. (Selvicultura e ingeniería florestal.).
- CHARROPPIN, Emilio. **Microbiologia agrícola.** Piracicaba: Typographia do Jornal de Piracicaba, 1910. Fascículo 1.
- CLARASÓ, Noel. **Las árboles en los jardines.** 3.ed. Barcelona : Gustavo Gili, [18--?].
- COIMBRA FILHO, Adehmar. **O gênero “neomarica” no combate à erosão.** Rio de Janeiro : s.n., 1949. Separata de Rodriguésia, n. 24, dez. 1949. [J. A. P.]
- CULTURA do café; cultura do arroz; cultura da batatinha. [s. l. : s. n., s. d.]. Caderno de anotações. [J. A. P.]
- DAY, T. R. Manual de algodão. [s.1 : s.n.], 1921.
- DEPLACE, E. **Manuel d'arboriculture fruitière.** Paris : J. Lamarre, 1933.
- DIAS, A. de Pádua. **Manual do Agrimensor.** São Paulo: Typografia Siqueira, 1923. [J. A. P.]
- DONATO, Hernani. **Frutas do Brasil.** São Paulo : Empresa das Artes, 1991.
- DUTRA, Augusto R. P. **Adubos chimicos.** São Paulo : [s. n.], 1920.
- DUTRA, Augusto R. P.. **Estrumes mixtos e compostos.** São Paulo : [s. n.], 1919
- DUTRA, G. S. **O feno.** São Paulo : Casa Duprat, 1918.
- FAULKNER, Edward H. **Plowman's folly.** Oklahoma : University of Oklahoma Press, 1943.
- FIGUEIREDO, Alvaro. **Manual para advogados, fazendeiros, agricultores e criadores do Brasil.** São Paulo : Livraria e officinas Magalhães, 1919. [J. A. P.]
- GRANATO, L. **Cultura do cajueiro.** São Paulo : Typ. Alongi & Gallo, 1913.
- GRANATO, Lourenço. **A cultura do linho.** São Paulo : [s. n.], 1925.
- GRANATO, Lourenço. **As terras do cavalo.** São Paulo : Casa Mayença, 1925.
- GRANATO, Lourenço. **Cultura da alfafa.** São Paulo : Pocal e Comp., 1918.
- GRANATO, Lourenço. **Cultura da amoreira.** São Paulo: [s. n.], 1924.

GRANATO, Lourenço. **Cultura do algodoeiro: instruções práticas**. São Paulo : Typographia Levi, 1918.

GRANATO, Lourenço. **Culturas do milho e arroz**. São Paulo : Typographia, 1928. (mp.: Carlos José Botelho)

GRANATO, Lourenço. **O capim elephante**. São Paulo : Duprat, 1924.

GRANATO, Lourenço. **Plantas tanníferas**. São Paulo : Typ. Brasil de Rothschild & Cia., 1926.

HOEHNE, F. C. **Da sensibilidade e motilidade dos vegetais**. São Paulo : Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, 1945. Separata do Relatório Anual do Instituto de Botânica referente a 1944.

HOEHNE, F. C. **A bracaatinga ou abaracaatinga**. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Industria e Commercio do Estado de São Paulo, 1930.

HOTTES, Alfred C. **Garden facts and fancies**. New York : Dodd, Mead & Company, 1949.

INSTITUTO AGRONOMICO. **Instruções sumárias sobre as culturas economicas do Estado de São Paulo**. Campinas : Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, boletim n.º 45, 1953.

INSTRUÇÕES sobre a cultura do trigo. [s.1 : s.n., s.d.]

LARANJEIRAS e limoeiros : como cultivar laranjeiras para colher liberas. São Paulo : Casa Editora da “Chácaras e Quintaes”, 1918. [J. A. P.]

LAUNAY, Maurice et al. **La pêche moderne**. Paris : Librairie Larousse. (Encyclopédie du pêcheur) [J. A. P.]

MENDES, Carlos Teixeira. **Adubos verdes**. 2.ed. corrigida e aumentada. São Paulo : 1928.

MICHOTTE, Félicien. **Les kapotiers et succédanés culture et expolitation**. Paris: Société de propagande coloniale. n. 1 – 6, jan.- jul. 1927.

MOREIRA, Silvio. **O pequeno pomar doméstico**. São Paulo : Melhoramentos, [18--?]. (ABC do Lavrador prático, n.3 – dois exemplares).

PEREIRA, José Aranha. **Caderno de horticultura (2o)**. [s. d.] [J. A. P.]

PERSON, H. S. **Os pequenos cursos de água : estudo das nascentes fluviais e outros pequenos elementos hidrográficos, sua utilização e relação com o solo**. Colaboração de : E. Johnston Coil e Robert T. Beall. Washington : [s.n], [18--?]. (Publicação 279). [J. A. P.]

PICENA, A. M. P.. **Lições de viticultura**. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e comércio do Estado de São Paulo; Departamento de Fomento da produção vegetal. 7. a Secção Técnica (Fruticultura e Horticultura), 1935.

REIS, F. T. de Souza. **Contabilidade agrícola**. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas do Estado de São Paulo; Serviço de publicações, 1921.

RODALE, J. I.. **Abonos organicos**. Buenos Aires: Editorial Tres Emes, 1946.

SACCÁ, Rosario Aversa. **Molestias cryptogamicas da laranjeira e do limoeiro**. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Commercio de Obras Públicas do Estado de São Paulo – Diretoria de Agricultura, [18--?]. [J. A. P.]

SAMPAIO, Armando Navarro. **O aperfeiçoamento dos métodos da cultura do eucalipto no serviço florestal da Cia. Paulista de Estrada de ferro**. Campinas : Sociedade Paulista de Agronomia, 1947.

SETZER, José. **Os principais tipos de solos paulistas**. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo – Diretoria de publicidade agrícola, 1941.

SOCIEDADE Nacional de Agricultura. **Insectos nocivos e úteis ao algodoeiro**. Rio de Janeiro : Oficinas graphicas do "Jornal do Brasil", 1921.

SOUZA, J. S. Inglês de; GONÇALVES, R. Drummond. **Cultura, doenças e pragas do marmeleiro**. Editado por Conde Amadeu A. Barbiellini. São Paulo: Chácaras e quintais, 1954. Editado no IV Centenário da Fundação de São Paulo. (Biblioteca agrícola popular brasileira). [J. A. P.]

TAVARES, Heitor A. **Melhoramento do algodoeiro**. São Paulo : Typographia Levi, 1923.

ULTRA, Gustavo, R. P.d'. **Cultura das mamoeiras**. São Paulo : [s. n.], 1918.

UNITED State; Department of Agriculture. **Food and life**. Washington : United States Government Printing Office, 1939. House Document, n. 28.

UNITED States; Department of Agriculture. **Year book of 1896**. Washington : Government Printing Office, 1897.

VASCOCELLOS, Phillipe W. Cabral de. **Citricultura**. [s.l. : s.n.], 1929.

VIEGAS, Glauco Pinto; KRUG, Carlos Arnaldo. **O milho híbrido**. São Paulo: Melhoramentos, [s. d.] n. 7.

PERIÓDICOS:

ACTES & COMPTES DE L'ASSOCIATION COLONIES – SCIENCES. Paris: Le Mans, v. 2, n. 18, dez. 1926; v.3, n.30, dez. 1927; v.4, n.37, jul. 1928; v. 10, n. 104 fev. 1934; v. 11, n. 121, jul, 1935;

ANNUARIO DA ESCOLA POLYTECHNICA DE SÃO PAULO. São Paulo: Escola Polytechnica de São Paulo, ano II, 2 série, 1933.

BOLETIM DA UNIÃO PAN-AMERICANA. Propagação do citrus no Brasil. Série sobre agricultura. Washington, n. 36, abr.; n. 37, maio; n. 38, jun. 1931.

BOLETIM DE AGRICULTURA. São Paulo : Secretaria da Agricultura, Indústria e Commercio do Estado de São Paulo. v.30, n.7 e 8, jul.-ago. 1929; v. 30, n. 9-10, set.-out. 1929; v. 30, n.11 e 12, nov.-dez. 1929; v. 31, n. 3 e 4, mar.-abr. 1930; v. 31, n.5 e 6, maio-jun. 1930; v. 30, n.11 e 12, nov.-dez. 1930

BULLETIN. Wooster, Ohio: Agriculture experiment station, june 1910. n. 219.

DEPARTMENT CIRCULAR. Washington: United States Departament of Agriculture, n. 295, oct. 1923. [J. A. P.]

FARM'S BULLETIN. Washington: United States Departament of Agriculture, n.173, 1917. (Parte 1: The forest); n.358, 1917. (Parte 2: Practical forestry); n 1256, 1923; n. 744, dec. 1928; n. 1646, nov. 1930. [J. A. P.]

REVISTA DE AGRICULTURA. [s.l. : s.n.], v.27, n. 7-8, jul.-ago. 1952.

TECHNICAL BULLETIN. Washington: United States Department of Agriculture, n. 158, feb. 1930; n. 168, jan. 1930. [J. A. P.]

BULLETIN [of] United States; Department of Agriculture. Washington, n. 207, 17 July 1915; n. 286, 27 sept. 1915; n. 552, July 1917; n. 509, Mar. 1917; n. 523, 29 June 1917; n. 556, sept. 1917; n. 680, 14 Aug. 1918.; n. 791, 27 Aug. 1919; n. 983, 06 April 1922. [J. A. P.]

636 - PECUÁRIA

AMARAL, Abelardo Pompeu do. **O esterco do curral** : succedaneos do esterco do curral e compostos. São Paulo : [s. n.], 1925.

ATHANASSOF, Nicolau. **A mandioca na alimentação dos suínos**. São Paulo : [s. n.], 1925.

ATHANASSOF, Nicolau. **As forragens e a alimentação dos cavallos**. São Paulo : [s. n.], 1920.

ATHANASSOF, Nicolau. **As forragens e alimentação dos suínos**. São Paulo : Casa Vanorden, 1920.

ATHANASSOF, Nicolau. **Os suínos: criação e engorda dos suínos**. Piracicaba : Typographia Olegario Ribeiro, Lobato e Cia., 1919.

CONSIDERAÇÕES e dados experimentais relativos à engorda dos suínos. [s.l.: s.n., s.d.]

O CAVALLO na atualidade. [s.l : s.n., s.d.]

KELLNER, O. **Princípios fundamentaes da alimentação do gado**. 2.ed. Lisboa : Livraria Clássica Editora A. M. Teixeira & Cia., 1922. (Pequenas fontes de riqueza). [J. A. P.]

MALDONADO, Mario. **Contribuição para o estudo do gado caracú**. 2. ed. São Paulo : Secretaria da Agricultura, Industria e Commercio do Estado de São Paulo, 1928. [J. A. P.]

NOGUEIRA, Odilon Ribeiro. **Exterior dos grandes animaes domésticos**. São Paulo : Typographia sociedade Editora Olegário Ribeiro, 1920.

PENA, Virgílio. **Fazenda de criação e engorda de suínos**. 2.ed. São Paulo : 1927.

PENTEADO, Marcilio de Campos. **Alimentação e melhoramento do gado**. 2.ed. São Paulo : Duprat, 1918.

660 - QUÍMICA

BLANC, G. A. **Manuali hoepli** : radioaltivita. Milano : Ulrico Hopli, 1907. (Série científica)

CARDOSO, Arthur R. **Resumo de chimica geral inorganica e organica**. 4.ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves; Paris : Aillaud, Alves & Cia., 1912. [José V. Malta Cardoso e Marina Malta Cardoso]

CARRÉ, Pierre. **Précis de chimie industrielle**. Paris : Librairie J.-B. Bailliére et Fils, 1905. [J. A. P.]

EXPLOSIVOS e accessorios para explosões. Nova York : E. I. du Pont, [s. d.] [J. A. P.]

FONSECA, Eurico Teixeira da Fonseca. **Óleos vegetais brasileiros, productos vegetais**. Rio de Janeiro : Typ. Revista dos Tribunais, 1922.

GABBA, Luigi. **Chimica analitica**. Milano: Ulrico Hoepli, 1881. Parte seconda: ricerche chimiche speciali qualitative e quantitative, ad uso delle arti e delle industrie, ecc. [J. A. P.]

GATTEFOSSÉ, R. M. **Distillation des plantes aromatiques et des parfums**. Paris : Librairie Centrale des Sciences, 1926. [J. A. P.]

INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS. **As modernas fontes de energia : o petróleo**. São Paulo, boletim n. 36, ago.1949. Conferência pronunciada em 1/10/1948, no Teatro Municipal. [J. A. P.]

MORELLI, B. **Álcool desnaturado e suas aplicações industriais**. São Paulo: Typ. Brasil de Rothschild & Cia., 1920.

TATU, H. **L'industrie moderne des parfums**. Paris : Librairie J.-B. Baillière et Fils, 1932. (Actualités scientifiques et industrielles).

670 - MANUFATURA

IHNE, A. **Le sechage des bois**. Paris : Dunod, 1927.

LAMB, M. C.; F. C. S. **Teinture carrouyage et finissage du cuir**. Paris : Gauthier – Vellars. (Encyclopédie industrielle)

PETITPAS, M. J. L'usinage des bois africains. [s. l. : s. n., s. d.]

PUGET, Paul. **Cuirs et peause**. 2.ed. rev. Paris : Librairie J.-B. Ballière et Fils, 1921. (Encyclopédie industrielle). [J. A. P.]

ROGERS, Allen. **Fabrication des curis et peaux**. Paris: Gauthier-Villars, [s. d.] [J. A. P.]

SEGURADO, João Emílio dos Santos. **Trabalhos de carpintaria civil**. 5. ed. Paris : Livraria Aillaud; Rio de Janeiro : Livraria Francisco Alves, [s. d.]

700 - ARTES

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. **Rodrigo e o SPHAN**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura. Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.

ARTE no Palácio dos Bandeirantes. São Paulo : Governo do Estado de São Paulo, 1979.

BARROCO no Brasil. São Paulo : Fundação Armando Álvares Penteado, 1961.

BIENAL do Museu de Arte Moderna de São Paulo, I. Rio de Janeiro : Depto. de Imprensa Nacional, 1951.

CASA do noviciado da Venerável do Carmo. **Museu de Arte Sacra do Carmo**. Ouro Preto: Fundação Roberto Marinho, 1987.

- COTRIM, Álvaro; LACOMBE, Lourenço Luis. **Museu Imperial**. Petrópolis : Colorama, 1987.
- DAMASCENO, Sueli (org.). **Igrejas mineiras** : glossário de bens móveis. Ouro Preto : Instituto de Artes e Cultura : UFOP, 1987.
- ENCYCLOPÉDIE des antiquités. Cinqüième tirage. Paris : Gründ, 1989.
- HILL, David Octavius; ADAMSON, Robert. **An early victorian album**. New York : Alfred A. Knopf, 1976.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE. **Introdution générale a l'histoire de l'art par Antoine Bon**. Rio de Janeiro : Atlântica, [s.d.] v.2.-5.
- GALERIA PRESTES MAIA. IX.a Exposição paulista de Belas Artes: catálogo. São Paulo, 1943. [J. A. P.]
- LEVENSON. Jay A. (ed.). **Circa de 1492: art in the age of exploration**. [s. l.] : Yale University, 1991.
- MACHADO, Paulo Affonso de Carvalho. **Antiguidade brasileiras**. Rio de Janeiro : 1965.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. **O Ministério da Cultura em 1986**. Rio de Janeiro : Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1986.
- BOLETIM DO MUSEU NACIONAL. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1942.
- MUSEU HISTÓRICO E PEDAGÓGICO "AMADOR BUENO VEIGA". **Rio Claro sesquicentenária**: catálogo. Rio Claro : IMESP, 1979.
- PAIVA, Orlando Marques de (ed.). **O Museu paulista da Universidade de São Paulo**. São Paulo : Safra, 1984.
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO. **Primeira exposição de vestes e objetos imperiais e de louça histórica em São Paulo**: catálogo. São Paulo, 1954.
- PROJETO renascervo. Santos : PRODESAN, 1992.
- RAMALHO, Robetia de Sousa Lobo. **Museu das janelas verdes**. Lisboa : [s.d.], MCMXXXVIII.
- REIS FILHO, Nestor Goulart (coord.). **Guia dos bens tombados de São Paulo**. Rio de Janeiro : Expressão e Cultura, 1982.
- REVISTA BARROCO. Belo Horizonte : Imprensa Universitária, n. 12, 1982-1983, n. 15, 1990-1992.
- REVISTA DO MUSEU PAULISTA. 1914, v. IX.
- RIOS FILHO, Adolfo Mordes de los. **Grandjeian de Montigny e a evolução da arte brasileira**. Rio de Janeiro : A Noite, 1941.
- SANTOS, José de Almeida. **Manual do colecionador de antigüidades**. São Paulo : Martins, 1950.
- SILVEIRA, Maria Helena. **Casa do bispo**. Rio de Janeiro : Fundação Roberto Marinho, 1981.
- SPHAN. **Bens móveis e imóveis inscritos nos livros do tombo do patrimônio histórico e artístico nacional**. Brasília : MINC, 1982.

TENTORI, Francesco. **P. M. Bardi**. Milano: Mazzotta, c1990.

TRINTA anos em prol da cultura: 1958-1988. s. l. : Instituto Histórico e Geográfico Guarujá – Bertioga, [s. d.]

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO; Museu Paulista. **Às Margens do Ipiranga 1890-1990** Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo: catálogo. São Paulo : USP, 1990.

WÖLFFLIN, Heinrich. **Classic art**. London : The Phaidon, 1952. [J. A. P.]

ZANATTA, Marisa (org.). **Acervo Roberto Mange – inventário analítico** : arquivo Edgard Leuenroth. Campinas : Unicamp; São Paulo : SENAI, 1991. 55p. (De homens e máquinas, v.2)

720 - ARQUITETURA

AMARAL, Antonio Barreto do. **História dos velhos teatros de São Paulo**. São Paulo : Governo do Estado de São Paulo, 1979.

ANCONA, George (photo); ANDERSON, Joan (text). **The american family farm**. [s. l.]: Harcourt Brace Jovanovich, 1989.

ÁVILLA, Affonso. **Barroco mineiro : glossário de arquitetura e ornamentação**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1979.

AZEVEDO, Estersilda Rerenstein de. **Arquitetura do açúcar**. São Paulo : Nobel, 1990.

BARDI, Pietro Maria. **Engenharia e arquitetura na construção**. [s. l.] : Banco Sudameris, 1985.

BUCHARD, J. **Constructions agricoles et architecture rurale**. Paris: Librairie J. – B. Baillièrre et Fils, 1889.

FAZENDA Santo Antonio. São Paulo : Árvore da terra, 1988. (2 exemplares)

FAZENDAS. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1986.

FERRAZ, Marcelo Carvalho. **Arquitetura rural na serra da Mantiqueira**. São Paulo : Empresa das artes, 1992.

A IGREJA nos quatro séculos de São Paulo 1554-1954. São Paulo : Documentários Nacionais, 1955. [José Vieitas Júnior]

KELLAWAY, Herbert J.. **How to lay out suburban home grounds**. 2. ed. New York: John Wiley & Sons, 1915.

LEFÉVRE, Renée; LEMOS, Carlos A. C. **São Paulo, sua arquitetura: colônia e império**. São Paulo : Cia Editora Nacional; EDUSP, 1974. 2 exemplares.

LEMOS, Carlos A. C. **Alvenaria burguesa**. São Paulo : Nobel, 1985.

LLOYD, Nathaniel. **A History of the english house from primitive times to the Victorian Period**. London : The Architectural, [s. d.]

MARTINS, Neide Marcondes. **O Partido arquitetônico rural de Porto Feliz, Tietê e Laranjal Paulista no século XIX**. São Paulo : Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978. v.6.

MUSEU DA CASA BRASILEIRA. **Morada paulista**. São Paulo : Grafcolor reproduções gráficas, 1986.

NIEMEYER, Oscar. **Mon Expérience a Brasilia**. Paris : Editec, 1963.

PIRES, Fernando Tasso Fragoso. **Fazendas: les grandes demeures du Brasil**. New York: Abbeville, 1995.

PIRES, Fernando Tasso Fragoso. **Fazendas: the great houses and plantations of Brazil**. New York : Abbeville, [s. d.]

RODRIGUES, José Wash. **Documentário arquitetônico**. 4.ed. Belo Horizonte : Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1979.

RODRIGUES, José Wash. **Documentário arquitetônico**. São Paulo : Martins, [s. d.] v. 7 e 8.

SAIA, Luis. **Morada Paulista**. São Paulo : Perspectiva, 1972.

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS METROPOLITANOS. **Bens culturais arquitetônicos no município e na região metropolitana de São Paulo**. São Paulo, 1984.

SILVEIRA, Evelyn Schulke (coordenação e revisão). **Casa de fazenda**. 2.ed. São Paulo : Abril, 1997.

730 - ARTES PLÁSTICAS

A GUIDE to the processes and schools of engraving. 3. ed.. London: British Museum, 1933.

BRACANTE, E. F. **O Brasil e a cerâmica antiga**. São Paulo : [s. n.], 1981.

CARVALHO, Ayres de. **A escultura em Mafra**. Mafra : edição do autor, 1950.

740 – DESENHO E ARTE DECORATIVA

BARDI, P. M. **Arte da prata no Brasil**. s.l. : Banco Sudameris, 1979.

BLANG, Ole. **Thonet geschichte eines stuhls**. Hatje : [s.n., s.d.]

BOCCI, Mina. **Europeans porcelain**. London : The Hamlyn Publishing Group, 1969.

BRANCANTE, Eldino. **Louçaria artística e histórica**. São Paulo : Acervo Artístico-Cultura dos Palácios do Governo, 1988.

CANDILES, G.; BLOMSTEDT; FRANGOULIS, T.; AMORIN, M. I. **Muebles Thonet**. Barcelona : Editorial Gustavo Gil, 1981.

DREYFUS, Jenny. **Louça da aristocracia no Brasil**. Monteiro Soares, 1982.

MARSAN, Henry Martin (dir.). **Le style Louis XVI**. Paris : Ernet Flammarion, 1948. La grammaire des styles-collection de précis sur l'histoire de l'art.

THONET bentwood & other furniture. New York : Dover Publications, 1980.

750 – PINTURA

ANTONIO, Jorge Luiz. **Morte e glória de Almeida Júnior**. [s.l.] : Secretaria de Estado dos Negócios, da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo – Prefeitura da Estância Turística de Itu, 1983.

BARDI, Pietro Maria. **Sodalício com Assis Chateaubriand**. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriant, 1982.

BENEDITO Calixto. São Paulo : Editores Associados; Banespa; Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1990.

BRADI, P. M. (apres.). **Miguel Dutra, o poliédrico artista paulista**. São Paulo : Museu de Arte de São Paulo, 1981.

CECCHI, Emilio. **Pittura italiana dell'ottocento**. Italy : Ulrico Hoepli Milano, 1938.

SOCIARTE. **Exposição João Baptista Castagneto 1862-1900**: catálogo. São Paulo, 1978.

FARIA, Eduardo Cunha. **Natureza: formas, texturas e cores**. São Paulo : Prêmio, 1993.

FELWICK, W.; DELANEY, L.T. (ed.). **Twenth century impressions of Brazil**. London : Loyd's Greater Britains, 1913.

FERREZ, Gilberto (org.). **O Brasil do primeiro reinado visto pelo botânico William John Burchell 1825-1829**. Rio de Janeiro : Fundação João Moreira Salles, Fundação Pró-memória, 1981.

MELLO, Evaldo Cabral de. **Imagens do Brasil holandês 1630-1654**. Rio de Janeiro : Fundação Nacional Pr'-Memória, 1987.

A PAISAGEM brasileira; São Paulo: 1650-1976. São Paulo : Sociarte, 1980.

PEIXOTO, Maria E. Santos. **Pintores alemães no Brasil durante o século XIX**. Rio de Janeiro : Pinakothke, 1989.

PINTURA contemporânea norteamericana. Nova York : The American Museum of Modern Art, 1941.

REIS JÚNIOR, José Maria dos. **História da pintura no Brasil**. São Paulo : Leia, 1944.

RUGENDAS, João Maurício. **Expedição Langsdorf ao Brasil**. Rio de Janeiro : Livroarte, 1988.

SALA, Dalton. **Benedito Calixto**. São Paulo : Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1990.

SHAPLEY, Fern Rusk. **Early italian painting**. Washington, D.C.: Publications Found National Gallery of Art, 1960. [J. A. P.]

SKIRA, Albert. **Picasso**. Lausanne : Imprimeries réunies, 1953.

TEIXEIRA, Milton. **Benedito Calixto imortalidade**. Santos : UNICEB, 1992.

UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS; Museu Nacional de Belas Artes; Conselho Nacional de Cultura. **Três séculos e meio de pintura no Brasil**. Belo Horizonte : UFMG, 1927.

760- ARTE GRÁFICA

ARTE gráfica do hemisfério ocidental. Estados Unidos: International Business Machines Corporation, 1941.

KHONIG, Feres. **Xilogravuras**. São Paulo : João Pereira, 1987.

770 – FOTOGRAFIA

ANCONA, George. **Fiesta Fireworks**. New York : Lothrop, Lee & Shepard Books Morrow, [s. d.]

ANCONA, George. **The Golden lion Tamarin comes home**. New York : Macmillan, 1994.

ANCONA, George. **The Golden lion Tamarin comes home**. New York : Macmillan, 1991.

ARAÚJO, Roberto Assumpção de. **Retratos da família imperial do Brasil em Viena**. Ministério da Educação e da Cultura, [s. d.]

AZEVEDO, Paulo César de; LISSOVSKY, Maurício (org.). **Escravos brasileiros no século XIX na fotografia de Christiano Jr**. São Paulo : Ex-Libris, 1988.

DOM PEDRO II e a fotografia no Brasil. Indez., s.d.

EDINGER, Claudio. **Carnaval**. São Paulo : DBA, s. d.

EDINGER, Claudio. **Havana vieja**. São Paulo : DBA. s. d.

FARKAS, Thomaz. **Thomaz Farkas – fotógrafo**. São Paulo : DBA, 1997.

FERREZ, Gilberto. **Photography in Brazil 1840-1900**. Japan : University of New Mexico, 1990.

KOSSOY, Boris. **Álbum de photographias do Estado de São Paulo, 1892**. São Paulo : Kosmos, 1984.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). **Retratos quase inocentes**. São Paulo : Nobel, 1983.

TABET, Sergio Roberto; PUMAR, Sonia. **O Rio de Janeiro em antigos cartões postais**. Rio de Janeiro : Edição do autor, 1985.

780 - MÚSICA

GEIRINGER, Karl. **Musical instruments**. London: George Allen & Unwin, 1943.

HORTA, Luis Paulo. **Heitor Villa Lobos**. Rio de Janeiro: Livroarte, Alumbamento, 1986.

LES SPECTALES a travers les ages: musique-danse. Paris : aux edition du Cygne, 19--.

MORAES, Amaro; MORAES E SILVA, João Baptista (textos). **Odisséia do som**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura; Museu da Imagem e do Som; Imprensa Oficial do Estado, 1987.

800 – LITERATURA E TEORIA LITERÁRIA

ANTONIO, Manoel. **Álvares de Azevedo**. 7.ed. Rio de Janeiro : H. Garnier, 1900.

ARARIPE JÚNIOR, T. A. **José de Alencar**. 2.ed. Rio de Janeiro : Fauchon, 1894.

ARARIPE JÚNIOR, T. A. **Literatura brasileira-movimento de 1893**. Rio de Janeiro : Typographia da Empresa Democrática, 1896.

BARBOSA, Francisco de Assis. **Machado de Assis em miniatura**. São Paulo : Melhoramentos, 1957

BARBOSA, Luiz Xavier. **Cem cartas de Camilo**. Rio de Janeiro : Companhia Editora Americana : Francisco Alves, 1919.

BARBOSA, Luiz. **Novos discursos e conferências**. São Paulo : Acadêmica e Saraiva, 1933.

BENÉT, William Rose; PEARSON, Norman Holmes (seleção e edição). **The Oxford anthology of american literature**. New York: Oxford University Press, 1941.[mp.: A. Piquet P. de Carvalhosa]

BROCA, Brito. **Machado de Assis e a política**. Rio de Janeiro : Organização Simões, 1957.

COELHO NETO, Henrique M. **Compêndio de literatura brasileira**. Paris : Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1913.

DANTAS, Mercedes. **O nacionalismo de Castro Alves**. Rio de Janeiro : A Noite, 1941.

DINES, Alberto. **Correio braziliense, ou, Armazém literário**. São Paulo : Imprensa Oficial do Estado : Instituto Uniemp, 2000.

EPUY, Michel. **Anthologies des humoristes anglais et américains**. Cinquième. Paris : Delagrave, 1925. [José Vieitas Júnior]

GMBH, Robert Bosch. **Braziliana**. Heidelberg : Universitätsbibliothek Heidelberg, 1989.

HART, James D. Hart. **The Oxford companion to american literature**. London: Oxford University Press, 1941.

JORGE, J. de Melo. **Os Tipos de Eça de Queiroz**. São Paulo : Brasil, 1940. v.1 e v.2.

JUROMENHA, João A. de L. P. L. (Visconde de). **Obras de Luiz de Camões**. Lisboa : Imprensa Nacional, 1861. v.1-6.

KOPPEL, Susanne (org.) **Biblioteca brasiliana da Robert Bosch GmbH : catálogo**. Rio de Janeiro : Komos, 1992.

LEMOES, Carlos A. C. **Ramos de Azevedo e seu escritório**. São Paulo : Pini, 1993.

LIMA, Cunha. **Revisão de Machado de Assis**. Rio de Janeiro : Cia Editora Americana, 1973.

LIMA, Heitor Ferreira. **Castro Alves e sua época**. São Paulo : Anchieta, 1942.

- LONGFELLOW, Henry Wadsworth. **The poetical works of Longfellow**. London: Humphrey Milford – Oxford University Press, 1921.
- LUCA, Tania Regina de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação**. São Paulo : Fundação Editora da UNESP, 1999. 320p. (Prismas).
- MACEDO, Sérgio D. T. de. **A literatura do Brasil colonial**. Rio de Janeiro : [s.n., s.d.]
- MAGALHÃES JR., R. **Machado de Assis desconhecido**. Rio de Janeiro : Civilização brasileira, 1955.
- MAGALHÃES JR., R. **Machado de Assis, funcionário público**. Rio de Janeiro : Ministério da Aviação e obras públicas; Serviço de documentação, 1958.
- MARCY, Johan. **The story of the world's literature**. New York : Garden City, 1936.
- MASSA, Jean-Michel. **Bibliographie descriptive, analytique et critique de Machado de Assis**. Rio de Janeiro : São José, 1965. t. 4.
- MELO, Luís Correia de. **Dicionário de autores paulistas**. São Paulo : Irmãos Andrioli, 1954.
- MENEZES, Raimundo. **Aluísio Azevedo**. São Paulo : Martins, 1958.
- MOODY, William Vaughn; LOVETT, Robert Morss. **A History of english literature**. new and enlarged edition by Fred B. Millett. New York : Charles Scribner's sons, c1943.
- MORAES, Péricles. **Coelho Netto e sua obra**. Porto : Chardron, 1926.
- MORAES, Rubens Borba de. **Bibliografia brasileira do período colonial**. São Paulo : Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.
- NABUCO, Carolina. **A vida de Joaquim Nabuco**. Rio de Janeiro : Cia.. Editora Nacional, 1928.
- OCTAVIO FILHO, Rodrigo; CALMON, Pedro. **A cadeira de Rodrigo Octávio na Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro : [s. n.], 1945.
- OLIVEIRA, Alberto de; JOBIM, Jorge. **Machado de Assis**. Rio de Janeiro : Garnier, 1921.
- ORIAN, G. Harrison. **A short history of american literature**. New York: F. S. Crofts, 1940.
- PAULA, Vicente de, ALVARES, Vicente de. **Álvares de Azevedo**. São Paulo : Revista dos Tribunais, 1931.
- PEIXOTO, Afrânio, ALVES, Constâncio. **Antologia brasileira**. Paris : Rio de Janeiro : Aillaud e Bertrand : Francisco Alves, 1920.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis**. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1946.
- PONTES, Eloy. **A vida exuberante de Olavo Bilac**. ed. ilustrada. Rio de Janeiro : José Olympio, 1944. v.1 e v. 2.
- PUJOL, Alfredo. **Machado de Assis**. São Paulo : Typographia Levi, 1917.
- RAMOS, Feliciano. **A expressão da liberdade em Antero e os vencidos da vida**. Lisboa : Editorial Império, 1942.
- RODRIGUES, Lopes. **Castro Alves**. Rio de Janeiro : Pongetti, [s. d.]

SANCHEZ, José Rogério. **Resumen de historia de la lengua y literatura española**. Madrid : Imprenta Renascimento, 1915.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa (org.). **Obras de Manoel Antonio Álvares de Azevedo**. 5.ed. Rio de Janeiro : Garnier, 1884. t. II.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa (org.). **Obras de Manoel Antonio Álvares de Azevedo**. 7. ed. Rio de Janeiro : Garnier, [s. d.] t. III.

VERÍSSIMO, José. **Estudos de literatura brasileira**. Rio de Janeiro : Garnier, 1901. 3 v.

VERÍSSIMO, José. **Estudos de literatura brasileira**. Rio de Janeiro : Garnier, 1903.

VERÍSSIMO, José. **Estudos de literatura brasileira**. Rio de Janeiro : Garnier, 1904.

VERÍSSIMO, José. **Estudos de literatura brasileira**. Rio de Janeiro : H. Garnier, 1910.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). Rio de Janeiro : José Olympio, 1954.

VIANA FILHO, Luis. **A vida de Machado de Assis**. São Paulo : Martins, 1965.

WATT, Homer, A.; WATT, William W.. **A dictionary of english literature**. New York: Barnes & Noble, 1945.

810 - LITERATURA AMERICANA

PICKLES, Sheila. **A victorian posy**. New York : Harmony books, 1987.

820 - LITERATURA INGLESA

BROWNING, Elizabeth Barret. **Poems**. London : Smith, 1908.

DEFÖE, Daniel. **Robinson Crusoe**. Paris : Garnier, [s. d.]

FEYDEON, Ernesto. **Tanmy**. 3.ed. Lisboa : Parceria Antonio Maria Pereira, 1903.

HAGGARD, Rider. **As minas de Salomão**. Tradução e revisão por Eça de Queiroz. Porto : Livraria Chardron de Lelo e irmãos, 1911. [Dr. Barata]

LONGFELLOW, Henry Wadsworth. **The poetical works of Longfellow**. London: Humphrey Milford – Oxford University Press, 1921.

POE, Edgard. **Novellas extraordinarias**. Rio de Janeiro : Garnier, 1907.

READE, Charles. **The cloister and the hearth**. [s. l. : s. n., s. d.] v.1.

SCOTT, Walter. **Anna de Geierstein ou A donzela do nevoeiro**. Lisboa : Tipografia da Sociedade Propagadora dos conhecimentos úteis, 1843. t. 3.

SCOTT, Walter. **La fiancée de Lammermoor**. Paris : Librairie de Firmin-Didot, 1886.

SCOTT, Walter. **Le monastère**. Paris : Librairie de Firmin-Didot, 1884.

SCOTT, Walter. **Les puritains d'Écosse**. Paris : Librairie de Firmin-Didot, 1882.

SCOTT, Walter. **O talisman ou Ricardo na Palestina**. Paris : Livraria Portuguesa de J. P. Aillaud, 1837. t. 2 e 3.

SCOTT, Walter. **O talisman ou Ricardo na Palestina**. Rio de Janeiro : Garnier, [s. d.]

SCOTT, Walter. **Os desposados**. Rio de Janeiro : H. Garnier, 19--. t.1.

SCOTT, Walter. **Woodstock**. Rio de Janeiro : H. Garnier, 1920, t.1 [J. A. P.]

SCOTT, Walter. **Woodstock**. Rio de Janeiro : H. Garnier, 1920, v.2 (2 exemplares)

SHAKESPEARE, William. **La tragique histoire D' Hamlet, Prince de Danemark**. Paris: Librairie Charpentier et Fasquelle, 1900.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Rio de Janeiro : Garnier, 1923.

830 - LITERATURA ALEMÃ

BINZER, Ina von. **Os meus romanos**. 5.ed. Rio de Janeiro : Paz e terra, 1982.

SCHILLER, Friederich. **Tréatre**. quatrième édition, revue, corrigée et augmentée. Paris: Charpentier, 1860. [Rafael ... Barros]

843 - LITERATURA FRANCESA

ARDEL, Henri. **L'absence**. Paris : Librairie Plon, s.d. [J. A. P. e dedicatória à May]

ARDEL, Henri. **Au retour**. Paris : Librairie Plon, [18--?]. [J. A. P.; mp.: Marina]

BALZAC, Honoré de. **Catherine de Médicis**. Paris : Calmann-Lèvy, 1842.

BALZAC, Honoré de. **Eugénie Grandet**. Paris : Calmann-Lèvy, 18--.

BALZAC, Honoré de. **Grandeur et decadense de César Birotteau**. Paris : Calmann-Lèvy, 18--.

BALZAC, Honoré de. **Histoire des treize. Ferragus. La Duchesse de Langeais. La Fille aux yeux d'or**. Paris : Calmann-Lèvy, [s. d.]

BALZAC, Honoré de. **Illusions perdues**. Paris : Calmann-Lèvy, 18--. v.2 e 3

BALZAC, Honoré de. **Illusions perdues**. Paris : Calmann-Lèvy, 1892. v. 1

BALZAC, Honoré de. **L'enfant maudit. Gambara. Massimilla Doni**. Paris : Calmann-Lèvy, 18--.

BALZAC, Honoré de. **L'envers de l'histoire contemporaine**. Paris : Calmann-Lèvy, 18--.

BALZAC, Honoré de. **L'illustre Gaudissart**. Paris : Calmann-Lèvy, 18--.

BALZAC, Honoré de. **La cousine bette**. Paris : Calmann-Lèvy, 18--.

BALZAC, Honoré de. **La fausse mitresse**. Paris : Calmann-Lèvy, 18--.

BALZAC, Honoré de. **La femme de trente ans**. Paris : Calmann-Lèvy, 18--.

- BALZAC, Honoré de. **La maison du chat qui pelote. Le Bal de sceaux. La Bourse. La Vendetta.** Paris : Calmann-Lèvy, [s. d.]
- BALZAC, Honoré de. **La maison nucigen. Les secrets de la princesse de Cadignan. Sarrazine. Facino Cane. Um homme d'affaires. Les comédiens sâns de savoir.** Paris : Calmann-Lèvy, 18--.
- BALZAC, Honoré de. **La maratré** – mercadet. Paris : Calmann-Lèvy, s.d., tomo deuxième.
- BALZAC, Honoré de. **La peau de chagerin.** Paris : Calmann-Lèvy, 18--.
- BALZAC, Honoré de. **La recherche de l'absolu.** Paris : Calmann-Lèvy, 1892.
- BALZAC, Honoré de. **Le chef-d'Oeuvre inconnu.** Paris : Calmann-Lèvy, 18--.
- BALZAC, Honoré de. **Le colonel Chabert.** Paris : Calmann-Lèvy, 18--.
- BALZAC, Honoré de. **Le contract de mariage.** Paris : Calmann-Lèvy, 18--.
- BALZAC, Honoré de. **Le cure de village** Paris : Calmann-Lèvy, 18--.
- BALZAC, Honoré de. **Le député d'arcis.** Paris : Calmann-Lèvy, 18--. v. 1 e 2
- BALZAC, Honoré de. **Les célibataires un ménage de garçon.** Paris : Calmann-Lèvy, 18--
- BALZAC, Honoré de. **Les chovans. Une passion dans le désert.** Paris : Calmann-Lèvy, 18-
- BALZAC, Honoré de. **Les contes drolatiques.** Paris : Calmann-Lèvy, 18--. v.1 e 2
- BALZAC, Honoré de. **Les employes. Un prince de la Bohême. Gaudissart II. Pierre Grasson.** Paris : Calmann-Lèvy, 1892.
- BALZAC, Honoré de. **Les lys dans la vallée.** Paris : Calmann-Lèvy, 18--.
- BALZAC, Honoré de. **Les parents pauvres de cousin Pons.** Paris : Calmann-Lèvy, 18--.
- BALZAC, Honoré de. **Les paysans.** Paris : Calmann-Lèvy, 18--.
- BALZAC, Honoré de. **Les rivalités: la vieille fille.** Paris : Calmann-Lèvy, 18--.
- BALZAC, Honoré de. **Louis Lambert: les proscrits. Adien. Le réquisitionnaire. El Verdugo.** Paris : Calmann-Lèvy, 18--.
- BALZAC, Honoré de. **Mémoire de deux Jeunes Mariées.** Paris : Calmann-Lèvy, 1840.
- BALZAC, Honoré de. **Modeste mignon.** Paris : Calmann-Lèvy, 18--.
- BALZAC, Honoré de. **Père Goiot.** Paris : Calmann-Lèvy, 18--.
- BALZAC, Honoré de. **Petites misères de la vie conjugale.** Paris : Calmann-Lèvy, 18--.
- BALZAC, Honoré de. **Petits bourgeois.** Paris : Calmann-Lèvy, 18--.v.1, v.2.
- BALZAC, Honoré de. **Physiologie du mariage: ou meditations de conjugal phislosophie éclectique.** Paris : Calmann-Lèvy, 18—
- BALZAC, Honoré de. **Pierrette.** Paris : Calmann-Lèvy, 18--.
- BALZAC, Honoré de. **Seraphita. Jesús-Christ en Flandre. Melmoth réconcilié. L'elixir de lonque vie.** Paris : Calmann-Lèvy, 18--.
- BALZAC, Honoré de. **Splendeurs et misères des courtesanes.** Paris : Calmann-Lèvy, 1838. v.1 e 2.

- BALZAC, Honoré de. **Trèatre**. Paris : Calmann-Lèvy, 1840. v.1
- BALZAC, Honoré de. **Un début dans la vie**. Paris : Calmann-Lèvy, [s. d.]
- BALZAC, Honoré de. **Une fillè d'Eve**. Paris : Calmann-Lèvy, 18--.
- BALZAC, Honoré de. **Ursule Miraut**. Paris : Calmann-Lèvy, 1891.
- BARBUSE, Henri. **L'enfer**. Paris : Albin Michel, 1914.
- BAUDELAIRE, Charles. **Les fleurs du mal**. Paris : Louis Conard, 1931.
- BEAUNIER, André. **Éloge de la frivolité**. Paris : Hachette, 1925. [José Vieitas Júnior]
- BELOT, Adolph. **Fleur de crime**. quatrième. Paris : E. Dentu, 1882.
- BONNARD, Abel. **Éloge de l'ignorance**. Paris : Hachette, 1926. [José Vieitas Júnior]
- CHANTEPLEURE, Guy. **Ames féminines**. Vingt-huitième. Paris : Calmann-Lévy, 1918. [J. A. P.]
- CHANTEPLEURE, Guy. **Le hasard et l'amour**. Vingt deuxième. Paris : Calmann Lévy, 1919. [J. A. P.]
- CHANTEPLEURE, Guy. **Ma conscience en robe rose**. Trente-neuvième. Paris : Calmann-Lévy, 1918. [J. A. P. e Marina M. Cardoso]
- CHANTEPLEURE, Guy. **Sphinx blanc**. Trente-septième. Paris : Calmann-Lévy, 1918. [J. A. P. e Marina M. Cardoso]
- CHATEAUBRIAND. **Le génie du christianisme**. Paris : Hachette, 1890. [mp.: Antonio Souza Barros]
- CHATEAUBRIAND. **O gênio do christianismo**. 8. ed. correct. Porto : Lello, 1945. v.1 e 2.
- CONTENANT; CORNEILLE, De P.; RACINE, J. VOLTAIRE; MOLIÈRE. **Théâtre classique**. Nouvelle. Paris : Hachette, 1900. [J. A. P.]
- CORPPÉE, François. **Poésies**. Paris : Alphonse Lemerre, [s. d.] [J. A. P. e Marina M. Cardoso]
- DAUDET, Alphonse. **Aventures prodigieuses de Tartarin de Tarascon**. Paris : Fayard Frères, [s. d.] v.1.
- DAUDET, Alphonse. **Fromont Jeune & Risleraine. La Petite paroisse. Le trésor d'arlatan. La belle. Nivernaise. Légendes et récits**. Paris : Fayard Frères, [s. d.]
- DAUDET, Alphonse. **Jack. Rose et Ninette. La Fédor. Souvenirs divers**. Paris : Fayard Frères, [s. d.]
- DAUDET, Alphonse. **La Naban. Femmes d'artistes. Robert Helmont. Entre les frises et la rampe**. Paris : Fayard Frères, [s. d.]
- DAUDET, Alphonse. **Le petite chose. Sapho. L'immortel**. Paris : Fayard Frères, [s. d.]
- DAUDET, Alphonse. **Les rois en exil. L'évangéliste. Poèmes et fantaisies**. Paris : Fayard Frères, [s. d.]
- DAUDET, Alphonse. **Lettres de mon Moulin**. Paris : Panthéon, 1953.
- DAUDET, Alphonse. **Souvenirs d'un homme de lettres. Contes du lundy. Lettres de mon Moulin. Trente de Paris**. Paris : Fayard Frères, [s. d.]

- DAUDET, Alphonse. **Théâtre I**. Paris : Fayard Frères, [s. d.]
- DAUDET, Alphonse. **Théâtre II**. Paris : Fayard Frères, [s. d.]
- FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Paris : A. Quantin, 1885.
- FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Paris : Eugène Fasquelle, 1917. [J. A. P. e mp.: Paulo Rogério Filho]
- FONTAINE, La. **Fables**. Nouvelle. Paris : Tours Alfred Mame et files, [s. d.] (mp.: Estelinha)
- FONTAINE, La. **Fables**. Paris : Garnier, 1832.
- FRANCE, Anatole. **L’anneau d’améthyste**. Paris : Calmann-Lévy, 1902.
- FRANCE, Anatole. **Le crime de Sylvestre Bonnard**. Paris : Calmann-Lévy, 1904.
- FRANCE, Anatole. **Histoire comique**. Paris : Calmann-Lévy, 1911.
- FRANCE, Anatole. **Jocaste et le chat maigre**. Paris : Calmann-Lévy, [s. d.]. [José Vieitas Júnior]
- FRANCE, Anatole. **Le jardin d’Épicure**. Paris : Calmann-Lévy, [s. d.]
- FRANCE, Anatole. **Le lys rouge**. Nouvelle. Paris : Calmann-Lévy, 1923. [J. A. P.]
- FRANCE, Anatole. **Le mannequin d’osier**. Paris : Calmann-Lévy.
- FRANCE, Anatole. **Monsieur Bergeret a Paris**. Paris : Calmann-Lévy, 1904. v. 4.
- FRANCE, Anatole. **L’orme du mail**. Paris : Calmann-Lévy, s.d..
- GIDE, André; ROMAINS, Jules; COLETTE; MAURIAC, François. **La guirland des annés**. 1. ed. Paris : Flammarion, 1956.
- HERMANT, Abel. **Éloge de la médisance**. Paris : Hachette, 1925. [José Vieitas Júnior]
- HUGO, Victor. **Avant l’exil; Pendant l’exil; Depuis l’exil**. Paris : Societé d’éditions littéraires et artistiques, [s. d.]
- HUGO, Victor. **L’archipel de la Manche; Les travailleurs de la mer**. Paris: Societé d’éditions littéraires et artistiques, 18--.
- HUGO, Victor. **Chose, vues**. Paris : Societé d’éditions littéraires et artistiques, [s. d.]
- HUGO, Victor. **L’homme qui rit**. Paris : Societé d’éditions littéraires et artistiques, 1832.
- HUGO, Victor. **Les misérables**. Edition Allendorff. Paris : Societé d’éditions littéraires et artistiques, 18--.
- HUGO, Victor. **Les misérables**. Paris : Societé d’éditions littéraires et artistiques, 1832.
- HUGO, Victor. **Napoléon: Le Petit**. Paris : Societé d’éditions littéraires et artistiques, 1851.
- HUGO, Victor. **Notre Dame de Paris**. Nouvelle édition illustrée. Paris : Societé d’éditions littéraires et artistiques, 1832.
- HUGO, Victor. **Oeuvre poetique**. Paris : Societé d’éditions littéraires et artistiques, 1825.
- HUGO, Victor. **Oeuvre politique**. Paris : Societé d’éditions littéraires et artistiques, 1825.
- HUGO, Victor. **Oeuvres completes**. Nouvelle édition. Paris : Societé d’éditions littéraires et artistiques, 1832.

- HUGO, Victor. **Oeuvres complètes**. Paris : Societé d'éditions littéraires et artistiques, 1853.
- HUGO, Victor. **Quatre–Vingt**. Paris : Societé d'éditions littéraires et artistiques, [s. d.]
- HUGO, Victor. **Le rhin; Alpes et Pyrénées; France et Belgique**. Paris : Societé d'éditions littéraires et artistiques, [s. d.]
- HUGO, Victor. **Théâtre**. Paris : Societé d'éditions littéraires et artistiques, 18--.
- HUGO, Victor. **Théâtre: Cronwell'Torquemada**. Paris : Societé d'éditions littéraires et artistiques, 18--.
- HUGO, Victor. **Victor Hugo raconté**. Paris : Societé d'éditions littéraires et artistiques, 1832.
- LAMARTINE, Alphonse. **Lectures pour tous**. Nouvelle. Paris : Hachette, 1857. [J. A. P.]
- LATZARUS, Louis. **Éloge de la bêtise**. Paris : Hachette, 1925. [José Vieitas Júnior]
- MARSAN, Eugène. **Éloge de la paresse**. Paris : Hachette, 1926. [José Vieitas Júnior]
- MAUPASSANT, Guy de. **Au soleil**. Paris : Louis Conard, 1928.
- MAUPASSANT, Guy de. **Bel-ami**. Paris : Louis Conrad, 1928.
- MAUPASSANT, Guy de. **Boule de Suif; Correspondence; Étude de Poe Neveux**. Paris : Louis Conard, 1926.
- MAUPASSANT, Guy de. **Clair de lune**. Paris : Louis Conard, 1932.
- MAUPASSANT, Guy de. **Contes de la Bécasse**. Paris : Louis Conard, [s. d.]
- MAUPASSANT, Guy de. **Contes du jour et la nuit**. Paris : Louis Conard, 1947.
- MAUPASSANT, Guy de. **Fort comme la mort**. Paris : Louis Conard, 1929.
- MAUPASSANT, Guy de. **História antiga**. Lisboa : Gomes de Carvalhos, 1903.
- MAUPASSANT, Guy de. **Le horla**. Version première. Paris : Louis Conard, 1927.
- MAUPASSANT, Guy de. **L'inutile beauté**. Paris : Louis Conard, 1925.
- MAUPASSANT, Guy de. **La main gaughe**. Paris : Louis Conard, 1932.
- MAUPASSANT, Guy de. **La maison tellier**. Paris : Louis Conard, 1929.
- MAUPASSANT, Guy de. **Mademoiselle Fifi; M. Jocaste**. Paris : Louis Conard, 1929.
- MAUPASSANT, Guy de. **Miss Harriet; L'Orient; Um million**. Paris : Louis Conard, 1922.
- MAUPASSANT, Guy de. **Monsieur parent**. Paris : Louis Conard, 1910.
- MAUPASSANT, Guy de. **Mont-oriol**. Paris : Louis Conard, 1931.
- MAUPASSANT, Guy de. **Notre cour**. Paris : Louis Conard, 1929
- MAUPASSANT, Guy de. **Oeuvres posthumes**. Paris : Louis Conard, 1929.
- MAUPASSANT, Guy de. **Oeuvres posthumes**. Paris : Louis Conard, 1930.
- MAUPASSANT, Guy de. **Pierre et Jean**. Paris : Louis Conard, 1929.
- MAUPASSANT, Guy de. **La petite roque**. Paris : Louis Conard, 1925.

MAUPASSANT, Guy de. **Le rosier de madame Husson; Souvenir; Celles qui Osent L'anglais d'etretat.** Paris : Louis Conard, 1924.

MAUPASSANT, Guy de. **Les soeurs Rondoli.** Paris : Louis Conard, 1924.

MAUPASSANT, Guy de. **Sur l'eau; Blanc et bleu; Livre de bord.** Paris : Louis Conard, 1921.

MAUPASSANT, Guy de. **Théâtre; Une répétition; Histoire du vieux temps; Musotte; Le paix du ménage.** Paris : Louis Conard, 1930.

MAUPASSANT, Guy de. **Toine.** Paris : Louis Conard, 1922.

MAUPASSANT, Guy de. **Une vie.** Paris : Louis Conard, 1924.

MAUPASSANT, Guy de. **Des Vera; Lettres de mme. Laure de Maupassant à Gustave Flaubert; Poésies inédites.** Paris : Louis Conard, 1928.

MAUPASSANT, Guy de. **La vie errante.** Paris : Louis Conard, 1926.

MAUPASSANT, Guy de. **Yvette.** Paris : Louis Conard, 1930.

MAURIAC, François. **Le désert de l'amour.** Paris : Bernard Grasset, 1925.

MIOMANDRE, Francis de. **Eloge de la laideur.** Paris : Hachette, 1925. [José Vieitas Júnior]

MOLIÈRE. **Les précieuses ridicules; La misanthrope l'avare; Les femmes savantes le bourgeois.** Paris : Sanard et Darangeon, 1893. (mp.: Estela)

MOLIÈRE. **Oeuvres complètes de Molière** deuxième. Paris: Garnier. 1881, tome quatrième.

MOLIÈRE. **Oeuvres complètes de Molière.** deuxième. Paris : Garnier. 1880. tome dixième.

MOLIÈRE. **Oeuvres complètes de Molière.** deuxième. Paris: Garnier. 1884. tome deuxième.

MOLIÈRE. **Oeuvres complètes de Molière.** deuxième. Paris: Garnier. 1880. tome septième.

MOLIÈRE. **Oeuvres complètes de Molière.** deuxième. Paris: Garnier. 1880. tome troisième.

MOLIÈRE. **Oeuvres complètes de Molière.** deuxième. Paris: Garnier, 1881. tome dixième.

MOLIÈRE. **Oeuvres complètes de Molière.** deuxième. Paris: Garnier, 1881. tome cinquième.

MOLIÈRE. **Oeuvres complètes de Molière.** deuxième. Paris: Garnier, 1882. tome huitième.

MOLIÈRE. **Oeuvres complètes de Molière.** deuxième. Paris: Garnier, 1883. tome neuvième

MOLIÈRE. **Oeuvres complètes de Molière.** deuxième. Paris: Garnier, 1884. tome onzième.

MONTAIGNE. **Essais.** Nouvelle. Paris : Garnier, {s. d.] t.1-2.

NERVAL, Gérard de. **Sylvie.** Angers: Tacques Petit, 1946.

NICOLAY, Fernand. **Histoire des croyances.** 6.ed. Paris : Victor Retaux, [s. d.] v.2.

NICOLAY, Fernand. **Histoire des croyances.** 7.ed. Paris : Victor Retaux, [s. d.] v.1.

NICOLAY, Fernand. **Histoire des croyances.** 7.ed. Paris : Victor Retaux, [s. d.] v.3.

PRÉVOST, Marcel. **L'automne d'une femme.** Paris : Alphonse Lemerre, 1901.

ROLLAND, Romain. **Jean Christophe.** 2.ed. Rio de Janeiro : Globo, 1946. v.1, 3-5.

- ROSTAND, Edmond. **Cyrano de Bergerac**. Paris : Éditions du Panthéon, 1910. [mp.: Francisca]
- SAND, George. **La petite fadette**. Paris : Calmann-Lévy, 1913. (mp.: Chiquinha)
- SÉGUR, Nicolas. **L'appel du désir-roman**. Paris : Tallandier, 1936.
- SÉGUR, Nicolas. **Les proies de Vénus**. 16.ed. Paris : Albin Michel, 1929. [J. A. P.]
- SÉGUR, Sophie Rostopchine (Comtesse de). **Nouveaux contes de fées pour les petits enfants**. Nouvelle. Paris : Hachette, 1914. [J. A. P. e Marina M. Cardoso]
- SÉGUR, Sophie Rostopchine (Comtesse de). **Après le pluie le beau temps**. Nouvelle. Paris: Hachette, 1918.
- SÉVIGNE, Mme.de. **Lettres choisies**. Entièrement refondue. Paris : Garnier, 1923.
- STÄEL, Madame de. **Corinne ou l'Italië**. Paris : Garnier Frères, 1938.
- STÄEL, Madame de. **De l'Allemagne**. [s. l.] : Oxford , 1906.
- STENDHAL. **Le rouge et le noir**. Complète. Paris : Garnier, 1922.
- SUE, Eugène. **Les mystères de Paris**. Bruxelles : Meline, Cans, 1844. v. 2-4.
- SUÍTONE. **Oeuvres**. Paris : Garnier, 1893. [J. A. P.]
- ZEVACO, Michel. **Os amantes de Nanico**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 10.
- ZEVACO, Michel. **Os amantes de Veneza**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 5.
- ZEVACO, Michel. **Borgia**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 11.
- ZEVACO, Michel. **Buridan ou os mysterios da torre de Nesle**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v.4.
- ZEVACO, Michel. **Capitan**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v.3.
- ZEVACO, Michel. **O castello de Saint Paul**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 8.
- ZEVACO, Michel. **O conde rei**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 20.
- ZEVACO, Michel. **A dama de branco e a dama de preto**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 15.
- ZEVACO, Michel. **Don Juan**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v.14.
- ZEVACO, Michel. **Epopéia d' amor**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 1.
- ZEVACO, Michel. **Fausta vencida**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 2.
- ZEVACO, Michel. **Fausta**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 2.
- ZEVACO, Michel. **O filho de Pardaillan**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 13.

ZEVACO, Michel. **Flores de Paris**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 17.

ZEVACO, Michel. **Florinda, a bella**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 20.

ZEVACO, Michel. **A heroína**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 8.

ZEVACO, Michel. **João sem medo**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 9.

ZEVACO, Michel. **Maria Rosa**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 18--.

ZEVACO, Michel. **A marquesa de Pompadour**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 19.

ZEVACO, Michel. **Nostradamus**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912.

ZEVACO, Michel. **Páteo dos milagres**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 12.

ZEVACO, Michel. **A ponte dos suspiros**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 15.

ZEVACO, Michel. **O rei amoroso**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 14.

ZEVACO, Michel. **O rival do rei**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 19.

ZEVACO, Michel. **Os pardalillan**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 1.

ZEVACO, Michel. **Pardaillan e Fausta**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 10.

ZEVACO, Michel. **Passavant ou a Ponte de “Montereau”**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 21.

ZEVACO, Michel. **Rainha Isabel**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 21.

ZEVACO, Michel. **A rainha do Argot**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 16.

ZEVACO, Michel. **Triboulet**. Rio de Janeiro : Oficinas de Fon Fon e Selecta, 1912. v. 12.

ZOLA, Émile. **Lourdes**. Paris : Charpentier, 1898.

ZOLA, Emílio. **Os Rougon-MacQuart**: história natural e social de uma família sob o Segundo Império. São Paulo : Cia. Brasil Editora, 1955-1956. (volumes: v.1 – A fortuna dos Rougon; v.2 – O Regabofe; v.3 – O ventre de Paris; v.4 – A conquista de Plassans; v.5 – O crime do padre Mouret; v.6 – Senhor ministro; v.7 – A taberna; v.8 – Uma página de amor; v.9 – Naná; v.10 – Roupa suja; v.11 – O paraíso das damas; v.12 – A alegria de viver; v.13 – Germinal; v.14 – A obra; v.15 – A terra t.I; v.16 – A terra t.II; v.17 – A besta humana; v.18 – O sonho; v.19 – O dinheiro; v. 20 – A derrocada t.I; v.21 – A derrocada t.II; v. 22 – O doutor Pascal; v. 23 – O trabalho t.I; v. 24 – O trabalho t.II.).

ZOLA, Émile. **La Terre**. Paris : Bibliothèque Charpentier-Eugène Fasquelle, 1911. [J. A. P.]

860 - LITERATURA ESPANHOLA

CERVANTES Y SAAVEDRA, Miguel. **Dom Quixote de la Mancha**. 2.ed. revista. Rio de Janeiro : José Olympio, 1954. v.1-5.

869 - LITERATURA PORTUGUESA

ANÔNIMO. **A freira no subterrâneo**. Trad. de Camillo Castelo Branco. Ed. Portuguesa. Porto : Ernesto Chardron, 1884.

BARROS, João de. **Presenças eternas**. Lisboa : Sá da Costa, 1943.

BOCAGE. **Odes, elegias e idyllios**. Rio de Janeiro : Francisco Alves, [s. d.]

BOCAGE. **Poesias várias**. Lisboa : A. M. Teixeira, 1943.

BOTELHO, Abel. **Fatal dilemma**. 2.ed. Porto : Chardron, 1917. v. IV.

BOTELHO, Abel. **Pathologia social**. Porto : Chardron, 1910.

CAMÕES, Luiz Vaz de. **A chave dos Lusíadas**. 7.ed. Porto : Figueirinhas, [s. d.]

CAMÕES, Luiz Vaz de. **Os Lusíadas**. 3.ed. Porto : Porto Editora, [s.d.]

CAMÕES, Luiz Vaz de. **Obras de Luis de Camões, precedidas de um ensaio biographico**. Lisboa : Imprensa Nacional, 1860. v.1. [José Vieitas Júnior]

CASTELO BRANCO, Camilo. **Agostinho de centa**. 3. ed. emendada. Porto : Luiz Coutinho, 1887.

CASTELO BRANCO, Camilo. **Aventuras de Basílio Fernandes enxertado**. 5.ed. Conforme a 2. ed., última rev. pelo autor. Lisboa : Parceria Antonio Maria Pereira, 1946.

CASTELO BRANCO, Camilo. **Os brilhantes do brasileiro**. Conforme a 2.ed. revista e corrigida pelo autor. Lisboa : Typographia da parceria Antonio Maria Pereira, 1916.

CASTELO BRANCO, Camilo. **Cancioneiro alegre**. 4. ed. Porto : Chardron, 1927. v.1.

CASTELO BRANCO, Camilo. **Carlota Ângela**. 3.ed. Porto : A. R. da Cruz Coutinho, 1874.

CASTELO BRANCO, Camilo. **O carrasco de Victor Hugo José Alves**. Porto : Chardron, 1902.

CASTELO BRANCO, Camilo. **A doida do candal**. Definitiva, revista e corrigida pelo autor. [s.l : s. n., s. d.]

CASTELO BRANCO, Camilo. **Dom Luis de Portugal**. 2.ed. Porto : Chardron, 1896.

CASTELO BRANCO, Camilo. **Divindade de Jesus**. 2.ed. Porto : João E. da Cruz Coutinho, 1883.

- CASTELO BRANCO, Camilo. **Echos humorísticos da minha publicação quinzenal**. 2.ed. Porto : Internacional, 1880.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **O esqueleto**. 2.ed. revista e emendada pelo autor. Lisboa : Cia Editora de Publicação Illustarda, [s. d.]
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Espinhos e flores**. 3.ed. Porto : Casa de Cruz Coutinho, 1864.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **A filha do regicida**. Lisboa : Mattos Moreira, 1875.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **O general Carlos Ribeiro**. 2.ed. Porto : Chardron, 1906.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Um livro**. 3.ed. nova, correcta e acrescentada. Porto : Casa da Viúva Moré, 1866.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Livro de consolação**. Porto : Chardron, 1900.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Luiz de Camões**. Porto : Internacional, 1880. [José Vieitas Júnior]
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Maria da Fonte**. 2.ed. Porto : Chardron, 1901.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Memórias de Guilherme de Amaral**. 2.ed. revista e correcta. Lisboa : Campos Júnior, 1866.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **A neta do arcediogo**. 3.ed. Porto : A. R. Cruz Coutinho, 1874. v.1 e 2.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **No Bom Jesus do Monte**. 2.ed. Porto : Chardron, 1906.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Noites de insomnia**. 10. ed. Porto : Chardron, 1929. v. 4.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Noites de insomnia**. 4. ed. Porto : Chardron, 1929. v.2.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Noites de insomnia**. 7. ed. Porto : Chardron, 1929. v. 3.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Noites de insomnia**. Porto : Chardron, 1929. v.1.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Nostalgias**. Porto : Typographia de Manoel Luiz de Souza Ferreira, 1888.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Onde está a felicidade?** 3.ed. Porto : Casa de Cruz Coutinho, 1864.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Othelo**. Porto : Chardron, 1906.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **O romance de um homem rico**. 3.ed. Porto: Elysio, 1890.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **A senhora Rattazzi**. Nova edição mais incorrecta e argumentada. Porto : Internacional, 1880.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Sentimentalismo e história**. Porto : Internacional, MDCCCLXXX.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Seroens de S. Miguel de Deide**. Porto : Chardron, 1928.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **O vinho do Porto**. 2.ed. Porto : Chardron, 1903.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Volcoens de lama**. 2.ed. Porto : Chardron, 1898.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Volcoens de lama**. Porto : Chardron, 1898.
- DINIZ, Julio. **A morgadinha dos canaviais**. 25.ed. Lisboa : J. Rodrigues, 1927. v.1-2.

- DINIZ, Julio. **Serões da província**. Lisboa : Imprensa Literária Universal, 1910.
- GARRET, Almeida. **Escreptos diversos**. Lisboa : Imprensa Nacional, 1877.
- MEDEIROS, Jose H. Gago da Camara de Botelho (Visconde de Botelho). **“O encoberto” nos Jerónimos**. Lisboa : Centro de Estudos de Marinha, 1972.
- QUEIROZ, Eça de. **Uma campanha alegre**. Porto : Lello, 1948.
- QUEIROZ, Eça de. **A capital**. Porto : Livraria Chardron de Lelo e Irmãos, [s. d.]
- QUEIROZ, Eça de. **A capital**. São Paulo : Lello, 1948.
- QUEIROZ, Eça de. **Cartas familiares; Bilhetes de Paris: 1893-1896**. 2.ed. Porto : Livraria Chardron de Lelo e irmãos, 1913. [Dr. Barata]
- QUEIROZ, Eça de. **Cartas de Inglaterra**. 6. ed. Porto : Lello; Lisboa : Aillaud; Bertrand, 1926. [Dr. Barata]
- QUEIROZ, Eça de. **Cartas de Inglaterra; Bilhetes de Paris; Echos de Paris; Contos familiares**. Porto : Lello, 1947.
- QUEIROZ, Eça de. **A cidade e as serras**. 5. ed. Porto : Livraria Chardron de Lelo e irmãos, 1917. [Dr. Barata]
- QUEIROZ, Eça de. **O conde D'Abranhos. Alves e Cia. Correspondência**. Porto : Lello, 1948.
- QUEIROZ, Eça de. **Contos**. 6.ed. Porto : Livraria Chardron de Lelo e irmãos, 1923.
- QUEIROZ, Eça de. **A correspondência de Fradique Mendes**. São Paulo : Lello, 1947.
- QUEIROZ, Eça de. **O crime do Padre Amaro**. São Paulo : Lello, 1946.
- QUEIROZ, Eça de. **Echos de Paris**. 2.ed. Porto : Livraria Chardron de Lelo e irmãos, 1911.
- QUEIROZ, Eça de. **O Egipto; Cartas inéditas de Fendique Mendes; Páginas esquecidas**. Porto : Lello, 1948.
- QUEIROZ, Eça de. **O Egipto; notas de viagem**. 2.ed. Porto : Livraria Chardron de Lelo e irmãos; Lisboa : Aillaud, Bertrand, 1926. [Dr. Barata]
- QUEIROZ, Eça de. **A illustre casa de Ramirez**. São Paulo : Lello, 1947.
- QUEIROZ, Eça de. **A illustre casa de Ramires**. 2.ed. Porto : Livraria Chardron de Lelo e irmãos, 1904.
- QUEIROZ, Eça de. **O mandarim; A cidade e as serras**. São Paulo : Lello, 1946.
- QUEIROZ, Eça de. **Notas contemporâneas**. Porto : Lello, 1947.
- QUEIROZ, Eça de. **Notas contemporâneas**. 3.ed. Porto : Livraria Chardron de Lelo e irmãos, Silloud Bertrand, 1920.
- QUEIROZ, Eça de. **Obras de Eça de Queiroz**. São Paulo : Lello, 1946. 2 exemplares.
- QUEIROZ, Eça de. **O primo Basílio**. São Paulo : Lello, 1946.
- QUEIROZ, Eça de. **O primo Bazilio: episódio doméstico**. 12. ed. Porto : Livraria Chardron de Lelo e irmãos, 1929. [Dr. Barata]

QUEIROZ, Eça de. **Prosas bárbaras**. 2.ed. com uma introd. por Jayme Batalha Reis. Porto : Livraria Chardron de Lelo e irmãos, 1909.

QUEIROZ, Eça de. **Prosas bárbaras; Contos**. Porto : Lello, 1947.

QUEIROZ, Eça de. **A relíquia**: sobre a nudez forte da verdade o manto diáfano da phantasia. 8. ed. Porto : Livraria Chardron de Lelo e irmãos, 1913. [Dr. Barata]

QUEIROZ, Eça de. **Últimas páginas**. Porto : Lello, 1947.

QUEIROZ, Eça de. **Últimas páginas; Manuscritos inéditos; S. Christovan; Sto. Onofre; S. Freigil; Artigos diversos**. 2.ed. Porto : Livraria Chardron de Lelo e irmãos, 1917.

QUENTAL, Anthero. **In memorian**. Porto : Mathieu Lugan, 1896.

SABUGOSA, Antonio Maria J. de M. César e Menezes. (Conde de). **Neves de antanho**. Lisboa : Portugalia : 1919.

B869 – LITERATURA BRASILEIRA

ABREU, Casimiro J. M. de. **Obras completas**. Nova edição correcta e augmentada. Rio de Janeiro : Garnier, [s. d.]

ALENCAR, José de. **Alfarrábios**. Rio de Janeiro : Garnier, 1920.

ALENCAR, José de. **Cinco minutos; A viuvinha**. Rio de Janeiro : H. Garnier, 1895.

ALENCAR, José de. **Diva**. 7. ed. Rio de Janeiro : H. Garnier, 1895.

ALENCAR, José de. **Encarnação**. 2.ed. rev. por Mario de Alencar. Rio de Janeiro : H. Garnier, 1908.

ALENCAR, José de. **O ermitão da Glória. A alma do Lazaro**. Rio de Janeiro : Livraria clássica de Francisco Alves, 1899.

ALENCAR, José de. **O gaúcho**. Rio de Janeiro : Garnier, 1920. v. 1 e 2.

ALENCAR, José de. **O guarany**. Nova ed. Rio de Janeiro : Garnier, 1914. v.1 e 2.

ALENCAR, José de. **Guerra dos mascates**. 2.ed. São Paulo : Melhoramentos, [s.d.]

ALENCAR, José de. **Iracema**. 8.ed. Rio de Janeiro : Garnier, 1910.

ALENCAR, José de. **Lucíola**. Rio de Janeiro : Garnier, [s. d.]

ALENCAR, José de. **Mãe**: drama em quatro actos. 3.ed. ver. Rio de Janeiro: H. Garnier, 18--.

ALENCAR, José de. **As minas da prata**. Rio de Janeiro : H. Garnier, 1901. v. 1, 2 e 3.

ALENCAR, José de. **A pata da gazella**. Rio de Janeiro : Garnier, 1914.

ALENCAR, José de. **Senhora**. Rio de Janeiro : Garnier, 1926.

ALENCAR, José de. **O sertanejo**. Rio de Janeiro : Garnier, 1920. v.1 e 2.

ALENCAR, José de. **Sonhos d'ouro**. 2.ed. São Paulo : Melhoramentos, 19--.

ALENCAR, José de. **Til**. Rio de Janeiro : Garnier, 1920. t.1 e 2.

- ALENCAR, José de. **O tronco do ipê**. Rio de Janeiro : Garnier, 1920. v.2.
- ALENCAR, José de. **Ubirajara**. Rio de Janeiro : Garnier, 1926.
- ALENCAR, Mario de. **Alguns escritos**. Rio de Janeiro : H. Garnier, 1910.
- ALI, M. Said (org.). **Obras completas de Casimiro de Abreu**. Rio de Janeiro : Laemmert, 1895.
- ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um sargento de milícias**. Especial. São Paulo : Martins, 1941.
- ALVES, Castro. **A cachoeira de Paulo Affonso**. Rio de Janeiro : Garnier, 1985. t.2.
- ALVES, Castro. **Obras completas de Castro Alves**. São Paulo : Editora Nacional, 1938, t. 1 e 2.
- ALVES, Castro. **Spumas fluctuantes**. Rio de Janeiro : Garnier, 1913.
- ARANHA, Graça. **Chanaan**. 3.ed. Rio de Janeiro : H. Garnier, 1904.
- ARANHA, Graça. **A esthetica da vida**. Rio de Janeiro : Garnier, 1921. v. 1 e 2.
- ARANHA, Graça. **O meu próprio romance**. Rio de Janeiro : Companhia Editora Nacional, 1931.
- ARANHA, Graça. **Viagem maravilhosa**. Rio de Janeiro : Garnier, 1929. v. 1 e 2.
- ARANHA, Maria Amélia Arruda Botelho de Sousa. **Lendas de amor do folclore indígena**. São Paulo : Martins, 1964.
- ASSIS, Machado de. **Contos fluminenses**. Rio de Janeiro : Garnier, 1924.
- ASSIS, Machado de. **Crítica**. Rio de Janeiro : Garnier, 1924.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro : Garnier, 1924.
- ASSIS, Machado de. **Esaú e Jacó**. Rio de Janeiro : Garnier, 1925.
- ASSIS, Machado de. **Helena**. Rio de Janeiro : Garnier, 1924.
- ASSIS, Machado de. **Histórias da meia noite**. Rio de Janeiro : Garnier, 1923.
- ASSIS, Machado de. **Histórias reais**. São Paulo : Cultrix, 1958.
- ASSIS, Machado de. **Histórias sem data**. Nova ed. ver. Rio de Janeiro : Garnier, 1924.
- ASSIS, Machado de. **A mão e a luva**. Rio de Janeiro : Garnier, 1922.
- ASSIS, Machado de. **Memorial de Ayres**. Rio de Janeiro : Garnier, 1926.
- ASSIS, Machado de. **Memórias posthumas de Braz Cubas**. Rio de Janeiro : Garnier, 1924.
- ASSIS, Machado de. **Outras relíquias**. Rio de Janeiro : Garnier, 1925.
- ASSIS, Machado de. **Páginas recolhidas**. Rio de Janeiro : Garnier, 1923.
- ASSIS, Machado de. **Papéis avulsos**. Rio de Janeiro : Garnier, 1920.
- ASSIS, Machado de. **Poesias completas**. Rio de Janeiro : Garnier, 1900.
- ASSIS, Machado de. **Poesias completas**. Rio de Janeiro : Garnier, 1924.
- ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. Rio de Janeiro : Garnier, 1926.

- ASSIS, Machado de. **Relíquias de casa velha**. Rio de Janeiro : Garnier, 1926.
- ASSIS, Machado de. **Ressurreição**. Rio de Janeiro : Garnier, 1925.
- ASSIS, Machado de. **A semana**. Rio de Janeiro : Garnier, 1922.
- ASSIS, Machado de. **Teatro**. Rio de Janeiro : Garnier, 1910.
- ASSIS, Machado de. **Várias histórias**. Rio de Janeiro : H. Garnier, 1903.
- ASSIS, Machado de. **Yayá Garcia**. Nova ed. Rio de Janeiro : Garnier, 1925.
- AZEVEDO, Aluizio de. **Casa de pensão**. Rio de Janeiro : Garnier, [s. d.]
- AZEVEDO, Aluizio de. **O cortiço**. Rio de Janeiro : Garnier, [s.d.]
- AZEVEDO, Aluizio de. **O coruja**. Rio de Janeiro : Garnier, 1895.
- AZEVEDO, Aluizio de. **A condessa Vésper**. Rio de Janeiro : Garnier, [s.d.]
- AZEVEDO, Aluizio de. **Girândola de amores**. Rio de Janeiro : Garnier, 1900.
- AZEVEDO, Aluizio de. **O homem**. Rio de Janeiro : Garnier, [s.d.]
- AZEVEDO, Aluizio de. **Uma lágrima de mulher**. Rio de Janeiro : Garnier, 1924.
- AZEVEDO, Aluizio de. **Uma lágrima de mulher**. Rio de Janeiro : Garnier, 1909.
- AZEVEDO, Aluizio de. **Livro de uma sogra**. Rio de Janeiro : Garnier, s.d.
- AZEVEDO, Aluizio de. **A mortalha de Alzira**. Rio de Janeiro : Livraria Garnier, 1902.
- AZEVEDO, Aluizio de. **O mulato**. 5.ed. Rio de Janeiro : Garnier, 1923.
- AZEVEDO, Álvares. **Obras completas de Álvares de Azevedo**. 8.ed. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1942. v.4 (2 exemplares)
- AZEVEDO, Arthur. **Contos cariocas**. Rio de Janeiro : Leite Ribeiro Freitas, 1928.
- AZEVEDO, Arthur. **Contos em verso**. Rio de Janeiro : Garnier, 1910.
- AZEVEDO, Arthur. **Contos fora da moda**. 3.ed. Rio de Janeiro : Garnier, 1908.
- AZEVEDO, Arthur. **Contos fora da moda**. 4.ed. Rio de Janeiro : Garnier, 1923.
- AZEVEDO, Arthur. **Contos possíveis**. Nova ed. Rio de Janeiro : Garnier, 1919.
- AZEVEDO, Arthur. **Rimas**. Rio de Janeiro : Industrial Americana, 1909.
- AZEVEDO, Fernando de. **Jardins de Sallustio**. São Paulo : Globo, 1924.
- BANDEIRA, Manuel. **Obras primas da lírica brasileira**. São Paulo: Martins, 1943.
- BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de. **Rio de Janeiro em prosa e verso**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1965. v.5.
- BARRETO, Afonso H. de Lima. **O triste fim de Policarpo Quaresma**. 3. ed. São Paulo : Livro de bolso, [s. d.]
- BILAC, Olavo. **Conferências literárias**. Rio de Janeiro : Francisco Alves; Aillaud, 1912.
- BILAC, Olavo. **Ironia e piedade**. 2. ed. São Paulo : Francisco Alves, 1921.
- BILAC, Olavo. **Poesias**. 6. ed. Revista. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1916.
- BILAC, Olavo. **Últimas conferências e discursos**. São Paulo : Francisco Alves, 1924.

- BILAC, Olavo; BONFIM, M. **Atravez do Brazil**. 30.ed. revista. São Paulo : Francisco Alves, 1937.
- BILAC, Olavo; COELHO NETTO, Henrique M. **Contos pátrios**. 19.ed. São Paulo : Francisco Alves, 1923.
- BITTENCOURT, Sylvia de Arruda Botelho. **O livro de Ana Carolina**. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1982.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues (in memoriam). **Taunaydes**. São Paulo : João Scortecci, 1991.
- CELSONO, Affonso. **Giovannina**. Rio de Janeiro : Moderna, 1896.
- CELSONO, Affonso. **Da imitação de Christo**. Rio de Janeiro : Livraria Laemmert, 1898.
- CELSONO, Affonso. **Um invejado**. Rio de Janeiro : Domingos de Magalhães, 1894.
- CELSONO, Affonso. **Um invejado**. Rio de Janeiro : Moderna, 1894. v.1. [José Vieitas Júnior]
- CELSONO, Affonso. **Um invejado**. Rio de Janeiro : Moderna, 1895. v.2. [José Vieitas Júnior]
- CELSONO, Affonso. **Minha filha**. Rio de Janeiro : Magalhães e cia., 1893. [José Vieitas Júnior]
- CELSONO, Affonso. **Notas e ficções**. Rio de Janeiro : Domingos de Magalhães, 1894.
- CELSONO, Affonso. **Poesias escolhidas**. Rio de Janeiro : H. Garnier, 1904.
- CENTRO de pesquisa teatral SESC Vila Nova; Grupo de teatro Macunaíma. **Romeu e Julieta de Shakespeare**. São Paulo : SESC São Paulo, [19--].
- COELHO NETO, Henrique M. **Água da Juventude**. Porto : Chardron, 1904.
- COELHO NETO, Henrique M. **Apologos**. 3.ed. Porto : Chardron, 1921.
- COELHO NETO, Henrique M. **Balladelhas**. Porto : Chardron, 1922.
- COELHO NETO, Henrique M. **Banzo**. Porto : Chardron, 1912.
- COELHO NETO, Henrique M. **Bico de penna**. Porto : Chardron, 1904.
- COELHO NETO, Henrique M. **Breviário cívico**. Rio de Janeiro : O Norte, 1921.
- COELHO NETO, Henrique M. **A capital federal**. 4. ed. Porto : Chardron, 1915.
- COELHO NETO, Henrique M. **Canteiro de saudades**. Porto : Chardron, 1927.
- COELHO NETO, Henrique M. **Conferências litterárias**. Rio de Janeiro : H. Garnier, 1909.
- COELHO NETO, Henrique M. **A conquista**. 2.ed. Porto : Chardron, 1913.
- COELHO NETO, Henrique M. **Contos da vida e da morte**. Porto : Chardron, 1927.
- COELHO NETO, Henrique M. **Esphinge**. Porto : Chardron, 1908.
- COELHO NETO, Henrique M. **Fabulário**. 3.ed. Porto : Chardron, 1924.
- COELHO NETO, Henrique M. **Feira Livre**. Porto : Chardron, 1926.
- COELHO NETO, Henrique M. **Fogo fátuo**. Porto : Chardron, de Lello e Irmão, 1929.
- COELHO NETO, Henrique M. **Immortalidade**. Lisboa : Chardron, 1925.
- COELHO NETO, Henrique M. **Inverno em flor**. 2.ed. Porto : Chardron, 1912.
- COELHO NETO, Henrique M. **Jardim das oliveiras**. 2.ed. Porto : Chardron, [s.d.].

- COELHO NETO, Henrique M. **Livro de prata**. São Paulo : Liberdade, 1928.
- COELHO NETO, Henrique M. **Mano**. 8.ed. Porto : Lello, 1939.
- COELHO NETO, Henrique M. **Miragem**. Porto : Chardron, 1921.
- COELHO NETO, Henrique M. **Mysterio do natal**. Porto : Chardron, 1921.
- COELHO NETO, Henrique M. **O meu dia**. Porto : Chardron, 1922.
- COELHO NETO, Henrique M. **O morto**. 2.ed. Porto : Chardron, 1912.
- COELHO NETO, Henrique M. **Pastoral; As sete dores de N. Senhora**. 3.ed. Porto : Chardron, 1923.
- COELHO NETO, Henrique M. **Às quintas**. Porto : Chardron, 1924.
- COELHO NETO, Henrique M. **O rajá do Pendjab; O thesouro misterioso**. 2.ed. refundida. Porto : Chardron, 1927.
- COELHO NETO, Henrique M. **Rei Negro**. Porto : Chardron, 1914.
- COELHO NETO, Henrique M. **Rhapsodias**. [s.l. : s.n., s.d.].
- COELHO NETO, Henrique M. **Rhapsodias**. 2.ed. Porto : Chardron, 1928.
- COELHO NETO, Henrique M. **Romanceiro**. 2.ed. Porto : Chardron, [s.d.].
- COELHO NETO, Henrique M. **Saldunes**. Lisboa : Tavares Cardoso & Irmão, 1900.
- COELHO NETO, Henrique M. **Sertão**. 3.ed. Porto : Chardron, [s.d.]
- COELHO NETO, Henrique M. **Tormenta**. 3.ed. Porto : Chardron, 1924.
- COELHO NETO, Henrique M. **Treva**. Paris : Garnier, 1905.
- COELHO NETO, Henrique M. **Turbilhão**. 3.ed. Porto : Chardron, 1925.
- COELHO NETO, Henrique M. **Vencidos**. Porto : Chardron, 1928.
- COELHO NETO, Henrique M. **Vesperal**. Rio de Janeiro : Garnier, 1923.
- COELHO NETO, Henrique M. **Vida mundana**. Rio de Janeiro : Garnier, [s.d.]
- COELHO NETO, Henrique M.; BILAC, Olavo. **A pátria brasileira**. 28.ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1957. v. 3.
- CUNHA, Euclides. **Os sertões**. 12.ed corrigida. Rio de Janeiro : Francisco Alves Editora, 1933.
- DIAS, Antônio Gonçalves. **Obras posthumas de Antonio Gonçalves Dias**. Rio de Janeiro: H. Garnier, [s.d.]
- DIAS, Antônio Gonçalves. **Poesias americanas e “Os timbiras”**. Ed. completa. Rio de Janeiro : Zelio Valverde, 1939.
- DIAS, Antônio Gonçalves. **Poesias**. Nova ed. Rio de Janeiro : Garnier, 1926. v.1 e 2.
- DÓRIA, Escragnolle. **Dor**. Rio de Janeiro : H. Garnier, 1904.
- FROTA, Lélia Coelho. **Menino deitado em alfa**. Rio de Janeiro : Quíron, 1978.
- GAMA, Domicio da. **Histórias curtas**. 1. ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1901.
- GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. Rio de Janeiro : Garnier, 1918.

- GUIMARÃES, Bernardo. **Maurício**. 1. ed. Rio de Janeiro : B. L. Garnier, 1877. v.1e v. 2.
- GUIMARÃES, Bernardo. **O ermitão do muquem**. Rio de Janeiro : Garnier, 1898.
- GUIMARÃES, Bernardo. **O garimpeiro**. Rio de Janeiro : H. Garnier, s.d.
- MACEDO, Joaquim Manoel de. **Memórias da rua do Ouvidor**. Rio de Janeiro : Garnier, 1937.
- MACEDO, Joaquim Manoel de. **Memórias da rua do Ouvidor**. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1952.
- MACEDO, Joaquim Manoel de. **O moço loiro**. Rio de Janeiro : Garnier, 1927, v.1-2.
- MACEDO, Joaquim Manoel de. **Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro : Garnier, 19--.
- MACEDO, Joaquim Manoel de. **Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro : Zélio Valverde, 1942.
- MACEDO, Joaquim Manoel de. **Vicentina**. Nova edição. Rio de Janeiro : Garnier, 1901.v.1 e 2
- MAGALHÃES, Couto de. **O selvagem**. 2.ed. Cia. Ed. Nacional, 1935.
- MARCHIORI, Maria Emília Prado. **Quissamã**. Rio de Janeiro : Minc/Pró-Memória, 1987.
- NABUCO, Carolina. **A sucessora**. 2.ed. Rio de Janeiro : José Olympio, 1940.
- NABUCO, Carolina. **Chama e cinzas**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1947.
- NABUCO, Joaquim. **Balmaceda**. Rio de Janeiro : [s. n.] 1895.
- NABUCO, Joaquim. **Escriptos e discursos litterários**. Rio de Janeiro : Garnier, 1919. v.1 e 2.
- NABUCO, Joaquim. **Escritos e discursos literários**. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1939.
- NABUCO, Joaquim. **Escritos e discursos literários**. São Paulo : Instituto Progresso Editorial, 1949.
- NABUCO, Joaquim. **Pensamentos soltos: Camões e assuntos americanos**. São Paulo : Instituto Progresso editorial, 1949.
- NABUCO, Joaquim. **Pensamentos soltos**. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1937.
- NEVES, Ary Pinto das. **Gratulações às autoridades e ao povo de São Carlos**. São Carlos : [s. n.] 1983.
- NORDIER, Carlos. **Novela da candelária**. Rio de Janeiro : H. Garnier, 1901. [J A. P. e Marina Malta Cardoso]
- OCTAVIO FILHO, Rodrigo. **Velhos amigos**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1938.
- OCTAVIO, Rodrigo. **Águas passadas**. Rio de Janeiro : Garnier, [s.d.].
- OCTAVIO, Rodrigo. **Coração aberto**. Nova ed. Rio de Janeiro : Civilização brasileira, 1934.
- OLIVEIRA, Alberto de. **Poesias**. Rio de Janeiro : Garnier, 1912. v.1-2.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. **Amanhecer**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1938.

- PEREIRA, Lúcia Miguel. **Em surdina**. Rio de Janeiro : Ariel, [s. d.]
- POMPÉIA, Raul. **O Atheneu**. 4.ed. definitiva, conforme os originais e desenhos deixados pelo autor. Rio de Janeiro : Francisco Alves, [s. d.]
- PRADO, Eduardo. **Collectaneas**. São Paulo : Escola Typographica Salesiana, 1906.
- REGO, José Lins do. **Pureza: romance**. 2.ed. Rio de Janeiro : José Olympio, 1940.
- RIBAS, Anselmo. **Fructo prohibido**. Rio de Janeiro : Domingos de Magalhães, 1895.
- RIBAS, Anselmo. **Por montes e valles**. Rio de Janeiro : Oficinas da Livraria Moderna, s.d.
- RIBEIRO, Júlio. **A carne**. 9.ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1923.
- RIBEIRO, Júlio. **Padre Belchior de Pontes**. 3.ed. São Paulo : Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925.
- SAVELLI, Italo. **Poetas de São Carlos**. 2.ed. ampliada. São Carlos : Fundação Theodoretto Souto, 1978.
- SILVA, Deonísio da. **Avante soldados, para trás**. São Paulo : Siciliano, 1992.
- SILVA, Deonísio da. **A cidade dos padres**. 2.ed. São Paulo : Círculo do Livro, 1990.
- SILVA, Deonísio da. **A cidade dos padres**. Rio de Janeiro : Tecnoprint, 1993.
- SILVA, Deonísio da. **Orelhas de aluguel**. Rio de Janeiro : Guanabara, 1988.
- SILVA, Joaquim Norberto de Sousa (org.). **Obras de Manoel Antonio Álvares de Azevedo**. 5.ed. Rio de Janeiro : Garnier, 1884. t. II.
- SILVA, Joaquim Norberto de Sousa (org.). **Obras de Manoel Antonio Álvares de Azevedo**. 7. ed. Rio de Janeiro : Garnier, s.d. t. III.
- SILVEIRA, Sousa da (org.). **Obras de Casimiro de Abreu**. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1940.
- TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. **Chronica do tempo dos Phillippes**. 3.ed. [s. l. : s. n.], 1910.
- TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. **No declínio**. 2.ed. Rio de Janeiro : H. Garnier, 1901.
- TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. **O encilhamento**. São Paulo : Melhoramentos, s.d. [José Vieitas Júnior]
- TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. **Innocencia**. 13.ed. milheiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1912.
- TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. **Ouro sobre azul**. São Paulo : Melhoramentos, 1921.

870 - LITERATURA ITALIANA E LATINA

- CICERON. **Les auteurs latins**. Paris : Hachette, 1883. (mp.: Antonio de Souza Barros)
- FLACCI, Q. Horatii. **Opera**. Bassani : Sui typis Remondini, 1844.
- FLACCO, Quinto Horácio. **Satyras e epistololas**. Rio de Janeiro : H. Garnier, [18--?].
- VIRGILE. **Eneide**. Paris : Hachette, 18--, v.4.

VIRGILE. **L' Énéide**. Paris : Hachette, s.d.

890 – LITERATURA EM OUTRAS LÍNGUAS

CARRILLO, Gómez. **Literaturas exóticas**. Madrid : Mundo latino, s. d. t.IX (Obras completas).

HAUFF, Billhelm. **Gämtliche märchen** Leipzig : Abel e Müller Berlag, [18--?].

RACHMANOVA, Alia. **La fabrique des hommes nouveaux**. Paris : Librairie Plon, 1936.

RACHMANOVA, Alia. **Mariage dans la tourmente**. Paris : Librairie Plon, 1938.

900 - GEOGRAFIA E HISTÓRIA

AULANRD, A. **Taine**. deuxième ed. Paris : Librairie Armand Colin, 1908. [J. A. P.]

BON, Gustave Le. **Les premières civilizations**. Paris : Ernest Flammarion, 1817. [J. A. P.]

DICIONÁRIO de história do Brasil. 4.ed. São Paulo : Melhoramentos, 1976.

LA VITA, le conquiste e le scoperte del secolo XIX. Milano : Dottor Francesco Vallardi, s.d., v.1-3.

LABOUYE, Édourd. **Histoire des États-Unis**. Nouvelle. Paris : Bibliothèque Charpentier, 1891.

MALET, Albert. **Nouvelle histoire universelle: depuis d'antiquité jusqu'e nos jours**. Paris : Hachette, 1924. v.2.-4.

OHNET, Georges; PANINE, Serge. **Cent dixième**. Paris : Paulo Ollendorff, 1884.

PONTOS de história universal. [s. l. : s. n., s. d.] Caderno de anotações. [J. A. P.]

RAYNAL, Maurice. **Le dix-neuvième siècle**. Paris : Librairie Hachette, MCML.

ROBINSON, James Harvey. **Medieval and modern times**. new and completely revised edition. Boston : Ginn and company, c1931.

THIERS, M. A. **Histoire de la Révolution Française**. Trèizième. Paris : Furne : Jouvett, 1870 - 1872. v. II – VII, v. X- IX. [J. A. P.]

WELLS, H. G. **Historia universal**. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1939. t.2 (Da ascensão e queda do império romano até o renascimento da civilização ocidental).

WELLS, H. G. **Historia universal**. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1939. t.1 (Do começo da vida na terra até o fim do império de Alexandre, o grande).

WELLS, H. G. **Historia universal**. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1939. t.3 (A era das grandes potencias).

910 - GEOGRAFIA E RELATOS DE VIAGENS

AGASSIZ, Elizabeth, AGASSIZ, Louis. **Voyage au Brésil.** Paris : Librairie de L. Hachette, 1869.

ALMEIDA, João Mendes de. **Dicionário geográfico da província de São Paulo.** São Paulo: Typografia a vapor Espíndola, Siqueira, 1902. [J. A. P.]

ATLAS folio. Washington, D. C. : National Geographic Society, 1958. [mp.: José Vieitas Junior]

ATLAS nacional do Brasil. [s. l.] : Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1966.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1958).** Belo Horizonte : Itatiaia; São Paulo : EDUSP, 1980.

BAEDEKER, Karl. **Paris et ses environs.** 17.ed. Leipzig : [s.n.], 1911.

BIARD, F. **Dois anos no Brasil.** São Paulo : Cia Editora Nacional, 1945.

BURTON, Richard F. **Viagens aos planaltos do Brasil (1868).** Ilustrada. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1941.

CAMARGO, Theodureto; MENDES, J. E. Teixeira. **Viagem de estudos aos países cafeeiros das Américas do Sul e Central.** São Paulo : Tipografia Siqueira, [19--].

CAMINHA, Pero Vaz de. **A carta a el Rei D. Manuel.** São Paulo : Dominus, 1963.

CAMPOS, Gonzaga de (org.). **Mappa florestal.** Rio de Janeiro : Typ. Directoria do Serviço de Estatística, 1912.

CAMPOS, Gonzaga de (org.). **Mappa florestal.** São Paulo : Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio; SERVIÇO geológico e mineralógico do Brasil; Secretaria de Estado do Meio Ambiente, 1987.

CARDIM, Fernão. **Tratado da terra e gente do Brasil.** Belo Horizonte : Itatiaia; São Paulo:EDUSP, 1980.

CARVALHO, Delgado de. **Geografia do Brasil.** Rio de Janeiro : Imprensa Militar, s. d.

CLETO, Marcelino Pereira; ABREU, Manuel Cardoso de; VILHENA, Luís dos Santos; ANDRADA, Martin F. Ribeiro de. **Roteiros e notícias de São Paulo colonial – 1751-1804.** São Paulo : Governo do Estado de São Paulo, 1977. v.1.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem à terra do Brasil.** São Paulo : Martins, 1940. v.1 e v.2.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil.** São Paulo : Martins, 1940.

DENIS, Fernand. **Brazil.** Lisboa : Typographia de L. C. da Cunha, 1844. v.1.

DENIS, Fernand. **Brazil.** Lisboa : Typographia de L. C. da Cunha, 1845. v.2.

FLORENCE, Hercules. **Expedição Langsdorf ao Brasil.** Rio de Janeiro : Livroarte, 1988. v.3

FLORENCE, Hercules. **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829.** São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]

FRANCISCO, Martim. **Viajando.** São Paulo : Irmãos Ferraz, 1930. v.2.

- FUSS, Zurammenstellung Margot. **Baden-Baden demals**. [s.1. :s. n., s. d.]
- GEOGRAPHIA. Rio de Janeiro : Paulo de Azevedo, s.d.
- GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil**. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1956.
- GRILLO, Suzanna. **Venezia la difese a mare**. Venezia : Arsenale Editrice, 1989.
- HICKMANN, A . L. **Atlas universal**. 3.ed. Vienne : G. Freytag e Berndt, 1912. [J. A. P.]
- JUNIUS, Firmo de Albuquerque Diniz. **Notas de viagem**. São Paulo : Governo do Estado de São Paulo, 1978.
- KARNOW, Starley. **Ásia sudoriental**. México : Offset Multicolor, 1963. [J. A. P.]
- KIDDER, Daniel O. **Reminiscências de viagens e permanências no Brasil**. São Paulo : Martins, 1940.
- KOSERITZ, Carl von. **Imagens do Brasil**. São Paulo : 1943.
- KOSTER, Henry. **Viagens ao nordeste do Brasil**. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1942.
- LAMBERG, Mauricio. **O Brasil**. Rio de Janeiro : Lombaerts, 1896. 2 exemplares.
- LEITE, Serafim. **Carta dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo : Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, 1954. v. 1-3.
- LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. **Informação sobre as minas de São Paulo**. São Paulo : Melhoramentos, s. d. 2 exemplares.
- LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. **Notícias das minas de São Paulo e dos sertões da mesma capitania**. Belo Horizonte : Itatiaia; São Paulo : EDUSP, 1980.
- LERY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. São Paulo : Martins, 1941. [J. A. P.]
- LIGER, E. **Guia práctica de topografia usual**. Barcelona : Gustavo Gill, 1918.
- LLOYD, Albert B. **Uganda to Khartoum** : life and adventure ou the upper Nile. London : Collin's clear type. [19--?]. 350p.
- LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro**. São Paulo : Martins, 1942.
- MARC, Alfred. **Le Brésil**. Paris : Em ventre au journal Le Brésil, 1890.
- MARIA, Luís Felipe; ORLEANS, Fernando Gastão de (Conde d'Eu). **Viagem militar ao Rio Grande do Sul**. Belo Horizonte : Itatiaia; São Paulo : EDUSP, 1981.
- MAWE, John. **Viagens ao interior do Brasil**. Rio de Janeiro : Zelio Valverde, 1944. [J. A. P.]
- NAPOLI. Milano : Touring Club Italiano, 1895.
- NIEUHOF, Joan. **Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil**. São Paulo : Martins, 1942.
- NÓBREGA, José Cláudio da. **Memórias de um viajante antiquário**. São Paulo : Raízes, 1984.
- ORBIGNY, Alcide d'. **Viagem pitoresca através do Brasil**. Belo Horizonte : Itatiaia; São Paulo : EDUSP, 1976.

- PEARY, Robert E. **A l'assaut du pôle nord**. Paris: Pierre Latiffe, 1911. [J. A. P.]
- PLAN-GUIDE de Paris. Paris : Cartes Taride, [s. d.] [J. A. P.]
- PRADO, Eduardo. **A Sicília Malta e o Egypto**. 2.ed. São Paulo : Escola Typographica Salesiana, 1902.
- PRADO, Eduardo. **Viagens - América, Oceania e Asia**. 1. ed. São Paulo : Escola Typographica Salesiana, 1902. v.2.
- PRADO, Eduardo. **Viagens**. 2.ed. São Paulo : Escola Typographica Salesiana, 1902.
- QUESADA, Maria Sáenz. **Estâncias argentinas**. Buenos Aires : Ediciones Larivière, s.d.
- RIBEYROLLES, Charles. **Brasil pitoresco**. São Paulo : Martins, 1941. v.1 [J. A. P.]
- RIBEYROLLES, Charles. **Brasil pitoresco**. São Paulo : Martins, 1941. v.2
- RIO, João do. **Portugal d'agora**. Rio de Janeiro : H. Garnier, 1911. (mp: A. L.)
- RIO, João do. **Portugal d'agora**. Rio de Janeiro : H. Garnier, 1911. [J. A. P.]
- ROOSEVELT, Theodore. **Através do sertão do Brasil**. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1944.
- RUGENDAS, João Maurício. **Viagem pitoresca através do Brasil**. 2.ed. São Paulo : Martins, 1940. [J. A. P.]
- SAINT-HILAIRE, M. August de. **Segunda viagem a São Paulo e quadro histórico da Província de São Paulo**. São Paulo : Martins, 1953.
- SAINT-HILAIRE, M. August de. **Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. São Paulo : Nacional : EDUSP, 1975.
- SAINT-HILAIRE, M. August de. **Viagem à província de São Paulo e resumo das viagens do Brasil, província Cisplatina e Missões do Paraguai**. São Paulo : Martins, 1940. [J. A. P.]
- SAINT-HILAIRE, M. Auguste de. **Voyage dans les provinces de Saint-Paul et de Saint-Catherine**. Paris : Arthus Bertrand, 1851. v.1 e 2.
- SEIDLER, Carl. **Dez anos no Brasil**. São Paulo : Martins, 1941. [J. A. P.]
- SOUSA, Gabriel Soares de. **Notícia do Brasil**. São Paulo : Martins, s.d.
- SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1938. v.1.
- SPIX, J. B.von; MARTIUS, C.F.P. von. **Viagem pelo Brasil**. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1938, v.1-3.
- STADEN, Hans. **Meu captivo entre os selvagens do Brasil**. 3.ed. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1927.
- TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. **A missão artística de 1816**. Rio de Janeiro : Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, 1912.
- TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. **Expedição Langsdorf ao Brasil**. Rio de Janeiro : Livraria, 1988.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **Céus e terras do Brasil**. 7.ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1930.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **Céus e terras do Brasil**. São Paulo : Melhoramentos, 1929.

WALLE, Paul. **Au Brésil**. Paris : Orientale & Américaine, 1910. [mp.: José Vieitas Júnior]

WIED-NEUWIED, Maximiliano. **Viagem ao Brasil**. São Paulo : 1940.

ZALUAR, Augusto Emílio. **Peregrinação pela província de São Paulo (1860-1861)**. São Paulo : Martins, 1953.

920 – BIOGRAFIAS, GENEALOGIAS E INSÍGNEAS

ALVES, J. V. Portella Ferreira. **Mallet, o patrono da artilharia**. Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército, 1979.

ALVES, Odair Rodrigues. **Os homens que governaram São Paulo**. São Paulo : Nobel, 1986.

AMARAL, Brenno Ferraz do. **O patriarca da independência**. São Paulo : Clube do Livro, 1972. [José Vieitas Júnior]

ARANHA, Maria Amélia Arruda Botelho de Sousa. **Sombras que renascem**. Rio de Janeiro: Ages, 19--.

ARANHA, Maria Amélia Arruda Botelho de Sousa. **Sombras que renascem**. São Paulo : Solar de Botelha, 1974.

BARANTE, M. de. **Histoire des ducs de Bourgogne de la Maison de Valois 1364-1477**. septième. Paris : Librairie la Normand, Garnier, 1854. v. 1-12.

BARÕES no Brasil. São Paulo : Fundação Armando Álvares Penteado, 1961.

BESOUCHET, Lídia. **Exílio e morte do imperador**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1975.

BESOUCHET, Lídia. **José Maria da Silva Paranhos – Vizconde do Rio Branco: ensayo histórico biográfico**. Buenos Aires : Viau, [1944].

BESOUCHET, Lídia. **Mauá e seu tempo**. São Paulo : Anchieta, 1942.

BINMEY, Marcus. **Casas nobres de Portugal**. Lisboa : Difel, s.d.

BOTELHO, Antonio Carlos de Arruda. **Naninha, aceitai minhas saudades**. São Carlos : EDUFSCar, 2000. (cartas escritas entre 1864-1901)

BOTELHO 3.o, Antonio Carlos de Arruda. **Grandes de corpo e alma**. São Paulo: Solar de Botelha, 1956.

BOTELHO 3.o, Antonio Carlos de Arruda. **Senador Carlos José Botelho**. [s.1 : s.n., s. d.] (2 exemplares)

BOTELHO, Cândida Maria de Arruda. **John Graz**. São Paulo : Árvore da terra, 1996.

BOTELHO, Laly de Arruda. **Descendência de Carlos Amadeu de Arruda Botelho**. São Paulo : s. n., 1985. [José Vieitas Júnior]

- BRANDÃO NETO, Francisco de Carvalho Soares. **Glorioso passado**. Rio de Janeiro : s.n., 1967. (mp.: Francisco Pinto de Moraes)
- BRANDÃO, Álvaro Soares. **Intimidades do Príncipe Regente**. São Paulo : 1953.
- BROTERO, Frederico de Barros. **Oliveiras descendentes de E. Stanislau José de Oliveira, prof. de retórica**. São Paulo : 1942.
- CAINBY, Armando. **O Patriarca**. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1949.
- CALADO, Ivanir. **Imperatriz no fim do mundo**. Rio de Janeiro : Rio Fundo, 1992.
- CALDEIRA, Jorge. **Mauá**. São Paulo : Schwarcz, 1995.
- CALMON, Pedro. **O crime de Antonio Vieira**. São Paulo : Melhoramentos, [1930]
- CALMON, Pedro. **Figuras de azulejo**. 2.ed. Rio de Janeiro : A Noite, 1940.
- CALMON, Pedro. **Franklin Dória**. Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército, 1981.
- CALMON, Pedro. **O marquês de Abrantes**. Rio de Janeiro : Guanabara, 1933.
- CALMON, Pedro. **O rei cavaleiro**. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1933.
- CALMON, Pedro. **O rei do Brasil: vida de D. João VI**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1935.
- CALMON, Pedro. **O rei filósofo: vida de D. Pedro II**. 2.ed. ampliada e ilustrada. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1939.
- CALÓGERAS, João Pandiá. **O marquez de Barbacena**. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1932. v. 1 e 2.
- CARNEIRO, David. **Nobliarquia paranaense**. Curitiba : Litero-Técnica, 1952.
- CARVALHO, Antonio Gontijo de. **Calógeras**. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1935.
- CATHARINO, Ernesto José Coelho R. (comp. e notas) **Eufrásia Teixeira Leite 1850-1930**. 2.ed. corrigida e acresc. Rio de Janeiro : Do autor, 1992.
- CELSONO, Affonso. **O imperador no exílio**. Nova ed. aumentada. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1915.
- CELSONO, Affonso. **Vultos e factos**. Rio de Janeiro : Typ de G. Leuzinger & Filhos, 1892. [mp.: José Vieitas Junior]
- CHARTÉTY, Sebastián (dir.). **Les grandes figures**. Paris : Larrousse, 1939.
- COOKE, Arthur O. **The history of Napoleon Bonaparte**. London : Humphrey – Milford; Oxford University, [19--]. 95p. (Little histories of great lives).
- DAS BLEISTIFTSCHLOSS. Alemanha : [s. n.], 1986.
- DIAS, Mathilde de Carvalho. **Amor e trabalho**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1973. (mp.: Chiquinha e José)
- DIAZ, Jorge Ancona. **Pablo recuerda**. New York : Lothrop, lee & Shepard books.
- DOMINGUES, Mário. **O marquês de Pombal**. 2.ed. Lisboa : Romano Torres, 1963.
- EGAS, Eugenio. **Galeria dos Presidentes de S. Paulo**. São Paulo : Secção de obras d'estado de S. Paulo, 1920. v.1.

- FARIA, Alberto de. **Mauá**. Rio de Janeiro : Paulo Pongetti, 1926. (mp.:Carlos Américo; José Vieitas Jr.)
- FERMIGIER, André. **Pierre Bonnard**. London : Thames and Hudson, 1987.
- FLOURENS, P. **Buffon**. Paris : Paulin, 1844. [J. A. P.]
- FONSECA, Luis. **Washington Luis Pereira de Sousa**. São Paulo : Pocaí, 1920.
- FONSECA, Quirino. **O braço da cidade de Lisboa**. Lisboa : Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1921.
- FORJAZ, Djalma. **O Senador Vergueiro**. São Paulo : Oficinas do Diário Oficial, 1924.
- GORDINHO, Margarida Cintra. **A casa do Pinhal**. São Paulo : C.H. Knapp, 1985. 3 exemplares.
- GORDINHO, Margarida Cintra (ed.). **Os Ometto**. São Paulo: Knapp, 1986.
- LANCASTRE E TAVORA, Luis Gonzaga de. **Pereiras titulares e titulares Pereiras**. Lisboa : S. A. A.,1971. v.1 e 2.
- LEITE, Aureliano; et. al. **Homens de São Paulo**. São Paulo : Martins, 1955.
- LEME, Luiz Gonzaga da Silva. **Genealogia paulista**. São Paulo : Duprat, 1903. v.1 e v.2.
- LEME, Luiz Gonzaga da Silva. **Genealogia paulista**. São Paulo : Duprat, 1904. v.4 e v.5.
- LEME, Luiz Gonzaga da Silva. **Genealogia paulista**. São Paulo : Duprat, 1905. v.6 a 9.
- LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. **Nobiliarquia paulistana histórica genealógica**. 5.ed. Belo Horizonte : Itatiaia, 1980. v.6, t. II.
- LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. **Nobiliarquia paulistana histórica genealógica**. 5. ed. Belo Horizonte : Itatiaia, 1980. v.7, t.III.
- LEVI, Darrel E. **A família Prado**. São Paulo : Cultura 70, 1977.
- LIMA, Oliveira. **Dom Pedro e Dom Miguel**. São Paulo : Melhoramento, 1925.
- LYRA, Heitor. **História de D. Pedro II**. São Paulo : Cia. Ed. Nacional, 1938, v. 1-4
- MAGALHÃES JR., R. **D. Pedro II e a condessa de Barral**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1956.
- MAGALHÃES, J. B. **Osório: símbolo de um povo, síntese de uma época**. Rio de Janeiro: Agir, 1946.
- MAGALHÃES, J. B. **Osório**. Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército, 1978.
- MARCONDES, Marcos Antônio (ed.). **Almeida: vida e obra**. São Paulo : Art, 1979.
- MARTINHO Prado Junior 1843-1943. São Paulo : Elvino Pocaí, 1944.
- MASSON, Frédéric. **L'impératrice Marie-Louise (1809-1815)**. huitième. Paris : Societé d'éditions littéraires artistiques, 1906. t. 1.
- MASSON, Frédéric. **Joséphine de Beauharnnis**. quatorzième. Paris : Societé d'éditions littéraires artistiques, 1909.
- MASSON, Frédéric. **Joséphine impératrice et reine**. deuxième. Paris : Societé d'éditions littéraires artistiques, 1908.

- MASSON, Frédéric. **Joséphine répudiée (1809-1814)** Paris : Societé d'éditions littéraires artistiques, 1910.
- MASSON, Frédéric. **Napoléon chez lui.** quizième. Paris : Societé d'éditions littéraires artistiques.
- MASSON, Frédéric. **Napoléon et les femmes.** trentième. Paris : Societé d'éditions littéraires artistiques, 1910.
- MASSON, Frédéric. **Napoléon et sa famille.** Sixième. Paris : Societé d'éditions littéraires artistiques, 1905, t.1-9.
- MASSON, Frédéric. **Napoleón et son fils,** dixième. Paris : Societé d'éditions littéraires artistiques, 1908.
- MAUÁ, Irineu Evangelista de Souza (Visconde de). **Visconde de Mauá.** Rio de Janeiro : Zelio Valverde, 1942. [imp.: Carlos Américo e José Vieitas Júnior]
- MAUL, Carlos. **A marquesa de Santos: seu drama, sua época.** Rio de Janeiro : A . Coelho Branco Filho, 1938.
- MEDEIROS, Jose H. Gago da Camara de Botelho (Visconde de Botelho). **Asas Portuguesas em demanda do Cruzeiros do Sul.** Ponta Delgada (S. Miguel) : Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1972. v.1 e 2. (Maria Luiza de Arruda Botelho)
- MORAES, E. Vilhena de. **Apontamentos para a história militar do Duque de Caxias.** Rio de Janeiro : F. Briguiet, 1934. [José Vieitas Júnior]
- MOTTA FILHO, Cândido. **A vida de Eduardo Prado.** Rio de Janeiro : José Olympio, 1967.
- NABUCO, Joaquim. **Minha formação.** Rio de Janeiro : H. Garnier, 1900.
- NABUCO, Joaquim. **Um estadista no Império.** Rio de Janeiro : H. Garnier, 1897, v.1-3.
- NABUCO, Joaquim. **Um estadista no Império.** Rio de Janeiro : H. Garnier, 1898, v. 2.
- NABUCO, Joaquim. **Um estadista no Império.** Rio de Janeiro : H. Garnier, 1899, v.3.
- OCTAVIO, Rodrigo. **Felisberto Caldeira.** Rio de Janeiro : Laemmert, 1900.
- OCTAVIO, Rodrigo. **Minhas memórias dos outros.** Rio de Janeiro : José Olympio, 1934.
- OCTAVIO, Rodrigo. **Minhas memórias dos outros.** Rio de Janeiro : José Olympio, 1936.
- OILIAM, José. **Tiradentes.** Belo Horizonte : Itatiaia; São Paulo : EDUSP, 1985.
- OLIVEIRA, Albino José Barbosa de (Cons.). **Memórias de um magistrado do Império.** São Paulo : Cia Editora Nacional, 1943, v.1.
- OLIVEIRA, Almir de. **Gonzaga e a inconfidência mineira.** Belo Horizonte : Itatiaia; São Paulo : EDUSP, 1985.
- OLIVEIRA, Carolina Rennó Ribeiro de. **Biografias de personalidades célebres.** 10.ed. ampliada, atualizada e melhorada. São Paulo : Ed. do Mestre, 1971.
- ORICO, Osvaldo. **Evaristo da Veiga e sua época.** Rio de Janeiro : Guanabara, s.d.
- ORICO, Osvaldo. **Feijó.** 2.ed. de "O demônio da Regência". Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1932.

- ORLEANS E BRAGANÇA, Isabel de (Condessa de Paris). **De todo coração**. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1983.
- OTÁVIO FILHO, Rodrigo. **Figuras do Império e da República**. Especial. Rio de Janeiro : Zelio Valverde, 1944.
- PERES, Edgard Baptista. **A casa de São Clemente**. Rio de Janeiro : Casa de Rui Barbosa, 1949.
- PINHO, Wanderley. **Cartas do imperador D. Pedro II ao barão de Cotegipe**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1933.
- PORTO, Márcio Ribeiro. **Um pedaço da minha vida**. São Paulo : [s. n.], 1984.
- PUPPO, Celso Maria de Mello. **O sangue dos Botelho [os Açores] na nobiliarquia brasileira**. Braga : [s. n.], 1970.
- RANGEL, Alberto. **D. Pedro I e a marquesa de Santos**. São Paulo : Francisco Alves, 1916, v. 1 e v.2.
- REBELLO, E. de Castro. **Capistrano de Abreu e a síntese histórica**. 2.ed. Rio de Janeiro : São José, 1964.
- REIS JÚNIOR, Pereira. **Maria Quitéria**. Rio de Janeiro : Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1953.
- REZENDE, José Severiano. **Eduardo Prado**. São Paulo : N. Falcone, s.d.
- RODRIGUES, Mario. **Inês de Castro na vida de D. Pedro**. 3.ed. Lisboa : Romano Torres, 1970.
- SANDIN, Dom Pelayo de Mogudo e. **O limite é o céu**. São Paulo : Folha da Manhã, s. d.
- SANTOS, Sydney M. G. dos. **André Rebouças e seu tempo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- SCHMIDT, Maria J. **A segunda imperatriz do Brasil**. São Paulo : Melhoramentos, 1927. (mp.: Chiquinha)
- SENA, Ernesto. **Deodoro: subsídios para a história**. Brasília : Senado Federal, 1999.
- SESSO JR., Geraldo. **Barão de Ataliba Nogueira**. São Paulo : Sociedade Impressora Pannartz, 1979.
- SILVA, Antonio Carlos Pacheco. **Armando Salles Oliveira**. São Paulo : Parama; EDUSP, 1980.
- SILVEIRA, Álvaro Astolpho da. **Narrativas e memórias**. Belo Horizonte : Imprensa oficial, 1924, v. I.
- SILVEIRA, Álvaro Astolpho da. **Narrativas e memórias**. Belo Horizonte : Imprensa Oficial, 1924. v. II. [J. A. P.]
- SISSON, S. A. **Galeria dos brasileiros ilustres (Os contemporâneos)**. São Paulo : Martins, 1948, v. 1 e 2.
- SOARES JÚNIOR, Rodrigo. **Jorge Tibiriçá e sua época**. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1958. t. 1 e 2.
- SOARES, José Carlos de Macedo. **Santo Antonio de Lisboa: militar no Brasil**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1942. v.1 e 2. [mp.: Francisca]

- SODRÉ, Alcindo. **Abrindo um cofre: cartas de Dom Pedro II à condessa de Barral**. Rio de Janeiro : Livros de Portugal, 1956.
- SOUSA, Octávio Tarquínio de. **Bernardo Pereira de Vasconcellos e seu tempo**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1937.
- SOUSA, Octávio Tarquínio de. **História dos fundadores do Império do Brasil**. 3.ed. revista. Rio de Janeiro : José Olympio, 1957, v.2-10.
- SOUZA, Alberto. **Os Andradas**. São Paulo : Typographia Piratininga, 1922, v.1-2.
- TAUNAY, Affonso d'Escagnolle. **Estudo bio-bibliographico**. São Paulo : Proprietária, 1923.
- TAUNAY, Affonso d'Escagnolle. **Grandes vultos da independência brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1922.
- TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle et. al. **Homens de São Paulo**, reimpressão parcial da primeira edição 1954. São Paulo : Martins; EDUSP, 1981.
- TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **Homens e cousas do império**. São Paulo : Melhoramentos, 1924.
- TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **Memórias**. São Paulo : Instituto Progresso, 1948, v.1.
- TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **Pedro II**. São Paulo : Cia. Paulista Editora Nacional, 1933.
- TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **Servidores illustres do Brasil**. São Paulo : Melhoramentos, 1930.
- TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **Trechos de minha vida**. São Paulo : Melhoramentos, 1921.
- TOLEDO, Benedito Lima de. **O real corpo de engenheiros na Capitania de São Paulo**. São Paulo : João Fontes Engenharia, 1981. 2 exemplares.
- VIANA FILHO, Luis. **A vida do barão do Rio Branco**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1959.
- VILLARES, Henrique Dumont. **Quem deu asas ao homem**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1953.
- VIVEIROS, Esther de. **Rondon conta sua vida**. Rio de Janeiro : São José, 1958.
- WILDBERGER, Arnold. **Os presidentes da província da Bahia: efetivos e interinos 1824-1889**. Salvador : Tipografia Beneditino, 1949.
- ZICO, José Tobias C.M. **Caraça e a família imperial**. Belo Horizonte : O Lutador, 1991.
- ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins (Direção e coordenação). **Armorial lusitano**. Lisboa: Representações Zairol – Editorial Enciclopédia, 1961.
- ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins (Direção, coordenação e compilação). **Nobreza de Portugal e do Brasil**. Lisboa : Representações Zairol – Editorial Enciclopédia, 1984. v.1 e 2.

946 – HISTÓRIA DA PENÍNSULA IBÉRICA

AVELLAR, Hélio de Alcântara. **Administração Pombalina**. Brasília : Universidade de Brasília, 1983.

BAIÃO, Antonio; CIDADE, Hernani; MÚRIAS, Manuel. **História da expansão portuguesa no mundo**. Lisboa : Ática, 1937. v.1, 2 e 3.

BRAGA, Theophilo. **História da Universidade de Coimbra – nas suas relações com a instrução pública portuguesa**. Lisboa : Typografia da Academia Real das Sciences, 1895. v.1 e v. 2.

DOMINGUES, Mário. **D. Manuel e a epopéia dos descobrimentos**. Lisboa : Romano Torres, 1960.

GUEDES, João Alfredo Libâneo. **A união ibérica**. Nova edição, revista e anotada. Brasília : Universidade de Brasília, 1983.

GUEDES, João Alfredo Libâneo. **Da restauração a D. João V**. 2.ed. Brasília : Fundação Centro de formação do Servidor Público, 1984.

HERCULANO, Alexandre. **História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal**. 13.ed. Lisboa : Bertrand, 1852, v.1 - 3. [J. A. P.]

HERCULANO, Alexandre. **História de Portugal**. 9.ed. Lisboa : Bertrand, [s.d.]. v.1 a v.8.

KAMEN, Henry. **A inquisição na Espanha**. Rio de Janeiro : Civilização brasileira, 1966.

RIBEIRO NETO, Pedro de Oliveira, LAUCASTE, Antonio. **Comemoração da semana de Portugal**. São Paulo : Instituto Histórico e Geográfico, 1964.

981 – HISTÓRIA DO BRASIL

ABBEVILLE, Claude d'. **História da missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas**. São Paulo : Martins, 1945.

ABREU, J. Capistrano de. **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro : Sociedade Capistrano de Abreu : Brigueit, 1960.

ABREU, J. Capistrano de. **Ensaio e estudos**. Rio de Janeiro : Sociedade Capistrano de Abreu : Brigueit, 1931. v. 1

ABREU, J. Capistrano de. **Ensaio e estudos**. Rio de Janeiro : Sociedade Capistrano de Abreu : Brigueit, 1932. v.2

ABREU, J. Capistrano de. **Ensaio e estudos**. Rio de Janeiro : Sociedade Capistrano de Abreu : Brigueit, 1938. v.3

ALVIM, Zuleica; PEIRÃO, Solange. **Mappin setenta anos**. São Paulo : Ex Libris, 1985.

BANDOS, ordens e portaria de D. Luiz Antonio de Souza 1771-1775. São Paulo : Archivo do Estado de São Paulo, 1901.

BARROS, Gilberto Leite de. **A cidade e o planalto**. São Paulo : Martins, 1967, v.1-2. [José Veitas Júnior]

- BARROS, Maria Paes de. **História do Brasil**. São Paulo : Liberdade, 1932.
- BELMONTE, Benedito de Barros B. **No tempo dos bandeirantes**. São Paulo : [s. n.], 1980. v.1.
- BENVIDES, José E. C. de Sá e. **História do Brasil**. 3.ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves e C., 1912.
- BRASILIENSE, Américo. **Lições de história pátria**. 2.ed. São Paulo : Tipografia da Província, 1877.
- BRITTO, Lemos. **Guerra do Paraguai**. Bahia : Typografia Reis, 1907.
- BRUNO, Ernani Silva. **História do Brasil: Geral e Regional**. São Paulo : Cultrix, 1967, v.2-5.
- CALMON, Pedro. **História da fundação da Bahia**. Salvador : Secretaria de Educação e Saúde, 1949.
- CALMON, Pedro. **História do Brasil**. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1939. t.1, 3 - 4 .
- CALMON, Pedro. **História do Brasil**. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1947. v.4.
- CALÓGERAS, João Pandiá. **Formação histórica do Brasil**. 2.ed. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1935. v.13.
- CARDOSO, Vicente Licínio. **À margem da história do Brasil**. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1933.
- CELSONO, Affonso. **Advento da ditadura militar no Brasil**. Paris : Imprimerie F. Pichon, 1891.
- CELSONO, Affonso. **Guerrilhas**. Rio de Janeiro : Typ Moraes, 1895.
- CELSONO, Affonso. **Porque me ufano do meu paiz**. 2.ed. rev. Rio de Janeiro : Laemmert, 1901.
- CELSONO, Affonso. **Pourquoi je m'enorgueillis de mon pays**. Paris : Garnier Frères, 1912.
- CERQUEIRA, Dionísio (Gen.) **Reminiscência da campanha do Paraguai**. Edição especial. Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército, 1980.
- CEZAR, Paulo Bastos; CASTRO, Ana Viveiros de. **A praça na memória do Rio de Janeiro**. São Paulo : Exlibris, 1989.
- CINTRA, Assis. **O Brasil de outrora**. São Paulo : Monteiro Lobato, 1923.
- CINTRA, Assis. **O Brasil na Independência**. São Paulo : Casa Mayença, 1922.
- COARACY, Vivaldo. (V.Cy) **O Rio de Janeiro no século dezanove**. 2.ed. rev. e aumentada. Rio de Janeiro : José Olympio, 1965.
- COARACY, Vivaldo. **Memórias da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1965. v.3.
- COARACY, Vivaldo. **Paquetá: imagem de ontem e de hoje**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.
- CORDEIRO, J. P. Leite. **Coletânea**. São Paulo : [s. n.], 1954.

- CORRÊA, Dora Shellard; ALVIM, Zuleika, M.F. **A água no olhar da história.** São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente; Governo do Estado de São Paulo, 1999.
- CORREA, Viriato. **O Brasil dos meus avós.** São Paulo : Cia. Ed. Nacional, 1927.
- CRULS, Gastão. **Aparência do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro : José Olympio, 1965. t.1 e t. 2.
- CUNHA, Euclides. **À margem da história.** 4.ed. Porto : Chardron, 1926.
- CUNHA, Euclides. **Contrastes e confrontos.** 6.ed. Porto : Chardron, 1923.
- Dá pão como lá ... [s.l.: s. n., s.d.]
- DAVATZ, Thomaz. **Memórias de um colono no Brasil.** São Paulo : Martins, 1941. [J. A. P.]
- DEUS, Frei Gaspar da Madre de. **Memórias para a capitania de S. Vicente.** 3.ed. São Paulo: Weiszflog, 1920. [José Vieitas Júnior]
- DIAS, Carlos Malheiro (dir. e coord. Literária). **História da colonização portuguesa no Brasil.** Porto : Litografia Nacional, s. d. v.1-3.
- DUARTE, Paulo de Queiroz (Gen.) **Os voluntários da pátria na guerra do Paraguai.** Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército, 1981, v.1.
- DUARTE, Paulo de Queiroz (Gen.) **Os voluntários da pátria na guerra do Paraguai.** Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército, 1982. v.2.
- EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro do meu tempo.** Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1938. v.1-3.
- EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis.** 2.ed. rev. e anotada. Rio de Janeiro : Athena, s.d.
- ELLIS JR., Alfredo. **História da civilização brasileira.** São Paulo : EDUSP, 1940. n.2
- ELLIS JR., Alfredo. **Jaraguá.** São Paulo : J. Fagundes, 193-
- ELLIS JR., Alfredo. **Raça de gigantes.** São Paulo : Hélios, 1926.
- ESTRADA, Osório Duque. **História do Brasil (para uso das escolas normais).** Rio de Janeiro : [s. n.], 1918.
- FERREZ, Gilberto. **O paço da cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro : Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.
- FIX, Theodoro. **História da guerra do Paraguay.** Rio de Janeiro : B.L. Garnier, 1872.
- FIX, Theodoro. **História da guerra do Paraguay.** Rio de Janeiro : Garnier, 1870.
- FLEIUSS, Max. **História administrativa do Brasil.** 2.ed. São Paulo : Melhoramentos, 1922.
- FLEIUSS, Max. **História da cidade do Rio de Janeiro (Distrito Federal).** São Paulo : Melhoramentos, 1928.
- FRÉDÉRIC, Mauro. **O Brasil no tempo de d. Pedro II.** São Paulo : Cia das Letras; Círculo do livro, 1991.
- GUIMARÃES, Bernardo. **História e tradições da província de Minas Gerais.** Rio de Janeiro : H. Garnier, s.d.

- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. ed. atualizada. São Paulo : Edusp, T.A. Queiroz, 1985.
- HANDELMANN, H. **História do Brasil**. 4.ed. Belo Horizonte : Itatiaia, 1982. v.1-2.
- HENDERSON, James. **A history of the Brazil**. London : Longman, 1821.
- HISTÓRIA da tipografia no Brasil. São Paulo : Museu de Arte de São Paulo, 1979. [imp.: Benedito Calixto]
- JOURDAN, E. C. **História das campanhas do Uruguay, Mato Grosso e Paraguay**. Rio de Janeiro : [s. n.]. 1893. v.1.
- LACOMBE, Américo Jacobina. **Introdução ao estudo da história do Brasil**. São Paulo : Cia. Ed. Nacional; EDUSP, 1974.
- LAVÔR, Joao Conrado Niemeyer de. **Histórico do Jardim Botânico do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro : IBDF, 1983.
- LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. **História da capitania de São Vicente**. São Paulo: Melhoramentos, s.d.
- LIMA JR., Augusto de. **A capitania das Minas Gerais**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, [s.d.].
- LIMA, Jorge da Cunha; GORDINHO, Margarida Cintra; GARCIA, Marília Fontana. **Matarazzo 100 anos**. São Paulo : CLA Comunicações, 1982. 2.
- LIMA, Oliveira. **Dom João VI no Brasil**. Rio de Janeiro : Imp. do Jornal do Commercio, 1908. v.2.
- LIMA, Oliveira. **O movimento da independência 1821-1822**. Rio de Janeiro : Melhoramentos, 1922.
- LUIS, Washington. **Na capitania de São Vicente**. São Paulo : Martins, 1956.
- MACEDO, Alcântara. **Vida e morte do bandeirante**. 2.ed. São Paulo : Revista dos Tribunais, 1930.
- MACEDO, Alcântara. **Vida e morte do bandeirante**. São Paulo : Governo do Estado de São Paulo, 1978.
- MACEDO, Joaquim Manoel de. **Lições de história do Brasil**. Revista e actualizada de 1914-1922. Rio de Janeiro : Garnier, 1923.
- MACEDO, Roberto. **Brasil sede da Monarquia**. Brasília : Universidade de Brasília, 1983.
- MAIA, Augusto Cezar de Sá Rocha. **Do Monte Pascoal à Cabrália**. Rio de Janeiro : Ministério dos Transportes, 1973. [José Vieitas Júnior]
- MAIA, Tom; CALMON, Pedro; MAIA, Thereza Regina de Camargo. **Velho Brasil de hoje**. 3.ed. bilíngüe port./ingl. Rio de Janeiro : Expresso e cultura, 1986.
- MAIA, Tom; HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Vale do Paraíba : velhas fazendas**. 2.ed. São Paulo : Nacional, 1976.
- MARTINS, J. P. Oliveira. **O Brasil e as colônias portuguesas**. 3. ed. augmentada. Lisboa : Antonio Maria Pereira, s.d.

- MELLO, José Soares de. **Emboabas**. 2.ed. fac-similar. São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1979.
- MEMÓRIAS do Instituto Butantan. Diretor do Instituto : Dr. Vital Brazil. São Paulo : Instituto Butantan, 1926. 331p. (t.III). [J. A. P.]
- MONIZ, Heitor. **No tempo da monarquia**. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1929.
- MONTEIRO, Tobias. **História do Império**. Belo Horizonte : Itatiaia; São Paulo : EDUSP, 1982, v.1-2.
- MOOG, Vianna. **Bandeirantes e pioneiros: paralelos entre duas culturas**. Rio de Janeiro: Globo, 1954.
- MORAES, Alexandre José de Mello de. **História do Brasil**. Belo Horizonte : Itatiaia; São Paulo : EDUSP, 1982, v.1-2.
- NABUCO, Joaquim. **O abolicionismo**. Rio de Janeiro : Cia. Editora Nacional, 1938.
- NASHI, Roy. **A conquista do Brasil**. Ed. ilustr. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1939.
- OLIVEIRA, F. J. **Populações meridionais do Brasil**. 3.ed. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1933.
- OMEGNA, Nelson. **A cidade colonial**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1961.
- PIMENTEL, Joaquim S. de Azevedo (Gen.). **Episódios militares**. Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército, 1978.
- POMBO, José F. da Rocha. **História do Brasil para o ensino secundário**. 12.ed. e 15.ed. São Paulo : Melhoramentos, 1925.
- POMBO, José F. da Rocha. **História do Brasil**. Nova ed. ilustrada. Rio de Janeiro : W.M. Jackson, 1942, v. 1- 4. [José Vieitas Júnior]
- POMBO, José Francisco da Rocha. **História do Brasil** : ilustrada. Rio de Janeiro : Livraria Francisco Alves. (v.1) [J. A. P.]
- PRADO, Eduardo. **Factos da dictadura militar**. 5.ed. São Paulo : Magalhães, s.d.
- PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**. 2.ed. São Paulo : Dupart, 1928.
- RAPOSO, Ignácio. **História de Vassouras**. 2.ed. Niterói : INL, Governo do Estado do Rio de Janeiro, 1978.
- READERS, Georges. **D. Pedro II e o conde de Gobineau**. Edição ilustrada. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1938.
- READERS, Georges. **O inimigo cordial do Brasil**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.
- REBOUÇAS, André. **Diário de guerra do Paraguai (1866)**. São Paulo : Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1973.
- REICHARDT, Klaus. **Esalq 100 anos 1901-2001**. São Paulo: Prêmio, 2001.
- REIS, Antonio Alexandre Borges dos. **História do Brasil**. Bahia : s.n., 1905. 1. parte.
- REIS, F. T. de Souza. **O ensino da Escola Agrícola "Luiz de Queiroz" de Piracicaba**. São Paulo : Typographia Sociedade Editora Olegário Ribeiro, 1920. [José Vieitas Júnior]
- RENDON, José Arouche de Toledo. **Obras**. São Paulo : Governo de São Paulo, 1978, v.3.

- RIBEIRO, João. **História do Brasil**. 13.ed., difundida e inteiramente revista e melhorada. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1935.
- RIBEIRO, João. **Rudimentos de história do Brasil**. 7.ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1920.
- RIBEIRO, Joaquim; RODRIGUES, José Honório. **Administração do Brasil holandês**. Nova edição, revista e anotada. Brasília : Universidade de Brasília, 1983.
- RIO BRANCO, Barão do. **Ephemerides brasileiras**. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional :
- ROCHA, Gerônimo Albuquerque (org.). **Em busca do ouro**. Rio de Janeiro : Marco Zero; São Paulo : Coord. Nacional dos Geólogos, 1984.
- RODRIGUES, Pindaro de Carvalho. **O caminho novo**. São Paulo : Governo do Estado de São Paulo, 1980.
- SALVADOR, Vicente do (Frei). **História do Brasil**. 7.ed. Belo Horizonte : Itatiaia, 1982.
- SANTAREM, Manuel Francisco de B. (Visconde de). **Estudos de cartografia antiga**, s.l.: s.n, s.d., v. 1 e 2.
- SANTILLI, Marcos. **Madeira-Mamoré**. São Paulo: Villares, 1987.
- SANTOS, Armando Alexandre dos. **A legitimidade monárquica no Brasil**. São Paulo : Artpress, 1988.
- SANTOS, Eurico. **Nossas bandeiras**. Belo Horizonte : Itatiaia, 1987.
- SANTOS, Joaquim Felício dos. **Memória do Distrito Diamantino**. 5.ed. Petrópolis : Vozes; Brasília : INL, 1978.
- SCHLICHTHORST, C. **O Rio de Janeiro como é**. Rio de Janeiro : Getúlio Costa, 1943.
- SILVA, J. M. Pereira da. **História da fundação do império brasileiro**. Rio de Janeiro : B. L. Garnier, 1864. t. 1
- SILVA, J. M. Pereira da. **História da fundação do império brasileiro**. Rio de Janeiro : B. L. Garnier, 1865 v.1, t. VI
- SILVA, J. M. Pereira da. **História da fundação do império brasileiro**. Rio de Janeiro : B.L. Garnier, 1865, v.3, t. II
- SILVA, J. M. Pereira da. **História da fundação do império brasileiro**. Rio de Janeiro : B.L. Garnier, 1865, v.5, t. III
- SILVA, J. M. Pereira da. **História da fundação do império brasileiro**. Rio de Janeiro : B.L. Garnier, 1865, v. 7, t. IV.
- SILVA, J. M. Pereira da. **História da fundação do império brasileiro**. Rio de Janeiro : B.L. Garnier, 1868.
- SILVA, J.M. Pereira da. **História da fundação do império brasileiro**. Rio de Janeiro : B.L. Garnier, 1865, v. 9, t. V.
- SILVEIRA, Alfredo Balthazar da. **Lições de história do Brasil**. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1934.
- SOCIEDADE Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH). **Anais da VI reunião**. São Paulo : COMGRAF, 1987.

- SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação histórica do Brasil**. 2.ed. Brasiliense, s.d.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História militar do Brasil**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1965.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **O que se deve ler para conhecer o Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **Panorama do segundo império**. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1939.
- SOUTHEY, Robert. **História do Brasil**. Belo Horizonte : : Itatiaia; São Paulo : EDUSP, 1981. v.1-3.
- TAUNAY, Affonso d'Escagnolle. **A guerra dos bárbaros**. s.l. : s.n., 1936.
- TAUNAY, Affonso d'Escagnolle. **No Rio de Janeiro de D. Pedro II**. Rio de Janeiro : Agir, 1947.
- TAUNAY, Affonso d'Escagnolle. **Relatos sertanistas**. São Paulo : Itatiaia, 1981.
- TAUNAY, Affonso d'Escagnolle. **Visitantes do Brasil colonial**. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1933.
- TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **Cartas da campanha de Matto Grosso 1865 - 1866**. Rio de Janeiro : Biblioteca Militar, 1944.
- TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **A cidade do ouro e das ruínas**. 2.ed. São Paulo : Melhoramentos, s. d.
- TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **Dias de guerra e de sertão**. São Paulo : Typographia Sociedade Editora Olegario Ribeiro, 1920.
- TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **A retirada de Laguna**. 6.ed. Rio de Janeiro : H. Garnier, 1921.
- TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **La retraite de Laguna**. 4.ed. Tours : E. Arrault, 1913.
- TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **Le retraite de Laguna**. troisième. Paris : Plon, 1991.
- TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **Viagens de outr'ora**. São Paulo : Melhoramentos, 1921.
- TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **Visões do sertão**. São Paulo : Monteiro Lobato, 1923.
- TAVARES, A. de Lyra. **Brasil-França**. Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército, 1979.
- TICKIR, Carlos. **História de Joinville**. Joinville : Impresora Ipiranga, 1965.
- TORRES, Henrique Glicério. **Palácio das Laranjeiras**. Rio de Janeiro : Governo do Estado do Rio de Janeiro : BANERJ, Sobreart, 1982.
- TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. **Um lavrador paulista do tempo do império**. São Paulo : Divisão do Arquivo Histórico : Prefeitura Municipal de São Paulo, 1967.
- TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. **Um lavrador paulista do tempo do império**. São Paulo : s.n., s.d.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **História geral do Brasil antes de sua separação e independência de Portugal**. 10. ed. integral. Belo Horizonte : Itatiaia; São Paulo : EDUSP, 1981. v. 1-5.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Vila Rica**. Rio de Janeiro : Ministério da Educação e Cultura : INL, 1956.

VERSEN, Max von. **História da guerra do Paraguai**. Belo Horizonte : Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976. v.1 e v.3.

VIANNA, F. J. Oliveira. **Populações meridionais do Brasil**. 2.ed. São Paulo : Monteiro Lobato, 1922.

VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira. **Brasil sede da monarquia**. Brasília : Fundação Centro de Formação do Servidor Público, 1984.

WEHLING, Arno. **Administração portuguesa no Brasil de Pombal a D. João (1777-1808)**. Brasília : Fundação Centro de Formação de Servidor Público, 1986.

WERNECK, Francisco Peixoto de Lacerda (Barão de Pati do Alferes). **Memória sobre a fundação de uma fazenda na província do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro : Brasília : Fundação Casa de Rui Barbosa, Senado Federal, 1985.

PERIÓDICOS:

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA. IBGE, abr.-jun. 1945, v.7, n.2.

REVISTA DE HISTÓRIA. São Paulo : USP, v.1, n. 1-4, 1950, v. 3, n.8, 1951, v.26, n.53, 1963, v.28, n.57, 1964, v. 30, n. 61, 1965, v. 38, n. 77, 1969, v.41, n. 84, 1970, v.51, n.102, 1975, v.56, n. 112, 1977, n. 114-115, 1983 nova série, n. 116-117, 1984; n. 118, 1985.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO. São Paulo. v. VI, 1901; v. VII, 1902; v. IX, 1905; v.XI, 1907.

REVISTA DO SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Rio de Janeiro : Ministério da Educação e Saúde, Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.1, 1937, n.2, 1938, n.5, 1941, n.6, 1942, n.7, 1943, n.9, 1945, n.10, 1946, n.11, 1947, n.12, 1955, n.13, 1956, n.14, 1954, n.15, 1961, n.17, 1969, n.18, 1978, n.20, 1984, n. 21, 1986, n.22 - dedicado ao Instituto Internacional de Língua Portuguesa, 1990, n.23, 1994.

981.6 – HISTÓRIA DE SÃO PAULO

ALMEIDA, Nelson Martins de. **Retratos de Araras antiga**. São Paulo : Depto. de cultura, 1952.

AMERICANO, Jorge de. **São Paulo naquele tempo (1895-1915)**. São Paulo : Saraiva, 1957.

ANDRADE, Rudá de. (coord.). **Memória paulista**. São Paulo : Museu da Imagem e do Som, 1975.

BARROS, Maria Paes de. **No tempo dantes**. 2.ed. São Paulo : Paz e terra, 1998. (2 exemplares)

BITTENCOURT, Adalzira. **A mulher paulista na história**. Rio de Janeiro : Livros de Portugal, 1954.

- BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Góes. **Longos serões do campo**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1992, v.2.
- BORGES, Vavy Pacheco. **Memória paulista**. São Paulo: EDUSP, 1997.
- BOTELHO, Cândida Maria de Arruda. **Fazendas paulistas do ciclo do café : 1756-1928**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1984.
- BOTELHO, Cândida Maria de Arruda. **Fazendas paulistas do ciclo do café : 1756-1928**. São Paulo : Árvore da terra, 1996.
- BRITO, Saturnino Rodrigues de. **Melhoramentos do Rio Tietê em São Paulo**. São Paulo : Secção de obras d'O Estado de São Paulo, 1926.
- BRUNO, Ernani Silva. **História e tradições da cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1953. v.1 e 2
- BRUNO, Ernani Silva. **História e tradições da cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro : José Olympio, 1954. v. 3
- BRUNO, Ernani Silva. **História e tradições da cidade de São Paulo**. 3. ed. São Paulo : Hucitec, 1984. v. 1e 2.
- BUENO, Francisco Antônio Pimenta. **Memória justificativa dos planos apresentados ao Governo Imperial para o prolongamento da estrada de ferro de S. Paulo**. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1876.
- CALIXTO, Benedito. **Capitanias paulistas**. 2.ed. rev.e. melhorada. São Paulo : Casa Duprat, Casa Mayença, 1927.
- CALIXTO, Benedito. **Memória paulista**. São Paulo : Pinacoteca, 1990.
- A CIDADE iluminada. São Paulo : Eletropaulo, 1989.
- DIRETORIA do Centro Paulista. **São Paulo e a sua evolução**. Rio de Janeiro: Gazeta da Bolsa, 1927. [J. A. P.]
- EGAS, Eugenio (org.). **Os municípios paulistas**. São Paulo : Secção de obras d'Estado de São Paulo, 1925.
- EVANGELISTA, José Geraldo. **Lorena no século XIX**. São Paulo : Governo do Estado de São Paulo, 1978.
- FIGUEIREDO, Euclides. **Contribuições para a história da Revolução Constitucionalista de 1932**. São Paulo : Martins, s.d. 2 exemplares. [José Vieitas Júnior]
- FREIRE, Hilário. **O primeiro século de Jaú**. São Paulo : s.n., 1952.
- FREITAS, Affonso A de. **Tradições e reminiscências paulistanas**. s.1 : s.n., s. d.
- FREITAS, Affonso A. de. **Tradições e reminiscências paulistanas**. 3.ed. conforme a 2.ed. São Paulo : Governo do Estado de São Paulo, 1978.
- FREITAS, Affonso A. de. **Tradições e reminiscências paulistanas**. Belo Horizonte : São Paulo : Itatiaia, EDUSP, 1985.
- GODOY, Joaquim Floriano de. **A província de São Paulo**. São Paulo : Governo do Estado de São Paulo, 1978.

- GORDINHO, Margarida Cintra (coord.). **Sociedade hípica paulista**. São Paulo: Marca d'água, 1987.
- GORDINHO, Margarida Cintra. **Colégio Dante Aleghieri – 85 anos**. São Paulo : s.n., 1996.
- HOLLANWAY, Thomaz H. **Vida e morte do convênio de Taubaté**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978.
- HOMEM, Maria Cecília Naclério. **Higienópolis**. São Paulo : Departamento do Patrimônio Histórico, 198-
- JOCKEY Club de São Paulo 1875-1985 110 anos. São Paulo: Jockey Club de São Paulo, 1986.
- JUBILEU de ouro da S. A Central Rio Claro 1912-1962.
- LEITE, Aureliano. **A história de San Pablo**. São Paulo : Martins, MCMXLIV.
- MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo. **Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de São Paulo**. São Paulo : Martins, 1952, t. 2.
- MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo. **Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de São Paulo**. Martins : São Paulo, 1953.
- MESQUITA, Newton. **Estradas de ferro Madeira-Mamoré**. São Paulo : Museu de Imagem e Som, 1993.
- MORETTINI, Érika; VILLAR, Antonio. **Cento e vinte anos de ferrovia paulista**. São Paulo: IMESP, 1992.
- MORSE, Richard M. **Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole**. São Paulo : irmãos Andrioli, 1954.
- MOTTA, Heloisa Alves de Lima e. **Uma menina paulista**. São Paulo : Totalidade, 1992.
- MOURA, Paulo Cursino de. **São Paulo de outr'ora**. São Paulo : Cia Melhoramentos, 1932.
- MÜLLER, Daniel Pedro. **Ensaio d'um quadro estatístico da província de São Paulo**. 3.ed. facsimilar. São Paulo : Governo do estado de São Paulo, s.d.
- NEME, Mário. **Notas de revisão da história de São Paulo**. São Paulo : Anhambi, 1959.
- NOBREGA, Mello. **História do rio Tietê**. 2.ed. São Paulo : Governo do Estado de São Paulo, 1978.
- NÓBREGA, Mello. **História do rio Tietê**. 3.ed. Belo Horizonte : Itatiaia, 1981
- NOGUEIRA, Arlinda Rocha. **A imigração japonesa para a lavoura cafeeira paulista (1908-1922)**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros-USP, 1973.
- OLIVEIRA, Antonio Rodrigues Veloso de. **Memória sobre o melhoramento da província de São Paulo**. 2. ed. São Paulo : Governo do Estado de São Paulo, 1978.
- OLIVEIRA, J. J. Machado D'. **Quadro histórico da Província de São Paulo**. São Paulo : Governo do Estado de São Paulo, 1978.
- OS PRIMEIROS tempos de Campinas. São Paulo : Typographia paulista, s.d.

PINTO, Adolpho Augusto. **História da viação pública de São Paulo**. São Paulo : Governo do Estado de São Paulo, 1977. v. 2.

POMBO, José F. da Rocha. **História de São Paulo**. 4.ed. São Paulo : Melhoramentos, 1925.

PRADO, Maria Cecília N. Homem. **Vila Penteado**. São Paulo : Universidade de São Paulo, 1976.

PUPO, Celso Maria de Mello. **Campinas, Município do Império**. São Paulo : Imprensa Oficial do Estado, 1983.

QUEIROZ, Carlota Pereira de. **Um fazendeiro paulista no século XIX**. São Paulo : Conselho Estadual de Cultura, 1965.

REVISTA do Arquivo Municipal. São Paulo : Depto. de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, v. LXXV, 1941; v. LXXXIV, 1942; v. LXXXIII, 1942; jul. 1955, mar. 1957, ano XXIII, v. CLIX.

RIBEIRO, José Jacintho. **Chronologia paulista**. São Paulo : s. n., 1899. v.1.

RIBEIRO, José Jacintho. **Chronologia paulista**. São Paulo : Typographia do Diário Oficial, 1901, v.2 e 3.

RIBEIRO, Maria José Ferreira de Araújo. **Preservando nossa história**. Americana : Prefeitura Municipal de Americana, 1999.

RODRIGUES, Jorge Martins. **São Paulo de ontem e de hoje**. São Paulo : Depto. de Cultura, 1938.

RODRIGUES, José Wash. **Tropas paulistas de outrora**. São Paulo : Governo do Estado de São Paulo, 1978.

SAES, Flávio Azevedo Marques de. **As ferrovias de São Paulo 1870-1940**. São Paulo : Brasília : Hucitec, INL, 1981. v. 1 e 2.

SANT'ANA, Nuto. **São Paulo histórico: aspectos, lendas e costumes**. São Paulo : Depto. de Cultura, 1937. v. 1 e 2.

SANT'ANA, Nuto. **São Paulo histórico: aspectos, lendas e costumes**. São Paulo : Depto. de Cultura, 1939. v. 3.

SANT'ANA, Nuto. **São Paulo histórico: aspectos, lendas e costumes**. São Paulo : Depto. de Cultura, 1944. v. 4-6.

SÃO Paulo antigo, plantas da cidade. Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, 1954. 2 exemplares.

SÃO PAULO. São Paulo : s.n., 1981.

SCANTIMBURGO, João de. **Os paulistas**. São Paulo : Governo do Estado de São Paulo, 1982. v.1

SCANTIMBURGO, João de. **Os paulistas**. São Paulo : Governo do Estado de São Paulo, 1983. v. 2

SERÁPHICO, Luiz. **O livro de São Paulo**. São Paulo, JCL, 1979.

TAUNAY, Affonso d'Escagnolle. **História da cidade de São Paulo no século XVIII (1701-1711)**. São Paulo : Tipografia Ideal, [192-]. t. 1

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. **História da cidade de São Paulo no século XVIII (1701-1711)**. São Paulo : Tipografia Ideal, [192-]. t. 2

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. **História da cidade de São Paulo sob o império**. São Paulo : Publicação da Divisão do Arquivo Histórico, 1961.

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. **História da villa de São Paulo no século XVIII (1701-1711)**. São Paulo : Tipografia Ideal, [192-].

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. **História das bandeiras paulistas**. São Paulo : Melhoramentos, s.d.

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. **História das bandeiras paulistas**. 2. ed. São Paulo : Melhoramentos, s.d. t.I –III [J. A. P.]

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. **História das bandeiras paulistas**. 2. ed. São Paulo : Melhoramentos, s.d., t.II - III. [J. A. P.]

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. **História seiscentista da villa de São Paulo (1600-1653)**. São Paulo : Typographia Heitor L. Canton, 1926, t.1.

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. **História seiscentista da villa de São Paulo (1600-1653)**. São Paulo : Typographia Heitor L. Canton, 1927, t.2.

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. **História seiscentista da villa de São Paulo (1600-1653)**. São Paulo : Typographia Heitor L. Canton, , 1928, t.3.

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. **História seiscentista da villa de São Paulo (1600-1653)**. São Paulo : Typographia Heitor L. Canton, 1929, t.4.

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. **Relatos monçoeiros**. Belo Horizonte : Itatiaia, 1981.

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. **São Paulo nos primeiros annos (1554-1601)**. Tours : Imprinta de E. Arrault, 1920.

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. **Trigaes paulistanos dos séculos XVI e XVII**. s.l. : s.n., s.d.

TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo : três cidades em um século**. São Paulo : Duas cidades, 1981.

TOLEDO, Benedito Lima de; KOSSOY, Boris; LEMOS, Carlos A. C. **Álbum comemorativo da cidade de São Paulo 1862-1887**. São Paulo : Secretaria Municipal de Cultura, 1981.

TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. **O jardim da luz**. São Paulo : Divisão do Arquivo Histórico : Prefeitura Municipal de São Paulo, 1967.

VELLOSO, Augusto Carlos (org.). **Quatro grandes diretores em São Paulo**. São Paulo : Fundação Padre Anchieta, s.d.

981.61- HISTÓRIA DE SÃO CARLOS

BOTELHO, Antonio Carlos de Arruda 3.o. **Primeiro centenário da cidade de São Carlos do Pinhal**. São Carlos : s.n., 1956.

BRANDÃO NETO, Francisco de Carvalho Soares. **Minha atuação no centenário de São Carlos.** São Carlos : 1952-1960.

CASTRO, F. (ORG.). **Almanach-album de São Carlos 1916-1917.** São Carlos : Typographia artística, s. d.

FERRAZ, Maria Cecília B. **São Carlos do Pinhal: sua fundação e sua história.** São Carlos do Pinhal : s.n., 1955. [mp.: Francisca]

NEVES, Ary Pinto das. **O jardim público de São Carlos do Pinhal.** São Carlos : Fundação Theodoretto Souto, 1983.

NEVES, Ary Pinto das; BRUNO, Julio. **São Carlos na esteira do tempo: álbum comemorativo do centenário da ferrovia 1884-1984.** São Carlos : Fundação Theodoretto Souto, 1984. 3 exemplares.

TRUZZI, Oswaldo. **São Carlos: 1850 – 1950.** São Carlos : EDUFSCar, 1986.